

4

**MATERIAL DO
PROFESSOR**

• **História**

**CIÊNCIAS HUMANAS
E SUAS TECNOLOGIAS**



**DOM
BOSCO**
by Pearson

PRÉ-VESTIBULAR
EXTENSIVO

4

**MATERIAL DO
PROFESSOR**

• **História**

**CIÊNCIAS HUMANAS
E SUAS TECNOLOGIAS**

DOM BOSCO - SISTEMA DE ENSINO
PRÉ-VESTIBULAR 4
Ciências humanas e suas tecnologias.
© 2019 – Pearson Education do Brasil Ltda.

Vice-presidência de Educação	Juliano Melo Costa
Gerência editorial nacional	Alexandre Mattioli
Gerência de produto	Silvana Afonso
Autoria	Bruno Jeuken
Coordenação editorial	Luiz Molina Luz
Edição de conteúdo	Cesar da Costa Jr.
Assistência editorial	Ana Duarte
Preparação e revisão	Luiz Gustavo M. Bazana
Gerência de Design	Cleber Figueira Carvalho
Coordenação de Design	Diogo Mecabo
Edição de arte	Débora Lima, Ariane Lima
Coordenação de pesquisa e licenciamento	Maiti Salla
Pesquisa e licenciamento	Cristiane Gameiro, Andrea Bolanho
Cartografia	Allmaps
Projeto gráfico	Apis design integrado
Diagramação	Editorial 5
Capa	Apis design integrado
Imagem de capa	inoby/istock
Produtor multimídia	Cristian Neil Zaramella
PCP	George Baldim, Paulo Campos

Todos os direitos desta publicação reservados à
Pearson Education do Brasil Ltda.

Av. Santa Marina, 1193 - Água Branca
São Paulo, SP – CEP 05036-001
Tel. (11) 4210-4450

www.pearson.com.br

APRESENTAÇÃO

Um bom material didático voltado ao vestibular deve ser maior que um grupo de conteúdos a ser memorizado pelos alunos. A sociedade atual exige que nossos jovens, além de dominar conteúdos aprendidos ao longo da Educação Básica, conheçam a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver as habilidades a fim de obterem autonomia e entenderem criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para se ter sucesso no Ensino Superior.

O Enem e os principais vestibulares do país esperam que o aluno, ao final do Ensino Médio, seja capaz de dominar linguagens e seus códigos; construir argumentações consistentes; selecionar, organizar e interpretar dados para enfrentar situações-problema em diferentes áreas do conhecimento; e compreender fenômenos naturais, processos histórico-geográficos e de produção tecnológica.

O Pré-Vestibular do Sistema de Ensino Dom Bosco sempre se destacou no mercado editorial brasileiro como um material didático completo dentro de seu segmento educacional. A nova edição traz novidades, a fim de atender às sugestões apresentadas pelas escolas parceiras que participaram do Construindo Juntos – que é o programa realizado pela área de Educação da Pearson Brasil, para promover a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimento e a participação dos parceiros no desenvolvimento dos materiais didáticos de suas marcas.

Assim, o Pré-Vestibular Extensivo Dom Bosco by Pearson foi elaborado por uma equipe de excelência, respaldada na qualidade acadêmica dos conhecimentos e na prática de sala de aula, abrangendo as quatro áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças educacionais do país.

O novo material envolve temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; e a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

A coleção contempla todos os conteúdos exigidos no Enem e nos vestibulares de todo o país, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios resolvidos que facilitam a aprendizagem. Soma-se a isso, uma seleção refinada de questões selecionadas, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo.

SUMÁRIO



5

HISTÓRIA 1



135

HISTÓRIA 2

MATERIAL DE LICENÇA EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENGENHO DOM BOSCO



MATERIAL DE APOIO
SISTEMA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

HISTÓRIA 1

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

45

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

O INÍCIO DA GUERRA

- O início da guerra
- Entrada da União Soviética
- Combate ao Japão

HABILIDADES

- Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

Com o término da Primeira Guerra Mundial, o cenário de crise na Europa propiciou a ascensão de líderes e governos autoritários, com discursos xenófobos e violentos. O nazismo na Alemanha e o fascismo na Itália conseguiram se estruturar e permanecer sem retaliações entre os países da Europa durante certo tempo.

Após o Pacto de Não Agressão (Molotov-Ribbentrop) firmado entre a União Soviética stalinista e a Alemanha nazista, em 23 de agosto de 1939, Hitler adiou o confronto com o Exército soviético para concentrar seus esforços na expansão do território, invadindo a Polônia, e na resistência aos contra-ataques da França e da Inglaterra.



Primeira página do jornal *The New York Times*, de 24 de agosto de 1939, noticiando o Pacto de Não Agressão firmado entre Alemanha e Rússia.

Acrescente-se a isso o pacto anterior da Alemanha com a Itália e, desde 1937, com o Japão, configurando o chamado Eixo contra as nações que ficariam conhecidas como Aliadas.

O marco do início da Segunda Guerra Mundial é o dia 1º de setembro de 1939, quando tropas alemãs e soviéticas entraram na Polônia. Inglaterra e França, que haviam defendido a autonomia da Polônia, ficaram em situação complicada, porque deveriam declarar guerra aos alemães, atitude que teria repercussão política danosa, visto que franceses e ingleses não tinham sido diretamente agredidos

GRANGER HISTORICAL PICTURE ARCHIVE/ALAMY STOCK PHOTO

pelos alemães. A declaração de guerra contra a Alemanha poderia contrariar a opinião pública. As tropas movimentavam-se na fronteira franco-alemã, mas não vinha a ordem de ataque. Hitler afirmava que seu problema era com a Polônia, que nada havia feito contra ingleses e franceses, mas se defenderia em caso de ataque. Os jornais publicavam que não se tratava de uma guerra necessária. A opinião pública, na maioria, era desfavorável a qualquer campanha militar contra os alemães. Vários países optaram pela neutralidade, como Holanda, Dinamarca, Bélgica, Luxemburgo, Suíça, Portugal e Espanha.

O adiamento do ataque fortalecia Hitler na liderança nazista. Quando se estabelecesse a crença da necessidade do conflito, Alemanha, Itália e Japão agiriam conjuntamente. Esse período em que os países estavam apenas em estado de guerra ficou conhecido por “guerra de brincadeira” ou “guerra falsa”.

A Alemanha estava preparada para agir com um plano de ataque em massa, usando aviação, infantaria e blindados simultaneamente. No começo de 1940, sem declaração formal de guerra, pelo processo ofensivo denominado *blitzkrieg* (guerra-relâmpago), os alemães invadiram países que haviam declarado neutralidade. Dinamarca, Holanda, Bélgica e Luxemburgo foram anexados ao III Reich, que se apropriou de seus recursos para enfrentar França e Inglaterra.

Na França, existiam colaboradores dos nazistas, como o marechal Pétain, chefe militar que passou informações da defesa francesa à Alemanha, facilitando a entrada vitoriosa dos alemães em Paris, que ficou sob a administração de Hitler. No sul do país, Pétain organizava a República de Vichy, ou seja, um Estado-satélite do nazismo em território francês.

Refugiado em Londres, o general De Gaulle pedia à população francesa que resistisse. Composta de socialistas, anarquistas e homens de esquerda em geral, a resistência pegava em armas e tentava desestabilizar o controle nazista com atividades guerrilheiras.

As tropas nazistas não ficaram circunscritas aos territórios da Europa continental. Grupos especializados, conhecidos por Afrika Korps, conduzidos pelo general Rommel, atuavam no norte da África. O plano era chegar ao Canal de Suez, tomar o Egito dos britânicos e controlar toda a Bacia do Mediterrâneo, visto que os italianos haviam deslocado tropas para a Albânia e a Grécia e se aproximavam da Turquia.

Enquanto as forças nazifascistas obtinham sucesso nessas áreas, os japoneses se expandiam no Oceano Pacífico, criando expectativa de guerra contra os Estados Unidos. O Japão já havia invadido Hong Kong, Cingapura, Ceilão, Birmânia, Filipinas, Malásia, Indonésia e Indochina. Organizavam-se milícias nacionalistas e comunistas nesses territórios, visando deter a anexação pelos japoneses com o apoio dos Estados Unidos, que chegaram a congelar bens nipônicos no território norte-americano e propuseram um embargo econômico ao Império Japonês.

A Grã-Bretanha resistia aos duros golpes do Eixo, com ataques quase diários a Londres pela Luftwaffe, a poderosa aviação alemã. Os nazistas não conseguiam realizar *blitzkrieg* no território inglês, mas lhe faziam sérios estragos materiais e humanos.

ENTRADA DA UNIÃO SOVIÉTICA

Seguro de estar próximo da vitória, Hitler praticamente ignorou o Pacto Molotov-Ribbentrop (de não agressão), apresentando a Operação Barba Ruiva, um plano de ataque à União Soviética pelo qual as tropas alemãs atingiriam Leningrado, no norte; Moscou, no centro; e transformariam a Ucrânia, no sul, no celeiro dos alemães. Em agosto de 1941, com o território invadido pelas tropas nazistas, a União Soviética declarou guerra à Alemanha.

Os japoneses aproveitaram a situação, que parecia favorável, e, em dezembro de 1941, atacaram a base naval de Pearl Harbor, no Havaí, possessão dos Estados Unidos. O governo norte-americano reagiu declarando guerra ao Japão e ao Eixo. Além dos acordos já firmados com a Grã-Bretanha, os Estados Unidos procuraram o apoio da América Latina.

Com a entrada da União Soviética e dos Estados Unidos, o quadro de guerra alterou-se. Se antes havia expansionismo do Eixo, os Aliados armaram uma contraofensiva que ganhou dimensões mundiais. Houve destruição em maior ou menor grau em todos os continentes. De acordo com o historiador Pedro Tota:

A Segunda Guerra Mundial teve como característica determinante o fato de que os países em conflito visavam pretensões ilimitadas. Em outras palavras, tinham como objetivo a submissão absoluta do adversário. Se na Primeira Guerra Mundial o objetivo das nações em combate era a derrota do inimigo no campo de batalha e a imposição de condições de paz, isso não era exatamente válido para a Segunda Guerra Mundial. A Alemanha de Hitler, por exemplo, pretendia dominar a Europa e transformar os países do Ocidente em Estados vassallos. O plano nazista para o lado oriental era reduzir a União Soviética à condição de colônia e transformar sua população em serviçais dos “senhores” germânicos. Do lado dos Aliados, isto é, da Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética, os objetivos não eram limitados: só a rendição incondicional é que valeria. Não se aceitaria uma paz negociada, não haveria condições. O inimigo seria combatido até a última bala.

TOTA, Pedro. A Segunda Guerra Mundial. In: *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 357.

A guerra foi difícil para os alemães nas terras soviéticas, cuja resistência dava sinais de vitória, como no episódio da defesa de Stalingrado, cuja terrível batalha registrou baixas consideráveis de ambos os lados, mas deu a vitória aos soviéticos, que então iniciaram a expulsão das tropas alemãs.

Os Afrika Korps não conseguiram dominar o Egito. No norte da África, a Grã-Bretanha, com a ajuda dos Estados Unidos, começou uma operação de domínio que foi fundamental para o desembarque dos Aliados na Itália.

Enquanto os japoneses conheciam as primeiras derrotas para os Estados Unidos no Pacífico, os Aliados obtinham vitórias importantes na África e no *front* soviético. Os porta-aviões norte-americanos realizavam operações decisivas contra o Japão, como nas batalhas de Midway e do Mar de Coral. Em determinado momento, os japoneses começaram a fazer uso dos *kamikazes*, aviadores suicidas, para abalar o poderio naval e aéreo dos Estados Unidos. Esses aviadores deram um tom ainda mais dramático à guerra.



A fotografia mostra um ataque *kamikaze* a porta-aviões norte-americanos. A ideia do Japão era impedir operações aéreas que minassem o domínio sobre áreas estratégicas de seu interesse. Assim, a guerra atingiu uma dramaticidade sem precedentes.

Conforme o historiador René Remond:

O momento decisivo, aquele em que a preamar das potências ditatoriais começa e refluir, situa-se entre novembro de 1942 e fevereiro de 1943. Interrompe-se, nessa época, a série praticamente ininterrupta de êxitos militares conseguidos pelo Eixo desde setembro de 1939. O revés de Rommel diante de El-Alamein, a frente rompida na Tripolitânia, o desembarque anglo-norte-americano na África do Norte, a vitória de Stalingrado, a batalha aeronaval do Mar de Coral ocorrem nesses três meses e indicam a inversão da tendência. A partir de então, a derrota do Eixo passa a ser uma possibilidade razoável.

REMOND, René. *O século XX*. São Paulo: Cultrix, 1999. p. 125.

Em 1943, as forças aliadas invadiram a Itália e Benito Mussolini foi derrubado, criando mais problemas para os alemães, que tinham um novo *front* de batalha aberto no sul de sua área. Hitler ordenou a invasão da Itália a partir da Áustria e o esforço de guerra começava a exaurir as forças nazistas. As tropas soviéticas, por sua vez, recuperavam o território e iniciavam o ataque na fronteira alemã. Enquanto isso, esboçava-se um pla-

no de liberação do espaço francês do domínio nazista, baseado no desembarque em massa na Normandia. O Dia D, como ficou conhecido, foi executado em 6 de junho de 1944. Milhares de soldados aliados pereceram, mas os alemães foram desalojados da região.



Desembarque das tropas aliadas na Normandia em 6 de junho de 1944. Comandados pelos Estados Unidos, os fuzileiros abriram caminho para a recuperação do território francês e, mais adiante, para a liberação de áreas da Bélgica e da Holanda, culminando com a invasão à Alemanha.

A saída das tropas nazistas envolvia, frequentemente, a eliminação em massa de populações civis concentradas nos campos de trabalho forçado. A corrida implicava saber qual país Aliado chegaria primeiro a Berlim para definir a rendição alemã. Os soviéticos estavam em vantagem e a tensão com os Aliados crescia. Estados Unidos e Grã-Bretanha já não consideravam a rendição alemã realizada pela União Soviética um bom negócio. Stalin tinha pretensões claras de domínio no Leste Europeu e na Ásia, gerando atrito com os países aliados, que já negociavam um desfecho para a guerra. No final de abril de 1945, o Exército Vermelho havia atingido Berlim e, em 7 de maio, os alemães assinaram a capitulação. De acordo com alguns historiadores, Hitler suicidou-se em 30 de abril de 1945.



Fotografia de abril de 1945 do Edifício Reichstag, em Berlim, capturado pelo Exército Vermelho da União Soviética. Consciente da importância dessa conquista, Stalin passou a exigir maior espaço no concerto das nações aliadas, fazendo valer seu interesse de controle da Europa Oriental.

COMBATE AO JAPÃO

O único país do Eixo que ainda resistia era o Japão, com ações desesperadas. Os militares norte-americanos julgavam que a guerra ainda duraria meses se nenhuma iniciativa abalasse a moral dos japoneses. Cientistas que trabalhavam com tecnologia aplicada à guerra já haviam experimentado a bomba atômica no estado do Novo México. O presidente Harry Truman passou a considerar o lançamento desse artefato em alguma cidade japonesa. Em 6 de agosto de 1945, o avião Enola Gay jogou a bomba atômica Little Boy em Hiroshima e, alguns dias depois, em Nagasaki. Diante da situação caótica, o Japão iniciou conversações sobre a capitulação. Conforme o estudioso Paul Virilio:

Nos Estados Unidos, a magia das armas renova diretamente a magia do mercado: nos anos trinta, a guerra econômica com o New Deal e, mais tarde, guerra total até 1946 quando, no dia seguinte a Hiroshima, Fred Astaire canta em “Blue Skies” um céu tão luminoso quanto nublado, céu “technicolor” tão difundido durante o conflito e que agora reflete à distância a melancolia daqueles que, em meio às ruínas, finalmente sucumbiram ao luto e às ruínas.

VIRILIO, Paul. *Guerra e cinema*. São Paulo: Página Aberta, 1993. p. 18.

As negociações resultaram na proposta de rendição japonesa, apresentada oficialmente em 15 de agosto de 1945. O fim do conflito só ocorreu em 2 de setembro de 1945, após a confirmação de algumas exigências das forças aliadas. Deixando um rastro de destruição, a Segunda Guerra Mundial encerrou-se, abrindo uma nova disputa pelo poder no mundo e outra ameaça à vida: a bomba atômica.



Fotografia de agosto de 1945. A imagem remete à destruição da cidade de Hiroshima pela bomba atômica. O forte poder de persuasão dessa arma ficou patente com a rendição em massa e a disposição do governo japonês em firmar um acordo para pôr fim ao confronto.

WORLD HISTORY ARCHIVE/ALAMY STOCK PHOTO

MATERIAL DE USO EDUCACIONAL
SISTEMA DE ENSINO DE

ROTEIRO DE AULA

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1939-1945)

Antecedentes

Lutas ideológicas: capitalismo x socialismo; liberalismo x totalitarismo. Atitude revanchista da Alemanha, da Itália e do Japão. Conquistas de mercados: Japão (Manchúria); Itália (Etiópia). Teoria do espaço vital da Alemanha: anexação da Áustria (Anschluss), dos Sudetos (da Tchecoslováquia) e da Polônia. Inoperância da Liga das Nações. Fracasso da Conferência de Munique: Mussolini, Deladier e Chamberlain decidiram ceder os Sudetos à Alemanha de Hitler.

Fase europeia (1939-1941)

Início da guerra: invasão à Polônia (1º de setembro de 1939). Inglaterra e França declararam guerra à Alemanha. Rússia invadiu Finlândia e Polônia Oriental. Alemanha invadiu Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica e França. Retirada de Dunquerque: derrota aliada. Criação da República de Vichy, na França, sob o comando de Pétain, no sul. Plano Leão Marinho: ataque à Inglaterra (Batalha da Inglaterra). Ataque alemão à União Soviética sem declaração de guerra. Carta do Atlântico: solidariedade dos Estados Unidos aos países aliados.

Fase mundial (1941-1945)

Ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor em dezembro de 1941. Guerra no norte da África: Rommel (alemão) x Montgomery (inglês). Invasão à Itália pelos Aliados. Batalha do Atlântico: marinha inglesa x marinha alemã. Resistência francesa organizada por De Gaulle. Batalhas no Pacífico: Mar de Coral e Batalha de Midway. Morte de Mussolini no norte da Itália. Desembarque na Normandia: Dia D (6 de junho de 1944).

Fim da guerra

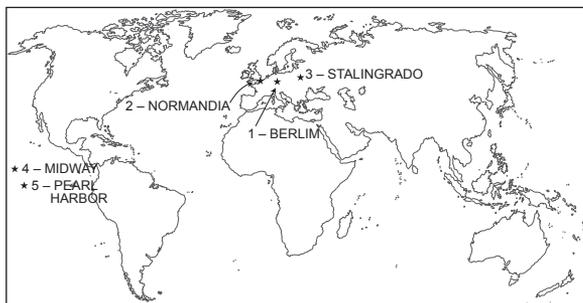
Reconquista da França, Holanda e Bélgica. Conferência de Yalta: Churchill, Roosevelt e Stalin. Morte de Roosevelt: assumiu o vice-presidente Truman. Rendição da Alemanha em 8 de maio de 1945. Lançamento da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki (6 e 9 de agosto de 1945). Rendição japonesa ao general MacArthur.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. PUC-RS

C2-H7

Relacione os locais destacados no mapa, representativos de episódios importantes da Segunda Guerra Mundial, com os fatos correspondentes abaixo relacionados:



- () Desembarque dos Aliados, em junho de 1944, para invadir a Alemanha, conhecido como Dia D.
- () Vitória americana imposta aos japoneses, em junho de 1942.
- () Derrota alemã para o exército russo; o exército alemão, que se dizia invencível, retira-se destruído.
- () Bombardeio da aviação japonesa, em dezembro de 1941, a uma base naval, destruindo parte da frota norte-americana.
- () Suicídio de Hitler, em abril de 1945, em um abrigo da chancelaria; na mesma época, as tropas aliadas ocupam a região.

A numeração correta dos fatos, de cima para baixo, é:

- a) 1 – 5 – 3 – 4 – 2.
- b) 2 – 4 – 3 – 5 – 1.
- c) 2 – 5 – 3 – 4 – 1.
- d) 3 – 4 – 1 – 2 – 3.
- e) 3 – 4 – 2 – 5 – 1.

O desembarque dos Aliados ocorreu na Normandia, na França, e ficou conhecido como Dia D. Em 1942, ocorreu uma batalha aeronável entre Estados Unidos e Japão, em que os primeiros saíram vitoriosos. Stalingrado, na então União Soviética, foi o local onde ocorreu uma grande perda da Alemanha. Também na região do Pacífico, o Japão ataca a base dos Estados Unidos, Pearl Harbor, fazendo o país americano entrar na guerra. Em 1945, em Berlim, Hitler se suicida, já em período de derrota do Eixo.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

2. UFRJ-RJ



STANLEY TROUTMAN/AP PHOTO/
GLOW IMAGES

“Hiroshima, Japão. No exato momento em que 60 anos antes a primeira bomba atômica da história devastava a cidade de Hiroshima, no Japão, mais de 50 mil pessoas fi-

zeram um minuto de silêncio em homenagem às vítimas do ataque. Às 8:15 min [...] o mundo relembrou a detonação da arma mais poderosa já vista no planeta até então, que matou cerca de cem mil pessoas diretamente e outras milhares nos anos seguintes.”

O Globo, 6 ago. 2005. p. 36. (Adaptado)

- a) Apresente um argumento do governo norte-americano em defesa da ação que devastou Hiroshima, no dia 6 de agosto de 1945, e Nagasaki, três dias depois.

Argumentos do governo norte-americano, entre outros: era preciso preparar todos os recursos militares disponíveis para garantir a rendição japonesa e encerrar o conflito; era necessário intimidar o inimigo e demais países por meio da demonstração do poder destrutivo da nova arma; não deveria haver dependência do apoio militar da União Soviética para derrotar o Japão.

- b) Considerando a situação militar da Ásia Oriental em meados de 1945, mencione uma crítica aos bombardeios dessas duas cidades japonesas.

As forças aliadas, às vésperas das duas explosões, encontravam-se em grande vantagem militar sobre as tropas japonesas na Ásia Oriental.

3. UEM-PR (adaptado) – A II Guerra Mundial teve o seu início em setembro de 1939, quando tropas alemãs invadiram o território polonês. Sobre esse conflito mundial, assinale o que for correto:

- I. Em 1^o de setembro de 1939, as forças alemãs cruzaram a fronteira polonesa e, em poucos dias, desmantelaram as forças de defesa do país, conquistando boa parte daquele território.
- II. A 3 de setembro de 1939, a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha.
- III. Em junho de 1941, tropas soviéticas invadiram parte do território alemão. Contudo, os invasores foram rapidamente derrotados.
- IV. A primeira grande derrota alemã ocorreu na Batalha de Stalingrado, quando os soviéticos destroçaram as forças invasoras e iniciaram uma vigorosa contraofensiva, marchando sobre a Europa Oriental.
- V. Os EUA declararam guerra ao Japão após o ataque nipônico à base norte-americana de Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941.
- VI. Em maio de 1945, ocorreu a rendição incondicional da Alemanha às forças aliadas. No entanto, a guerra continuou no Pacífico. O Japão somente se rendeu após as explosões das bombas atômicas norte-americanas sobre Hiroshima e Nagasaki, em agosto daquele ano.

Estão corretas as alternativas:

- a) I, III e V.
- b) II, III, IV, V e VI.
- c) I, II, IV, V e VI.
- d) I, II e III.

As alternativas I, II, IV, V e VI apresentam informações corretas sobre a Segunda Guerra Mundial. A alternativa III está incorreta, pois em 1941 as tropas soviéticas não foram enviadas à Alemanha.

4. UEM-PR (adaptado) – O processo histórico que levou à II Guerra Mundial comporta vários motivos que explicam o emergir de um novo conflito pouco tempo depois de encerrada a Primeira Grande Guerra, dentre os quais estão as aspirações expansionistas de alguns países. Sobre a posição do Japão nesse conflito, assinale o que for correto:

- I. Os japoneses iniciaram a expansão imperialista no começo do século XIX, quando invadiram a China, na Guerra do Ópio, conquistando Xangai e Nanquim.
- II. O Japão, a partir de 1931, sob a direção do imperador Hiroito, decidiu impor sua hegemonia sobre a Ásia e, aproveitando a debilidade da China, que enfrentava uma guerra civil entre comunistas e nacionalistas, as tropas japonesas ocuparam a Manchúria.
- III. Os norte-americanos romperam os acordos comerciais que mantinham com o Japão, bloquearam o fornecimento de petróleo e congelaram os créditos japoneses nos Estados Unidos. Com essa atitude, conseguiram que o Japão recuasse, desocupando regiões da Indochina e da Indonésia.
- IV. O ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor, no Havaí, em dezembro de 1941, provocou a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial.
- V. Em julho de 1941, com o apoio da Alemanha, o Japão conseguiu que o governo de Vichy permitisse a presença de tropas japonesas na Indochina. Seu objetivo era formar um grande império asiático, conquistando regiões ricas em matéria-prima, sobretudo petróleo e borracha.

Estão corretas as alternativas:

- a) I, II e III.
- b) II, IV e V.
- c) I, II, IV e V.
- d) III, IV e V.

As alternativas II, IV e V apresentam informações corretas do contexto da Segunda Guerra Mundial. A alternativa I está incorreta porque, apesar de o Japão ter iniciado sua expansão já no século XIX, não teve relação com a Guerra do Ópio. A alternativa III está equivocada porque, apesar dos bloqueios comerciais, o Japão não recuou em sua ofensiva militar.

5. Enem – O objetivo de tomar Paris marchando em direção ao oeste era, para Hitler, uma forma de consolidar sua liderança no continente. Com esse intuito, entre abril e junho de 1940, ele invadiu a Dinamarca, a Noruega, a Bélgica e a Holanda. As tropas francesas se posicionaram na Linha Maginot, uma linha de defesa com trincheiras, na tentativa de conter a invasão alemã. Para a Alemanha, o resultado dessa invasão foi:

- a) a ocupação de todo o território francês, usando-o como base para a conquista da Suíça e da Espanha durante a segunda fase da guerra.
- b) a tomada do território francês, que foi então usado como base para a ocupação nazista da África do Norte durante a guerra de trincheiras.
- c) a posse de apenas parte do território, devido à resistência armada do Exército francês na Linha Maginot.
- d) a vitória parcial, já que, após o avanço inicial, teve de recuar, devido à resistência dos blindados do general De Gaulle, em 1940.
- e) a vitória militar, com ocupação de parte da França, enquanto outra parte ficou sob controle do governo colaboracionista francês.

Nesta ocasião, a Alemanha teve sucesso militar, mesmo com a existência da Linha Maginot (uma linha de fortificação e defesa francesa), conquistando parte do território francês, não sua totalidade. A parte não ocupada passou a ser administrada pelos franceses, mas com acordos com os alemães, chamado de Governo de Vichy. Por isso ele é chamado de colaboracionista, já que não participou da resistência francesa contra a Alemanha de Hitler.

6. PUC-RS – Considerando o contexto internacional da segunda metade da década de 1930, é correto afirmar que a charge abaixo reproduzida se refere, com ironia:



Hitler – “A escória do planeta, suponho.”

Stalin – “O sanguinário assassino de trabalhadores, creio eu.”

- a) ao acordo de cooperação militar germano-soviético, pelo qual as diferenças ideológicas eram superadas pelos interesses dos complexos industriais.
- b) ao fortalecimento da Sociedade das Nações, que era instrumentalizada pelas potências com ideologias antagônicas para reprimir os países não industrializados.
- c) à aliança militar ofensiva entre a Alemanha e a URSS, que permitiu as operações conjuntas desses países de ideologias opostas no Leste Europeu.
- d) ao Pacto Germano-Soviético de Não Agressão, pelo qual interesses de natureza estratégica sobrepujaram-se ao antagonismo ideológico.
- e) ao programa germano-soviético de integração econômica, pelo qual se superava o antagonismo ideológico para fazer frente ao capital norte-americano na Europa Oriental.

A ironia é parte importante para entender esta questão. Os países não eram aliados, porém fizeram um Pacto de Não Agressão, ainda em 1939, mesmo não havendo uma aliança ideológica nem militar.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. IFPE-PE – Analise as proposições abaixo, sobre a Segunda Guerra Mundial:

- I. Os países que compunham o Eixo, contra o qual foi declarada a guerra, foram Alemanha, Itália e Japão.
- II. O início desta guerra se deu com o lançamento, pelos Estados Unidos, das bombas atômicas nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.
- III. Um dos fatos determinantes para a entrada dos Estados Unidos no conflito foram os ataques à base militar estadunidense de Pearl Harbor.
- IV. As mulheres participaram de diversas formas da II Guerra Mundial, como, por exemplo, enfermeiras nos *fronts* ou fabricando armas e munições.
- V. Antes alinhado com os Estados Unidos, o Brasil, governado por Getúlio Vargas, sofreu pressão italiana e entrou no conflito para lutar ao lado dos países do Eixo.

Estão corretas apenas:

- a) I, III e IV.
- b) I, III e V.
- c) II e III.
- d) III, IV e V.
- e) III e IV.

8. UEL-PR – A Segunda Guerra Mundial ocorreu entre 1939-1945. Sobre o tema, assinale a alternativa incorreta:

- a) Não teve a participação da Suécia e Portugal, assim como a Suíça, cujas neutralidades foram respeitadas pelos beligerantes.
- b) A invasão alemã da Rússia, denominada “Operação Barbarossa”, fez com que esse país tivesse o maior número de mortos no conflito, em torno de 20 milhões de pessoas.
- c) Quando o Brasil entrou no conflito, internamente existia o modelo político direitista chamado Estado Novo.
- d) Quando Estados Unidos e Japão chocaram-se militarmente, houve a mundialização do conflito.
- e) Ao final da luta, irrompeu em todo o mundo a doença conhecida como gripe espanhola, responsável pela morte de milhões de pessoas.

9. UFRN-RN – Em relação à Segunda Guerra Mundial, é correto afirmar que:

- a) Hitler empreendeu uma implacável perseguição aos judeus, que resultou na morte de seis milhões de pessoas.
- b) os norte-americanos permaneceram neutros na guerra até 1941, quando bombardearam Hiroshima e Nagasaki.
- c) de Gaulle foi o chefe do governo de Vichy.
- d) com o ataque alemão a Pearl Harbor, os norte-americanos resolveram entrar na guerra.
- e) a Crise de 1929 nada teve a ver com a Segunda Guerra Mundial.

10. UFPEL-RS – Durante a 2ª Guerra Mundial, a França de “Vichy”, identificada no mapa, caracterizou-se por:



Fonte: *Atlas da história do mundo*. Folha de S.Paulo, 1995. p. 268.

- a) ser um território dominado e administrado diretamente pelos oficiais nazistas, sem qualquer participação de franceses.
- b) apoiar explicitamente a “resistência” e estabelecer acordos militares com os ingleses.
- c) ser uma trincheira contra a *blitzkrieg* (guerra-relâmpago) efetivada pela Alemanha, na Europa.
- d) representar um território de absoluta neutralidade em relação à guerra, onde não foi permitido o trânsito de tropas beligerantes.
- e) ter um governo subordinado aos interesses nazistas, que permitia o trânsito de tropas alemãs em seu território.

11. UFRN-RN – O Pacto Germânico-Soviético de Não Agressão, firmado entre Adolf Hitler e Josef Stalin, em agosto de 1939, poucos dias antes do início da Segunda Guerra Mundial, estabelecia:

- a) a concordância soviética à incorporação dos Sudetos tchecos pela Alemanha e a neutralidade germânica a uma intervenção russa nos Bálcãs.
- b) o auxílio da URSS a uma possível invasão da França pelos alemães, que, por sua vez, ajudariam os russos na conquista da Polônia.
- c) a aceitação soviética da anexação da Áustria pela Alemanha em troca do reconhecimento alemão às reivindicações russas sobre a Finlândia.
- d) a partilha da Polônia entre alemães e soviéticos e a promessa germânica de não intervir na expansão russa pelos países bálticos.
- e) a divisão da Europa Ocidental e Oriental, após o fim da guerra, em áreas de influência alemã e soviética, respectivamente.

12. Acafe-SC – Sobre a II Guerra Mundial, apenas uma alternativa está incorreta. Assinale-a.

- a) Após contornarem as defesas francesas da linha Maginot, os alemães invadiram a França, ocupando Paris.
- b) Em 1939 a Alemanha, invadindo a Polônia, inaugurou a guerra-relâmpago (*blitzkrieg*); era o início do conflito.

- c) A Alemanha e a União Soviética assinaram um Pacto de Não Agressão, sendo que esse acordo foi respeitado até o fim da guerra.
- d) A entrada norte-americana no conflito deu-se pelo ataque japonês na base militar de Pearl Harbor.
- e) O Brasil participou da guerra, com a Força Expedicionária Brasileira, na Itália.

13. Unifor-CE – Considere as afirmativas sobre as transformações no cenário político-econômico mundial que foram consequências da Segunda Guerra Mundial.

- I. Os maiores beneficiários da guerra foram os Estados Unidos, pois devido ao seu isolamento puderam realizar a sua Primeira Revolução Industrial.
- II. Para a Europa, o legado da guerra foi devastador, com uma terrível destruição em termos de vidas e de bens materiais e uma profunda crise ideológica e moral.
- III. As duas superpotências, à frente da respectiva esfera de influência, passaram a dar as cartas no jogo político internacional.
- IV. Em termos políticos, no período posterior à guerra, surgiram partidos que não propuseram soluções à crise econômica, política e financeira na Europa.
- V. Um dos fatos mais marcantes ocorrido após a guerra foi a descolonização da África e da Ásia, com o desmoronamento dos grandes impérios coloniais europeus e o surgimento de novas nações independentes nesses dois continentes.

São corretas somente:

- a) I, II e IV.
- b) I, II e V.
- c) I, III e IV.
- d) II, III e V.
- e) III, IV e V.

14. Mackenzie-SP – A respeito do período anterior ao início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), é correto afirmar que:

- a) o fracasso do Pacto de Não Agressão entre a URSS e a Alemanha precipitou a ofensiva germânica, que invadiu a Polônia, dando início à guerra.
- b) a política de apaziguamento, adotada pela Inglaterra e pela URSS, foi uma calculada manobra a fim de protelar o começo do conflito e aumentar o arsenal bélico daqueles países.
- c) com a intervenção militar da Itália e da Alemanha na Guerra Civil Espanhola, apoiando Franco, as nações europeias romperam relações diplomáticas com esses países.
- d) o Anschluss, ocorrido em 1938, sob a alegação de necessidade de formação de uma única naçãoariana, acarretou a expulsão da Alemanha da Liga das Nações.
- e) diante da política expansionista alemã, Inglaterra e França acreditavam que a política de apaziguamento seria a única saída para impedir o avanço do socialismo.

15. UFMT-MT – A respeito da Segunda Guerra Mundial, afirmou-se: Esta guerra é, de fato, continuação da anterior. Essa afirmação pode ser justificada, entre outros motivos:

- a) pelos ressentimentos da Itália e da Alemanha, que passaram a desenvolver um nacionalismo exacerbado e uma política expansionista.
- b) pelo enfraquecimento da França e da Grã-Bretanha como mediadoras da paz, diante da ascensão da União Soviética como potência hegemônica.
- c) pela rivalidade industrial entre Inglaterra e Alemanha, acentuada pela concorrência econômica após a Crise de 1929, iniciada nos EUA.
- d) pela emergência dos nacionalismos na região balcânica, o que gerou intervenções militares dos países do Eixo, contra os interesses dos Aliados.
- e) pelo revanchismo francês em relação à Alemanha, devido à perda da região da Alsácia-Lorena na Guerra Franco-Prussiana.

16. PUC-PR (adaptado) – Apesar de possuírem zonas de influência no mundo, alguns países estavam insatisfeitos e formaram uma aliança durante o conflito da 2ª Guerra Mundial. Esses países eram:

- a) Japão, Espanha e Itália.
- b) Estados Unidos, Itália e Inglaterra.
- c) Rússia, Letônia e França.
- d) Alemanha, Itália e Japão.
- e) França, Inglaterra e Itália.

17. PUC-RJ – Nos anos de 1941 e 1942, houve mudanças na configuração das alianças políticas e militares que então caracterizavam a Segunda Grande Guerra (1939-1945). Frente a tais alterações, o governo do presidente Getúlio Vargas imprimiu novos rumos à política externa brasileira. Sobre esses acontecimentos, podemos afirmar que:

- I. O ataque japonês a Pearl Harbor, em 1941, deflagrou a participação militar ostensiva dos EUA na guerra.
- II. A invasão alemã, na União Soviética, em 1941, interferiu, entre outros aspectos, na aproximação diplomática e militar entre EUA, URSS e Inglaterra.
- III. A crescente aproximação diplomática com os EUA condicionou a declaração de guerra ao Eixo, por parte do governo Vargas, em 1942.
- IV. A participação militar brasileira na guerra, associada ao envio da FEB, conjugou-se à ofensiva das tropas aliadas, na *front* europeu, em meados de 1944.

Assinale a alternativa correta:

- a) Apenas as afirmativas I e III estão corretas.
- b) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
- c) Apenas as afirmativas II e IV estão corretas.
- d) Apenas as afirmativas I, III e IV estão corretas.
- e) Todas as afirmativas estão corretas.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Unisc-RS

C3-H12

“A remoção de alemães no fim da guerra teve outra dimensão, que costuma ser negligenciada: a perda da identidade, e não num vago sentido metafórico. Milhões de pessoas que foram removidas, que fugiram ou foram expulsas do leste do Oder-Neisse se viram, em geral, sem qualquer documento que pudesse confirmar sua identidade. A destruição da guerra, sobretudo nos terríveis últimos meses, a perda do antigo leste da Alemanha (e, com ele, a perda de acesso a documentos oficiais) e as barreiras administrativas criadas pela divisão da Alemanha em quatro zonas de ocupação significavam que era muitas vezes impossível verificar a identidade ou as atividades progressas de milhões de alemães. Para muitos, isso criou enormes problemas na hora de comprovar a identidade e qualificações, para reclamar a posse de bens e para lidar com burocratas. Para outros, no entanto, o caos do pós-guerra criou oportunidades de adulteração, engano e fraudes. Em razão da dificuldade de se confirmar a identidade dos alemães, houve, depois da guerra, uma onda de crimes documentais.”

BESSEL, Richard. *Alemanha: 1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 263.

“Além disso, há também que enfrentar um problema que se alastra por toda a parte: a ‘depuração’ provocada pelas divisões profundas que se instalam nas relações políticas. Esta ‘depuração’ sumária dos ‘colaboradores’ dos alemães atinge também os representantes das classes dirigentes. Os esforços dos governos de união de extirpar a vingança dos tribunais populares e fazer exercer a ‘justiça’ pelos tribunais regulares são muito mal recebidos e percebidos, visto que o corpo dos magistrados se mantém intacto. Na Itália e Alemanha, os antigos fascistas e nazistas encontraram um apoio e até mesmo um refúgio na administração militar aliada.”

BROUÉ, Pierre. *O fim da Segunda Guerra e a contenção da revolução*. In: COGGIOLA, Osvaldo. (Org.) *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã/Universidade de São Paulo, 1995. p. 394.

A respeito desse cenário de fim de guerra, considere as afirmativas:

- I. Parte da elite dirigente da Alemanha e empresários que colaboraram com Hitler passaram por um processo conhecido como de “desnazificação”, ou seja, foram parcialmente desresponsabilizados dessa ligação com o Estado nazista.
- II. O Tribunal de Nuremberg julgou e condenou os cinco mil alemães entre militares e empresários que pertenceram ao alto escalão nazista.
- III. Na reconstrução do pós-guerra, milhares de europeus, sobretudo alemães, viram-se privados da sua identidade formal, tamanho o rastro de destruição gerado pelo conflito mundial.
- IV. Os tribunais populares, incorporando magistrados e juizes, fizeram justiça com as próprias mãos executando a grande maioria dos colaboracionistas de Hitler.

Assinale a alternativa correta:

- a) Todas as afirmativas estão corretas.
- b) Somente as afirmativas pares estão corretas.
- c) Somente as afirmativas I e III estão corretas.
- d) As afirmativas I, II e III estão incorretas.
- e) Todas as afirmativas estão incorretas.

19. Enem

C2-H7

“O ataque japonês a Pearl Harbor e a consequente guerra entre americanos e japoneses no Pacífico foi resultado de um processo de desgaste das relações entre ambos. Depois de 1934, os japoneses passaram a falar mais desinibidamente da ‘Esfera de coprosperidade da Grande Ásia Oriental’, considerada como a ‘Doutrina Monroe japonesa’.

A expansão japonesa havia começado em 1895, quando venceu a China, impôs-lhe o Tratado de Shimonoseki passando a exercer a tutela sobre a Coreia. Definida sua área de projeção, o Japão passou a ter atritos constantes com a China e a Rússia. A área de atrito passou a incluir os Estados Unidos quando os japoneses ocuparam a Manchúria, em 1931, e a seguir, a China, em 1937.”

REIS FILHO, D. A. (Org.). *O século XX: o tempo das crises*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

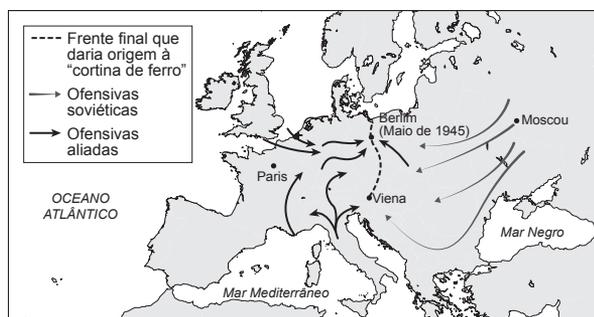
Sobre a expansão japonesa, infere-se que:

- a) o Japão tinha uma política expansionista, na Ásia, de natureza bélica, diferente da Doutrina Monroe.
- b) o Japão buscou promover a prosperidade da Coreia, tutelando-a à semelhança do que os EUA faziam.
- c) o povo japonês propôs cooperação aos Estados Unidos ao copiarem a Doutrina Monroe e proporem o desenvolvimento da Ásia.
- d) a China aliou-se à Rússia contra o Japão, sendo que a Doutrina Monroe previa a parceria entre os dois.
- e) a Manchúria era território norte-americano e foi ocupada pelo Japão, originando a guerra entre os dois países.

20. Ufla-MG

C2-H7

O mapa a seguir demonstra um momento específico da Segunda Guerra Mundial (1939-1945):



Assinale a alternativa que o analisa corretamente:

- a) Trata-se do final do conflito na Europa, caracterizado pela rendição italiana em 1943 e pelo desembarque aliado na Normandia em 1944.
- b) Demonstra a última ofensiva nazista na Europa Ocidental, frustrada pelo desembarque aliado na Normandia.
- c) Explicita os acordos de áreas de influência, definidos depois da Conferência de Teerã em 1943 e finalmente ratificados pelo encontro de Yalta em 1945.
- d) Demonstra a ofensiva militar aliada no Pacífico.
- e) Demonstra a última ofensiva italiana na Europa Ocidental, antes de sua rendição aos aliados em 1943.

46

PERSEGUIÇÃO, INTOLERÂNCIA E EXTERMÍNIO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

- Perseguição e intolerância no decorrer da guerra
- Dos campos de trabalho aos campos de extermínio
- Depois da guerra

HABILIDADES

- Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

PERSEGUIÇÃO E INTOLERÂNCIA NO DECORRER DA GUERRA

Durante a década de 1930, as ideologias nazista e fascista cresceram na Alemanha e na Itália. A crise e a derrota na Primeira Guerra Mundial levaram a população alemã a aderir aos pensamentos formulados por Adolf Hitler e pelo Partido Nazista, entre eles, os que acusavam outros grupos de responsáveis pela crise no país, principalmente os judeus. Unir o povo alemão em torno de um inimigo em comum, os judeus, era uma das estratégias de Hitler, que esboçou boa parte de seus pensamentos em seu livro *Mein kampf* (Minha luta). Os volumes do livro de Hitler contam uma autobiografia de sua vida e da ideologia nazista, pregando o anticomunismo, o antisemitismo e o racismo.

A ideologia nazista era orientada pela teoria eugenista, ou seja, de pureza racial. Para Hitler, existiria um alemão perfeito, sem misturas com outras etnias e, entre suas políticas, o líder buscou segregar e exterminar grupos considerados inferiores, como judeus, negros, homossexuais e ciganos, entre outros.



EVERETT HISTORICAL/SHUTTERSTOCK

Cartaz da década de 1940 divulgando uma propaganda antisemita. Observa-se uma mão apontando para um judeu (identificado pelos estereótipos e pela estrela de Davi) e está escrito: "A guerra é culpa sua".

DOS CAMPOS DE TRABALHO AOS CAMPOS DE EXTERMÍNIO

No início da Segunda Guerra Mundial, os judeus que viviam na Alemanha e na Itália foram obrigados a se mudar maciçamente para guetos, áreas fechadas e policiadas para separar os judeus do restante da população. A escassez de mantimentos, que ocorria por causa das restrições de acesso, levava os moradores dos guetos a passar por fome e doenças.

A política eugenista nazista concretizou-se com a chamada “solução final”, por meio da qual todos os judeus deveriam ser retirados do território alemão e transportados para o leste. O plano de solução final destruiu a maior parte dos guetos mencionados. Essa política determinou a ida de milhares de judeus, assim como de outros grupos perseguidos, para os campos de concentração, onde eles eram aprisionados e forçados a trabalhar.

Nos campos de concentração eram mantidos, portanto, as raças e os elementos considerados indesejáveis, onde deviam trabalhar, além de sofrer por falta de condições humanas básicas. Entre os prisioneiros dos campos também havia criminosos e adversários políticos do nazismo. A função inicial dos campos de concentração não era o extermínio, ainda que, em virtude do tratamento desumano e das torturas que ocorriam no local, muitas pessoas tivessem morrido.

MICHAEL NAGEL - AM/ALAMY STOCK PHOTO



Campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. No portão de entrada, está escrito “O trabalho liberta”.

A solução final nazista também criou diversos campos de extermínio, utilizados para o genocídio de judeus e de outros grupos considerados indesejados. Nessas instalações, os assassinatos em massa eram cometidos, entre outras formas, por meio de fuzilamentos e câmaras de gás.

Entre os que foram enviados para os campos de concentração e extermínio, poucos sobreviveram e a maioria conseguiu viver porque foi aprisionada apenas ao fim da guerra. Graças a esses sobreviventes, hoje temos acesso a relatos que denunciam os horrores dos campos de concentração e de extermínio nazistas. É o caso de Primo Levi, judeu italiano que foi levado para um dos campos de

concentração mais conhecidos, o de Auschwitz, em 1944. Em uma de suas obras, chamada *É isto um homem?*, ele conta sua experiência no interior do campo:

Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. Num instante, por intuição quase profética, a realidade nos foi revelada: chegamos ao fundo. Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos. [...]

Aqui estou então: no fundo do poço. Quando a necessidade aperta, aprende-se em breve a apagar da nossa mente o passado e o futuro. Quinze dias depois da chegada, já tenho a fome regulamentar, essa fome crônica que os homens livres desconhecem; que faz sonhar, à noite; que fica dentro de cada fragmento de nossos corpos. [...] Já apareceram, no peito de meus pés, as torpes chagas que nunca irão sarar. Empurro vagões, trabalho com a pá, desfaleço na chuva, tremo no vento; mesmo meu corpo já não é meu; meu ventre está inchado, meus membros ressequidos, meu rosto túmido de manhã e chupado à noite; alguns de nós têm a pele amarelada, outros cinzenta; quando não nos vemos durante três ou quatro dias, costumamos a reconhecer-nos.

LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.p. 24-25 e 35.

DEPOIS DA GUERRA

O número de mortos durante a Segunda Guerra Mundial ultrapassou 50 milhões. Entres estes, 36 milhões morreram na Europa, sendo metade civis. Entre os grupos perseguidos pelos nazistas, estima-se que 6 milhões de judeus foram mortos e mais 5 milhões pertencentes a grupos como ciganos, homossexuais e minorias étnicas.

No período que antecedeu a guerra e no decorrer dela, milhares de judeus refugiaram-se em outros países, movimentações que nem sempre eram feitas com êxito, em razão das políticas que restringiam o número de refugiados em cada país. Com o fim da guerra e a derrota da ideologia nazista, muitos judeus voltaram à Alemanha, à Itália e à Áustria. Muitos judeus também migraram para o Estado de Israel, que foi estabelecido em 1948 em território palestino.

Encerrado o conflito, os países vencedores e então potências mundiais assinaram uma declaração em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que buscava ressaltar valores como a democracia e os direitos humanos, a fim de evitar guerras e ideologias como a que o mundo havia acabado de vivenciar.

ROTEIRO DE AULA

PERSEGUIÇÃO, INTOLERÂNCIA E EXTERMÍNIO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Ideologia nazista

Eugenia e pureza racial.

Antissemitismo.

Racismo.

Espaços de perseguição a grupos considerados indesejados

Guetos de judeus.

Campos de concentração.

Campos de extermínio.

Consequência dos refugiados judeus pelo mundo

Criação do Estado de Israel em

1948.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. PUC-RJ

C2-H8

Considerando a ideologia do Partido Nacional-Socialista na Alemanha nos anos 1930 e 1940, examine as afirmativas:

- I. Um dos pilares da ideologia nacional-socialista era seu apelo ao anticomunismo e a rejeição ao projeto político que estava em curso na União Soviética.
- II. O nacional-socialismo alemão conseguiu ter sucesso econômico rápido devido a medidas direcionadas para o livre-comércio e para a liberdade cambial. Com isso, houve a estabilização da moeda após a crise da hiperinflação e um período de crescimento acelerado da economia.
- III. O Partido Nacional-Socialista foi vitorioso nas eleições de 1932, o que demonstrou a seus líderes que a democracia – mesmo com falhas – era o melhor sistema político para realizar seus projetos.
- IV. O ideário do nacional-socialismo sempre deixou clara a ideia de “pureza racial”. Com isso, desde os primeiros anos de governo, foram emitidas diversas leis contra judeus, homossexuais e ciganos, consideradas – entre outras – como populações “impuras”.

Assinale:

- a) Se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
- b) Se somente as afirmativas II e III estiverem corretas.
- c) Se somente as afirmativas II e IV estiverem corretas.
- d) Se somente as afirmativas I e IV estiverem corretas.
- e) Se somente as afirmativas III e IV estiverem corretas.

As afirmativas I e IV estão corretas. A afirmativa II está incorreta porque o nacional-socialismo alemão baseava-se no nacionalismo e na economia forte com protecionismo, sem livre-comércio. A afirmativa III está equivocada porque, apesar de haver eleições em 1932, o avanço do nazifascismo em anos posteriores colocou-se contra a democracia e as liberdades políticas e de expressão.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Analisar a ação dos Estados nacionais no que se refere à dinâmica dos fluxos populacionais e no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social.

2. UFU-MG (adaptado) – O depoimento a seguir, escrito por uma pesquisadora polonesa em 1985, relembra momentos de sua adolescência entre judeus em Varsóvia. Trecho 1: anos finais da década de 1930; trecho 2: meados da década de 1940.

Trecho 1

“Àquela época, era difícil para qualquer um ingressar na escola de medicina da Universidade de Varsóvia – para uma moça ou um rapaz judeu, era quase impossível. Embora as universidades polonesas não tivessem chegado a adotar a exclusão total, havia não obstante uma clara restrição extraoficial ao número de judeus admitidos como alunos, em especial nos cursos que preparavam profissionais liberais, como o de medicina.”

Trecho 2

“Os guardas obrigam mais e mais pessoas a entrarem, até que fica difícil respirar. Crianças gritam, homens praguejam e blasfemam, uma pessoa fica histérica.

–Vamos botar essas três judias pra fora! – exclama de repente uma mulher. – Estaremos bem melhor sem elas.

Uma forte reprimenda faz com que ela se cale.

– Mais uma palavra – um homem mutilado diz asperamente – e quem vai ser jogada para fora é você.”

BAUMAN, Janina. *Inverno na manhã: uma jovem no gueto de Varsóvia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 17 e 198.

Considerando a narrativa apresentada e o contexto a que se refere, assinale a alternativa correta:

- a) A perseguição nazista aos judeus não causou inicialmente muita estranheza, pois diferentes práticas antissemitas eram comuns no dia a dia em várias partes da Europa.
- b) O catolicismo e o anglicanismo eram muito difundidos na Polônia já naquela época. Fato este que justificava o forte preconceito contra outras religiões, até mesmo antes do surgimento do nazismo.
- c) O convívio entre praticantes de diferentes religiões é indesejável, sobretudo em regiões com culturas tradicionais ou em espaços muito habitados, devido ao risco de violências.
- d) Hostilidades, restrições e perseguições são sempre lembradas por escritores que viveram o holocausto, mas não se repetem atualmente devido à grande tolerância religiosa.
- e) Na Polônia, o antissemitismo e o holocausto foram conduzidos pelos próprios poloneses católicos.

Historicamente, é possível perceber que o preconceito contra judeus esteve presente em diversos países europeus, retratando o povo de maneira inferior. Nesse sentido, alguns aspectos do antissemitismo não foram combatidos inicialmente. A Polônia, que era composta majoritariamente por judeus, foi uma das regiões que mais sofreu com o genocídio do povo judeu. Hoje em dia, é possível notar intolerância religiosa em vários locais do mundo.

3. Ufscar-SP

“Esse mundo novo de extermínio em massa e aniquilação cultural patrocinados pelo Estado deu origem a um novo termo – genocídio, que surgiu em 1944 [...]”

Mark Mazower. *Continente sombrio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

O termo “genocídio” foi historicamente cunhado com o extermínio:

- a) dos anarquistas ucranianos durante a Revolução Bolchevique.
- b) dos judeus durante a vigência do nazismo.
- c) dos romenos no seu processo de independência.
- d) dos etíopes na invasão italiana.
- e) dos zulus durante o governo racista da África do Sul.

A morte sistemática da população judaica durante a Segunda Guerra Mundial pode ser considerada um genocídio.

4. UFT-TO – Considere os dois trechos abaixo:

“Em 11 de janeiro de 1948, um editorial do *Le Monde*, intitulado ‘Os sobreviventes dos campos de extermínio’, conseguiu aludir de modo tocante a ‘280 mil deportados, 25 mil sobreviventes’, mas sem mencionar uma única vez a palavra ‘judeu’.

[...]

Em 15 de março de 2005, no Museu do Holocausto, em Jerusalém, o primeiro-ministro francês Jean-Pierre Raffarin declarou solenemente: ‘A França foi, por vezes, cúmplice dessa infâmia. Ela contraiu uma dívida imprescindível que a mantém sob obrigação’.”

JUDT, Tony. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. (Adaptado)

A reavaliação do passado feita por Jean-Pierre Raffarin é perceptível ao contrapormos os dois trechos. Com base nessa reavaliação, é correto afirmar que existiu:

- a) a colaboração de cidadãos franceses com os alemães na captura e envio de judeus para os campos de concentração.
- b) a colaboração francesa com o exército alemão durante a invasão da Bélgica em 1939.
- c) um acordo militar secreto de não agressão entre o governo francês e a Itália fascista no começo de 1938, o que impediu que os exércitos franceses entrassem prontamente na guerra.
- d) apoio militar e logístico francês ao exército alemão durante a invasão da União Soviética em 1943.
- e) participação francesa no extermínio de judeus nos campos de concentração localizados na Espanha.

O Pacto de Não Agressão foi assinado entre Alemanha e União Soviética em 1939. Parte da França, após a conquista alemã, formou o Governo de Vichy, considerado um governo francês colaboracionista com o nazismo. Portanto, parte dos franceses colaborou para os planos de extermínio judaico.

5. IFPE-PE – Um dos aspectos mais bárbaros da Segunda Guerra Mundial foi o holocausto, que se constituiu:

- a) na migração forçada de alemães para países aliados.
- b) na execução em massa de judeus.
- c) na ascensão de Hitler ao poder.
- d) no lançamento das bombas atômicas no Japão.
- e) na censura aos meios de comunicação.

O termo "holocausto" é utilizado para designar o genocídio judaico durante a Segunda Guerra Mundial.

6. UEPG-PR (adaptado) – Um dos maiores conflitos da história da humanidade, a II Guerra Mundial, ocorrida entre 1939 e 1945, mudou a feição mundial na segunda metade do século XX. A respeito desse conflito, assinale a alternativa correta:

- a) A invasão da Polônia pela Alemanha nazista gerou uma reação imediata da França e da Inglaterra, que declararam guerra à Alemanha, dando início a I Guerra Mundial.
- b) O inesperado ataque japonês à base naval de Pearl Harbor, no Havaí, provocou o adiamento dos Estados Unidos na guerra.
- c) O norte da África, região estratégica durante a guerra, não foi cenário de grandes batalhas entre Aliados e nazistas.
- d) O lançamento da bomba atômica nas cidades de Hiroshima e Nagasaki fez com que o Japão continuasse a guerra em busca de retaliação.
- e) O holocausto comandado pelos nazistas foi uma estratégia para a solução do "problema judeu" e levou à morte cerca de seis milhões de pessoas nos diversos campos de concentração montados nas regiões controladas pelos alemães durante a guerra.

A alternativa E aborda corretamente os aspectos do holocausto. A questão refere-se aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, em que houve combates no norte da África, o ataque a Pearl Harbor foi decisivo para a participação dos Estados Unidos na guerra, e ainda, as bombas encerraram o conflito na região do Pacífico.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Uece-CE – O Comitê Olímpico Internacional (COI), em 1931, escolheu Berlim como sede da XI Olimpíada, que aconteceria no ano de 1936. A opinião mundial dividiu-se e muitos foram contra. O deputado comunista francês Florimond Bonte afirmou: "Ir a Berlim é aceitar tornar-se cúmplice dos carrascos". Nos Estados Unidos, as universidades de Long Island, Notre Dame e Nova York recusaram ceder seus atletas para a seleção. Na Europa, alguns grupos tentaram promover jogos alternativos para concorrer com os Jogos Olímpicos daquele ano. Na Alemanha, o Partido Nazista também se posicionou contra, entretanto, em 1933, Hitler, ao assumir o poder, mudou de opinião, visto que os jogos serviriam como:

- a) cilada para sequestrar atletas importantes que seriam usados como reféns na guerra.
- b) propaganda e oportunidade de mostrar para o mundo a suposta superioridade ariana.
- c) motivo para entender que se tratava de um infame festival promovido pelos judeus.
- d) oportunidade de encontrar políticos importantes do mundo nas delegações atléticas.

8. UFRGS-RS – Leia as afirmações abaixo, sobre as Leis de Nuremberg, conjunto de textos legais decretados pela ditadura nazista alemã em 1935:

- I. A Lei de Proteção do Sangue e Honra Alemães proibia o casamento entre judeus e "arianos".
- II. A Lei de Cidadania do Reich proibia a concessão de cidadania alemã aos judeus e a outros grupos considerados "não arianos", estabelecendo limitações à vida cívica e política desses indivíduos.

III. As Leis de Nuremberg representavam a sistematização legal da já existente e violenta perseguição aos judeus na Alemanha nazista.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas I e II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

9. UFRN-RN

"O filósofo alemão Theodor Adorno, refletindo sobre aspectos da sociedade ocidental do século XX, chegou à conclusão de que 'Pessoas que se enquadram cegamente em coletividades transformam-se em algo análogo à matéria bruta e omitem-se como seres autodeterminantes. Isso combina com a disposição de tratar os outros como massa amorfa [...] Aquilo que exemplificava apenas alguns monstros nazistas poderá ser observado hoje em grande número de pessoas, como delinquentes juvenis, chefes de quadrilhas e similares, que povoam o noticiário dos jornais, diariamente [...] As pessoas dessa índole equiparam-se de certa forma às coisas. Depois, caso o consigam, elas igualam os outros às coisas. A expressão 'acabar com eles', tão popular no mundo dos valentões, como no dos nazistas, revela muito bem essa ideia'."

COHN, Gabriel (Org.). *Theodor Adorno*. São Paulo: Ática, 1986. p. 40.

O acontecimento da história da Alemanha que, no século XX, serviu de base para as reflexões de Adorno no fragmento anterior foi:

- a) a ascensão política dos *junker* – grandes proprietários, conservadores, protestantes –, que tinham se beneficiado com a alta dos preços, após a Guerra Franco-Prussiana.
- b) a agressiva política externa do III Reich, reivindicando territórios da Polônia, que acabaria sendo invadida por Hitler.
- c) a política de manutenção da “pureza da raça” ariana, com a eliminação das raças ou elementos considerados inferiores, sobretudo os judeus.
- d) a tomada do poder pelo Partido Comunista Alemão, que pregava a revolução socialista como alternativa para sair da crise econômica decorrente do Tratado de Versalhes.

10. UCS-RS – Analise, quanto à sua veracidade (V) ou falsidade (F), as afirmativas abaixo sobre os resultados da Segunda Guerra Mundial (1939-1945):

- () Nela morreram cerca de 45 milhões de pessoas, a maioria constituída por civis. Contribuíram para isso os bombardeios indiscriminados às grandes cidades e os campos de extermínio nazistas, que dizimaram cerca de 6 milhões de pessoas, entre judeus, ciganos, comunistas e homossexuais. Com 26 milhões de mortos, a União Soviética foi o país mais sacrificado.
- () Terminada a guerra, o mundo foi dividido em dois blocos antagônicos: o bloco capitalista e o bloco socialista. O primeiro era liderado pelos Estados Unidos; o outro, pela União Soviética. Essa divisão bipolar marcou o início da Guerra Fria, período caracterizado pela corrida armamentista entre as duas superpotências, pelo terror nuclear e pela ação da espionagem.
- () O Canadá foi um dos países beneficiados economicamente com a guerra: produziu 16 mil aviões e 3 milhões de toneladas de navios para ajudar os ingleses. Em poucos anos, montou sua indústria de alumínio, passou a usar níquel e cromo em grande escala e dobrou a produção de aço. Os maiores benefícios econômicos, contudo, foram obtidos pelos Estados Unidos, cuja produção industrial dobrou nesse período.

Assinale a alternativa que preenche corretamente os parênteses, de cima para baixo:

- a) V, F, V c) F, V, F e) F, F, F
- b) V, V, V d) F, F, V

11. UCS-RS – A Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945) foi um conflito que opôs os Aliados, que se definiam como antifascistas, às potências do Eixo, simpatizantes do regime fascista.

Com relação à Segunda Guerra Mundial, assinale a alternativa incorreta:

- a) Os governantes das duas grandes potências do pós-guerra, Estados Unidos e União Soviética, assumiram posições favoráveis à descolonização e procuraram atrair as lideranças emancipacionistas afro-asiáticas.
- b) As bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, território japonês, levaram milhares de pessoas à morte e alertaram sobre o risco de destruição do planeta pelo uso de armas nucleares.
- c) A Doutrina Truman (1947) e o Plano Marshall (1948) possibilitaram a aproximação da URSS ao Ocidente, pois Stalin, em 1945, não mantinha relações amistosas com as potências ocidentais.
- d) O massacre cometido contra judeus e outras minorias foi julgado por um tribunal militar internacional, que

se reuniu em Nuremberg, entre 1945 e 1946, condenando inclusive à morte os principais líderes nazistas.

12. UPE-PE – Observe a gravura seguinte.



MUSEU MEMORIAL DO HOLOCAUSTO, ESTADOS UNIDOS/CORTESIA DE SEE PUBLISHED SOURCE

Leia atentamente o texto a seguir:

“Para alguns, o sobrenome Levy na lista telefônica ainda é numeroso demais. Paul Riche, no jornal *Au Piloni*, advoga a eliminação total dos judeus, sem ambiguidade: ‘Morte ao judeu! Morte à vilania, à duplicidade, à esperteza judaica! Morte ao argumento judaico! Morte à usura judaica! Morte à demagogia judaica! Morte a tudo que é falso, feio, sujo, repugnante, negroide, mestiço, judeu! Este é o último recurso dos homens brancos perseguidos, roubados, pilhados, assassinados pelos semitas e que ainda encontram forças para se libertarem dessa abominável opressão.

...Morte! Morte ao judeu! Sim. Repetimos. Repetimos! Morte! M.O.R.T.E. AO JUDEU! Aqui! O judeu não é um homem. É uma besta malcheirosa. As pessoas se livram dos piolhos. Combatem as epidemias. Lutam contra as invasões microbianas. Defendem-se contra o mal, contra a morte – portanto, contra os judeus’.”

Jornal *Au Piloni*, 14 de março de 1941. In: FERRO, Marc. *História da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Ática, 1997. p. 144.

“Judeus não são bem-vindos aqui!” diz, em tradução livre, a ilustração antisemita que se encontra em um livro infantil publicado na Alemanha, em 1936. A matéria de jornal citada, publicada em Paris, em 1941, reproduz o mesmo discurso nazista da imagem. Os danos causados pelos poderes que se tornam fora de controle e fora de equilíbrio racional e emocional geram sementes que se espalham e se difundem, podendo até criar “monstros”, como o do caso do atentado na Bélgica, que matou 76 inocentes, em julho próximo passado.

Essa ideia, presente no cartaz e no texto, permanece, embora em outra dimensão, contribuindo para a violência global.

Analise as sentenças a seguir, que tratam sobre esta afirmação:

- I. Expressões ideológicas seculares foram substituídas por formulações ideológicas democráticas e humanistas, embora violentas.
- II. O presidente Bush, dando continuidade à política de Reagan, alimentou um “dualismo cósmico” entre as nações do bem, lideradas pelos Estados Unidos, e as forças do mal, referindo-se aos regimes islâmicos do Oriente Médio.
- III. Ressentimentos gerados globalmente flutuam no espaço global tão facilmente quanto as finanças ou a última moda de música e roupa.

IV. O encontro entre mensagens e ouvintes é dificultado em um planeta transformado em um mosaico de diáspora étnica e religiosa.

V. Num círculo vicioso de ódio e preconceito, os “mentores” persuadem o imaginário coletivo do Ocidente, transferindo o preconceito alimentado contra os judeus para os islâmicos e os árabes.

Estão corretas:

- a) I, II e III.
- b) I, III e V.
- c) II, III e V.
- d) II, IV e V.
- e) III, IV e V.

13. Mackenzie-SP

“[...] todo cruzamento de dois seres de valor desigual dá como produto um meio-termo entre os valores dos pais [...] Tal ajuntamento está em contradição com a vontade da natureza, que tende a elevar o nível dos seres. Este objetivo não pode ser atingido pela união de indivíduos de valores diferentes, mas só pela vitória completa e definitiva dos que representam o mais alto valor. O papel do mais forte é o de dominar e não o de se fundir com o mais fraco, sacrificando assim sua própria grandeza.”

Adolf Hitler.

No livro *Mein kampf*, Hitler expressava que:

- a) a necessidade de preservação da raça pura justificava o domínio e a eliminação das demais raças e a expansão da Alemanha.
- b) o racismo e o autoritarismo serviriam para defender a elevação da raça pura eslava e o extermínio dos judeus.
- c) o movimento nacional-socialista desaprovava o antissemitismo e o aperfeiçoamento genético por meio da eugenia.
- d) os alemães eram superiores e a raça ariana inferior, justificando, desse modo, o espaço vital.
- e) o mito da superioridade da raça ariana servia para que os nazistas estimulassem o internacionalismo e o liberalismo.

14. Udesc-SC – Analise as proposições sobre a II Guerra Mundial (1939-1945) e assinale (V) para verdadeira e (F) para falsa.

- () A II Guerra Mundial foi marcada por atrocidades de ambos os lados, como, por exemplo, os campos de concentração, o extermínio nazista e o lançamento das bombas atômicas contra as cidades de Hiroshima e Nagasaki pelos EUA.
- () O Brasil, que durante o período da guerra era governado pelo presidente Getúlio Vargas, apoiou os países do Eixo. Entre os motivos que levaram o Brasil a enviar tropas para lutar nesta guerra foram os ataques de submarinos alemães a navios brasileiros e a defesa da democracia e da liberdade.
- () A guerra iniciou em 1939, quando as tropas alemãs invadiram a Polônia. Nos primeiros anos, o Eixo (Alemanha, Itália e Japão) obteve várias vitórias contra os Aliados. Os rumos da guerra começam a modificar no ano de 1941, quando o governo de Adolf Hitler decidiu invadir a União Soviética e os EUA declaram guerra aos países do Eixo após o ataque japonês a Pearl Harbor.
- () Um dos fatores que levou à guerra foi o apoio da população alemã às ideias de Adolf Hitler, difundidas

no livro *Mein kampf* (Minha luta), conhecidas como nazistas e que pregavam a superioridade da raça germânica em relação a outros grupos, como os judeus, comunistas e ciganos.

Assinale a alternativa que contém a sequência correta, de cima para baixo:

- a) F – F – V – V
- b) V – V – F – V
- c) V – F – V – V
- d) V – F – V – F
- e) V – V – V – V

15. Fuvest-SP – Observe a foto abaixo, tirada no Gueto de Varsóvia, em 1943, durante a ocupação nazista da Polônia.



Mendel Grossman. *With a Camera in the Ghetto*. Tel-Aviv: Hakibbutz Hameuchad, 1972. p. 47.

- a) Por que o menino porta uma estrela nas costas e o que essa estrela representava nas zonas de domínio nazista?

- b) Explique a dinâmica de funcionamento do Gueto de Varsóvia e o que ele representou na dominação nazista da Polônia.

16. Unesp-SP

"Sem a possibilidade que lhe foi dada de empregar homens de nível inferior, o ariano nunca teria podido dar os primeiros passos na estrada que devia conduzi-lo à civilização; da mesma maneira que, sem a ajuda de certos animais que possuíam as qualidades necessárias, as quais soube domesticar, ele nunca se teria tornado senhor de uma técnica que lhe permite atualmente prescindir, pouco a pouco, da ajuda desses animais. O provérbio 'o mouro fez o que devia fazer, o mouro pode ir-se embora' tem, infelizmente, um significado por demais profundo."

A. Hitler. *Mein Kampf* (Minha luta).

Esse texto, escrito por Adolf Hitler, explica parte de suas teorias racistas que eram também a base do regime nazista.

- a) Quais as principais ideias da ideologia racista de Hitler e dos nazistas?

- b) Como se pode relacionar o racismo nazista com a "teoria do espaço vital", ou seja, com o projeto de ampliação territorial e política?

17. UFPA-PA

"Os judeus tinham que usar uma estrela amarela, [...] tinham que entregar as bicicletas, [...] não podiam andar de bonde, [...] ficavam proibidos de dirigir automóveis. [...] só podiam fazer compras das três às cinco horas e só em casas que tivessem placa dizendo 'casa israelita'. Os judeus deviam recolher-se às suas casas às oito da noite [...]. Ficavam proibidos de ir a teatros, cinemas e outros lugares de diversão."

FRANK, Anne. *Diário de uma jovem*. 3. ed. São Paulo: Mérito, 1958. p. 14.

Esse trecho, que foi retirado do diário de uma adolescente judia prisioneira num campo de concentração, na Alemanha, onde morreu em 1945, revela:

- a) poucas e distorcidas informações para se compreender o que foi a 2ª Guerra Mundial.
 b) detalhes das perseguições sofridas pelos judeus na Alemanha, durante a 1ª Guerra Mundial.
 c) ideias falsas, pois os alemães não podiam abrir mão do dinheiro que os judeus gastavam em locais como cinemas e teatros.
 d) aspectos importantes para nossa compreensão acerca das perseguições sofridas pelos judeus, desde a 2ª Guerra Mundial até os anos de 1960, com o fim do *apartheid*.
 e) a importância desse diário como documento histórico que registrou, para a posteridade, a perseguição sofrida pelos judeus durante a 2ª Guerra Mundial.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C3-H12

"Após a Declaração Universal dos Direitos Humanos pela ONU, em 1948, a Unesco publicou estudos de cientistas de todo o mundo que desqualificaram as doutrinas racistas e demonstraram a unidade do gênero humano. Desde então, a maioria dos próprios cientistas europeus passou a reconhecer o caráter discriminatório da pretensa superioridade racial do homem branco e a condenar as aberrações cometidas em seu nome."

SILVEIRA, R. Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro-Ásia*, n. 23, 1999. (Adaptado)

A posição assumida pela Unesco, a partir de 1948, foi motivada por acontecimentos então recentes, dentre os quais se destacava o(a):

- a) ataque feito pelos japoneses à base militar americana de Pearl Harbor.
 b) desencadeamento da Guerra Fria e de novas rivalidades entre nações.
 c) morte de milhões de soldados nos combates da Segunda Guerra Mundial.
 d) execução de judeus e eslavos presos em guetos e campos de concentração nazistas.

- e) lançamento de bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki pelas forças norte-americanas.

19. UEL-PR

C3-H11

"Durante a II Guerra Mundial, o número de pessoas exterminadas por motivos raciais nos campos de concentração nazistas eleva-se a milhões. Sobre esse tema, Eric Hobsbawm, no livro *Era dos extremos*, fez o seguinte questionamento:

Seria menor o horror do holocausto se os historiadores concluíssem que exterminou não 6 milhões [...], mas 5 ou mesmo 4 milhões?"

HOBBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 50.

Em relação à política eugenista praticada pelos nazistas, considere as afirmativas a seguir:

- I. A política de seleção racial atingiu os prisioneiros russos que foram enviados aos campos de concentração e guetos.
 II. Judeus que apresentavam características físicas arianas foram poupados dos campos de concentração.

III. O isolamento nos guetos somou-se aos campos de concentração como formas de extermínio da população não ariana.

IV. Populações ciganas que viviam nos territórios ocupados pelos alemães foram enviadas aos campos de concentração.

Assinale a alternativa correta:

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

20. Fatec-SP

C1-H1

“Até setembro de 1944, não existiam crianças em Auschwitz: eram todas mortas a gás na chegada. Depois dessa data, começaram a chegar famílias inteiras de poloneses: todos eles foram tatuados, inclusive os recém-nascidos.”

Primo Levi. *Os afogados e os sobreviventes*.

O texto acima refere-se:

- a) ao chamado holocausto do povo palestino.
- b) ao chamado holocausto do povo judeu.
- c) à Primeira Guerra Mundial e à política de Anschluss.
- d) à Segunda Guerra Mundial e à política de Anschluss.
- e) ao terror retratado pelo palestino Levi ao ver seu povo sendo dominado pelos ingleses.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

GUERRA FRIA

A CAMINHO DE UMA NOVA ORDEM MUNDIAL

Com o término da Segunda Guerra Mundial, a política mundial ganhou um novo traçado. Dois países assumiram posição de supremacia e dividiram o restante do mundo em áreas de influência política e ideológica. Os Estados Unidos encabeçaram o bloco capitalista, e a União Soviética, o bloco socialista.

Não havia choque direto entre Estados Unidos e URSS, mas as duas superpotências fomentavam campanhas na periferia do globo para ampliar seus domínios políticos e econômicos. O mundo convivia com a sombra de uma guerra entre Estados Unidos e URSS que poria em risco a existência de vida, considerando a tecnologia nuclear desenvolvida pelos Estados Unidos no fim da Segunda Guerra e, depois, pela União Soviética. Outro embate se descortinava por meio do enfrentamento ideológico conhecido como Guerra Fria, que pontuou a História entre 1947 e 1990.

GRANGER HISTORICAL PICTURE ARCHIVE/ALAMY STOCK PHOTO



Charge de D. R. Fitzpatrick de 1948 representando o bloqueio soviético sobre Berlim Ocidental. Entre 1948 e 1949, a União Soviética interrompeu o acesso das potências ocidentais à cidade. O objetivo do bloqueio era forçar as potências a deixar suas zonas de influência, garantindo o controle soviético sobre Berlim. Como resposta, a Força Aérea dos Estados Unidos e a Força Aérea Real britânica levavam suprimentos a Berlim por meio de aviões. O bloqueio gerou enorme tensão entre os blocos. Posteriormente, houve a separação da Alemanha em dois estados: a República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) e a República Democrática Alemã (Alemanha Oriental). A cidade de Berlim também ficou dividida entre as potências, com os nomes Berlim Ocidental e Berlim Oriental.

ESTADOS UNIDOS NO PÓS-GUERRA

A Europa destruída deixou de ser o centro das decisões. Os Estados Unidos, apesar dos prejuízos materiais e humanos, beneficiaram-se economicamente com a Segunda Guerra Mundial. Como na Primeira Guerra, seu território passou incólume pelo conflito, com exceção do ataque japonês a Pearl Harbor, e suas indústrias produziam como nunca, abastecendo os Aliados e gerando créditos enormes. Toda a prosperidade econômica revertia-se para o padrão de vida baseado no consumo, na busca do bem-estar, inclusive com o uso do automóvel. Como no entreguerras, ganhou força o *american way of life*.

- A caminho de uma Nova Ordem Mundial
- Estados Unidos no pós-guerra
- Guerra Fria na Europa
- Alianças e áreas de proteção
- Fora da Europa
- Queda do Muro de Berlim

HABILIDADES

- Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

Before you buy any appliance, see why is America's fastest growing line of

Sold by the Largest Group of Associated Appliance

Propaganda de revista da década de 1950. O anúncio apresenta os eletrodomésticos, mostrando a tecnologia empregada e como eles devem ser utilizados pelos estadunidenses.

Apesar de enfrentar problemas no pós-guerra, como inflação e mobilizações operárias organizadas pelos poderosos sindicatos em busca de ganhos salariais, o governo americano rapidamente contornou a situação aprovando uma legislação trabalhista que coibia as greves e retirava parte do poder dos sindicatos. Em 1952, conforme proposta do senador Joseph McCarthy, criou-se um comitê encarregado de investigar atividades antiamericanas. O macarthismo, como ficou conhecido, reprimiu a classe trabalhadora, associando suas reivindicações ao comunismo, e perseguiu intelectuais suspeitos de criticar o modelo americano.

Instalou-se o medo do comunismo, verdadeira paranoia na sociedade americana. Houve suspensão de uma série de direitos civis garantidos constitucionalmente para neutralizar inimigos do governo. Durante dois anos, o comitê do senador McCarthy perseguiu funcionários do Estado, ativistas políticos, cientistas e líderes sindicais.

Enquanto os norte-americanos inauguravam redes de supermercados, autoestradas, lojas de departamentos e lanchonetes *fast-foods*, a Europa reerguia-se da destruição provocada pela guerra. Em termos políticos, intensificaram-se os projetos elaborados pelas resistências (milícias civis que lutaram contra os nazistas em cada país), transformadas em partidos políticos divididos em três correntes principais: socialismo, comunismo e democracia cristã.

GUERRA FRIA NA EUROPA

O confronto entre as duas superpotências resultou na divisão da Europa em Ocidental (capitalista) e Oriental (socialista). A separação geográfica não expressava claramente toda a tensão no território. De acordo com o historiador Nicolau Sevckenko:

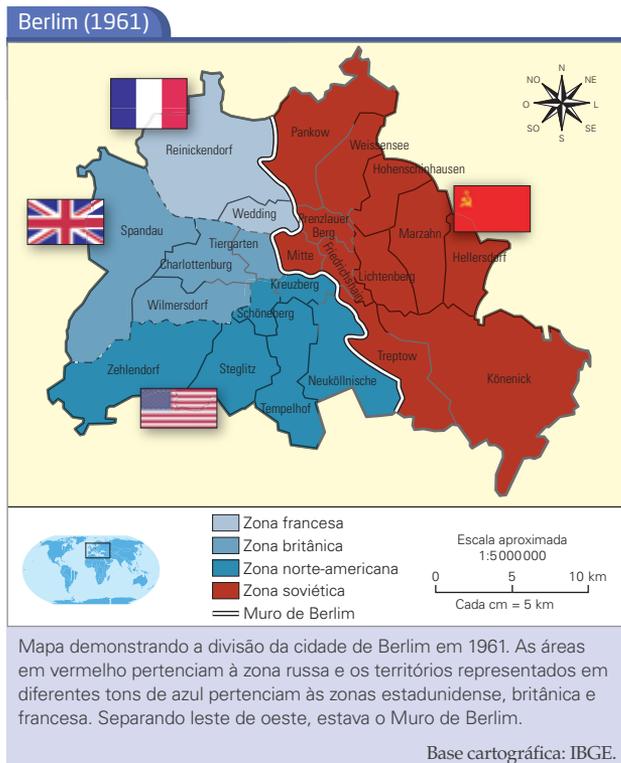
Após 1945, a instauração da Guerra Fria reformularia o jogo político em termos, literalmente, de um duelo de propaganda. O núcleo das potências capitalistas de um lado e, de outro, o bloco soviético, separados simbolicamente pelo Muro de Berlim, manteriam seu enfrentamento por meio do controle das comunicações, da política cultural e dos sistemas educacionais, na medida em que o advento das armas atômicas tornava o conflito direto inviável. Macarthismo e stalinismo se representavam como os únicos dialetos em que podia ser articulado qualquer discurso público ou prática cultural. Nas periferias do mundo, o confronto se desdobrava em violência desenfreada, por meio de ditaduras brutais e guerras genocidas em que eram testados os últimos prodígios da corrida armamentista, incluindo armas químicas, biológicas e mísseis teleguiados de grande impacto destrutivo. Os massacres diários nas periferias se traduziam em duelos estatísticos na linguagem publicitária da Guerra Fria.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 85.

Terminada a Segunda Guerra Mundial, a divisão da Alemanha em quatro zonas de influência (britânica, francesa, norte-americana e soviética) transformou-se em uma disputa entre a União Soviética e os Estados Unidos e resultou, em 1949, no estabelecimento da República Federal Alemã (capitalista) e da República Democrática Alemã (socialista). Berlim, capital situada na parte oriental, foi dividida da mesma forma, ficando uma área capitalista encravada na Alemanha socialista. As pessoas que tentavam escapar logo foram impedidas com a decisão do Partido Comunista de construir um muro isolando Berlim Oriental.



Fotografia de 1961 mostrando a construção do Muro de Berlim, que separava os blocos capitalista e soviético. Tornou-se um símbolo da polarização ideológica da segunda metade do século XX.



A ameaça de guerra entre os dois lados contribuiu para a organização de sistemas de defesa conjunta entre os países de cada bloco político-ideológico. Assim, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) tornou-se a organização militar do mundo capitalista, com base em vários países europeus que apontavam mísseis para o lado socialista. Do outro lado, instituiu-se o Pacto de Varsóvia, com a mesma finalidade da Otan, apontando mísseis para o lado capitalista da Europa. O historiador Paul Kennedy observa, a respeito da confrontação militar:

Nessas circunstâncias, até mesmo os senadores isolacionistas puderam ser convencidos a apoiar propostas para a criação do que seria a Organização do Tratado do Atlântico Norte, a Otan, com a participação plena dos Estados Unidos – sendo, na verdade, o seu principal propósito estratégico o fortalecimento de ajuda americana aos Estados europeus na hipótese de uma agressão russa. Em seus primeiros anos, a Otan refletiu mais as preocupações políticas do que cálculos militares exatos, simbolizando, como simbolizava, a histórica transformação das tradições diplomáticas americanas, ao substituir a Grã-Bretanha como a principal potência ocidental “marginal”, dedicada à manutenção do equilíbrio europeu [...]

A aliança da Otan fez militarmente o que o Plano Marshall tinha feito economicamente: aprofundou a divisão da Europa em dois campos, ocorrida em 1945, tendo fora deles apenas os países tradicionalmente neutros (Suíça e Suécia), a Espanha de Franco e certos casos especiais (Finlândia, Áustria e Iugoslávia). Ela teria como resposta, no devido tempo, o Pacto de Varsóvia, dominado pelos soviéticos.

KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*. Rio de Janeiro: Campus, 1991. p. 361-362.

ALIANÇAS E ÁREAS DE PROTEÇÃO

Dessa forma, os países europeus foram governados entre 1945 e 1947 por coligações de centro-esquerda, que defenderam a estatização gradual de bancos, indústrias e terras, procurando conciliar liberdade e igualdade com justiça social. Os comunistas pregavam a passagem imediata para a estrutura socialista e a ditadura do proletariado segundo moldes soviéticos, obtendo ampla votação tanto no Leste Europeu como em países como França e Itália, onde também era influente a democracia cristã, adepta de um modelo de sociedade capitalista que possibilitava a justiça social conforme valores cristãos. Como essas forças não conseguiram formar maiorias parlamentares, estabeleceram-se governos tripartites representando uma composição, união que alterou profundamente as instituições políticas, econômicas e sociais na Europa. No plano político, surgiram Constituições mais democráticas: na França, adotou-se o voto feminino; na Itália, aboliu-se a monarquia mediante plebiscito; e, no Japão, implantou-se uma Constituição liberal, embora a monarquia permaneça até hoje.

As coligações europeias duraram pouco, pois, a partir de 1947, o antagonismo entre os blocos capitalista e socialista reapareceu e ganhou força. Em termos econômicos, nacionalizaram-se os setores financeiros e industriais; estatizaram-se setores de base, fontes de energia e minas de carvão. França e Inglaterra também nacionalizaram gás, eletricidade, transporte e bancos. No plano social, o movimento sindical teve impulso, com os trabalhadores unidos em Centrais Gerais do Trabalho (CGTs) ou articulados em confederações, obtendo conquistas salariais e sociais.

Em março de 1947, a política europeia tomou novos rumos quando os Estados Unidos, sob o comando do presidente Harry Truman, substituíram a Inglaterra no processo de repressão à guerrilha comunista dos partisans na Grécia e na Turquia, contrariando as disposições da Conferência de Yalta, que estabelecia áreas de influência exclusiva para os países vencedores da guerra. O historiador Norman Lowe aponta de forma inequívoca a origem da Doutrina Truman:

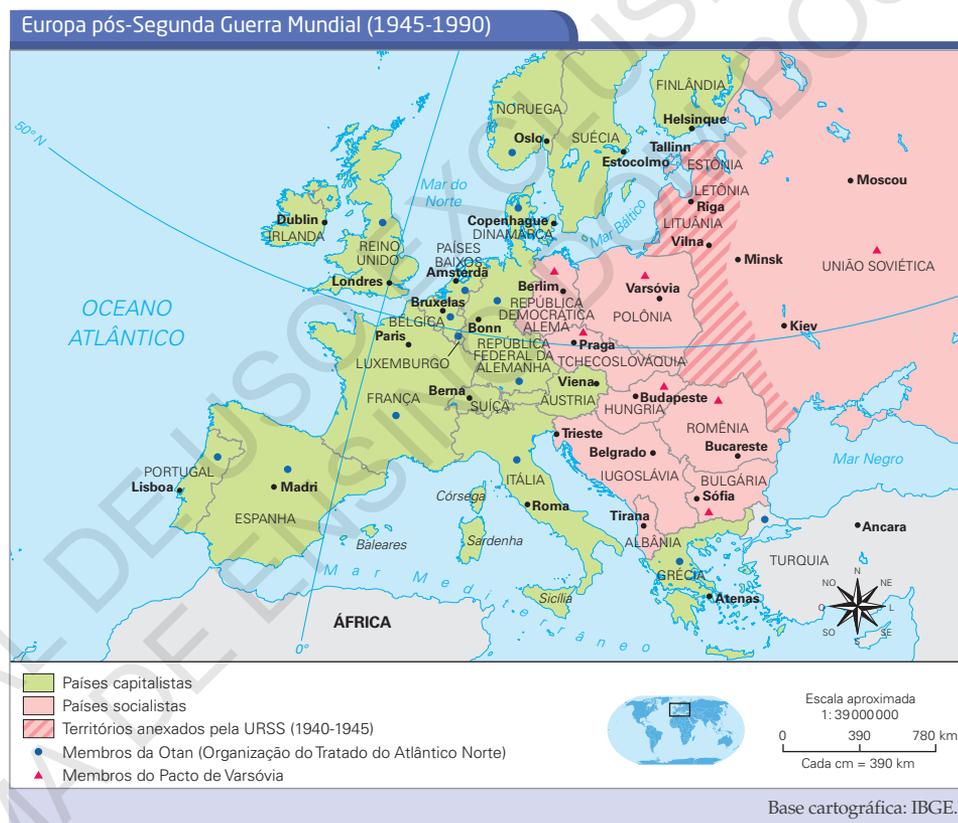
Esta doutrina surgiu a partir dos eventos na Grécia, onde os comunistas estavam tentando derrubar a monarquia. Tropas britânicas, que ajudaram a libertar a Grécia dos alemães em 1944, haviam restaurado a monarquia, mas agora estavam sentindo o peso de apoiá-la contra os comunistas que recebiam ajuda da Albânia, da Bulgária e da Iugoslávia. Ernest Bevin, o ministro das relações exteriores da Grã-Bretanha, apelou aos Estados Unidos e Truman anunciou (março de 1947) que o país apoiaria povos livres que estivessem resistindo a ser subjugados por minorias armadas ou por pressões externas. A Grécia imediatamente recebeu enormes quantidades de armas e outros suprimentos e, em 1949, os comunistas foram derrotados [...]

A Doutrina Truman deixava claro que os Estados Unidos não tinham a intenção de voltar ao isolamento em que haviam estado após a Primeira Guerra Mundial, e sim estavam comprometidos com “uma política de contenção do comunismo” não apenas na Europa, mas também no mundo todo, incluindo a Coreia e o Vietnã.

LOWE, Norman. *História do mundo contemporâneo*. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 145.

A intervenção norte-americana no caso grego marcou o início da Doutrina Truman, segundo a qual a política externa dos Estados Unidos usaria todos os meios e recursos para conter o comunismo e a influência soviética em outros países, rompendo a relativa cordialidade com a URSS. Os historiadores consideram a Doutrina Truman o início da Guerra Fria.

O governo norte-americano procurou investir nos países da Europa Ocidental, estimulando a reconstrução das economias abaladas pela guerra como forma de impedir a difusão da ideologia comunista. Nessa linha de atuação, criou-se o Plano Marshall para atender às necessidades de desenvolvimento econômico da Europa Ocidental, entre outras.



O Plano Marshall consistia em um pacote de ajuda econômica de 13 bilhões de dólares aos países europeus cujos regimes políticos tinham a aprovação dos Estados Unidos. Afastaram-se todos os ministros europeus ligados aos partidos comunistas e houve desmobilização do movimento sindical.

A URSS não tardou a reagir, criando, em 1949, o Comecon, versão socialista do Plano Marshall, objetivando a autossuficiência em relação ao bloco capitalista. O Kominform formou-se como organismo encarregado de unificar os principais partidos comunistas europeus, o que afastou os países sob sua influência da supremacia norte-americana, gerando o bloco da Cortina de Ferro.

Em 1954 e 1955, novos pactos militares ocidentais, como Anzus (Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos), Otase ou Seato (países do Sudeste Asiático, como Filipinas e Tailândia, além de Austrália e Nova Zelândia), Cento (Irã, Iraque, Paquistão e Turquia) formaram um cinturão no bloco soviético, materializado por dezenas de bases ocupadas pela aviação dos Estados Unidos. Em resposta, a URSS incentivou

a criação, em 1955, do Pacto de Varsóvia, organismo militar de defesa socialista reunindo a maioria dos países do Leste Europeu.

Na Europa, também surgiram organismos econômicos supranacionais:

- 1948: Organização Europeia para a Cooperação Econômica, encarregada de administrar o Plano Marshall e o Benelux, área de livre-comércio entre Bélgica, Holanda e Luxemburgo;
- 1951: Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (Ceca);
- 1957: ampliação do Benelux pelo Tratado de Roma, com adesão de França, Itália e Alemanha, dando origem à Comunidade Econômica Europeia (CEE) ou Mercado Comum Europeu (MCE), com o apoio dos Estados Unidos.

O entrelaçamento das economias europeias visava eliminar as rivalidades tradicionais e fortalecer o bloco ocidental, sob a liderança dos Estados Unidos. A economia europeia cresceu com adesões sucessivas de outros países, até a assinatura do Tratado de Maastricht (1992), criando a União Europeia (UE), caracterizada por mercado único, sem taxas alfandegárias, moeda única (euro) e políticas comuns para a agricultura, o comércio e os transportes, entre outras áreas. O Comecon e o Pacto de Varsóvia extinguíram-se em 1991, com a democratização da URSS em meados da década de 1980.

FORA DA EUROPA

Durante a Guerra Fria, o mundo possuía uma estrutura bipolar, contrapondo os países capitalistas (Primeiro Mundo) aos socialistas (Segundo Mundo). O Terceiro Mundo, que reunia países da América Latina, da África e da Ásia, conquistou alguma expressão política apenas com a Conferência de Bandung (1955).

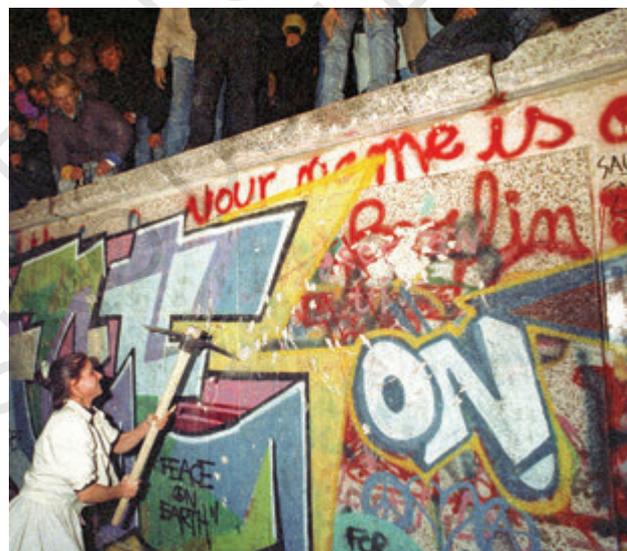
Em 1947, os países das Américas assinaram o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (Tiar), prevendo a defesa mútua contra qualquer agressão estrangeira. Nos países latino-americanos, só aumentaria nos anos seguintes a influência dos Estados Unidos, que apoiaram e financiaram, a partir dos anos 1960, uma série de golpes militares, impondo ditaduras radicalmente anticomunistas, como o regime militar que dominou a política no Brasil até a década de 1980.

A URSS mantinha forte controle político-militar na Europa Oriental visando preservar suas posições. Em 1953, Stalin, que sistematicamente eliminou oposições à União Soviética, faleceu, provocando uma revisão do socialismo aplicado. No congresso do Partido Comunista de 1956, Nikita Krushchev realizou um importante discurso, denunciando Stalin por cometer atrocidades e impedir a existência de um socialismo democrático. Esse revisionismo soviético repercutiu no mundo socialista. A China de Mao Tsé-tung rompeu relações com a URSS, pois a política maoísta era, em grande medida, uma reprodução dos métodos stalinistas no território chinês. Dirigentes de países

da Europa Oriental entenderam que a ordem era fazer uma abertura política. Movimentações nesse sentido na Hungria (1956) e na Tchecoslováquia (1968) atraíram a intervenção armada da União Soviética, cujos dirigentes temiam que a abertura significasse perda de controle no bloco socialista.

QUEDA DO MURO DE BERLIM

Na década de 1980, funcionou como catalisador para o fim da Guerra Fria uma grave crise econômica no bloco socialista, envolvendo falta de produtos e de concorrência e baixos salários. A queda do Muro de Berlim, em 1989, foi o ato simbólico que decretou o encerramento de décadas de disputas econômicas, ideológicas e militares entre o bloco capitalista, comandado pelos Estados Unidos; e o socialista, dirigido pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Na sequência, ocorreu a reunificação das Alemanhas Ocidental e Oriental.



Queda do Muro de Berlim, em 1989. Cidadãos de ambos os lados do muro que dividia a cidade participaram de sua derrubada, levando consigo fragmentos do antigo marco de separação.

Com a queda do Muro de Berlim, foi necessário reordenar a política e a economia mundial nos moldes de uma nova década, pelo menos no que se pretendia, diferente das anteriores. A situação de Berlim mostrou como estava realmente a estrutura soviética. Depois de uma série de políticas de abertura, o governo, centrado em Moscou, começara a perder influência sobre territórios aliados. Muitos viram nessas políticas a brecha para iniciar um processo de ruptura com o sistema, considerado dominador e autoritário.

A URSS agrupava diversas populações, que muitas vezes já haviam disputado territórios e possuíam desavenças históricas. Pelo formato adotado, essas populações acabaram unidas, muitas vezes contra suas vontades e tradições, transformando alguns locais em uma espécie de "barril de pólvora", pois a qualquer momento poderia haver conflito entre elas.

A década de 1990 foi marcada pela separação de territórios, como Tchecoslováquia (desmembrada em 1992 nos países chamados atualmente República Checa e Eslováquia) e Iugoslávia (desmembrada por meio de guerras civis em Sérvia, Montenegro, Croácia, Eslovênia, Bósnia-Herzegovina e Macedônia). Ainda existem conflitos étnicos, religiosos e territoriais não resolvidos entre algumas dessas populações.

A queda do Muro de Berlim, porém, trouxe outras questões além das políticas, econômicas e territoriais: as ideológicas. Para diversos pensadores e militantes, principalmente os que atuaram entre o

fim de 1980 e o início de 1990, o fim do bloco socialista significava a derrota do pensamento socialista. Embora análises exageradas tenham sido feitas no período, a queda do muro trouxe uma nova organização mundial, que deixou de lado a bipolaridade e fortificou o sistema neoliberal, desenvolvido ainda nas décadas de 1970 e 1980 por políticos estadunidenses e ingleses.

As ideologias de esquerda perderam o referencial prático de modelo social, mas isso não significou seu fim. Muitos teóricos readequaram suas leituras para a organização política e econômica que se desenvolveu a partir da década de 1990.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

GUERRA FRIA

Bipolarização

Duas potências dividindo sua influência no mundo e rivalizando em uma guerra não declarada.

Características

Lutas ideológicas, intervencionismos, guerras localizadas e corrida armamentista.

Início

Guerra Fria iniciada com a Doutrina Truman.

Blocos

Dois blocos políticos: capitalista (EUA) e socialista (URSS).

Desdobramentos imediatos

Divisão da Alemanha em quatro zonas de influência. Criação da ONU: Conferência de São Francisco. Criação da Otan, sob a liderança dos EUA. Criação do Pacto de Varsóvia, sob a liderança da URSS. Plano Marshall (EUA): reconstrução da Europa e combate ao avanço soviético. Desenvolvimento industrial. Divisão da Alemanha (Oriental e Ocidental) em 1949. Guerra da Coreia (1950-1953).

Pontos de tensão

Stalinismo (URSS) x macarthismo (EUA). Otan x Pacto de Varsóvia. Crise dos Mísseis: Cuba (outubro de 1962).

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Enem

C2-H7

“O massacre da Floresta de Katyn foi notificado pela primeira vez pelos alemães em abril de 1943. Numa colina na Rússia, soldados nazistas encontraram aproximadamente doze mil cadáveres. Empilhando em valas estava um terço da oficialidade do exército polonês, entre os quais, vários engenheiros, técnicos e cientistas. Os nazistas aproveitaram-se ao máximo do episódio em sua propaganda antissoviética. Em menos de dois anos, porém, a Alemanha foi derrotada e a Polônia caiu na órbita da União Soviética – a qual reescreveu a história, atribuindo o massacre de Katyn aos nazistas. A Polônia inteira sabia tratar-se de uma mentira; mas quem o dissesse enfrentaria tortura, exílio ou morte.”

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br>>. Acesso em: maio 2009. (Adaptado)

Como o massacre de Katyn e a farsa montada em torno desse episódio se relacionam com a construção da chamada Cortina de Ferro?

- A aniquilação foi planejada pelas elites dirigentes polonesas como parte do processo de integração de seu país ao bloco soviético.
- A construção de uma outra memória sobre o massacre de Katyn teve o sentido de tornar menos odiosa e ilegítima, aos poloneses, a subordinação de seu país ao regime stalinista.
- O exército polonês havia aderido ao regime nazista, o que levou Stalin a encará-lo como um possível foco de restauração do Reich após a derrota alemã.
- A Polônia era a última fronteira capitalista do Leste Europeu e a dominação desse país garantiria acesso ao Mar Adriático.
- A aniquilação do exército polonês e a expropriação da burguesia daquele país eram parte da estratégia de revolução permanente e mundial defendida por Stalin.

A construção de uma nova memória sobre o acontecimento estaria ligada a uma tentativa de amenizar o fato de que a Polônia, em um novo momento político, estaria relacionada aos antigos responsáveis pelo massacre da Floresta de Katyn.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

2. Uerj-RJ

“Se há apenas cinco ou dez anos dissessem a alguém em Cuba que um presidente norte-americano visitaria a Ilha, a resposta seria um sorriso irônico; mas se fosse mencionada a possibilidade de ver os Rolling Stones tocando em Havana, a reação teria sido uma gargalhada – ou um grito, se a pessoa assim informada tivesse seus 60 ou 70 anos de vida. Porque aqueles que fomos jovens em Cuba na década de 1960 dificilmente esqueceremos as críticas políticas quando confessávamos ouvir os Beatles ou os Stones. Quem poderia ter previsto? Definitivamente, os tempos estão mudando.”

Leonardo Padura. *Folha de S. Paulo*, 12/3/2016. (Adaptado)

As considerações do escritor sobre a sociedade cubana indicam que, na década de 1960 e no momento atual, as diferenças entre as condições de vida são contextualizadas, respectivamente, pelos seguintes aspectos das relações internacionais:

- Expansão mundial de regimes totalitários – supremacia das concepções neoliberais.

b) Crescimento da influência global soviética – afirmação da hegemonia norte-americana.

c) Bipolaridade entre capitalismo e socialismo – multipolaridade da ordem econômica.

d) Política externa independente na América Latina – integração das nações subdesenvolvidas.

Em um primeiro momento, o autor trata da bipolaridade existente durante a Guerra Fria, que antagonizava os Estados Unidos (capitalista) e a URSS (socialista). Atualmente, vê-se uma atitude diferente, o mundo não se encontra polarizado como na Guerra Fria, ainda que existam resquícios daquele período.

3. IFSP-SP (adaptado) – Considere a imagem e o texto a seguir:



AGENCIA FOTOGRAFICZNA CARO/ALAMY STOCK PHOTO

“A imagem refere-se ao Muro de Berlim em 1989. A cidade de Berlim possui aproximadamente 890 km² (dos quais 403 km² correspondiam a Berlim Oriental); dividida em duas partes já desde 1948, foi, em 1961, solidamente separada por uma fronteira física até então inexistente – e constituída como fronteira fechada por um muro de concreto de 43,7 km no meio da cidade (156,4 km era o tamanho total do muro em torno de Berlim Ocidental), com uma altura que variava de 3,40 a 4,20 m. O muro, simbólica e concretamente, separava sistemas, países e mundos sociais.”

MORAES, Luis Edmundo Souza. O Muro, dois Estados, dois Mundos. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/8279/4776>>.

Acesso em: out. 2015.

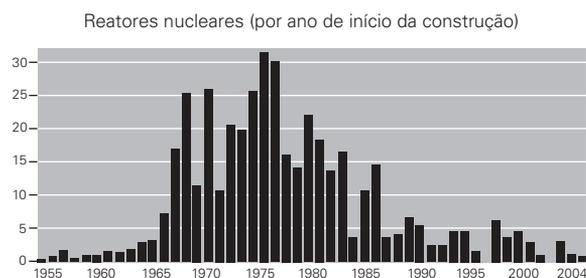
De acordo com a imagem e o contexto descrito, é correto o que se afirma em:

- Os alemães comemoraram o fim da divisão entre a República Democrática da Alemanha (Alemanha Oriental) e a República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental), assim como a queda do Muro de Berlim e possível reunificação que só ocorreu em 1990.
- Os alemães comemoraram a data da construção do Muro de Berlim e os 40 anos da República Democrática da Alemanha (Alemanha Oriental), pois havia muita resistência e protestos por parte da maioria dos alemães que eram contra a reunificação prevista para 1990.
- Os alemães comemoraram o fim da divisão entre a República Democrática da Alemanha (Alemanha Ocidental) e a República Federal da Alemanha (Alemanha Oriental), assim como a queda do Muro de Berlim e possível reunificação que só ocorreu em 1990.

- d) Os alemães comemoraram a queda do Muro de Berlim, o fim da Guerra Fria, bem como o fim da luta armada entre a República Democrática da Alemanha (Alemanha Oriental) e a República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental) e almejavam a reunificação prevista para 1990.
- e) Os alemães comemoraram as pesadas indenizações que a República Democrática da Alemanha (Alemanha Oriental) foi condenada a pagar judicialmente para a República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental), devido às mortes dos alemães que tentaram atravessar o muro para ir de uma Alemanha para outra.

O fim da divisão física e simbólica representada pelo Muro de Berlim foi amplamente comemorado pelos cidadãos e cidadãs da Alemanha (Ocidental e Oriental), pois, para além da tensão da bipolaridade que dividia o mundo, os alemães foram forçosamente separados de amigos e familiares desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

4. Uerj-RJ



L'Atlas du Le Monde Diplomatique. Paris: Armand Collin, 2006. (Adaptado)

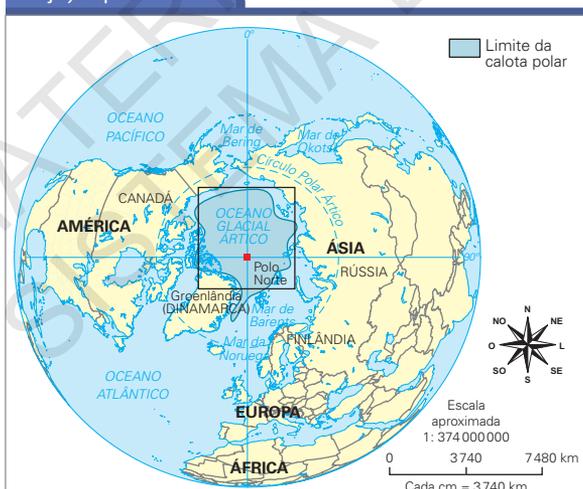
O uso de energia nuclear ainda é considerado uma opção polêmica. Pela análise do gráfico, pode-se identificar o período em que os investimentos nessa forma de gerar energia alcançaram o seu auge. Uma das conjunturas que explicam os altos investimentos nesse período são:

- política da Detente e crise ambiental.
- integração europeia e Guerra do Golfo.
- crise do petróleo e corrida armamentista.
- enfraquecimento da Opep e Guerra Fria.

A energia nuclear foi muito relevante para as corridas armamentista e espacial, tanto nos Estados Unidos como na URSS. A crise do petróleo também foi importante para que se buscasse uma alternativa energética.

5. Uerj-RJ

Projeção polar norte



Reinaldo Scalzaretto e Demétrio Magnoli. Atlas geopolítica. São Paulo: Scipione, 1996.

(Nova) Guerra Fria sobre o Ártico

“Mesmo divergindo sobre as causas do fenômeno, a comunidade científica é unânime: o Ártico está derretendo. Segundo um estudo da Arctic Climate Impact Assessment (ACIA), publicado em 2004, 4 998 000 km² de geleiras desapareceram ao longo dos últimos 30 anos.”

<http://diploma.uol.com.br> (Adaptado)

No mapa e na reportagem, apresentam-se informações que remetem a possíveis alterações na economia e na política da região ártica, fruto da combinação de eventos como a mundialização do capitalismo e o aquecimento global.

Dois significativos interesses estratégicos que podem produzir uma redefinição da geopolítica do Ártico são:

- instalação de bases militares e monitoramento do tráfego aéreo.
- aproveitamento da biodiversidade e expansão do mar territorial.
- exploração de recursos minerais e controle de novas rotas marítimas.
- utilização de reservas de água potável e aproveitamento da energia hidrelétrica.

Entre os novos interesses estratégicos que poderiam produzir uma redefinição da geopolítica do Ártico estão a exploração de recursos minerais, antes impedidos ou dificultados pelas condições climáticas da região, e o controle de novas rotas marítimas, que estarão livres de grandes calotas de gelo.

6. Uerj-RJ

“Os monumentos da cidade vão permanecer como leões nas areias do deserto
Desafiando o destino
E quando os muros forem derrubados com estrondo
A queda vai ecoar
Para o testemunho de toda Europa”

Gottfried Benn. In: Folha de S.Paulo, 16/11/1989.



JENS SCHLUETER/DDP/DDP IMAGES/AFIP

Próxima às ruínas do Muro de Berlim, está preservada uma placa com o seguinte aviso em inglês, russo, francês e alemão: “Você está deixando o setor americano.”

O Globo, 19/3/2009. (Adaptado)

Em 2009, comemoram-se na Alemanha vinte anos da derrubada do Muro de Berlim. Sua construção, em 1961, esteve relacionada à:

- divisão étnica da cidade.
- crise dos regimes democráticos europeus.
- bipolaridade das relações internacionais.
- reação nacionalista à influência estrangeira.

A construção do Muro de Berlim, após a derrota da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial, esteve relacionada à divisão do mundo entre duas correntes de pensamento opostas, o capitalismo e o socialismo, representados, respectivamente, por Estados Unidos e URSS.

11. Uespi-PI

“Há um muro de concreto entre nossos lábios
Há um muro de Berlim dentro de mim
Tudo se divide, todos se separam
(Duas Alemanhas, duas Coreias)
Tudo se divide, todos se separam.”

Humberto Gessinger.

A canção “Alívio imediato”, de autoria do grupo Engenheiros do Hawaii, trata de acontecimentos do século XX. Sobre isso, é correto afirmar que a canção trata:

- a) da Revolução Cubana, ocorrida na década de 1950, que combateu o governo de Fulgêncio Batista e implantou um governo dirigido pelo Partido Comunista na América Central.
- b) do golpe militar, coordenado por Salvador Allende, que depôs o socialista Augusto Pinochet no Chile, em 1973.
- c) dos conflitos que marcaram o século XX, sobretudo durante a chamada “Guerra Fria”, que marcaram a bipolarização entre capitalismo e socialismo e a fragmentação política.
- d) das crises econômicas e sociais vividas na contemporaneidade, que, embora não tenham representado nenhum interesse político, impulsionaram a divisão de países como a Alemanha e a Coreia.
- e) das práticas de intolerância político-cultural, expressadas principalmente pelo etnocentrismo, que marcaram o domínio europeu e foram responsáveis pela descolonização da África e da Ásia, no século XX.

12. UCS-RS – Em 1991, ocorreu um dos mais significativos fatos da história recente: a extinção da União Soviética. Sobre esse fato histórico, é correto afirmar que:

- I. O estadista Mikhail Gorbachev, em 1985, assumiu o controle do Partido Comunista Soviético com ideias inovadoras. Entre suas maiores metas governamentais, Gorbachev empreendeu duas medidas: a *perestroika* e a *glasnost*.
- II. A *perestroika* visava modernizar a economia russa com a adoção de medidas que diminuía a participação do Estado na economia. A *glasnost* (transparência) estabelecia algumas liberdades políticas e direitos individuais.
- III. A implantação dessas medidas trouxe uma série de consequências, como, por exemplo, a declaração da independência de países que compunham a antiga URSS, tais como a Letônia, a Estônia e a Lituânia.

Das proposições acima:

- a) apenas I está correta.
- b) apenas II está correta.
- c) apenas I e II estão corretas.
- d) apenas II e III estão corretas.
- e) I, II e III estão corretas.

13. Puccamp-SP – Os Estados Unidos emergiram da Segunda Guerra Mundial como o país mais rico e poderoso do mundo. No pós-guerra, dois grandes planos contribuíram para a prosperidade e crescimento material desse país, entre eles, o Plano Marshall, pois, ao:

- a) encorajar maiores investimentos com baixos juros para a reconstrução da economia do país, estimulou a demanda por produtos manufaturados no mercado interno e a exportação de excedentes da produção industrial para a Europa.

b) romper com os pressupostos do liberalismo econômico, prolongou a paralisação das atividades industriais e manteve o desemprego, reduzindo a competitividade das economias europeias no comércio internacional.

c) financiar a reconstrução da Europa, incluiu novamente os mercados europeus na pauta das exportações norte-americanas, ajudando a acelerar o crescimento econômico do país e impedindo o avanço dos comunistas na região.

d) neutralizar os conflitos militares entre o bloco socialista e o bloco capitalista, durante a Guerra Fria, reduziu a competição econômica na Europa, impulsionando o desenvolvimento industrial e do comércio internacional americano.

e) incrementar o comércio entre os países ricos e pobres a fim de reaquecer a economia, os Estados Unidos promoveram a reorganização econômica europeia, elevando os níveis de emprego e de produção dos norte-americanos.

14. UEFS-BA – A crise do socialismo real, que provocou a derrocada da União Soviética, foi o resultado de um longo processo, que apresentou, entre suas características:

- a) a crise econômica pós-guerra, que se abateu sobre a União Soviética, e, através do Plano Marshall, permitiu a penetração dos capitais estadunidenses no país.
- b) a abertura política e democrática, estabelecida por Nicolai Kruschew, no âmbito da Coexistência Pacífica, que quebrou o monopólio do Partido Comunista, liberando as forças de oposição ao regime.
- c) o fracasso da política da *perestroika*, cuja tentativa de dinamizar a economia através do estabelecimento da concorrência aumentou a insatisfação popular.
- d) a fragmentação territorial do país, fruto das longas guerras de independência das províncias bálticas e da Chechênia, que provocaram o colapso da economia soviética.
- e) o estabelecimento da *glasnost*, que obrigou a convocação de eleições diretas para presidente, como contrapartida da ajuda econômica dos Estados Unidos à União Soviética.

15. Uninove-SP – Leia o texto.

“O sistema soviético não materializou as esperanças que tinham os trabalhadores do século XIX de construir uma sociedade igualitária, como alternativa ao capitalismo. E não conseguiu também competir com os países capitalistas. A URSS transformou-se num Estado totalitário, dirigido por uma burocracia privilegiada, que reprimiu a liberdade e controlou rigidamente todos os setores da sociedade. Esse fracasso está na raiz do descontentamento que acabou provocando a queda da URSS.”

Divalte. *História*. (Adaptado)

O texto permite estabelecer uma relação entre:

- a) a crise do socialismo marxista no início do século XX e o enfraquecimento da URSS durante a Guerra Fria.
- b) o fracasso dos ideais do operariado do século XIX e a adoção dos princípios socialistas pela União Soviética.
- c) a expansão dos movimentos sindicais no século XX e a abertura política e econômica da União Soviética em 1985.

- d) as aspirações dos trabalhadores do século XIX e a desagregação da União Soviética na década de 1990.
- e) a luta contra a exploração do trabalho no século XX e a propagação do socialismo com a Revolução de 1917.

16. Unifor-CE – Há vinte anos, o mundo vivenciou um dos mais importantes marcos da história mundial. Em nove de novembro de 1989, a queda de um muro simbolizou o desaparecimento de um regime de rivalidade política internacional que deixou cicatrizes até nossos tempos. Acerca do referido momento histórico e do contexto em que se inseriu, marque a opção incorreta:

- a) Uma das consequências advindas da queda do Muro de Berlim foi a reunificação das duas Alemanhas, antes divididas.
- b) O acontecimento propiciou uma maior integração da Europa, além de ter selado o final da Guerra Fria.
- c) O líder soviético Gorbachev teve notável influência

na derrocada do antigo regime, dando lugar a uma nova ordem política internacional.

- d) Também foram atores políticos da época o ex-líder sindical polonês Lech Walesa e o ex-dirigente húngaro Miklos Nemeth.
- e) A principal consequência deste acontecimento foi o fortalecimento do regime comunista, especialmente na Alemanha, Rússia e Polônia.

17. Unificado-RJ – Marque a opção que apresenta um acontecimento relacionado com as origens da Guerra Fria:

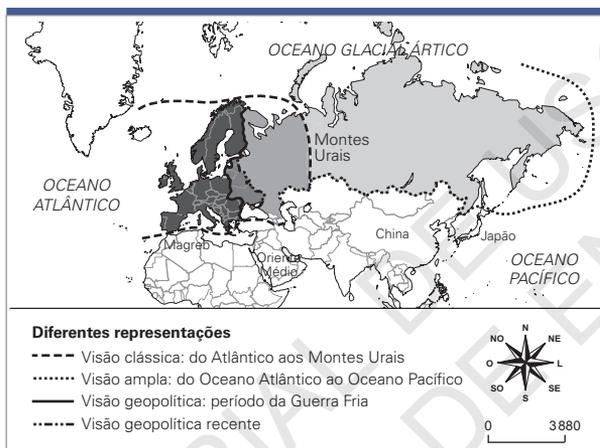
- a) Construção do Muro de Berlim (1961).
- b) Intervenção militar norte-americana no Conflito do Vietnã (1962).
- c) Criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte, Otan (1949).
- d) Eclosão da Crise dos Mísseis em Cuba (1962).
- e) Invasão da Baía dos Porcos (1961).

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem (cancelado)

C2-H6

A figura apresenta diferentes limites para a Europa, o que significa que existem divergências com relação ao que se considera como território europeu.



BOURGEAT, S.; BRÁS, C. (Coord.). *Histoire et géographie*. Travaux dirigés. Paris: Hatier, 2008. (Adaptado)

De acordo com a figura:

- a) a visão geopolítica recente é a mais restritiva, com um número diminuto de países integrando a União Europeia.
- b) a delimitação da Europa na visão clássica, separando-a da Ásia, tem como referência critérios naturais, ou seja, os Montes Urais.
- c) a visão geopolítica dos tempos da Guerra Fria sobre os limites territoriais da Europa supõe o limite entre civilizações desenvolvidas e subdesenvolvidas.
- d) a visão geopolítica recente incorpora elementos da religião dos países indicados.
- e) a representação mais ampla a respeito das fronteiras da Europa, que engloba a Rússia chegando ao Oceano Pacífico, descaracteriza a uniformidade cultural, econômica e ambiental encontrada na visão clássica.

19. Uerj-RJ

C1-H1



Cartaz do filme inspirado no romance de George Orwell.

“Meu romance, *1984*, foi concebido como uma mostra das perversões que regimes políticos já realizaram parcialmente ou podem realizar.”

George Orwell. Adaptado de pt.wikipedia.org.

O romance *1984*, de George Orwell, publicado em 1948, apresenta um mundo de impérios em conflito e uma sociedade em que todos são observados pelo poder central – o Big Brother.

No contexto internacional da época dessa publicação, o escritor britânico direcionou uma crítica ao seguinte sistema:

- a) socialismo.
- b) capitalismo.
- c) anarquismo.
- d) totalitarismo.

20. UERN-RN**C2-H7**

“A eclosão da guerra entre os blocos era improvável, mas a paz era impossível, sintetizava o cientista político francês Raymond Aron. A paz era impossível porque não havia maneira de conciliar os interesses em disputa. Um sistema só poderia sobreviver à custa da destruição total do outro. E a guerra era improvável porque os dois blocos tinham acumulado tamanho poder de destruição que, se acontecesse um conflito generalizado, seria, com certeza, o último. [...]”

José Arbex Júnior. *Guerra Fria: o Estado terrorista*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2005. p. 10. (Coleção Polêmica).

De acordo com o contexto da Guerra Fria descrito anteriormente, analise as afirmativas:

- I. “Foi o oferecimento aos países da Europa Ocidental de matérias-primas, produtos e capital, na forma de créditos e doações. Um verdadeiro programa de ajuda econômica e militar dos EUA aos países destruídos pela guerra.”
- II. “A resposta do bloco socialista veio a partir da formação de uma aliança entre a URSS e alguns países da Europa Oriental.”

As afirmativas I e II se referem às estratégias distintas adotadas, respectivamente, pelos EUA e URSS durante a Guerra Fria. Trata-se de:

- a) Macarthismo e sionismo.
- b) Plano Marshall e Pacto de Varsóvia.
- c) Doutrina Truman e Política do Big Stick.
- d) Destino Manifesto e Estado de bem-estar social.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

48

GUERRA FRIA: PROPAGANDA, ARMAS E ESPAÇO

- A guerra para além das armas: discurso e ideologia
- Propaganda e cultura
- Corrida armamentista
- Corrida espacial

HABILIDADES

- Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, económicos ou ambientais ao longo da História.

A GUERRA PARA ALÉM DAS ARMAS: DISCURSO E IDEOLOGIA

Como estudamos no módulo anterior, após a Segunda Guerra Mundial surge uma Nova Ordem Mundial. As potências que saíram fortalecidas da guerra, Estados Unidos e União Soviética, passaram a disputar o poder e dividir o mundo em zonas de influência. Por isso, classificamos esse período como “bipolar”, ou seja, com dois grandes polos com ideologias distintas. Os Estados Unidos tornaram-se o símbolo do sistema capitalista e, a União Soviética, do socialismo. Prevaler sobre o outro nessa guerra sem conflito direto significava demonstrar ao mundo que seu sistema e sua ideologia eram melhores que os do adversário.

Dessa forma, os campos de batalha eram simbólicos e culturais, além de fomentar verdadeiras corridas para provar qual país e ideologia estariam na frente. Por isso, pode-se falar de uma corrida armamentista e espacial, por exemplo. A propaganda também foi um mecanismo relevante para promover e difamar o adversário, e isso envolveu a indústria cultural, como o cinema, a literatura e a música.



Pôster de propaganda do regime soviético, que diz “Glória ao povo soviético, a nação dos criadores!”. Produzido em 1950 pela artista Nina Vatolina.

PROPAGANDA E CULTURA

Tanto a URSS como os Estados Unidos difundiram diversas propagandas para promover seus sistemas ao mundo. Os socialistas, além de exaltar seus líderes, mostravam-se como um escudo contra as hostilidades estadunidenses e ressaltavam que estes últimos não estariam dispostos a abrir mão das armas. As propagandas soviéticas também procuravam mostrar que os Estados Unidos forçavam seus aliados a assinar pactos e tratados. Os Estados Unidos, por sua vez, produziam inúmeras propagandas, tanto para relacionar seu país enquanto defensor das liberdades como para difamar o socialismo.

HERITAGE IMAGE PARTNERSHIP LTD/ALAMY STOCK PHOTO



Pôster da União Soviética. Como era comum em propagandas políticas, o governante Stalin é exaltado. O cartaz ainda diz "Graças ao amado Stalin para a nossa infância feliz!". Produzido em 1950 pela artista Nina Vatolina.

THE ADVERTISING ARCHIVES/ALAMY STOCK PHOTO



Propaganda da Empresa Bohn ressaltando o caráter trabalhador do cidadão norte-americano. Também faz um apelo político para garantir o futuro norte-americano contra o socialismo. Pôster de 1950.

THE ADVERTISING ARCHIVES/ALAMY STOCK PHOTO



Imagem da década de 1940 apresentando o que seriam os Estados Unidos sob o controle do comunismo. Como estudamos, houve um investimento ideológico por parte do governo estadunidense para barrar qualquer movimento de cunho socialista.

A propaganda anticomunista obteve tanto sucesso e tantos mitos foram criados nesse período que surgiu um temor coletivo em torno de uma suposta revolução comunista que poderia ocorrer a qualquer momento. Esse medo foi exacerbado não apenas nos Estados Unidos, mas nos diversos países ocidentais que consumiam seus produtos e sua cultura, como o Brasil.

O terror ao comunismo levou a acusações mútuas dentro dos Estados Unidos, inclusive de políticos, que apontavam uns aos outros como inimigos do país e espíões soviéticos. Em 20 de fevereiro de 1950, o senador norte-americano Joseph McCarthy chegou inclusive a afirmar:

“Em minha opinião, o Departamento de Estado, que é um dos mais importantes departamentos governamentais, está completamente infestado de comunistas”.

Discurso do senador Joseph McCarthy, em West Virginia, em 1950. Tradução livre do original. Disponível em: <http://college.cengage.com/history/ayers_primary_sources/mccarthy_wheeling_1950.htm>. Acesso em: abr. 2019.

Essa situação levou ao macarthismo, período assim designado com base no nome do senador, em que críticos ao governo e suspeitos de comunismo eram perseguidos e presos.

As disputas entre capitalistas e socialistas também repercutiram no mundo cultural, e isso pode ser identificado nas histórias em quadrinhos produzidas na época. Nelas, é possível encontrar heróis bem conhecidos pelo público enfrentando adversários relacionados direta ou indiretamente aos soviéticos.

A história em quadrinhos *Quarteto Fantástico*, por exemplo, foi criada em plena corrida espacial e fala de uma viagem para o espaço que dá superpoderes aos integrantes do grupo. O inimigo do quarteto era um vilão que possuía muitas características que remetiam à visão que se tinha dos socialistas do Leste Europeu. Da mesma forma, os quadrinhos *Watchmen* contam a história de um grupo de heróis que interagem com os acontecimentos contemporâneos da Guerra Fria, como a Guerra do Vietnã, e os modificam.

A Guerra Fria também chegou ao cinema e à literatura, e não apenas nos Estados Unidos e na União Soviética. Na Inglaterra, um exemplo de filme que utilizou a temática do mundo bipolar foi a franquia do espião 007, baseada nos livros de Ian Fleming. Entre as histórias do espião, havia muitas referências ao contexto político. Em um de seus filmes, *Moscou contra 007*, o britânico frustra os planos dos próprios soviéticos.



SHAWSHOTS/ALAMY STOCK PHOTO

Cartaz de 1963, em inglês, do filme *Moscou contra 007*.

Na Inglaterra, surgem a banda The Beatles e os Rolling Stones, ambos liderando movimentos na música que criticavam o momento político de guerra. Nos Estados Unidos, cresciam movimentos por “paz e amor”; os chamados *hippies*, que também tinham representação na música do período.

Os movimentos contra as guerras de que os Estados Unidos participavam tiveram grande participação da juventude. Além de essa realidade ser colocada nas músicas, também podia ser vista em filmes que retratavam a violência das guerras, como *Apocalypse Now* (1979) e *Platoon* (1986).

CORRIDA ARMAMENTISTA

O término da Segunda Guerra Mundial foi marcado pela explosão das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki. Agora, o mundo todo sabia do poderio dos Estados Unidos: eles tinham a bomba atômica. A Guerra Fria iniciou-se com essa mentalidade e, se tudo era considerado uma grande corrida entre capitalistas e socialistas, a União Soviética também precisaria produzir as próprias bombas atômicas. O primeiro teste nuclear soviético foi realizado em 1949, quatro anos após a Segunda Guerra Mundial.

A corrida armamentista levava cada país a pesquisar e demonstrar mais poder de destruição que seu adversário e a cada momento eram exibidas novas armas. Os Estados Unidos e a União Soviética já haviam alcançado a tecnologia dos mísseis balísticos de longo alcance, não necessitando mais de aviões para lançar suas bombas. A corrida armamentista desenvolveu-se em conjunto com a corrida espacial, que utilizava as mesmas tecnologias de foguetes para a produção de bombas e satélites.

Essa busca por avanços cada vez maiores em armamentos levou a um grande avanço da tecnologia e à criação de muitos dos equipamentos eletrônicos que utilizamos hoje em dia. O jornalista Fábio Reynol comenta acerca de algumas das inovações desenvolvidas durante a Guerra Fria:

São tantas as invenções vindas da Guerra Fria que seriam necessárias várias páginas só para falar dos produtos da corrida espacial. Só para citar alguns: os aparelhos automáticos para medir pressão arterial encontrados nas portas das farmácias são a evolução de equipamentos desenvolvidos para astronautas, que precisavam de sistemas práticos para avaliar a saúde no espaço. A válvula de um novo tipo de coração artificial foi inspirada em uma bomba de combustível de foguetes. Marca-passos são monitorados graças à mesma tecnologia utilizada em satélites. E até a Fórmula 1, famosa por ser uma grande fonte de tecnologia, copiou dos trajes espaciais os macacões antichamas de seus pilotos. Detectores de fumaça e de vazamento de gás, tão comuns em construções hoje em dia, vieram de pesquisas de similares que equipam veículos espaciais. Também é graças ao espaço que os ortodontistas contam hoje com o Nitinol, uma liga que, por ser maleável e resistente, é muito empregada na fabricação de satélites e que agora também compõe os “araminhos” de muitos aparelhos ortodônticos. E até a asa-delta, quem diria, não foi invenção de esportistas, mas de Francis Rogallo, projetista da Nasa, que desenvolveu o aparato para guiar espaçonaves depois da reentrada na atmosfera. O inventor não imaginava que sua obra iria fazer muito mais sucesso como esporte, modalidade inaugurada na década de 70.

REYNOL, Fábio. A corrida tecnológica: como a Guerra Fria impulsionou a ciência. Revista *ComCiência*, jun. 2002.

CORRIDA ESPACIAL

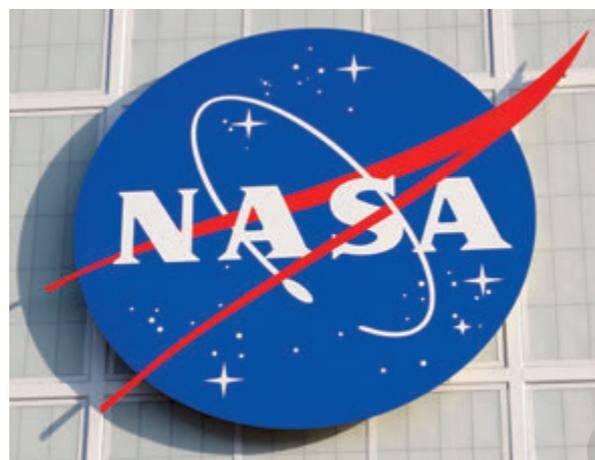
A corrida espacial afetou a produção bélica e a área tecnológica. O sucesso na conquista do espaço comprovaria a eficiência dos modelos socialista e capitalista. Estados Unidos e URSS empenhavam-se em mostrar esse domínio. A cada conquista, de um lado, a resposta não tardava a chegar do outro. Os soviéticos largaram na frente, pondo o primeiro satélite artificial em órbita (Sputnik, em 1957) e levando o primeiro ser vivo ao espaço (a cadela Laika a bordo do Sputnik 2). Também surpreenderam o mundo ao lançar, em 1961, a Vostok 1, tripulada por Yuri Gagarin, primeiro astronauta a orbitar a Terra.

A reação dos Estados Unidos veio com a criação da Nasa, em 1958, e o lançamento do primeiro satélite no mesmo ano, o Explorer I. Em 1962, colocaram o astronauta John Glenn em órbita. O projeto de chegar à Lua dominou a década de 1960. Em 20 de julho de 1969, o módulo lunar Eagle, pertencente à missão Apollo XI, aterrisou com sucesso na Lua, onde o astronauta Neil Armstrong foi o primeiro homem a pisar.



Yuri Gagarin, o primeiro homem a ir ao espaço.

SCIENCE HISTORY IMAGES/ALAMY STOCK PHOTO



Símbolo da Nasa, instituição criada em 1958.

LEN HOLSBORG/ALAMY STOCK PHOTO

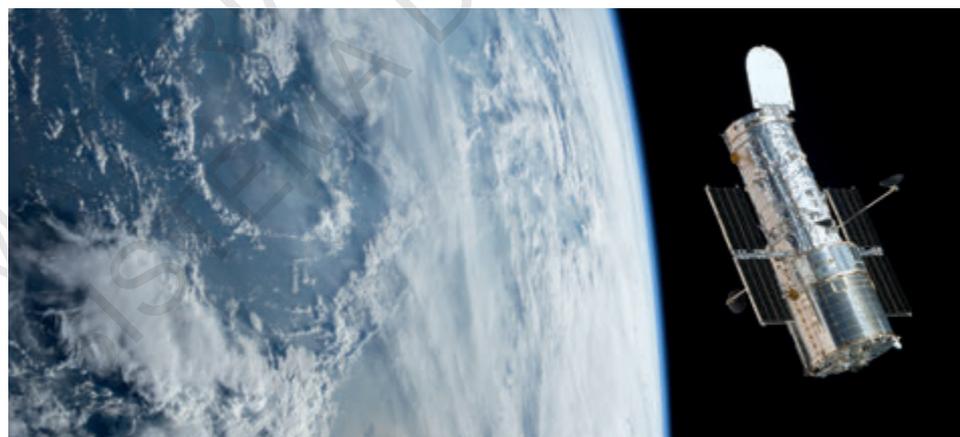


Tripulação do Apollo 11, que chegou à Lua em 1969. Da esquerda para a direita: Neil Armstrong (comandante); Michael Collins (piloto do módulo de comando); e Edwin "Buzz" Aldrin (piloto do módulo lunar).

NASA

Na década de 1970, os projetos voltaram-se para a criação de uma estação espacial permanente no espaço. Novamente, os soviéticos lideraram com o lançamento da estação espacial Salyut (1971). Os norte-americanos lançaram a estação Skylab (1973) e a resposta soviética veio com a estação Mir (1986), até hoje em operação, fundamental para a montagem da Estação Espacial Internacional.

Esse período caracterizou-se, ainda, pelo envio de sondas de exploração do Sistema Solar a partir da Voyager I pelos norte-americanos em 1977, bem como por outros projetos importantes, inclusive instalação do telescópio espacial Hubble, também pelos norte-americanos.



Telescópio Hubble orbitando o planeta Terra. Fotografia de 2017.

DOTTED YETI/SHUTTERSTOCK

Iniciada no contexto da Guerra Fria, a exploração do espaço ainda hoje representa uma das mais desafiadoras fronteiras da humanidade para a ciência e a tecnologia. Os gastos militares e espaciais comprometeram os recursos da União Soviética. Assim, a política da Guerra Fria teve repercussões que afetariam o futuro do próprio socialismo.

ROTEIRO DE AULA

GUERRA FRIA: PROPAGANDA, ARMAS E ESPAÇO

Função e características

Propagandas norte-americanas e soviéticas para demonstrar superioridade.

Promoção e difamação entre as diferentes ideologias.

Propaganda anticomunista e terror ao comunismo nos Estados Unidos.

Reflexos da Guerra Fria na cultura, nos quadrinhos, nos filmes e na música.

Desenvolvimentos tecnológicos graças à competição da Guerra Fria

Corrida armamentista.

Corrida espacial.

Primeiros satélites e seres humanos chegam ao espaço e pisam na Lua.

O investimento nessas corridas prejudicou a economia soviética.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unioeste-PR

C2-H7

“A Segunda Guerra Mundial mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, embora numa guerra muito peculiar.”

HOBSBAWM, E. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Sobre a Guerra Fria, objeto da citação anterior, é incorreto afirmar:

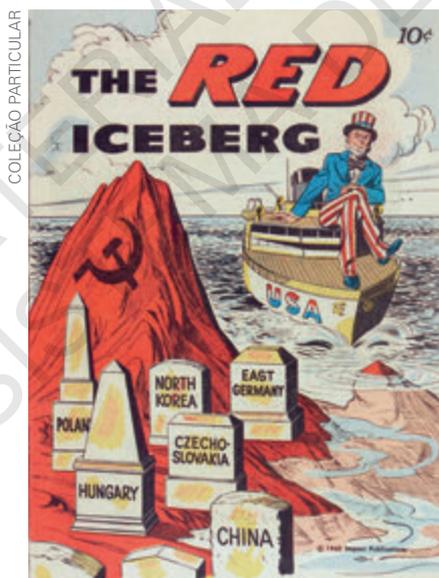
- a) A Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e o Pacto de Varsóvia foram criados, entre outros fatores, por causa do crescimento das tensões entre os blocos de países liderados pelos norte-americanos e soviéticos.
- b) A República da Coreia do Sul e a República Popular Democrática da Coreia do Norte, ideologicamente opostas, envolveram-se numa guerra fratricida, cujo armistício acabou unificando os dois países.
- c) A queda do Muro de Berlim, em 1989, símbolo maior da Guerra Fria, acompanhou o processo conhecido como fim do “socialismo real” e possibilitou a reunificação da República Democrática Alemã e da República Federal da Alemanha.
- d) Com relação à Guerra do Vietnã, conflito armado ocorrido durante a Guerra Fria, o maior temor dos Estados Unidos era o chamado “efeito-dominó”, isto é, que outros países vizinhos tentassem seguir o exemplo da insubordinação vietnamita.
- e) Durante a Guerra Fria, diversas produções cinematográficas contribuíram para difundir o anticomunismo e a ideia de um confronto entre dois blocos de poder.

A guerra civil na Coreia foi um sintoma da Guerra Fria, separando o país em dois blocos, o norte comunista e o sul capitalista. Até hoje o país segue dividido dessa forma.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

2. Cefet-MG – Analise a imagem seguinte, alusiva à nova ordem mundial que se instalou com o fim da Segunda Guerra.



Disponível em: <<http://opiniocia.blogspot.com.br/2013/11/cartazes-de-propaganda-anticomunista.html>>. Acesso em: ago. 2014.

Essa imagem pretende:

- a) alertar sobre o perigo do comunismo.
- b) comprovar a ação ofensiva do capitalismo.
- c) demonstrar a superioridade do capitalismo.
- d) denunciar a situação precária do comunismo.

Essa imagem, parte da propaganda anticomunista dos Estados Unidos, visava propagar um alerta à ideologia comunista da União Soviética, país inimigo durante a Guerra Fria.

3. UFF-RJ – Com o final da 2ª Guerra Mundial, iniciou-se um novo período na história da humanidade. Vencido o perigo nazista, enfrentaram-se as duas forças hegemônicas do pós-guerra: os Estados Unidos da América, campeões do capitalismo, e a URSS, campeã do socialismo. A Guerra Fria foi o resultado óbvio dessas tensões e disputas. Entretanto, ao mesmo tempo em que socialismo e capitalismo disputavam o predomínio na produção e nos mercados, a revolução tecnológica avançava como consequência, até mesmo, da concorrência entre esses dois países. A corrida espacial foi um dos aspectos dessa concorrência. Ao lado da política e da economia, passou a existir o desejo do bem-estar e do conforto – mostrar onde se vivia melhor era fundamental. Esse desejo fez com que rapidamente se transferissem para o cotidiano dos homens os resultados práticos das inovações de guerra. Mais conforto, novas comodidades, alterações nos comportamentos sinalizaram um novo tempo, um novo século. Cai o império soviético. Hoje, no mundo globalizado, o conhecimento humano não tem fronteiras nem limites: DNA, genoma, clonagem, novas tecnologias para comunicação evidenciam o progresso no século XXI. No contexto do pós-2ª Guerra Mundial, constata-se, entre outros aspectos, que:

- a) a tecnologia incorporou-se à vida dos homens, tornando quase impossível imaginar-se que alguém sobrevivia sem um telefone e uma televisão. Essa ânsia por novidades levou às disputas nucleares entre EUA e URSS que culminaram com o desastre de Chernobyl.
- b) a disputa, mostrada na TV, entre duas empresas que buscavam conquistar usuários da telefonia ilustra o quanto esse setor evoluiu. O mesmo progresso que permitiu, nos últimos 50 anos, a indiscutível evolução dos meios de comunicação também possibilitou a eliminação da pobreza, reduziu as doenças e transformou as cidades em áreas despoluídas.
- c) inovações tecnológicas levaram o homem à Lua e melhoraram as condições de vida no planeta. No entanto, a falta de controle sobre as pesquisas científicas realizadas na antiga URSS conduziu a certos exageros, como o desastroso desenvolvimento da engenharia genética.
- d) a ditadura da técnica e da objetividade implantou-se no mundo pós-2ª Guerra. De um lado, para fazer com que o holocausto fosse esquecido e, de outro, para viabilizar a constituição de formas universais de controle político e econômico que não deram certo porque a URSS foi derrotada pelo capitalismo.
- e) a Guerra Fria representou para o século XX mais do que a mera disputa entre dois modos diferentes de vida; indicou, também, o momento em que as inovações tecnológicas e as transformações nas ciências passaram a se integrar no cotidiano dos homens. Tal integração trouxe novidades que revolucionaram o mundo, como, por exemplo, as observadas nos campos da comunicação e da informática.

A tecnologia desenvolveu-se de forma súbita durante a Guerra Fria. A competição entre as duas ideologias predominantes no mundo levou a corridas que criaram e aperfeiçoaram cada vez mais a ciência. Hoje, utilizamos muitos equipamentos derivados da competição daquele período.

4. UFJF-MG – Em meio à corrida armamentista que mobilizou EUA e URSS, nas décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial, os conflitos localizados especialmente na Ásia, na África e na América refletem uma outra face da chamada Guerra Fria. Marque a alternativa errada:

- a) Tanto os EUA quanto a URSS apoiaram o processo de descolonização afro-asiático, procurando cada um estabelecer sua influência nos países recém-independentes.
- b) Como estratégia para consolidar sua preponderância, os EUA incentivaram a substituição de governantes eleitos por regimes militares autoritários em diversos países latino-americanos.
- c) A vitória dos EUA na Guerra do Vietnã, no início da década de 70, significou uma importante etapa do processo de consolidação dos interesses capitalistas no Sudeste Asiático.
- d) Nos conflitos árabe-israelenses, enquanto os EUA apoiavam a política expansionista de Israel, a URSS foi importante fornecedor de material bélico para os países árabes.
- e) Na América Latina, a Revolução Cubana constituiu uma ameaça à consolidação da hegemonia norte-americana no continente.

Os Estados Unidos, ainda que tenham investido soldados e armamentos para as batalhas no Vietnã, acabaram perdendo a guerra. A retirada do país capitalista levou à reunificação deste sob um regime comunista, ligado à União Soviética.

5. IFRS-RS – Durante a Guerra Fria, o mundo dividiu-se em dois grandes blocos, pois as duas maiores potências, EUA e URSS, estabeleceram um conflito ideológico em busca da hegemonia sobre a economia mundial. Para tanto, a metodologia utilizada por estadunidenses e soviéticos foi o domínio político e econômico sobre as chamadas áreas de influência, em que a América Latina passou a ser alvo dos interesses dos EUA. Neste contexto, o Brasil foi o local escolhido para inaugurar a interferência do capitalismo estadunidense na América Latina, através da instauração da:

- a) Revolução de 1930.
- b) redemocratização.
- c) ditadura civil-militar.
- d) República da Espada.
- e) ditadura Estado-novista.

Com base em diversas fontes e documentos, podemos afirmar que os Estados Unidos, sob o pano de fundo da Guerra Fria e com o pretexto de evitar que o comunismo assumisse o governo brasileiro, auxiliou forças internas do Brasil a iniciar uma ditadura no país.

6. FGV-SP – Em 20 de julho de 1969, o mundo acompanhou maravilhado o desembarque dos astronautas da missão Apollo 11 em solo lunar. No dia seguinte, o jornal *New York Times* abordaria o evento de um ponto de vista exterior à humanidade, estampando poesia na primeira página: “Homens andam na Lua”. Algumas linhas abaixo, o jornal trazia a célebre frase pronunciada por Neil Armstrong ao pisar em solo lunar: “Um pequeno passo para um homem, um gigantesco salto para a humanidade”. Considerando o contexto mundial na década de 1960 e a chegada do homem à Lua, podemos considerar:

- I. A conquista da Lua e os consequentes avanços tecnológicos frutos dessa realização só podem ser compreendidos no contexto da Guerra Fria, período em que duas superpotências (EUA e URSS) lutavam pela hegemonia política e militar do mundo.
 - II. Na verdade, a URSS não representou uma ameaça à hegemonia norte-americana durante a corrida espacial, uma vez que, nesse período, os soviéticos desenvolveram, em parceria com os EUA, as estações espaciais para pesquisa científica na órbita da Terra.
 - III. Decididos a superar os soviéticos, os EUA criaram a Nasa – Agência Espacial Norte-Americana – e cumpriram o desafio proposto pelo então presidente John F. Kennedy, de levar um astronauta até a Lua e trazê-lo de volta em segurança.
 - IV. Com o fim da Guerra Fria, os EUA e a URSS perderam interesse pela corrida espacial e passaram a priorizar a luta contra o terrorismo, principalmente após a invasão do Iraque e do Afeganistão e os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001.
 - V. A corrida espacial teve início com o lançamento do Sputnik – primeiro satélite artificial da Terra – pela URSS, que, anos depois, mandou para o espaço o cosmonauta Yuri Gagarin, pioneiro das missões tripuladas.
- a) I e II estão corretas.
 - b) II e IV estão corretas.
 - c) II, III e V estão corretas.
 - d) I, III e V estão corretas.
 - e) Todas as afirmações estão corretas.

A corrida espacial foi parte integrante do período conhecido como Guerra Fria, que opôs Estados Unidos e União Soviética. A corrida iniciou-se com o lançamento do Sputnik, e mais tarde o primeiro homem no espaço, Yuri Gagarin. Os Estados Unidos responderam com a criação da Nasa e levando os primeiros homens a pisar na Lua. Durante a Guerra Fria, a União Soviética disputava em igualdade de condições a hegemonia mundial com os Estados Unidos. O fim desse período se daria com o fim da URSS, em 1991.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. ESCS-DF – O pouso de uma sonda na superfície de um cometa, em 2014, levou o mundo a voltar sua atenção, mais uma vez, para o espaço, quarenta e cinco anos após o homem ter chegado à Lua. Trata-se, entretanto, do prolongamento de um processo histórico, iniciado no pós-Segunda Guerra Mundial, denominado era espacial. Naquele contexto, escrevia-se mais um capítulo na disputa pelo poder mundial entre as duas superpotências, os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Esse cenário de confrontação perdurou, com maior ou menor intensidade, até o desmonte do “socialismo real”, sendo conhecido como:

- a) Guerra nas Estrelas.
- b) Coexistência Pacífica.

- c) Guerra Fria.
- d) Missão Soyus.

8. UFF-RJ – Segundo Eric Hobsbawm, a Segunda Guerra Mundial mal terminara quando a humanidade mergulhou no que se pode encarar, razoavelmente, como uma Terceira Guerra Mundial, porém com caráter muito peculiar – a Guerra Fria. A partir desta interpretação sobre a Guerra Fria, é incorreto afirmar que:

- a) seu aspecto mais óbvio foi a frenética corrida armamentista das grandes potências.
- b) formalmente, teve início com a enunciação da Doutrina Truman, em março de 1947.

- c) a crise dos mísseis cubanos representou seu momento mais explosivo, uma vez que a União Soviética insistiu em mantê-los naquele território.
- d) sua peculiaridade foi a de, em termos objetivos, não ter representado perigo iminente de guerra mundial.
- e) uma de suas manifestações revelou-se em 1950, quando, abalados pela vitória comunista na China, os Estados Unidos e seus aliados intervieram na Coreia a fim de impedir que o regime comunista do norte daquele país se estendesse para o sul.

9. Unesp-SP – Na década de 1960, houve um ritmo acelerado de crescimento econômico e tecnológico das grandes potências, tanto do mundo capitalista quanto do socialista, com realização de feitos espetaculares, e com forte sentido de propaganda. Ao mesmo tempo, a disputa pela hegemonia mundial entre os Estados Unidos e a União Soviética, que começara ao final da Segunda Guerra, provocou na Europa e na América episódios marcantes. Exemplifica essas afirmações:

- a) invasão da Nicarágua por tropas americanas e fabricação de armas nucleares.
- b) chegada do homem à Lua e construção do Muro de Berlim.
- c) lançamento da primeira nave espacial tripulada e implementação das metas da Doutrina Monroe para a América Latina.
- d) uso da bomba atômica pelos norte-americanos em Hiroshima e invasão da Tchecoslováquia pela URSS.
- e) corrida espacial e intervenção norte-americana no Iraque.

10. Uepa-PA – Nos anos cinquenta do século XX, contexto da Guerra Fria, ocorreram choques no Vietnã do Sul. Forças do governo anticomunista reprimiam ferozmente seus opositores, os quais:

- a) organizaram uma resistência armada, a Frente Nacional de Libertação, cujos guerrilheiros eram conhecidos como vietcongues.
- b) recorreram ao apoio bélico norte-americano, passando os regimentos sul-vietnamitas a serem comandados por militares norte-americanos.
- c) constituíam-se de elementos de diferentes tendências, como budistas nacionalistas, liderados por assessores militares da URSS.
- d) eram lideranças políticas do Vietnã do Norte, articuladas com dirigentes soviéticos, que objetivavam a reunificação do país segundo o Acordo de Genebra assinado em 1950.
- e) constituíram uma guerrilha essencialmente urbana, dirigida pelo governo do Vietnã do Norte e sustentada belicamente pelo governo soviético.

11. Enem – Do ponto de vista geopolítico, a Guerra Fria dividiu a Europa em dois blocos. Essa divisão propiciou a formação de alianças antagônicas de caráter militar, como a Otan, que aglutinava os países do bloco ocidental, e o Pacto de Varsóvia, que concentrava os do bloco oriental. É importante destacar que, na formação da Otan, estão presentes, além dos países do oeste europeu, os EUA e o Canadá. Essa divisão histórica atingiu igualmente os âmbitos político e econômico e se refletia pela opção entre os modelos capitalista e socialista. Essa divisão europeia ficou conhecida como:

- a) Cortina de Ferro.
- b) Muro de Berlim.

- c) União Europeia.
- d) Convenção de Ramsar.
- e) Conferência de Estocolmo.

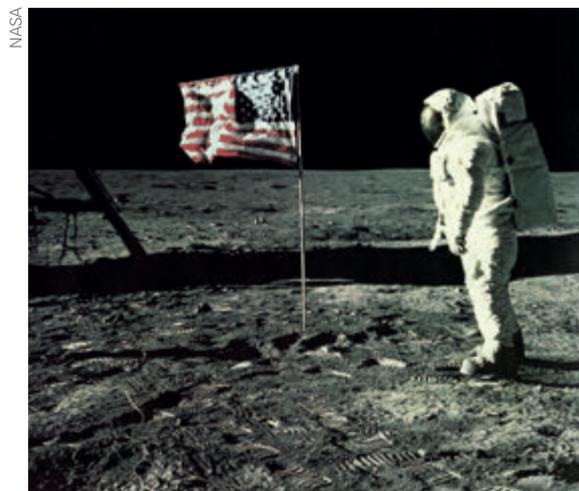
12. UEM-PR (adaptado) – Sobre o período da chamada Guerra Fria, que se inicia após o final da Segunda Guerra Mundial e persiste até o início da década de noventa do século passado, veja as assertivas abaixo e assinale a alternativa correta:

- I. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas exerciam uma influência direta sobre dois blocos de países distintos e politicamente antagônicos.
 - II. Durante a Guerra Fria, a América Latina alinhou-se aos Estados Unidos da América, e neste contexto foi criada a Organização dos Estados Americanos para coordenar a ação dos governos no continente.
 - III. Ao contrário dos demais países da América Latina, o Brasil, nos primeiros anos da Guerra Fria, permaneceu sob a influência da União Soviética. Em razão disso, o Partido Comunista Brasileiro dominou os trabalhos da Assembleia Constituinte de 1945.
- a) I e II estão corretas.
 - b) I e III estão corretas.
 - c) II e III estão corretas.
 - d) todas as alternativas estão corretas.
 - e) nenhuma das alternativas está correta.

13. Uerj-RJ (adaptado) – A política externa praticada pelos EUA no governo de Ronald Reagan, entre 1980 e 1988, reaqueceu os antagonismos que caracterizaram o período da Guerra Fria. Durante o governo Reagan, duas características importantes da geopolítica dos EUA são:

- a) ênfase no combate às ditaduras – antagonismo com os países do sul.
- b) incentivo à fragmentação territorial – envolvimento em conflitos religiosos.
- c) estímulo ao expansionismo colonial – estabelecimento de alianças militares.
- d) acentuação da rivalidade ideológica – práticas de imperialismo econômico.

14. Uerj-RJ – A viagem do homem à Lua, em julho de 1969, representou uma das conquistas científicas de maior repercussão do século XX.



Esse acontecimento teve grande significado político em função da conjuntura da época, marcada pela:

- a) aliança militar entre países não alinhados.
- b) bipolaridade entre os blocos capitalista e socialista.
- c) coexistência pacífica entre regiões descolonizadas.
- d) concorrência tecnológica entre nações desenvolvidas

15. PUC-MG (adaptado) – A corrida espacial no século XX levou o homem a transpor as fronteiras em direção ao espaço. Todas as afirmativas abaixo refletem os impactos dessa corrida, exceto:

- a) o consumo marcado por produção voltada para a indústria espacial e bélica e, depois, reinventada para a sociedade.
- b) a aliança entre ciência e governo nas sociedades capitalistas, em que os cientistas se tornaram funcionários públicos.
- c) o conflito velado entre Estados Unidos e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, denominado Guerra Fria.
- d) o sonho dos homens por novos heróis e por expansão territorial, representado pelos astronautas e suas conquistas.

16. UEPB-PB – Na Guerra Fria, a cultura *pop* norte-americana foi utilizada para propagandear ideais e o *american way of life*. O fim era ampliar o leque de alianças e conquistar simpatias para ganhar disputas contra os comunistas. Assinale a única alternativa incorreta:

- a) A indústria cinematográfica de Hollywood combateu a paranoia anticomunista e o medo da guerra nuclear instalados nos EUA. Filmes como *Cortina de Ferro* denunciavam o Comitê de Investigação de Atividades Antiamericanas como o centro da propaganda pró-*american way of life*.
- b) Mesmo inverossímil, o agente James Bond (007) representa a Guerra Fria no cinema. Ele tentava salvar o mundo da destruição por armas atômicas e/ou enfrentava os inimigos do “mundo livre”; leia-se comunistas.
- c) Na Guerra Fria, havia os super-heróis da Marvel Comics que lutavam contra o comunismo. O Quarte-

to Fantástico tinha o maligno Dr. Destino, governante da Latvéria (república do Leste Europeu), como inimigo. A narração dizia que os EUA estavam numa “corrida espacial contra uma potência estrangeira”.

- d) A agressiva política adotada por Ronald Reagan (EUA) e Margareth Thatcher (Inglaterra), contra países comunistas, causou uma nova corrida armamentista e fez com que os quadrinhos adotassem uma postura crítica em relação à Guerra Fria. É a época de séries como *Cavaleiro das Trevas* e *Watchmen*.
- e) Com o fim da 2ª Guerra, editoras dos EUA tiveram prejuízos por não explorarem mais o filão do super-herói engajado no combate ao nazismo. Passaram a editar revistas de terror e ficção científica, com seres estranhos invadindo a Terra, que mostravam como os norte-americanos viam os soviéticos, seus novos inimigos.

17. Mackenzie-SP (adaptado) – Considere as afirmações a seguir a respeito da crise da ex-URSS e, por extensão, do mundo socialista.

- I. Frente à crise soviética, o líder Mikhail Gorbachev (1985-1991) deu início a um amplo programa de reestruturação econômica (*perestroika*) e de abertura política (*glasnost*), cujo desfecho inesperado foi a desintegração política do país.
- II. No plano da política externa soviética, esse panorama refletiu em propostas de aproximação e cooperação com os EUA, que resultariam no fim da bipolarização mundial.
- III. As transformações ocorridas na ex-URSS promoveram o esfacelamento do bloco socialista, com amplas repercussões, tal como a reunificação da Alemanha (1990).

Das afirmações:

- a) todas estão corretas.
- b) somente III está correta.
- c) somente I e III estão corretas.
- d) somente II está correta.
- e) somente II e III estão corretas.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C2-H7

“Os 45 anos que vão do lançamento das bombas atômicas até o fim da União Soviética não foram um período homogêneo único na história do mundo. [...] dividem-se em duas metades, tendo como divisor de águas o início da década de 70. Apesar disso, a história deste período foi reunida sob um padrão único pela situação internacional peculiar que o dominou até a queda da URSS”.

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

O período citado no texto e conhecido por “Guerra Fria” pode ser definido como aquele momento histórico em que houve:

- a) corrida armamentista entre as potências imperialistas europeias, ocasionando a Primeira Guerra Mundial.
- b) domínio dos países socialistas do sul do globo pelos países capitalistas do norte.
- c) choque ideológico entre a Alemanha nazista/União Soviética stalinista, durante os anos 30.

d) disputa pela supremacia da economia mundial entre o Ocidente e as potências orientais, como a China e o Japão.

e) constante confronto das duas superpotências que emergiam da Segunda Guerra Mundial.

19. UFRRJ-RJ

C5-H21

“O novo secretário-geral do PC soviético, Mikhail Gorbachev, de 54 anos, assumiu o poder em meio a rumores de que está em marcha o mais profundo processo de reformas econômicas e políticas já ensaiado no país desde o governo de Krushev.”

BRENER, Jayme. *Jornal do século XX*. São Paulo: Moderna, 1998.

Uma das mudanças propostas por Gorbachev, a partir de 1985, ao assumir o poder na URSS, foi:

- a) o apoio à guerrilha, que lutava contra a influência chinesa no Afeganistão.
- b) o endurecimento na política externa soviética em relação aos EUA.

- c) a *glasnost*, que visava à liberalização na imprensa, na cultura e na política.
- d) a intensificação da corrida armamentista, com o objetivo de recuperar a hegemonia militar.
- e) a *perestroika*, um conjunto de medidas para tornar os Planos Quinquenais mais eficientes.

20. UFTM-MG

C2-H9

Observe a charge, datada de 1962, que representa, à esquerda, Nikita Krushev, secretário-geral do Partido Comunista da então União Soviética e, à direita, John Kennedy, presidente dos Estados Unidos.



A imagem refere-se:

- a) à disputa pela hegemonia sobre as colônias do continente africano, importante fonte de matérias-primas.
- b) ao risco de confronto entre os EUA e a URSS, motivado pela tentativa dos russos de dotar Cuba de armas nucleares.
- c) à política de enfrentamento de Kennedy, que desgostou os grupos americanos conservadores.
- d) ao enfraquecimento da União Soviética, cuja situação econômica impedia a produção de armas no ritmo dos americanos.
- e) às disputas em torno do projeto americano, que previa a construção de escudos antiaéreos em torno do planeta.

49

REVOLUÇÕES SOCIALISTAS: ÁSIA

- Revoluções socialistas
- Revoluções na Ásia
- China
- Vietnã
- Coreia

HABILIDADES

- Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

REVOLUÇÕES SOCIALISTAS

Encerrada a Segunda Guerra Mundial, novas preocupações dominavam o cenário político internacional. Agitações tomavam conta das áreas coloniais europeias nos continentes africano e asiático. Grupos de povos colonizados defendiam sua autonomia dos estados europeus, propondo governos nacionalistas, socialistas ou de inspiração religiosa. Além disso, houve tomada de consciência a respeito do subdesenvolvimento e a agenda política de países pobres passava a ter como meta a superação do atraso, visto por muitos como dependência dos produtos industrializados do Primeiro Mundo. A visão de pertencer ao Terceiro Mundo, ou seja, ao setor subdesenvolvido do mundo, alimentava propostas de industrialização de viés nacionalista. Outro aspecto relevante da fase pós-Segunda Guerra Mundial foi a expansão do regime socialista no mundo. Os comunistas controlavam países da Europa Oriental, tinham apoiadores na Europa Ocidental, avançavam no continente asiático e, posteriormente, no africano. Daí surgirem propostas nacionalistas de caráter socialista que visavam superar o subdesenvolvimento nos países que nasceram de experiências coloniais. Nacionalismo e socialismo representavam ingredientes das tensões no mundo bipolarizado.

ALEX SEGRE/ALAMY STOCK PHOTO



A memória das revoluções ainda está viva na Ásia e deixou marcas na política local que duram até hoje. Na foto, bonecos de cerâmica de figuras importantes da chamada Revolução Cultural chinesa.

REVOLUÇÕES NA ÁSIA

Enquanto na Europa sucediam os desdobramentos da Guerra Fria, na Ásia a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial favorecia a expansão do comunismo, em especial na China e na Coreia. Na China, a vitória dos comunistas na revolução em 1949 estimulou a Guerra da Coreia, primeiro grande conflito dos anos da Guerra Fria. Receosos do domínio total do comunismo no Extremo Oriente, os americanos apressaram a expansão dos benefícios do Plano Marshall ao Japão, garantindo que um antigo inimigo se tornasse um importante aliado capitalista na região.

SUEDEDEUTSCHE ZEITUNG PHOTO/
ALAMY STOCK PHOTO

Grande peça de propaganda do governo da Coreia do Norte fazendo alusão aos heróis da revolução.

CHINA

Desde 1919, a China dividia-se entre proposições nacionalistas e socialistas. Os nacionalistas eram, a princípio, guiados por Sun Yat-sen, homem forte da elite chinesa que proclamou a república em 1911 e conduzia parte do território. Foi sucedido por Chiang Kai-shek, chefe militar que enfrentou as forças comunistas conduzidas por Mao Zedong (Mao Tsé-tung).

BERT DE RUITER/ALAMY STOCK PHOTO



Estátua de Mao Zedong (ou Mao Tsé-tung) e Zhou Enlai, líderes políticos chineses. Mao foi um dos fundadores do Partido Comunista Chinês e do Exército Vermelho. Zhou foi o primeiro presidente da República Popular da China, instaurada em 1949.

Durante anos, a China esteve dividida entre os dois grupos, até que se esboçou uma união para enfrentar a ocupação nipônica na década de 1930. Até encerrar o confronto com o Japão, a aliança se manteve. Com a rendição japonesa, a trégua entre comunistas e nacionalistas terminou e a luta pelo poder na China foi retomada. A respeito da participação decisiva dos comunistas na expulsão dos japoneses do território chinês, o historiador Wladimir Pomar observa:

Assim, ao final de 1943, após superar as ofensivas japonesas, os comunistas haviam recuperado suas forças. A população das áreas libertadas chegara a oitenta milhões, o número de membros do PC, a novecentos mil, os contingentes dos 4º e 8º Exércitos, a 470 mil, e os participantes de milícias populares, a 2,27 milhões. No início de 1944, os comunistas intensificaram seus preparativos para contra-atacar e empurrar as tropas nipônicas no rumo do Rio Yalu.

POMAR, Wladimir. *A Revolução Chinesa*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2008. p. 70.

GRANGER HISTORICAL PICTURE ARCHIVE/ALAMY STOCK PHOTO



Representação de Mao Tsé-tung, fundador do Partido Comunista Chinês.

Governada pela dinastia Manchu desde 1644, a China passou ao domínio das potências estrangeiras a partir de 1841 com a Guerra do Ópio, apesar da aparente manutenção da ordem imperial. Os estrangeiros procuraram apoio nos mandarins, funcionários do frágil e impotente Estado imperial, e nos chamados senhores da guerra, grandes proprietários que exerciam domínio político sobre extensas áreas. A filosofia de Confúcio favoreceu a exploração, pois pregava o respeito à autoridade e à hierarquia, bem como o culto ao passado, mantendo as tradicionais estruturas de privilégios que favoreciam a dominação.

No início do século XX, houve uma tentativa de combater esses valores e encerrar a dominação internacional. A Revolução dos Boxers (1898-1901) despertou o descontentamento geral e a percepção de que a dinastia Manchu era responsável pela miséria do país, visto que apoiava a situação de controle. Em 1911, o clima de ebulição sociopolítica levou à proclamação da república, mas o novo governo não conseguiu afastar o domínio imperialista, encabeçado pelo Japão após a Primeira Guerra Mundial, enquanto o governo republicano do Partido Nacionalista (Kuomintang), liderado por Sun Yat-sen, sofria pressões internas dos chefes militares locais, que buscavam mais autonomia e manutenção do domínio internacional vantajoso a eles.

Em 1919, novas contestações em função das cláusulas do Tratado de Versalhes que beneficiavam o Japão motivaram passeatas de estudantes em Pequim e ganharam apoio de outros setores da sociedade. Em 1920 estourava uma greve em Xangai, influenciada pelos ideais socialistas da Revolução Russa, e fundava-se o Partido Comunista Chinês (PCC), por Chen Tu-xiu, com participação de Peng-Pai e Mao Tsé-tung.

O Kuomintang buscou apoio da URSS e do PCC para a unificação nacional, contra a autonomia dos senhores locais e a dominação imperialista. Em 1925, com a morte de Sun Yat-sen, Chiang Kai-shek assumiu o Kuomintang e introduziu uma política agressiva contra o PCC. Chefes locais e potências estrangeiras apoiava-

vam Chiang Kai-shek, vendo nele um elemento vital na luta contra o comunismo. Em síntese: sob o governo de Chiang Kai-shek, o Partido Nacionalista perdeu a identidade, passando a desfrutar de uma série de vantagens que a exploração imperialista proporcionava. A corrupção instaurada esmagava o movimento popular urbano. A derrota nas cidades fez o PCC, então liderado por Mao Tsé-tung, retirar-se para o campo, a fim de organizar suas bases de apoio. Em 1931, em Kiangsi, proclamou-se a República Popular da China, acirrando o confronto entre os nacionalistas do Kuomintang e os comunistas do PCC.

Chiang Kai-shek mantinha a unidade do país à custa de acordos com os chefes locais, que comprometiam o próprio governo nacional com sua autonomia. Em 1930, instaurou-se uma guerra civil. Em 1931, aproveitando-se da fragilidade chinesa, o Japão invadiu a Manchúria (norte do país), onde estabeleceu um Estado-satélite (Manchukuo). O Kuomintang passou a sofrer dupla pressão: do imperialismo japonês e do levante comunista no campo.

Em 1934, os nacionalistas organizaram uma grande campanha militar para derrotar os comunistas. Fugindo das tropas, Mao liderou a Grande Marcha (1934-1935), tornando-se então secretário-geral do PCC e o principal dirigente comunista.



Pintura que representa camponeses chineses participando da chamada Revolução Cultural.

Diante do avanço japonês, Mao conseguiu organizar uma nova frente única com os nacionalistas, por meio de um acordo firmado em 1937. Até o término da Segunda Guerra Mundial, esse acordo deu ao PCC o controle de parte do exército chinês, além de crescente popularidade. Com a rendição do Japão em agosto de 1945, Chiang Kai-shek decretou, em 1946, uma nova mobilização para eliminar o perigo comunista. Reiniciava-se a guerra civil. Contando com o apoio norte-americano, os nacionalistas passaram a ser vistos pela população como cúmplices das potências estrangeiras.

A URSS, envolvida com problemas internos, não podia amparar o PCC. Apesar disso, os comunistas, organizados no Exército Popular de Libertação,

continuaram avançando e tomaram Pequim em 1949. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos isolaram a China comunista (República Popular da China), negando-lhe reconhecimento diplomático e intercâmbio econômico.

A China comunista manteve relações amistosas com a URSS durante o governo de Stalin, que deu amplo apoio à modernização tecnológica e científica, inclusive na área de energia atômica. A morte de Stalin, em 1953, e a ascensão de Krushev com sua política de aproximação diplomática do bloco ocidental, no período da coexistência pacífica, motivaram o governo chinês a romper relações com a URSS, acusando-a de revisionismo, ou seja, negação dos ideais comunistas em prol do modelo ocidental.

Mas o ponto de maior tensão começa em 1966. Liderado por Mao Tsé-tung, o Partido Comunista realiza a chamada Revolução Cultural. A ideia do líder chinês era dar uma resposta a seus opositores, principalmente após o fracasso de seus planos econômicos. Com violentas ações repressivas, executadas por jovens dos comitês revolucionários, professores, intelectuais e burocratas foram assassinados. Famílias inteiras foram presas em campos de trabalhos forçados ou até mesmo mortas. Livros foram queimados e o ensino superior foi desativado. Foi uma verdadeira guerra ideológica. Podemos dizer que essa revolução não chegou ao fim até a morte de Mao, em 1976.

No mesmo período, houve o conflito sino-soviético, ocasionando o rompimento de relações entre URSS e China. Após a fragmentação do bloco comunista, o modelo chinês enfrentou instabilidades. Deng Xiaoping, líder chinês de 1978 a 1990, tentou se afastar do modelo de Mao Tsé-tung, transformando a China em uma economia de mercado, um capitalismo de Estado. Isso deixou grupos de estudantes e intelectuais insatisfeitos, pois a abertura econômica não veio acompanhada de uma abertura política. Em abril de 1989, houve uma série de manifestações em Pequim e em mais quatrocentas cidades chinesas. O centro desses protestos foi a Praça da Paz Celestial. Esse movimento ficou conhecido como Movimento Democrático da China e, após várias tentativas do governo de desmobilizar a população, ele foi duramente reprimido pelas forças militares.

VIETNÃ

O caso vietnamita também exemplifica a divisão entre os povos explorados pelo imperialismo. Os comunistas da Indochina, liderados por Ho Chi Minh, lutaram contra a invasão nipônica, embora existissem forças nacionalistas alinhadas em defesa do território. Após a vitória dos Aliados, os franceses pretendiam recuperar o controle da Indochina, sua antiga área de exploração. Os vietnamitas defenderam sua autonomia e esse conflito gerou um combate sangrento.

SHAUN HIGSON/VIETNAM-HANOI/ALAMY STOCK PHOTO



Propaganda política em Hanói, no Vietnã, no contexto da revolução proletária socialista.

Antecedentes da Guerra do Vietnã

Durante a Segunda Guerra Mundial, em 1940, logo após a invasão da França por Hitler, os japoneses ocuparam a Indochina, dominada pela França desde 1860, com população de maioria budista.

Em 1945, com o término da guerra e a derrota japonesa, Ho Chi Minh, fundador da Liga Revolucionária Vietminh, proclamou a independência do Vietnã, enfrentando a resistência francesa, que pretendia reocupar a região, o que provocou a Guerra da Indochina.

Em 1954, os franceses foram totalmente derrotados na Batalha de Dien Bien Phu por tropas do Vietminh e do movimento Pathet Lao, ao mesmo tempo que a opinião pública francesa pressionava o governo a sair do Vietnã. No mesmo ano, o governo francês convocou a Conferência de Genebra para negociar a paz e a independência da região, o que resultou na fragmentação do território e na independência de Laos, Camboja e Vietnã (ex-Indochina).

Durante a Segunda Guerra Mundial, o território do Vietnã havia sido dividido em áreas dos exércitos soviético e americano na altura do paralelo 17, mesma estratégia adotada na Coreia contra a ocupação pelo exército japonês. Até a realização de eleições populares que marcariam a reunificação do país, o território vietnamita deveria permanecer dividido: o norte governado por Ho Chi Minh com capital em Hanói; e o sul sob o comando de Bao-Dai, com capital em Saigon. No contexto da Guerra Fria, um lado recebia assistência da URSS; o outro, dos Estados Unidos.

Essa situação deveria perdurar até 1956, quando a população decidiria, em plebiscito, o destino do Vietnã, reunificado em torno do socialismo ou do capitalismo. O governo norte-americano impediu a consulta popular, sob o pretexto de as ações continuadas dos guerrilheiros vietcongues no sul do paralelo estarem desestabilizando o governo nacionalista.

Ho Chi Minh, declaradamente comunista, obteve o apoio dos vietcongues (do sul) para a unificação nacional. A possibilidade de vitória de Ho Chi Minh nas eleições e o contexto da Guerra Fria levaram o então presidente norte-americano Dwight Eisenhower a

apoiar o sucessor de Bao-Dai no sul, o ditador Ngo Dinh Diem, que cancelou as eleições, episódio que deu início à Guerra do Vietnã (1960), conflito que durou quinze anos e foi caracterizado pela desigualdade de forças.

Ação estadunidense no Vietnã

O presidente norte-americano Lyndon Johnson, que sucedeu John Kennedy, obteve autorização do Senado para a intervenção total no Vietnã, enviando, entre 1965 e 1968, mais de 500 mil soldados para a região, além de bombardear o Vietnã do Norte. A resistência Vietminh, com o apoio dos vietcongues, e a pressão da opinião pública minaram a disposição dos Estados Unidos de ajuda ao Vietnã do Sul.

O governo Nixon adotou a política de “vietnamização da guerra”, com a retirada de tropas e a manutenção do apoio ao Vietnã do Sul em armamentos e bombardeios contra o Vietnã do Norte. O escândalo político envolvendo o presidente Nixon, conhecido como Watergate, e acordos falhos para a saída estadunidense honrosa da guerra causaram a derrota total dos Estados Unidos no conflito. Em abril de 1975, tropas do norte e vietcongues ocuparam Saigon, reunificando o país, e rebatizaram a cidade com o nome de Ho Chi Minh.



A imagem denuncia o ataque norte-americano a populações indefesas do Vietnã. Os comandantes das operações militares dos Estados Unidos atribuíam o sucesso dos guerrilheiros vietcongues ao apoio vietnamita popular, justificando seus ataques aterrorizantes a vilas inteiras.

BETTMANN ARCHIVE/GETTY IMAGES

A guerra provocou a morte de 58 mil norte-americanos e deixou milhares de soldados veteranos mutilados ou com sérios problemas psicológicos. Com o término da Guerra Fria, o Vietnã adotou a *doi moi* (renovação), reforma semelhante à *perestroika* soviética, abrindo seu mercado aos países capitalistas, em especial ao Japão. Sob o controle comunista, o país tem-se aproximado da rival China. As relações entre Estados Unidos e Vietnã somente se normalizaram em 1995, em pleno processo de abertura econômica, quando o país tornou-se mercado emergente da Ásia, pleiteando a posição de novo Tigre Asiático. Conforme o historiador Paulo Fagundes Visentini:

A preocupação norte-americana com a deterioração da situação no Vietnã do Sul é reforçada pelo fracasso da operação da CIA contra a Revolução Cubana (invasão da Baía dos Porcos). Com a “perda” de Cuba, os Estados Unidos se convencem de que não basta auxiliar as forças de direita de cada país. Kennedy,

MacNamara (secretário de Defesa) e o general Taylor (comandante no Vietnã) decidem aplicar a estratégia da contrainsurgência ou guerra especial. A estratégia para a repressão da expansão comunista utilizaria a chantagem nuclear como instrumento de pressão econômico-militar contra a União Soviética e a China Popular, para que estas reduzissem ao mínimo a ajuda aos revolucionários vietnamitas. O novo pensamento estratégico compunha-se de três fases: na primeira, seria mantida a ajuda aos regimes amigos, iniciada por Eisenhower (que ocorria desde a guerra franco-vietnamita); a segunda seria a contrainsurgência, caso a ajuda falhasse, em que seriam enviadas tropas norte-americanas e aumentada a ajuda; a terceira constituiria uma “guerra limitada” como a da Coreia, caso fracassasse a contrainsurgência [...]

VISENTINI, Paulo Fagundes. *A Revolução Vietnamita*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2008. p. 65.

O Vietnã foi totalmente destruído, com perdas materiais imensas e populações indefesas massacradas. O governo norte-americano gastou milhões nessa cruzada anticomunista, que dividiu opiniões do próprio país e do mundo. Os Estados Unidos só se retiraram oficialmente da região em 1975, após reconhecerem a derrota para os guerrilheiros vietcongues. Sob a égide comunista, o Vietnã foi reunificado.

COREIA

Após a derrota do Eixo, em 1945, a Coreia, dominada pelo Japão durante a Segunda Guerra Mundial, dividiu-se em duas zonas de ocupação: Coreia do Sul (Estados Unidos) e Coreia do Norte (URSS). Antes do término da guerra, o paralelo 38 norte estava definido como limite de atuação militar das duas potências, com o objetivo de acelerar a rendição japonesa nas duas frentes.

Com o fim da guerra, a divisão tornou-se real, surgindo dois estados coreanos, que deveriam ser mantidos até as eleições gerais, sob a supervisão da ONU, mas a URSS as impediu no norte. Em 25 de julho de 1950, motivados pela vitória comunista da Revolução Chinesa, os norte-coreanos, em busca da unificação territorial, invadiram a Coreia do Sul, conseguindo sua capitulação.

tela das tropas da ONU, que eram, de fato, americanas, sob o comando do general MacArthur.

Representando o bloco socialista, China e URSS intervieram em favor da Coreia do Norte, evidenciando a bipolarização na área. As potências envolvidas forçaram iniciativas de paz diante da guerra indesejada. A morte de Stalin, em 1953, e a eleição do republicano Eisenhower nos Estados Unidos aceleraram as negociações para o armistício.

Concluída a guerra, em 1953, o acordo de paz de Pan Mun Jon manteve a divisão do território coreano na altura do paralelo 38 norte e aproximou URSS e Estados Unidos, dando início ao período da coexistência pacífica, apesar do clima de tensão entre as Coreias.



Kim Jong-un assumiu a presidência da Coreia do Norte em 2011, mantendo o posicionamento político-ideológico do pai, acirrando disputas e ameaçando a Coreia do Sul, bem como os demais representantes do modelo capitalista.

Em função dos investimentos estrangeiros, a Coreia do Sul desenvolveu sua economia com base no modelo capitalista, tornando-se rapidamente um dos Tigres Asiáticos. A Coreia do Norte até hoje mantém um dos regimes ditatoriais mais fechados do planeta.



Monumento à revolução norte-coreana em Pyongyang, Coreia do Norte.

Da intervenção das potências à coexistência pacífica

Decidido a intervir, o presidente norte-americano Harry Truman aproveitou a ausência do representante soviético na ONU para colocar a Coreia do Sul sob tu-

ROTEIRO DE AULA

REVOLUÇÕES SOCIALISTAS: ÁSIA

Revolução Chinesa

Antecedentes:

Atraso socioeconômico; ocupação estrangeira (ingleses no sul e japoneses na Manchúria); luta pela expulsão dos ingleses e japoneses organizada por Sun Yat-sen e Yuan Che-kai, com a criação do Kuomintang (Partido Popular Nacionalista); proclamação da república sob o controle de Chiang Kai-shek.

Revolução comunista:

Mao Tsé-tung, líder do Partido Comunista, iniciou a longa marcha na busca por apoio dos camponeses. Em 1949, tomou o poder com o auxílio da URSS e a China foi dividida em China nacionalista (de Formosa) e China comunista.

China comunista (governo de Mao):

Implantou o socialismo; morte de Stalin; crise com a URSS; em 1967 tentou revigorar o regime com a Revolução Cultural.

China pós-Mao Tsé-tung:

Lenta abertura econômica; reações às mudanças (movimento estudantil da Praça da Paz Celestial); renegociação da reanexação de Hong Kong ao seu território (1997).

ROTEIRO DE AULA

Vietnã

Antecedentes:

Colônia francesa dividida em norte comunista e sul capitalista.

Guerra:

Em 1960, o norte invade o sul, que pede auxílio norte-americano. A luta tornou-se expressão da Guerra Fria. Domínio do norte, unificando o país sob o governo socialista.

Coreia

Antecedentes:

Após a derrota japonesa em 1945, a Coreia divide-se em duas zonas de ocupação: Coreia do Sul (ocupada pelos Estados Unidos) e Coreia do Norte (ocupada pela URSS). Em 1950, apoiada pela China comunista e pela URSS, a Coreia do Norte invade o território abaixo do paralelo 38 e dá início ao conflito.

Guerra:

Em 1953, é realizado um acordo de paz que mantém a divisão do território coreano e aproxima URSS e Estados Unidos, no que passou a ser conhecido como coexistência pacífica.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UFRN-RN – As ideias de diversas correntes marxistas deram as bases teóricas das grandes revoluções políticas no século XX: a Revolução Russa de 1917, a Revolução Chinesa de 1949 e a Revolução Cubana de 1959.

Nos três exemplos citados, a inspiração marxista pode ser identificada:

- a) no anarquismo, que propunha a destruição da propriedade privada e a abolição das hierarquias dentro do Estado, e que serviu de base norteadora para essas revoluções.
- b)** no combate ao capitalismo, visando à formação de um mundo novo, que aboliria a desigualdade social e integraria o proletariado no cenário da política.
- c) na forte vinculação existente entre as propostas dos revolucionários e aquelas defendidas pelo liberalismo, sobretudo a defesa dos interesses dos trabalhadores.
- d) na condução do processo revolucionário por um conjunto de partidos políticos defensores do socialismo, sob lideranças camponesas, mas com frágil repercussão no proletariado.

Ainda que não se conheça a fundo cada uma dessas revoluções, basta saber que tiveram caráter comunista para descartar o anarquismo, o liberalismo e a suposta pouca repercussão entre o proletariado.

2. Uerj-RJ

Campos de “reeducação pelo trabalho” na China: a mudança de um sistema de opressão por outro

“A extinção do sistema chinês de campos de ‘reeducação pelo trabalho’ (RTL) arrisca não ser mais do que uma mudança cosmética. ‘Abolir o sistema de RTL é um passo na direção certa. Mas há agora indicadores de que isto é apenas para desviar as atenções públicas dos abusos cometidos naqueles campos, onde a tortura é uma prática sistemática. É claro que as políticas subjacentes de castigar pessoas pelas suas atividades políticas ou pelas suas crenças religiosas não mudaram. Os abusos e a tortura continuam na China, apenas assumiram uma expressão diferente’, sustenta a perita Corinna Barbara Francis, da Anistia Internacional.”

<https://www.amnistia.pt/>, 17/12/2013. (Adaptado)

Nas últimas quatro décadas, o sistema político chinês vem evoluindo de forma muito lenta, se comparado às grandes mudanças econômicas observadas no país. A prática mencionada no texto foi intensamente utilizada no momento da história chinesa denominado:

- a) Longa Marcha.
- b)** Guerra do Ópio.
- c)** Revolução Cultural.
- d) Levante dos Boxers.

A Revolução Chinesa liderada por Mao Tsé-tung também é conhecida como Revolução Cultural.

3. UnB-DF (adaptado) – Com base nos seus conhecimentos sobre a Revolução Cultural chinesa, avalie se a afirmação está certa ou errada:

Na China, em meados dos anos 1960, Mao Tsé-tung estimulou o movimento antitradicionalista e anticapitalista conhecido como Revolução Cultural, que culminou na perseguição e no assassinato de considerável número de pessoas, sobretudo intelectuais, artistas e indivíduos pertencentes a minorias étnicas, como tibetanos e uigures.

Certo. A afirmativa apresenta o caráter radical e violento da Revolução

Cultural chinesa, como visto no módulo.

4. UnB-DF (adaptado) – Julgue como certa ou errada a afirmação a seguir:

Na China, após a morte de Mao Tsé-tung e a transferência do controle do Estado para Deng Xiaoping, ocorreram a abertura do sistema econômico, que reduziu a possibilidade de interferência do Estado na economia, e uma reforma política, por meio da qual se passou a garantir à população o exercício de direitos civis, políticos e sociais.

Errado. O que ocorreu foi o contrário. Houve maior participação e interfe-

rência do Estado na economia e menos direitos civis, políticos e sociais.

5. Enem

C3-H15



Disponível em: <www.culturabrasil.org.br>. Acesso em: 28 abr. 2010.

A foto revela um momento da Guerra do Vietnã (1965-1975), conflito militar cuja cobertura jornalística utilizou, em grande escala, a fotografia e a televisão. Um dos papéis exercidos pelos meios de comunicação na cobertura dessa guerra, evidenciado pela foto, foi:

- a) demonstrar as diferenças culturais existentes entre norte-americanos e vietnamitas.
- b) defender a necessidade de intervenções armadas em países comunistas.
- c)** denunciar os abusos cometidos pela intervenção militar norte-americana.
- d) divulgar valores que questionavam as ações do governo vietnamita.
- e) revelar a superioridade militar dos Estados Unidos da América.

A Guerra do Vietnã ocorreu no contexto da Guerra Fria e foi um dos pontos de eclosão de guerras entre URSS e Estados Unidos, ainda que não diretamente. Com a justificativa de conter o comunismo, os Estados Unidos guerrearam contra o Vietnã com extrema violência. Foi notável a utilização do napalm, que em 1980 teve seu uso proibido por uma comissão da ONU. Essa foto virou um símbolo dos abusos cometidos pelos norte-americanos.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

6. Uerj-RJ – O governo norte-coreano anunciou recentemente que não mais reconhecera o armistício assinado em 1953, o que trouxe novamente ao debate o episódio da Guerra da Coreia. O fator que explica a dimensão assumida por essa guerra na década de 1950 está apresentado em:

- a) mundialização do acesso a fontes de energia.
- b) bipolaridade das relações políticas internacionais.**
- c) hegemonia soviética em países do Terceiro Mundo.
- d) criação de multinacionais japonesas no Extremo Oriente.

Como vimos neste módulo, a Guerra da Coreia foi um palco de combate indireto entre Estados Unidos e URSS durante a Guerra Fria.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UFRN-RN – A China atravessava grandes dificuldades econômicas em 1966, quando Mao Tsé-tung deu início à Revolução Cultural, que se declarava contrária a quatro velharias: “velhas ideias, velha cultura, velhos costumes e velhos hábitos”. Apesar de propagar transformações nessas áreas, a Revolução Cultural foi também um movimento político, pois:

- a) fortaleceu o poder de Mao Tsé-tung, em razão da repressão aos líderes acusados de direitistas e do expurgo dos que faziam oposição ao grupo maoísta.
- b) possibilitou a consolidação da Guarda Vermelha no poder, a qual reimplantou o burocratismo, o autoritarismo e o nepotismo típico do modelo soviético.
- c) ampliou a influência do modelo soviético sobre o comunismo chinês, com o investimento de muitos capitais e contando com a cooperação de técnicos soviéticos no planejamento da economia.
- d) traçou uma nova diretriz para o país, com a qual Mao Tsé-tung buscava o desenvolvimento de relações internacionais que atraíssem capitais e empresas estrangeiras.

8. UFMG-MG – Observe esta imagem:



JEFF WIDENER/AP PHOTO/GLOW IMAGES

Divulgada mundialmente, essa imagem retrata um momento marcante das manifestações que ocorreram na Praça da Paz Celestial, em Pequim, em junho de 1989. Considerando-se essas informações e outros conhecimentos sobre o assunto, é correto afirmar que essas manifestações foram:

- a) influenciadas por acontecimentos na ex-URSS, onde o governo comunista havia sido derrubado como consequência dos protestos de milhares de estudantes e trabalhadores em todo o país.
- b) promovidas por representantes de diversos setores da economia, contrários à abertura de mercado, que possibilitaram a concorrência dos países capitalistas e a retração da produção industrial.
- c) provocadas pela insatisfação de amplas parcelas da população com as medidas adotadas durante

a Revolução Cultural, implementada pelo governo comunista com o objetivo de fortalecer o regime.

- d) realizadas por estudantes, trabalhadores e intelectuais que exigiam reformas democráticas e combate à crescente corrupção de membros da burocracia governamental e do Partido Comunista.

9. Unesp-SP – A participação norte-americana na Guerra do Vietnã, entre 1961 e 1973, pode ser interpretada como:

- a) uma ação relacionada à defesa da liberdade, num contexto de expansão do anarquismo nos continentes asiático e africano.
- b) um recuo na política de boa vizinhança que caracterizou a ação diplomática e comercial dos Estados Unidos após a Segunda Guerra.
- c) a busca de recursos naturais e fontes de energia que ampliariam a capacidade de produção de armamentos nos Estados Unidos.
- d) o esforço de contenção da influência soviética sobre a China, o Japão e os países do Sul e Sudeste Asiático.
- e) um movimento dentro da lógica da Guerra Fria, voltado ao fortalecimento da posição geoestratégica dos Estados Unidos.

10. Unicamp-SP (adaptado)

“No Ocidente, as relações de Mao Tsé-tung com o marxismo foram objeto de discussão. Alguns estudiosos questionaram se Mao era realmente um marxista, enquanto outros argumentaram que seu pensamento estava baseado no stalinismo e não acrescentava nada de novo no marxismo-leninismo. As ideias de Mao só foram reconhecidas internacionalmente pelo termo ‘maoísmo’ depois da Revolução Cultural.”

LAWRENCE, Alan. *China Under Communism*. Londres/Nova York: Routledge, 2000. p. 6. (Adaptado)

O fato de os estudiosos ocidentais questionarem a filiação marxista dos ideais de Mao Tsé-tung estava relacionado:

- a) ao chamado conflito sino-soviético, que resultou na ruptura de relações entre China e URSS.
- b) à aliança de Mao e do Partido Comunista Chinês com Chiang Kai-shek e o Kuomintang durante a II Guerra Mundial.
- c) à organização da Revolução Chinesa a partir de uma base camponesa e não operária.
- d) à Revolução Cultural e às críticas que surgiram à burocracia do Partido Comunista Chinês.

11. FGV-SP – A Grande Marcha empreendida nos anos 30 por Mao Tsé-tung e seus seguidores foi:

- a) uma fuga dos contingentes comunistas que estavam sendo perseguidos pelas tropas do Kuomintang.

- b) uma fuga dos seguidores de Mao perseguidos pelas tropas japonesas que invadiram a Manchúria.
- c) uma tentativa das tropas comunistas de cortar as linhas de abastecimento das tropas nacionalistas.
- d) uma tentativa das tropas de Mao de cercar as tropas japonesas que haviam invadido a Manchúria e o norte da China.
- e) a marcha empreendida pelos comunistas sobre Nankim para derrotar as tropas do Kuomintang.

12. UEM-PR

“Em 1976, esgotava-se na China o fôlego da Revolução Cultural, iniciada em 1966. Nesse ano morria Mao Tsé-tung, seu principal idealizador. Em 1978, sob a liderança de Deng Xiaoping, o país começaria a flexibilizar o regime socialista. Buscava-se então uma difícil conciliação entre a abertura econômica em direção à economia de mercado e a preservação do regime político autoritário sob a hegemonia do Partido Comunista Chinês.”

ARRUDA, J. J. de A.; PILETTI, N. *Toda a História*. São Paulo: Ática, 2003. p. 465.

A respeito da história da China, assinale a alternativa correta:

- a) Mao Tsé-tung chegou ao poder por meio da revolução armada de orientação socialista que ficou conhecida como Revolução Cultural.
- b) O denominado Grande Salto para a Frente, realizado pela Revolução Chinesa, ocorreu quando Mao Tsé-tung conduziu a China ao capitalismo.
- c) A abertura econômica iniciada a partir de 1978 com Deng Xiaoping promoveu um intenso desenvolvimento da China que a coloca, hoje, entre as maiores economias do planeta.
- d) A abertura econômica iniciada por Deng Xiaoping estendeu-se também à política e, hoje, a China vive uma democracia semelhante aos países do Ocidente europeu.
- e) Mesmo tendo uma população superior a 1,3 bilhão de habitantes, a China constituiu-se no maior exportador de alimentos do planeta.

13. Uepa-PA – A “Revolução Cultural Chinesa”, também chamada de “Grande Revolução Cultural Proletária”, foi adotada pelo regime de Mao Tsé-tung na década de 1960. Foi um contragolpe político aos críticos do fracasso de seu plano político-econômico “Grande Salto para a Frente”, dos anos anteriores, que pretendia desenvolver o país segundo o modelo de industrialização soviético. A nova orientação política imposta por Mao e resumida em seu Livro Vermelho conclamava os jovens chineses, fiéis à revolução, a denunciar políticos e intelectuais com supostas inclinações burguesas. Na verdade, a propalada revolução cultural resultou:

- a) num movimento de perseguição generalizada política e social de todos os críticos do regime maoista, dentre eles dirigentes políticos, artistas e intelectuais.
- b) num verdadeiro salto adiante da Revolução Chinesa, com a adoção de uma linha de desenvolvimento econômico pautado na agricultura e na criação de uma nova estrutura política que perdurou nas décadas seguintes.
- c) numa aproximação com o regime do Kuomintang (Partido Nacionalista), estabelecido na ilha de Taiwan (Formosa), política que entrou em declínio a partir da morte de Mao em 1976.

- d) num avanço no desenvolvimento das artes e da cultura no país, em grande medida, liderado por grupos maoistas partidários da formação de um socialismo à chinesa, mais aberto ao Ocidente capitalista.
- e) no rompimento com a União Soviética e com a linha bolchevista adotada pelo Partido Comunista Chinês, o que levou o país ao gradativo processo de abertura aos capitais internacionais.

14. UFMS-MS – Com relação à Guerra do Vietnã, assinale qual(is) da(s) alternativa(s) abaixo está(ão) correta(s):

- I. Semelhante à Guerra do Iraque, aquela guerra só aconteceu por questões religiosas. O Vietcong queria impor à força, aos vietnamitas, a religião budista.
- II. Os componentes da Frente de Libertação Nacional, ao lado do governo do Vietnã e dos Estados Unidos da América, combateram os vietnamitas marxistas que eram seus inimigos políticos.
- III. Foi uma guerra civil que se estendeu de 1964 a 1975 e foi marcada pelo envolvimento militar dos Estados Unidos da América. O presidente Johnson obteve o apoio do Congresso para empreender uma ação militar no Vietnã.
- IV. A Frente de Libertação Nacional, formada basicamente por vietnamitas marxistas, atuou na estruturação das bases de aldeia e organização de massas e lutou contra o governo do Vietnã, que era aliado dos Estados Unidos da América.
- V. Os Estados Unidos da América só se retiraram definitivamente do conflito quando suas forças e as de seus aliados capturaram Saigon, em 1975. Assinale:
 - a) Se somente I e II estão corretas.
 - b) Se somente I e III estão corretas.
 - c) Se somente III e IV estão corretas.
 - d) Se somente II e III estão corretas.
 - e) Se somente I, III e IV estão corretas.

15. UFMG-MG

“Entre 1961 e 1973, um total de 57 939 norte-americanos morreram no conflito da Indochina, a mais longa e custosa guerra externa na história dos Estados Unidos. A Força Aérea dos EUA jogou sobre o Vietnã uma tonelagem de bombas mais de três vezes superior ao que foi jogado na Alemanha durante a Segunda Guerra.”

KEYLOR, William R. *The Twentieth-Century World: an International History*. New York: Oxford University Press, 1996. p. 375.

Considerando-se a Guerra do Vietnã, é correto afirmar que:

- a) o conflito foi motivado pela intenção do governo norte-americano de impedir a expansão do comunismo no Sudeste Asiático.
- b) os norte-americanos deram apoio decidido às ações de seu governo no Vietnã e manifestaram insatisfação quando suas tropas foram retiradas de lá.
- c) os vietnamitas que enfrentavam o exército dos EUA lutavam em condições difíceis, pois não dispunham de apoio externo.
- d) a saída das tropas norte-americanas e a subsequente derrota das forças locais pró-Ocidente levaram à divisão do Vietnã.

16. Mackenzie-SP

"[...] Para os mais velhos, Mao é um constrangimento. É raro encontrar quem o defenda. Ao fim da viagem, quando eu já me conformava com o ritmo lento e as respostas esquivas dos chineses, testemunhei a única reação direta, quase intempestiva, de um professor de Economia da Universidade de Tsing-Hua, Denggao Long. Ao indagar se as mudanças na China mostravam uma verdadeira revolução de Deng, Long deu um pulo na cadeira e até arriscou o inglês: 'Revolução? Não! Reforma.' Eu sorri, e ele continuou: 'Revolução, nunca mais na China. A Revolução Cultural foi uma tragédia, um erro [...]'"

Revista *Época*, 6/2008.

Que aspecto da Revolução Cultural chinesa, ocorrida entre as décadas de 1960/1970, justificaria a afirmação destacada no trecho acima? Assinale a alternativa que responde, corretamente, à questão.

- a) A Revolução Cultural agiu em favor da burocratização do Estado chinês e da planificação excessivamente centralizada da economia.
- b) No plano econômico, a Revolução Cultural atrasou o avanço tecnológico do país, entre outros aspectos, devido às inúmeras perseguições a intelectuais, cientistas e educadores.
- c) Por meio da mudança de mentalidade, o governo maoísta pretendia consolidar os ideais revolucionários burgueses em detrimento da massa camponesa.

- d) A Revolução Cultural combateu duramente o isolamento tradicional da cultura chinesa, valorizando o cosmopolitismo e a inovação criadora trazida pelo comunismo.
- e) Defendendo uma revolução proletária urbana nos moldes da Revolução Russa, Mao Tsé-tung precisou usar de extrema violência para conter a participação da massa camponesa, o que resultou em massacre.

17. UEL-PR – As mudanças no panorama internacional representadas pela vitória socialista de Mao Tsé-tung na China, pela eclosão da Guerra da Coreia e pelas crescentes dificuldades no relacionamento com a URSS repercutiram na forma de tratamento dispensada pelos Estados Unidos ao Japão. Este, de "inimigo vencido", passou a:

- a) atuar como o mais forte aliado da URSS naquela região.
- b) ser a principal base de operações norte-americanas na Ásia.
- c) competir com as forças econômicas alemãs e inglesas.
- d) buscar o seu nível econômico de antes da Primeira Guerra Mundial.
- e) menosprezar o "consenso" – política de participação de pessoal, que visa à integração do trabalhador no esquema da empresa capitalista.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Sistema Dom Bosco

C2-H7

Durante a chamada Revolução Cultural chinesa, muitas pessoas foram mortas e perseguidas, livros foram queimados e famílias presas em campos de trabalho forçado. Pensando nisso, analise a fotografia e assinale a alternativa correta:

WORLD HISTORY ARCHIVE/
ALAMY STOCK PHOTO



- a) Os discursos sobre a Revolução Cultural são posteriores, feitos pelo Ocidente para desmoralizar a revolução.
- b) Como vemos na foto, havia muito apoio à revolução, por isso é possível dizer que a violência não foi tão grave.
- c) Pela imagem, podemos ver como a Revolução Cultural queria ser vista na China e no mundo, ao mesmo tempo em que escondia sua violência.
- d) Pela imagem, podemos ver como o Ocidente queria mostrar a revolução, cujos líderes preferiam mostrar a violência como forma de impor respeito.
- e) Como vemos na imagem, a Revolução Cultural chinesa foi unânime, com apoio total da população chinesa.

19. Sistema Dom Bosco

C2-H7



SCIENCE HISTORY IMAGES/ALAMY
STOCK PHOTO

A imagem acima é de um avião B52 dos EUA despejando bombas no Vietnã. A respeito da violência e da importância política dessa guerra, assinale a alternativa correta:

- a) O impacto de bombas, napalm e outras armas de alta destruição foi exagerado pela cobertura televisiva e fotográfica da guerra.
- b) A Guerra do Vietnã foi como qualquer outra guerra, não houve nenhum tipo de abuso, mas sua exposição pública foi maior, e isso aumentou ainda mais com a vitória dos EUA.
- c) Como os EUA saíram derrotados dessa guerra, o combate tem sido escondido de todas as formas, muito pouco comentado desde o seu fim até hoje.
- d) Mesmo com a utilização de toneladas de explosivos, os EUA saíram derrotados da guerra, e ainda assim o confronto contra o Vietnã teve grande exposição por conta dos avanços da televisão, cinema e fotografia.
- e) Como vemos na imagem, os EUA se furtaram de combater em solo e utilizaram apenas ataques aéreos.

20. Sistema Dom Bosco

C2-H7

Analise a foto abaixo e assinale a alternativa que melhor explica o contexto e a importância dessa imagem:

KOREA SUMMIT PRESS POOL/POOL VIA
REUTERS/FOTOARENA



- a) A foto foi tirada na Coreia do Norte, e a divisão das Coreias, que já foi causa de uma guerra na década de 1950, hoje é motivo de paz e celebração.
- b) A foto foi tirada na fronteira entre as duas Coreias, divididas após a Segunda Guerra Mundial e palco de conflitos entre EUA e URSS, e que atualmente estão se aproximando novamente.
- c) A foto foi tirada nos EUA, país que está liderando a aproximação das duas Coreias nos últimos anos, em oposição à Rússia, que quer mantê-las divididas.
- d) A foto foi tirada na fronteira entre as duas Coreias, no momento em que os EUA estão liderando a aproximação das duas Coreias, em oposição à Rússia, que quer mantê-las divididas.
- e) A foto foi tirada nos EUA e mostra a aproximação entre as duas Coreias, divididas após uma guerra no contexto da Guerra Fria.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

50

REVOLUÇÃO MEXICANA

- Em busca de liberdade
- Revolução Mexicana

HABILIDADES

- Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situações ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

EM BUSCA DE LIBERDADE

O México conseguiu sua independência em 1810, ainda que a Espanha não a tenha reconhecido, o que levou a uma guerra que durou dez anos. O século seguinte foi de muita dificuldade e luta para a maior parte da população, enquanto a elite agrária dominava a política e a economia. A escravidão foi abolida em 1829, porém os mais pobres, de maioria indígena ou mestiça, continuaram sem recursos, impedidos de conquistar melhores condições de vida e de participar da política.

Nesse contexto, estavam dadas as bases para um governo autoritário. Porfirio Díaz começa a governar em 1876 e estabelece uma ditadura no México. Por um lado, houve crescimento econômico e certa estabilidade, mas, por outro, isso só aconteceu às custas das pessoas mais pobres, a grande massa da população. Era preciso lutar novamente por liberdade. Antes, os mexicanos lutaram contra os espanhóis e, depois, contra um mexicano ditador.



Soldados zapatistas durante a Revolução Mexicana. Fotografia de 1913.

REVOLUÇÃO MEXICANA

No governo do caudilho Porfirio Díaz, capitais norte-americanos entravam no México para explorar minérios, principalmente na região mais setentrional. Embora houvesse uma Constituição e eleições para a presidência da república, de fato acontecia uma ditadura, que reelegia Porfirio Díaz em eleições fraudulentas. Essa situação perdurou de 1876 a 1910.

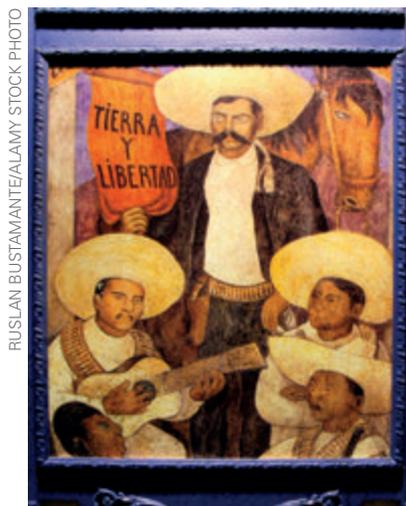
Esse presidente criou uma legislação fundiária, estabelecendo a propriedade privada da terra. A regularização das terras se fazia com título de propriedade reconhecido pelo governo. O que houve, na prática, foi a expropriação de terras comunais indígenas, seguida da venda e expulsão da população do campo, e criou-se um clima de revolta camponesa no país.

Acrescente-se a esse quadro a emergência de uma nova elite liberal, que ganhava força com os investimentos norte-americanos e cujos filhos iam estudar nos Estados Unidos, voltando interessados em mudar o jogo político do país. Isso exigia modificar a Constituição, de modo a impedir a reeleição do presidente da república. Configurou-se o quadro de insurgência no início do século XX, quando a nova elite liberal lançou a candidatura de Francisco Madero ao cargo de presidente.

Porfírio Díaz acusou Madero de agitar a população e incentivar a desordem pública. Com Madero preso, as eleições seguiam com as fraudes costumeiras. Contudo, a população havia sido convocada a não aceitar o resultado do pleito, conforme o plano San Luís de Potosí, que declarava vaga a cadeira de presidente, propunha a revisão das expropriações de terras e afirmava a necessidade de uma nova Constituição para o país que impedisse a reeleição do presidente da república. Populares atenderam ao apelo de Madero. No sul do México, o líder camponês Emiliano Zapata mobilizou a população e iniciou um levante. No norte, as agitações também tiveram curso sob a liderança de Pancho Villa. Assim, iniciava-se, em 1910, a Revolução Mexicana.



Emiliano Zapata representou a luta dos camponeses pela terra no México no início do século XX. Da região de Chiapas, no sul, conduziu um exército campesino que lutou contra Porfírio Díaz e, na sequência, contra Francisco Madero. Sua atuação inspirou movimentos camponeses pela terra no fim do século XX, liderados pelo subcomandante Marcos.



Pancho Villa, conhecido como ladrão de gado no norte do México, teve papel relevante na articulação de forças militares que atuaram na Revolução Mexicana. Villa e Zapata rivalizaram pelo controle político do país, mas nenhum chegou a ocupar o cargo de presidente do México.

Em 1911, Porfírio Díaz renunciou ao cargo de presidente da república e outro sufrágio elegeu Francisco Madero, que convocou eleições para uma Assembleia Constituinte e, em nome da revolução, aboliu o artigo da Constituição vigente que permitia a reeleição. Os liberais aclamaram a possibilidade de revezamento no poder, mas os populares não foram atendidos em suas reivindicações e romperam com Madero, que tornou-se inimigo na revolução.

Emiliano Zapata apresentou o Plano Guadalupe, voltado à reforma agrária e ao estabelecimento de um governo popular. Conforme Michael Löwy, a respeito de Madero e da instabilidade política continuada na revolução:

A aparência franzina de Madero esconde uma ideologia sectária e rigorosa? Nada disso. Era certamente um homem de convicções, mas é um moderado, que foi levado a se radicalizar apenas pela intransigência de Díaz. Não é menos odiado pelos conservadores. Oriundo de uma rica família israelita, idealista, estudou no estrangeiro e reuniu nele três boas razões para ser desprezado: intelectual, judeu e traidor perante sua classe social... Mas os ativistas mais avançados também não tardaram a rejeitar Madero. Quem era ele? Um homem cheio de boas intenções, mas tímido e desajeitado, que não percebeu a extensão e a urgência das reformas que deveriam ser feitas? Ou o cínico representante de uma revolução “burguesa”, firmemente decidido a mantê-la em limites estreitos, como analisam os marxistas puros e duros? O certo é que ele é o contrário de um revolucionário. Legalista até os ossos, recusou-se a suceder diretamente Díaz e esperou o veredicto das urnas para assumir a presidência. Reformas? Sem dúvida, mas dentro da ordem e da legalidade.

Um discurso que os camponeses espoliados e as herdadas famélicas dos campos não podiam compreender. Rapidamente, Madero encontra Zapata em seu caminho e, para combatê-lo, comete a loucura de aliar-se aos seus piores inimigos, os conservadores e o Exército, que aproveitarão a primeira ocasião para derrubá-lo.

LÖWY, Michael. *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2009. p. 270-271.



FL HISTORICAL - I/EALAMY STOCK PHOTO

Madero e Zapata e seus companheiros revolucionários em Cuernavaca, México.

Depois de violências de parte a parte, conspirações entre integrantes do governo Madero e milhares de mortos, o presidente foi derrotado, preso e executado. Ao longo do conflito, o México ainda teve como presidentes da república Victoriano Huerta, Eulalio Gutiérrez, Venustiano Carranza e Álvaro Obregón. Nesse contexto de agitação e sedições começou a disputa entre Pancho Villa e Emiliano Zapata pelo poder político. Ao final, todos haviam sido executados e a tradição revolucionária foi preservada na memória dos mexicanos. Aprovou-se uma nova Constituição em 1917, que garantiu a desapropriação de terras em nome da utilidade pública, sem dúvida uma conquista social. A Constituição mexicana refletia o pensamento revolucionário, sendo uma das mais avançadas do início do século XX.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

REVOLUÇÃO MEXICANA

Ditadura de Porfirio Díaz

País nas mãos dos latifundiários e exploração dos pequenos agricultores.

Líderes populares

Norte: Pancho Villa.

Sul: Emiliano Zapata.

Período de guerra civil

1910-1920.

Desestabilização

Guerrilhas provocadas pelo não cumprimento das reformas.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UFRJ-RJ



OROSCO, José Clemente. *Zapatistas* (detalhe). Museu de Arte Moderna de Nova York / AKG Berlin LatinStock, 1931.

Há exatos cem anos teve início a Revolução Mexicana, que ocasionou profundas mudanças na sociedade nas primeiras décadas do século XX. Explique um fator que tenha contribuído para a deflagração da Revolução Mexicana.

O crescimento econômico durante o governo de Porfírio Díaz (1876-1911) não foi distributivo, ou seja, criou muitas desigualdades regionais e sociais. Além disso, houve queda na produção de alimentos básicos (milho, por exemplo) e, ao mesmo tempo, um aumento da população mexicana. Outro fator foi a questão agrária: em torno de novecentos grandes proprietários concentravam mais da metade das terras agrícolas, enquanto milhões de camponeses não possuíam terra alguma.

2. UFU-MG

“Em 1876, depois de alguns anos de rebeliões populares, resistência regional à consolidação do governo central e lutas internas entre as elites liberais, Porfírio Díaz chegou ao poder e governou a frágil nação até 1910. Díaz tinha originalmente construído sua reputação como homem do povo, especificamente como líder militar de uma aliança popular que tinha combatido e derrotado os invasores europeus. Entretanto, ele cada vez mais se imaginava um Bismarck ou Napoleão do Novo Mundo, decidido a restaurar a ordem e a estabilidade no México e buscar a modernidade e o desenvolvimento econômico através do autoritarismo.”

GERSTLE, Gary. Raça e nação nos Estados Unidos, México e Cuba (1880-1940). In: PAMPLONA, Marco A.; DOYLE, Don H. (Org.). *Nacionalismo no Novo Mundo: a formação de Estados-nação no século XIX*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

A respeito do projeto de modernização do México, idealizado por Porfírio Díaz e seus conselheiros científicos, marque a alternativa incorreta:

- a) Alguns membros da elite porfiriana defendiam que a nação mexicana precisava incorporar de algum modo as massas indígenas, e ressuscitaram, assim, uma narrativa nacionalista sobre os astecas.
- b) O ideal de embranquecimento da população estava presente nas preocupações dos conselheiros, que atrelavam a ideia de vigor nacional à necessidade de uma população predominantemente branca.
- c) O Estado porfiriano integrou as populações indígenas com o intuito de embranquecê-las a partir de políticas de incorporação que atendiam às reivindicações políticas das tribos.
- d) Contingentes cada vez maiores de índios e mestiços deixavam áreas rurais isoladas em direção às regiões comerciais, industriais e de mineração, atraídos pelo projeto de modernização econômica.

No projeto de modernização do México idealizado por Porfírio Díaz não houve integração das populações indígenas, nem mesmo com o projeto de embranquecê-las.

3. PUC-MG – As alternativas apresentadas abaixo estão relacionadas à Revolução Mexicana de 1910, exceto:

- a) participação do povo no processo de decisão política numa franca oposição contra as elites latifundiárias.
- b) participação intensa dos camponeses, desejosos por uma reforma agrária a qualquer custo.
- c) atuação direta da Igreja Católica na condução do movimento devido à grande devoção do povo.
- d) condução da revolução por Zapata e Pancho Villa, protagonistas na defesa da liberdade e do direito à terra.

Não houve participação direta da Igreja Católica na condução do movimento revolucionário mexicano. As demais alternativas estão corretas.

4. UFF-RJ – O Exército Zapatista de Libertação Nacional continua liderando um dos principais movimentos organizados de resistência na América Latina. Realizou, em 1996, um encontro internacional, quando foram debatidos temas humanitários e econômicos. Afirma-se, corretamente, que esse movimento é:

- a) de caráter popular guerrilheiro, comandado formalmente pelo narcotráfico e pretende manter o domínio sobre os produtores de coca da região de Chiapas.
- b) forte, de alcance internacional, e objetiva formar uma união federativa entre as nações indígenas em conflito na América Central.
- c) basicamente de escala nacional, visa à independência do México em relação aos Estados Unidos e propõe sua desvinculação do Nafta.
- d) antes de tudo, atuante na escala global e visa a impor uma nova ordem econômica que reforce o papel dos Estados-nações.
- e) constituído, basicamente, por camponeses pobres do sul do México, visa à autogestão no nível regional e propõe uma articulação nacional e global contra o neoliberalismo.

O EZLN é formado majoritariamente por camponeses de origem maia, que habitam a região de Chiapas. Eles são críticos ao capitalismo, mas com uma proposta de atuação regional.

5. Fuvest-SP – A Revolução Mexicana de 1910, do ponto de vista social, caracterizou-se:

- a) pela intensa participação camponesa.
- b) pela aliança entre operários e camponeses.
- c) pela liderança de grupos socialistas.
- d) pelo apoio da Igreja aos sublevados.
- e) pela forte presença de combatentes estrangeiros.

Esta questão vai ao centro do conteúdo acerca da Revolução Mexicana. Dados os fatores agrários da revolta, como vimos, a participação camponesa foi essencial e numerosa.

6. Uerj-RJ

C5-H25

“O problema agrário está na base dos conflitos sociais e políticos da história do México, desde a independência até a revolução. Todas as tentativas de mudança estrutural – independência, reforma, porfiriato, revolução – decorrem da necessidade essencial de resolver essa questão-chave.”

NUNES, Américo. *As revoluções do México*. São Paulo: Perspectiva, 1980. (Adaptado)

Identifique o problema agrário ao qual se refere o autor do texto e estabeleça sua relação com a Revolução Mexicana de 1910.

Américo Nunes refere-se à concentração da propriedade da terra, o que

deixava a maioria da população camponesa e indígena sem terras e, por

tanto, sem meios de se sustentar. Com a liderança de Pancho Villa e

Zapata, os revoltosos – em sua maioria camponeses – se sublevaram

contra o governo de Porfírio Díaz, exigindo uma profunda reforma agrária

no país.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender

e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo

uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Identificar estratégias que promovam formas de inclusão

social.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Uece-CE – Em Chiapas, no México, em 1994, ocorre uma rebelião conduzida pela Frente Zapatista de Libertação Nacional que reivindica mudanças na distribuição da terra e benefícios sociais para as populações do campo e indígena. Quanto à utilização do termo "zapatistas", assinale o correto:

- Uma aproximação à imagem de Emiliano Zapata, um líder da Revolução Mexicana, que, no início do século XX, parecia ser a única esperança para os camponeses do sul do país.
- Uma clara homenagem ao atual presidente espanhol José Luiz Rodríguez Zapatero, que, à época da rebelião, era militante do Partido dos Trabalhadores Socialistas Espanhol (PSOE) e porta-voz internacional das minorias mexicanas.
- Referência a Zapata, território localizado no pequeno estado mexicano Morelos, cuja população de índios e camponeses, há séculos, resiste às violentas expropriações dos fazendeiros sobre suas comunidades.
- Uma homenagem aos irmãos Emiliano e Eufêmio Zapata, pequenos proprietários de terras, no estado de Morelos, que injustamente tiveram suas terras expropriadas por grandes fazendeiros e foram brutalmente assassinados.

8. Unesp-SP

“O descontentamento com a desigualdade social crescia em todos os setores populares [...] Uma situação francamente revolucionária só se criou quando a este descontentamento generalizado se somaram dois fatos novos. Primeiro, uma grave dissensão no patriciado político motivada pelo continuísmo de Porfírio Díaz [...] Segundo, e principalmente, o surgimento de duas lideranças camponesas autênticas: a de Emiliano Zapata [...] e a de Francisco Villa [...]”

Darcy Ribeiro. *As Américas e a civilização*.

O texto refere-se à:

- Revolução Sandinista.
- Revolução Cubana.
- Guerra do Pacífico.
- Guerra do Chaco.
- Revolução Mexicana.

9. Cesgranrio-RJ – Ao longo do século XX, diversos movimentos sociais eclodiram na América Latina. Dentre eles, destacamos a Revolução Mexicana, iniciada em 1911, que se caracterizou, em suas origens, como um movimento:

- operário pela implantação de um governo socialista no México.
- nacionalista contrário à dominação política espanhola.
- burguês em defesa da industrialização do país.
- camponês de luta por uma reforma agrária.
- liberal em prol de uma aliança econômica com os Estados Unidos.

10. UFF-RJ (adaptado) – A Revolução Mexicana, irrompida em 1911, e a ascensão da União Cívica Radical à presidência da república na Argentina, em 1916, exprimem casos exemplares das crises oligárquicas ocorridas na América Latina no início do século XX. Assinale a opção que apresenta corretamente uma importante diferença entre os dois processos mencionados:

- A Revolução Mexicana foi concebida por oligarquias dissidentes do porfiriato, enquanto o radicalismo argentino foi gestado no meio sindical anarquista.
- No caso mexicano, o desdobramento do movimento revolucionário contou com forte adesão de setores camponeses, ao passo que o radicalismo argentino se caracterizou, sobretudo em seu início, como um movimento político da classe média urbana.
- O processo revolucionário mexicano assumiu rumos notoriamente bolcheviques após 1917, influenciado pelo êxito da Revolução Russa, ao contrário do radicalismo argentino, movimento essencialmente conservador.
- A Revolução Mexicana foi, desde o início, um processo de insurgência comunista, ao passo que o radicalismo de Ipólito Yrigoyen se manteve restrito ao meio social portenho da classe média urbana.

11. Uerj-RJ

“A revolução é uma súbita imersão do México em seu próprio ser [...] é uma busca de nós mesmos e um regresso à mãe. Nela, o México se atreve a ser.”

Octavio Paz, escritor mexicano. Citado por *Grandes fatos do século XX*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1984.

A Revolução Mexicana, iniciada em 1911, trouxe à tona a organização e a luta de populações camponesas de origem indígena que até hoje utilizam esse movimento como símbolo. A eclosão da Revolução Mexicana pode ser explicada pelos seguintes motivos:

- A influência do ideário positivista e a atuação dos “científicos” nos movimentos camponeses.
- A luta do campesinato pela propriedade da terra e as reivindicações de setores burgueses por um maior espaço na política.
- A necessidade de uma modernização capitalista e o desejo da burguesia pela ampliação da influência do capital francês no país.
- A união dos liberais e dos comunistas mexicanos contra o porfiriato e o interesse dos grandes proprietários na aliança com o capital inglês.

12. UFMG-MG – No contexto da Revolução Mexicana, na segunda década do século passado, o Exército Libertador do Sul, liderado por Emiliano Zapata, sublevou-se no México. No final do mesmo século, em 1994, no estado sulista de Chiapas, a organização denominada Exército Zapatista de Libertação Nacional iniciou um movimento rebelde. Os dois movimentos referidos têm vários pontos em comum, entre os quais destaca-se a luta para:

- tomar o poder e implantar governos inspirados nas ideias agraristas do líder chinês Mao Tsé-tung.
- defender os interesses dos operários e trabalhadores fabris, constantemente violados pelo governo mexicano.
- destituir as elites dirigentes e instaurar um Estado socialista inspirado na tradição marxista latino-americana.
- resgatar as terras dos camponeses de origem indígena e conquistar melhores condições de vida para eles.

13. Fuvest-SP

ESCOLA NACIONAL DE AGRICULTURA, CHAPINGO, MÉXICO



Diego Rivera. *O sangue dos mártires da revolução fertilizando a terra* (mural pintado em 1927).

Neste mural, o pintor mexicano retratou a morte de Emiliano Zapata. Observando a pintura, é correto afirmar que Rivera:

- foi uma rara exceção na América Latina do século XX, pois artistas e escritores se recusaram a relacionar arte com problemas sociais e políticos.
- retratou, no mural, um tema específico, sem semelhanças com a situação dos camponeses de outros países da América Latina.
- quis demonstrar, no mural, que, apesar da derrota armada dos camponeses na Revolução Mexicana, ainda permaneciam esperanças de mudanças sociais.
- representou, no mural, o girassol e o milho como símbolos religiosos cristãos, próprios das lutas camponesas da América Latina.

e) transformou-se numa figura única na história da arte da América Latina, ao abandonar a pintura de cavalete e fazer a opção pelo mural.

14. FGV-SP – Sobre a Revolução Mexicana, afirma-se:

- Durante o longo governo de Porfírio Díaz (1876-1911), os recursos nacionais do subsolo foram entregues ao controle estrangeiro e se manteve a forte concentração fundiária.
- Pressionado pelas massas camponesas e operárias, Francisco Madero estabelece uma reforma agrária radical, que incluía o fim dos latifúndios.
- A institucionalização do processo revolucionário tem como marco a promulgação de uma carta constitucional em 1917, na qual se preconizava a nacionalização do solo e do subsolo.
- Após a renúncia de Porfírio Díaz, assumiu Francisco Madero, que, com o apoio dos Estados Unidos, governa o México até o início dos anos 1930.
- O assassinato à traição de Emiliano Zapata, em 1919, revela as fortes divergências ideológicas entre o líder camponês e o presidente Venustiano Carranza.

São corretas as afirmativas:

- I, III e V, apenas.
- I, IV e V, apenas.
- II, III e V, apenas.
- I, II, III e V, apenas.
- I, II, III, IV e V.

15. UEL-PR – “Em 1910, um grupo de agricultores mexicanos rebelou-se contra os rumos que o governo impunha a seu país. A revolta seguiu por nove anos com guerrilhas, sabotagens e cercos continuados aos revoltosos” Um dos líderes do movimento a que o texto se refere foi:

- Virgilio Piñera.
- Emiliano Zapata.
- Simón Bolívar.
- José Artigas.
- Pablo Escobar.

16. UFU-MG – Considere as informações a seguir. A imagem adiante é um fragmento do mural pintado por Diego Rivera, intitulado *En el arsenal*, no qual o artista retrata, entre outros amigos, Frida Kahlo, distribuindo espingardas e baionetas aos trabalhadores. Na margem esquerda, vê-se David Siqueiros (colega e correligionário de Rivera) com o uniforme de capitão, cargo que tinha ocupado nos anos da revolução. Na margem direita, Julio Mella distribui cartucheiras e, ao seu lado, está sua companheira Tina Modotti, fotógrafa e ativista comunista no México, na União Soviética e na Guerra Civil Espanhola.

SECRETARIA DE EDUCACIÓN PÚBLICA, CIUDADE DEL MÉXICO



Diego Rivera. *En el arsenal* (1928). Mural, color. 2,03 m × 3,98 m. (detalhe). Secretaría de Educación Pública.

A pintura mural foi exaltada, por diversos governos na primeira metade do século XX, como expressão nacional vital. Especialmente no continente americano, os murais estiveram no centro das discussões em torno da existência e pertinência de uma arte social, cujo caráter de protesto e de denúncia era inerente às manifestações artísticas engajadas diretamente no processo político. Essas manifestações artísticas almejavam tornar-se instrumento de transformação da sociedade. A partir da imagem e das referências apresentadas, responda:

- a) Essa imagem se refere a que movimento social? Quais são as principais características desse movimento?

- b) Quais categorias sociais tiveram atuação no movimento e estão representadas na pintura?

17. Fuvest-SP (adaptado) – Sobre a Revolução Mexicana:

- a) Qual a atuação dos grupos camponeses liderados por Emiliano Zapata e Pancho Villa na Revolução Mexicana?

- b) Como foi proposta a solução da questão agrária no Plano de Ayalla?

ESTUDO PARA O ENEM

18. FGV-SP

C1-H5



Juan O'Gorman. *Retábulo da independência*, pintura mural, 1960-1961 (detalhe).

A imagem acima é representativa do movimento muralista mexicano, que, entre outras características, explorou temas da história do México. Nesse detalhe, é possível identificar a:

- a) ausência de elementos da religiosidade católica devido à valorização dos aspectos indígenas.
 b) representação de uma História com pouca ênfase aos seus conflitos sociais e às tensões políticas.
 c) mestiçagem cultural característica da formação do México e de diversos outros Estados latino-americanos.

- d) crítica explícita à dominação imperialista dos Estados Unidos em relação ao México.

- e) defesa do papel da elite mexicana como condutora dos destinos coletivos de sua nação.

19. UFU-MG

C5-H22

“A Revolução Mexicana, que marca o início da Idade Contemporânea na América Latina, [...] derrotou a hegemonia da oligarquia, substituindo-a por uma burguesia agrária, desencadeando mudanças significativas na economia, na política, na diplomacia, nos campos social e cultural e nas relações entre Estado e Igreja.”

RAMPINELLI, W. J. A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com os povos originários. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 126, nov. 2011, p. 90.

Sobre os adventos que envolvem o processo revolucionário mexicano, é incorreto afirmar que:

- a) Porfírio Díaz, um dos principais nomes da revolução, defendia a realização de reformas trabalhistas e agrárias já no decurso do processo revolucionário, sem esperar as decisões de um futuro Poder Legislativo.
 b) os intelectuais tiveram papel fundamental como precursores da revolução, em especial, aqueles vinculados às classes média e baixa, como Ricardo Flores Magón.
 c) o programa do Partido Liberal Mexicano, de 1906, foi o primeiro documento público com a exposição dos 52 pontos que continham as principais ideias

da revolução, fazendo um chamado ao povo sobre a vida nacional.

- d)** Emiliano Zapata comandava o Exército Libertador do Sul, que era formado essencialmente por camponeses, que não dispunham de uma visão nacional da revolução, apenas buscavam a defesa de suas tradições e de suas terras.

20. Unesp-SP

C5-H22

“A nação terá em qualquer tempo o direito de impor à propriedade privada as modalidades ditadas pelo interesse público [...]. Com esse objetivo serão determinadas as medidas necessárias ao fracionamento dos latifúndios [...]. Os povoados, vilarejos e comunidades que careçam de terras e águas ou não as tenham em quantidades suficientes para as necessidades de sua população terão direito a elas, tomando-as das propriedades vizinhas, porém respeitando, sempre, a pequena propriedade.”

Artigo 27 da Constituição Mexicana de 1917. Apud Héctor H. Bruit. *Revoluções na América Latina*, 1988.

O artigo 27 da Constituição elaborada ao final da Revolução Mexicana dispõe sobre a propriedade de terra e:

- a)** contempla parcialmente as reivindicações dos movimentos camponeses e indígenas por distribuição de terras.
- b)** representa a vitória dos projetos defendidos pelos setores operários e camponeses vinculados a grupos socialistas e anarquistas.
- c)** expõe o avanço do projeto liberal burguês e de sua concepção de desenvolvimento de uma agricultura integralmente voltada à exportação.
- d)** restabelece a hegemonia sociopolítica dos grandes proprietários rurais e da Igreja Católica, que havia sido abalada nos anos de luta.
- e)** corresponde aos interesses dos grandes conglomerados norte-americanos, que se instalaram no país durante o período do porfirismo.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

REVOLUÇÃO CUBANA

51

A REVOLUÇÃO DURADOURA

Estudamos até agora as revoluções asiáticas e a mexicana. Entre as primeiras, foram revoluções em países do lado soviético do mundo. No caso mexicano, país que faz fronteira com os Estados Unidos, o líder do mundo capitalista, o que houve foi uma revolução contra uma ditadura e a busca pela reforma agrária.

Por tudo isso, o caso de Cuba é único. Logo ao sul dos Estados Unidos, nesta ilha que sempre esteve na esfera de influência dos estadunidenses, eclodiu uma revolução comunista. Os revolucionários saíram-se vitoriosos, depuseram o antigo ditador e instauraram seu regime. Em 1961, durante a Guerra Fria, Cuba alinhou-se ao bloco soviético.

Até hoje Cuba é uma ditadura comunista. Por um lado, avançaram na educação e na saúde, acabando com o analfabetismo e criando um dos melhores sistemas de saúde pública do mundo. Por outro, para sustentar uma ditadura por tantos anos, recorreram à repressão e à censura.

Dada a sombra comunista no que os norte-americanos consideram seu quintal, mesmo após a queda do Muro de Berlim Cuba sofria com o isolamento político e ainda hoje sofre com os embargos, ambos impostos pelos Estados Unidos. Como uma ilha tão pequena pode ameaçar uma potência mundial? É isso o que veremos a seguir.

- A revolução duradoura
- Revolução Cubana

HABILIDADES

- Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situações ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

MICHAEL HONEGGER/ALAMY STOCK PHOTO



Pintura que representa a vitória de Fidel Castro e de suas tropas na Revolução de 1959. Museu da Revolução, Havana.

REVOLUÇÃO CUBANA

No que se refere ao confronto entre capitalismo e socialismo na América Latina, Cuba registrou o acontecimento mais significativo. O ditador Fulgêncio Batista, por meio de fraudes eleitorais, manteve o poder na ilha de 1933 até 1959.



GLASSHOUSE IMAGES/ALAMY STOCK PHOTO

Fulgêncio Batista, ditador cubano apoiado pelos Estados Unidos, em visita a Washington. Durante seu regime, Cuba servia de destino turístico para norte-americanos que buscavam cassinos, prostitutas e, durante a Lei Seca nos Estados Unidos, bebidas alcoólicas.

A insatisfação da população com relação ao regime ditatorial era grande. Mais de uma centena de pessoas, lideradas por Fidel Castro – que seria o grande líder da revolução – atacaram o quartel de Moncada em 1953. A tentativa foi frustrada, porém o discurso de defesa de Fidel, intitulado “A história me absolverá”, ficou muito conhecido e tornou-se um símbolo.

Durante o exílio no México, Fidel Castro e seu irmão, Raúl, encontraram-se com um revolucionário argentino chamado Che Guevara, que difundiu a ideia da luta guerrilheira pela América Latina como forma de construção do socialismo.

Fidel Castro liderou o movimento contra o governo acompanhado do argentino Che Guevara. A ação com traço nacionalista situava-se no campo de crítica à ditadura não comprometida com os interesses populares. Em 1956, retornaram a Cuba, juntos, diretamente para a Sierra Maestra, local que tornou-se o centro da organização de um grupo guerrilheiro.

Três anos depois, no ano-novo de 1959 para 1960, em meio aos fogos, a guerrilha tomava a capital Havana. A campanha vitoriosa contra Fulgêncio Batista estabeleceu um governo revolucionário que atingiu interesses norte-americanos na ilha. A implementação do programa de distribuição de terras, nacionalização de empresas dos Estados Unidos, educação ampla e atendimento à saúde da população provocou pressão do governo estadunidense sobre o país. De acordo com o historiador Luís Fernando Ayerbe:

Entre 8 de janeiro de 1959, quando os revolucionários assumem o poder, e 17 de maio, data da assinatura da Lei de Reforma Agrária, as reações negativas perante o novo governo nos Estados Unidos tiveram um caráter de advertência, cujo veículo principal foi a imprensa, sem que as opiniões vertidas assumissem um caráter oficial. As principais preocupações eram com a magnitude da repressão aos antigos aliados do regime de Batista (fuzilamentos e juízos sumários) e a demora para convocar eleições. No entanto, a decretação da reforma agrária desencadeou o início do confronto entre os objetivos da revolução e a política dos Estados Unidos.

AYERBE, Luís Fernando. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004. p. 60.



ALPHA HISTORICA/ALAMY STOCK PHOTO

Foto de Fidel Castro discursando no centro de Havana em 1961, dois anos após a Revolução Cubana.

A pressão norte-americana com o estabelecimento de entraves ao comércio cubano traduziu a situação de crise na ilha. A proposta socialista pareceu interessante, pois, conforme Che Guevara e outros revolucionários, a União Soviética poderia ajudar Cuba economicamente, além de significar considerável respaldo político na época. O historiador Michael Löwy apresenta a situação de conflito e o caminho para o socialismo em Cuba de forma dramática:

Em junho de 1960, o governo exige das refinarias que façam o beneficiamento do petróleo bruto soviético: diante da recusa, serão expropriadas. É o início da escalada. Em 3 de julho, o Congresso dos Estados Unidos autoriza o presidente a suprimir a cota de açúcar cubano. Em 5 de julho, o Conselho de Ministros de Cuba autoriza a expropriação de todas as propriedades norte-americanas. Em 6 de julho, o presidente Eisenhower suprime a cota de açúcar cubano. Em 7 de agosto, todas as grandes empresas norte-americanas, industriais ou agrícolas, são estatizadas, seguidas dos bancos, em 17 de setembro.

Nesse mês de setembro de 1960, Fidel Castro vai a Nova York, onde estava sendo realizada a Assembleia das Nações Unidas. Deixando o bairro da ONU, onde está confinado, muda-se e instala-se no Harlem. Ali, encontrou-se com o líder negro Malcolm X e com Nikita Kruchov [...]. Sabe-se que, a partir de agora, pode contar com a ajuda econômica e militar da URSS.

LÖWY, Michael. *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2009. p. 459-460.

Em 1961, houve o desembarque na Baía dos Porcos, uma ação organizada pelo governo estadunidense visando a derrubada do governo revolucionário. A invasão seria executada por exilados cubanos treinados para uma ação de guerrilha e teria o apoio dos Estados Unidos. A tentativa foi malsucedida e a ampla maioria dos exilados foi presa na reação do governo cubano. Após a derrota dos ataques, Fidel Castro declarou o caráter socialista da Revolução Cubana, que, em um primeiro momento, havia sido apenas um movimento nacionalista contra um ditador. Assim, obteve o apoio imediato da URSS. O nível de tensão internacional cresceu e os Estados Unidos impuseram um embargo econômico à ilha, algo que permanece até os dias de hoje, apesar do esforço de Barack Obama em se aproximar de Cuba.

Fidel Castro governou Cuba, imprimindo reformas que alteraram profundamente a vida da população da ilha, ao menos até o início dos anos 1980, enquanto tinha o apoio financeiro da URSS. O governo revolucionário nacionalizou empresas, confiscou terras e investiu em saúde, educação e esporte. É referência em saúde preventiva até hoje, tem educação comparada à de países desenvolvidos e foi uma potência olímpica durante muito tempo – ao menos enquanto tinha o apoio soviético. Por outro lado, os guerrilheiros, que lutavam contra uma ditadura, instalaram outra. Havia, como ainda há, perseguição a opositores, limitação do direito de ir e vir e nenhuma liberdade econômica.

O mais elevado grau de tensão causado por essa ilha comunista às margens da maior potência capitalista do mundo aconteceu quando o dirigente soviético Nikita Khrushchev negociou com Fidel a instalação de uma

base para o lançamento de mísseis balísticos no fim de 1962, no que ficou conhecido como Crise dos Mísseis. O presidente Kennedy chegou a ir a público nos Estados Unidos para informar a população sobre o perigo de um ataque e informou que estava preparado para utilizar força militar contra Cuba se fosse necessário. Muitos, naquele momento, acreditavam na instauração da Terceira Guerra Mundial. O mundo esteve à beira de uma guerra entre duas potências nucleares.

Navios norte-americanos fizeram um bloqueio naval à ilha e, em um momento de muita tensão política, uma frota soviética aproximou-se do bloqueio. Diante do embate eminente, Kennedy e Nikita Khrushchev negociaram uma solução. Os soviéticos tiraram os mísseis da ilha e os estadunidenses comprometeram-se a não invadir Cuba. Sem alarde público, os Estados Unidos também retiraram os mísseis que haviam instalado na Turquia, muito próximos à fronteira com a URSS.

A importância da Revolução Cubana para a América Latina residiu na possibilidade de superação do subdesenvolvimento por meio de ação guerrilheira responsável pelo ingresso dos países latino-americanos no mundo socialista. Nesse sentido, movimentos armados estimulados pelo líder guerrilheiro Che Guevara ganharam espaço. A reação norte-americana foi apoiar governos militares que combatessem a ameaça comunista na América Latina. Em pouco tempo, estabeleceram-se governos militares assentados em doutrinas de segurança nacional, iniciando-se uma severa perseguição a grupos de esquerda.

MATERIAL DE ENSINO
SISTEMA DE ENSINO

ROTEIRO DE AULA

REVOLUÇÃO CUBANA

Antecedentes

Início da luta pela independência (1850), com interesse norte-americano (Guerra Hispano-Americana). Emenda Platt: intervenção dos Estados Unidos (revogada em 1934). Governo ditatorial de Fulgêncio Batista, com o apoio dos Estados Unidos.

Revolução de 1959

Governo repressivo de Fulgêncio Batista e tentativa de golpe de Fidel Castro (1953). Exílio de Fidel Castro (Movimento de 26 de Julho). Tomada do poder (10 de janeiro de 1959) por Fidel Castro e Che Guevara.

Regime cubano

Socialismo marxista sem alinhamento com a URSS, de início. Unidades populares para reformas de base. Economia e base agrária açucareira. Expulsão da OEA e bloqueio econômico. Aproximação com a URSS. Bloqueio naval – Kennedy e os mísseis soviéticos (1962).

Pressão internacional

Crescente pelo fim do bloqueio dos Estados Unidos a Cuba. Fidel Castro afasta-se do poder (24 fevereiro de 2008) e o transfere ao irmão Raúl Castro.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. **Udesc-SC** – Assinale a alternativa correta em relação à Revolução Cubana e aos seus desdobramentos:

- a) Nos últimos dez anos, houve uma reaproximação de Cuba com os Estados Unidos, especialmente durante o governo de George W. Bush.
- b) Na era Barack Obama, houve o fim do bloqueio econômico imposto a Cuba desde 1962.
- c) Realizada a Revolução em 1959, foi somente em 1961 que Cuba se “alinhou” ao socialismo.
- d) Com a dissolução da União Soviética, Cuba passou por um momento de efervescência econômica, ocupando espaço que antes pertencia aos soviéticos.
- e) Em 1962, durante a Guerra Fria, Cuba ficou sob a proteção norte-americana no episódio conhecido como Crise dos Mísseis.

Esta é uma informação muito importante. A Revolução Cubana foi nacionalista, buscava derrubar um ditador. Só após algum tempo é que o país alinhou-se ao socialismo soviético.

2. **Uece-CE** – As experiências guerrilheiras na Venezuela (1962-1970), na Colômbia (1964-1996), no Peru (1961-1964), no Brasil (1968-1969), na Argentina (1969) e no Uruguai (1968-1973) foram influenciadas pelo(a):

- a) Revolução Sandinista.
- b) Revolução Cubana e pela Guerra do Vietnã.
- c) Grupo de Contadora e pelos Estados Unidos.
- d) Reformismo populista.

Esta questão serve para mostrar como uma questão pode ser resolvida com um conhecimento mais básico de um dos temas. Basta que o aluno conheça a Revolução Cubana para saber que os liderados por Fidel Castro e Che Guevara utilizaram a tática de guerrilha. Conhecendo também a Guerra do Vietnã, seria possível vincular essa tática aos vietcongues.

3. **UnB-DF (adaptado)**

“É tremenda injustiça comparar Khrushchev a Hitler. A arrogância, a truculência, a insensibilidade brutal do ditador soviético são inéditas na História do mundo. Nunca se viu, desde os tempos de Gengis Khan, tamanho desprezo pelos valores da civilização ou maior falta de escrúpulos. Estarrecido, o mundo, ao mesmo tempo em que se inteirava da consumação das ameaças de Khrushchev de fazer explodir a superbomba de 50 megatons, lia a resposta dele ao apelo dos deputados trabalhistas ingleses para que desistisse da explosão. Em lugar de responder como faria um homem civilizado e dotado de qualquer vestígio de decência ou de sentimento de humanidade, Khrushchev replicou, com todo o seu furor vesânico, para ameaçar a Inglaterra de destruição total, assegurando que ela seria riscada do mapa.”

O trecho acima, extraído e adaptado do jornal *O Globo*, é parte do editorial “Ditador fanático quer subjugar o mundo pelo terror”, publicado na primeira página da edição de 1º de novembro de 1961. Considerando a retórica do editorial, o ano em que foi publicado e o contexto histórico em que se inscreve, além de aspectos marcantes da história do século XX, avalie e justifique os itens:

- a) No ano em que o mencionado editorial foi publicado, a Revolução Cubana assumiu a opção marxista, mas, diante do temor de que, com essa decisão, o clima de dramaticidade da Guerra Fria fosse transportado para as Américas, Fidel Castro afastou Cuba da influência soviética.

Errado. Esse foi o ano do alinhamento de Cuba com o socialismo soviético.

- b) O texto traduz um discurso típico do período da Guerra Fria, quando a retórica de forte passionalidade era utilizada pelos dois campos ideológicos em luta: o capitalista, conduzido por Washington, e o socialista, liderado por Moscou.

Correto. De fato, Cuba foi um importante palco de disputas durante a

Guerra Fria, uma vez que fica bem próxima dos Estados Unidos e era um

país alinhado aos soviéticos.

4. **FGV-SP** – Em janeiro de 1959, tropas revolucionárias comandadas por Fidel Castro tomaram o poder em Cuba. A luta revolucionária:

- a) foi dirigida por uma guerrilha comunista que pôde derrotar o exército de Fulgêncio Batista, graças ao apoio militar oferecido pela União Soviética.
- b) foi dirigida pelo Partido Comunista de Cuba, que conseguiu mobilizar camponeses e trabalhadores urbanos contra a ditadura de Fulgêncio Batista.
- c) foi dirigida por dissidentes do governo de Fulgêncio Batista, com apoio inicial do governo dos Estados Unidos, interessado em democratizar a região do Caribe.
- d) foi dirigida por uma guerrilha nacionalista e anti-imperialista, que angariou apoios da oposição burguesa e de setores da esquerda cubana.
- e) foi dirigida por um movimento camponês espontâneo que, gradativamente, foi controlado pelos comunistas liderados por Fidel Castro.

Não houve apoio soviético durante a revolução, nem havia ainda um Partido Comunista em Cuba. Esse alinhamento aconteceu apenas em 1961, como vimos.

5. **Enem**

C2-H7

“Os soviéticos tinham chegado a Cuba muito cedo na década de 1960, esgueirando-se pela fresta aberta pela imediata hostilidade norte-americana em relação ao processo social revolucionário. Durante três décadas os soviéticos mantiveram sua presença em Cuba com bases e ajuda militar, mas, sobretudo, com todo o apoio econômico que, como saberíamos anos mais tarde, mantinha o país à tona, embora nos deixasse em dívida com os irmãos soviéticos – e depois com seus herdeiros russos – por cifras que chegavam a US\$ 32 bilhões. Ou seja, o que era oferecido em nome da solidariedade socialista tinha um preço definido.”

PADURA, L. Cuba e os russos.

Folha de S.Paulo, 19 jul. 2014. (Adaptado)

O texto indica que durante a Guerra Fria as relações internas em um mesmo bloco foram marcadas pelo(a)

- a) busca da neutralidade política.
- b) estímulo à competição comercial.
- c) subordinação à potência hegemônica.
- d) elasticidade das fronteiras geográficas.
- e) compartilhamento de pesquisas científicas.

A Guerra Fria caracterizou-se pelo confronto entre duas superpotências, cada uma delas liderando seu bloco. As relações existentes dentro deles pressupunham a subordinação dos Estados mais fracos às potências hegemônicas, o que podia gerar tensões e rupturas (como a China de Mao em relação à URSS e a França gaullista em relação aos Estados Unidos).

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

6. Mackenzie-SP (adaptado)

“Kennedy é posto a par da situação dois dias depois e fica sabendo, ao mesmo tempo, que cargueiros soviéticos estão se dirigindo para a ilha transportando mísseis de ataque e bombardeiros Ilyuchin. A instalação dessas armas, qualificadas de defensivas pelo Kremlin, não modifica fundamentalmente a relação de forças entre os dois ‘grandes’, mas ela é uma flagrante violação das promessas feitas pelos soviéticos e, sobretudo, pode ter um considerável efeito psicológico sobre os aliados e clientes da superpotência ocidental. Por isso, Kennedy, cujo prestígio pessoal encontra-se em jogo, ao mesmo tempo, na América Central, África (caso do Congo ex-belga) e Vietnã, e que tem de enfrentar dali a algumas semanas o teste das eleições para o Congresso, decide agir com toda firmeza.”

BERNSTEIN, Serge; MILZA, Pierre. *História do século XX (1945-1973): o mundo entre a guerra e a paz*. São Paulo: Nacional, 2007. p. 269.

O episódio conhecido como Crise dos Mísseis, em 1962, que pôs em grande risco a paz mundial, resultou da:

- a) invasão do território sul-coreano pelo exército da Coreia do Norte, então apoiada pela União Soviética e pela China.
- b) intervenção militar realizada pela URSS na Hungria, com a ocupação de Budapeste e a deposição de Imre Nagy.
- c) descoberta, pelos EUA, dos trabalhos de instalação de armas nucleares soviéticas em Cuba.
- d) ereção de um muro em Berlim, pelo governo comunista, dividindo fisicamente a cidade e a República Democrática Alemã.
- e) ruptura das relações diplomáticas entre a China e a URSS, em razão das acusações de “revisonismo” feitas pelo Partido Comunista Chinês a dirigentes soviéticos.

O mais elevado grau de tensão causado por Cuba aconteceu quando, no fim de 1962, o dirigente soviético Nikita Krushev negociou com Fidel a instalação de uma base para o lançamento de mísseis balísticos, no episódio que ficou conhecido como Crise dos Mísseis. O mundo esteve à beira de uma guerra entre duas potências nucleares.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Uece-CE – A tentativa frustrada de derrubar o ditador Fulgêncio Batista por meio do ataque ao Quartel de Moncada, em julho de 1953, culminou na captura de Fidel Castro, que optou por defender-se no julgamento. Sobre a autodefesa de Fidel Castro, é correto afirmar que:

- a) considerada brilhante, foi totalmente acatada pelo tribunal que absolveu o réu.
- b) foi publicada clandestinamente e conhecida como “A história me absolverá”.
- c) o tribunal não aceitou a autodefesa de Fidel e indicou um advogado para fazer sua defesa.
- d) sua inconsistência jurídica provocou o arquivamento do processo.

8. Uerj-RJ

“O caminho para a revolução pela longa guerra de guerrilha foi descoberto um tanto tardiamente pelos revolucionários sociais do século XX [...]. A própria palavra ‘guerrilha’ não fazia parte do vocabulário marxista até depois da Revolução Cubana de 1959.”

HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

A guerrilha foi fundamental para a vitória, em Cuba, no ano de 1959, do Movimento 26 de Julho, liderado por Fidel Castro e Che Guevara. O grupo revolucionário cubano fez a opção por essa estratégia por acreditar que:

- a) a adesão ao comunismo impunha a luta direta contra o poder estabelecido.
- b) a ocupação militar norte-americana anulava outras formas de luta contra a elite política.
- c) a ditadura instalada no país eliminava a possibilidade de uma oposição ao regime por via legal.
- d) o nacionalismo pequeno-burguês impedia a presença das camadas populares nos partidos de oposição à ditadura.

9. FGV-SP

“Em 1962 tem lugar a crise dos ‘mísseis’, quando Kennedy ameaça novamente invadir Cuba pretextando a instalação de mísseis soviéticos na ilha. Sem consultar os cubanos, os

soviéticos terminam por dismantelar os foguetes, que haviam sido oferecidos para a proteção do regime de Fidel.”

SADER, Eder (Org.) *Che Guevara: política*. São Paulo: Expressão Popular, p. 24.

Tendo em vista essa informação, é correto afirmar:

- a) O governo dos Estados Unidos fomentou o movimento dirigido por Fidel Castro para derrubar o presidente nacionalista Fulgêncio Batista.
- b) A “crise dos mísseis” provocou o completo isolamento do governo cubano, que se desentendeu tanto com os Estados Unidos quanto com a União Soviética.
- c) A “crise dos mísseis” provocou a saída de Che Guevara do governo cubano, demitido por Fidel Castro por suas posições radicais contra os Estados Unidos.
- d) A “crise dos mísseis” desencadeou o embargo econômico dos Estados Unidos a Cuba, que foi suspenso com o fim da União Soviética em 1991.
- e) Em 1961, o governo estadunidense patrocinou a invasão da Baía dos Porcos, no sul de Cuba, por tropas integradas por exilados cubanos.

10. Cespe-DF (adaptado) – Com relação ao mundo após a Segunda Guerra Mundial, com ênfase nas décadas de 1960 e 1970 do século XX, julgue os itens e assinale a alternativa correta:

- a) A Revolução Cubana foi um fato político com implicações modestas para o equilíbrio da hegemonia norte-americana na América Latina.
- b) A Revolução Cubana já nasceu dirigida por militantes vinculados aos partidos comunistas da Europa Oriental e aos interesses estratégicos da URSS na América Latina e no Caribe.
- c) A tensão ideológica e política da Guerra Fria e, em especial, os interesses soviéticos e dos partidos comunistas tiveram grande impacto na América Latina e culminaram na Revolução Cubana.
- d) Vitoriosa em 1959, a Revolução Cubana, comandada por Fidel Castro, assumiu, em 1961, o caráter socialista de inspiração marxista e aprofundou os processos de coletivização de terras, nacionalização de empresas e monopolização do poder político.

11. Cespe-DF (adaptado) – Analise as afirmativas abaixo, julgue certo e errado, e marque a alternativa correta:

- I. A guinada da Revolução Cubana para o socialismo transplantou a Guerra Fria para a América. Na primeira metade da década de 1960, a descoberta de mísseis soviéticos instalados na ilha comandada por Fidel Castro exacerbou dramaticamente a tensão mundial e o confronto leste *versus* oeste.
 - II. O movimento revolucionário teve uma tentativa, menor e malsucedida, em 1953 e outra, maior e bem-sucedida, em 1959. Ambas com um caráter nacionalista e de luta contra a ditadura.
 - III. O recrudescimento das tensões nas relações entre Estados Unidos da América e União Soviética ocorreu a partir da Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962, a qual inaugurou a era da Guerra Fria, que resultou na divisão bipolar do mundo.
- a) Apenas I e II estão corretas.
 - b) Apenas II e III estão corretas.
 - c) Apenas I está correta.
 - d) Apenas III está correta.
 - e) Apenas II está correta.

12. Idecan-MG

“Hoje é um dia histórico na relação entre Cuba e Estados Unidos. Estamos assinando este memorando de entendimento para que, pela primeira vez em mais de cinco décadas, EUA e Cuba tenham um serviço de transporte aéreo regular”, afirmou na capital cubana o secretário de Transporte americano, Anthony R. Foxx, segundo a EFE. Pelo acordo, as empresas aéreas poderão operar diariamente 110 voos de ida e volta entre EUA e Cuba: até 20 deles com destino a Havana e até 10 para cada um dos outros nove aeroportos internacionais cubanos.”

Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/02/cuba-e-eua-assinam-acordo-historico-que-restabelece-voos-regulares.html>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

O rompimento dos Estados Unidos com Cuba se deu na década de 1960 devido à:

- a) posição tomada pelo ditador Fulgêncio Batista de apoiar a revolução socialista russa.
- b) participação de Cuba na 2ª Guerra Mundial ao lado do eixo, liderado pela Alemanha.
- c) adesão de Cuba ao marxismo-leninismo e alinhamento, à época, com a hoje extinta União Soviética.
- d) decisão de Raúl Castro de não aceitar mais que Cuba fosse utilizada como base militar dos Estados Unidos.

13. Sedu-ES – Um dos principais momentos da 7ª Cúpula das Américas, realizada em abril de 2015 no Panamá, foram os discursos dos presidentes dos Estados Unidos e de Cuba que sinalizaram a intenção de retomada das relações entre esses países, após décadas marcadas:

- a) pela política norte-americana de embargo econômico a Cuba, vigente desde os anos 1960, com o objetivo de retaliar política e economicamente esse país convertido ao socialismo, restringindo as trocas comerciais entre este e empresas norte-americanas, bem como o trânsito de cidadãos.
- b) pelo isolamento político de Cuba no continente ante a influência dos Estados Unidos na região, do qual é exemplo sua suspensão definitiva como integrante da OEA desde 1962 e a ausência da ilha de todas as “Cúpulas das Américas” realizadas desde essa década até 2015.

- c) por tentativas, por parte do governo cubano, de invasão da baía de Guantânamo, território insular ocupado pelos Estados Unidos desde 1903, que lá instalaram a base militar que abriga uma prisão de alta segurança onde concentram-se prisioneiros acusados de terrorismo.
- d) por ataques mútuos entre os dois países durante a Guerra Fria, cujo auge ocorreu na chamada Crise dos Mísseis, conflito que teve vitória cubana, com a consequente retirada de mísseis norte-americanos de seu território, seguida de medidas de retaliação por parte dos Estados Unidos.
- e) por fluxos emigracionais cubanos desde o fim da URSS, país que sustentava economicamente a Ilha e cuja derrocada impulsionou levas de cubanos a emigrarem clandestinamente a Miami, onde hoje exercem pressão para que os Estados Unidos apoiem o socialismo cubano.

14. Idecan-RN

Cuba tem atrativos além de Havana e Varadero

“Muitos turistas que vão a Cuba colocam no roteiro apenas os dois destinos mais conhecidos da ilha: a capital Havana, conhecida por ser uma ‘cidade parada no tempo’, e o balneário de Varadero. Para os amantes da história revolucionária cubana, há ainda a experiência única de presenciar como é a vida no país socialista de um povo que respira cultura o tempo todo. Monumentos, painéis e *outdoors* de Che Guevara e Fidel Castro, ícones da revolução de 1959, e do herói da independência cubana José Martí também podem ser fotografados com frequência.”

Disponível em: <<http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/08/cuba-tem-atrativos-alem-de-havana-e-varadero-saiba-como-viajar-pela-ilha.html>>.

Cuba, a maior ilha do Mar do Caribe, na América Central, tornou-se conhecida, entre outras coisas, por ter optado pelo socialismo, apesar da proximidade dos EUA. Sobre a situação de Cuba após o fim da Guerra Fria e nos dias atuais, assinale a afirmativa correta:

- a) Com o fim da URSS e seus regimes-satélites, os impactos sobre Cuba foram brutais, instalando-se uma grave crise.
- b) Com o fim da Guerra Fria, o governo cubano lançou uma série de reformas econômicas e políticas, tentando logo restabelecer relações diplomáticas com os EUA.
- c) Apesar de manter a ideologia socialista, Cuba realizou reformas de cunho capitalista, privatizando as empresas e investindo maciçamente no setor automobilístico.
- d) A relação política e econômica que logo se estabeleceu entre a ilha e as demais nações americanas foi de apoio diplomático e exportação de produtos primários e combustíveis.

15. Cederj-RJ – A América Latina revelou, no século XX, situações políticas do caudilhismo até a implantação de regimes comunistas. Essas situações extremas estão explicitadas na opção:

- a) Venezuela de Maduro e Brasil de JK.
- b) Bolívia de Guevara e Argentina de Macri.
- c) Argentina com Perón e Cuba com Fidel Castro.
- d) Argentina de Perón e Brasil do Estado Novo com Vargas.

rica Latina, pois iniciou um ciclo de revoluções sociais no continente.

- e) episódio central da Guerra Fria e demonstração do esforço norte-americano de manter sua hegemonia sobre a América Latina depois da Revolução Cubana.

20. Uerj-RJ

C2-H10

“Se há apenas cinco ou dez anos dissessem a alguém em Cuba que um presidente norte-americano visitaria a Ilha, a resposta seria um sorriso irônico; mas se fosse mencionada a possibilidade de ver os Rolling Stones tocando em Havana, a reação teria sido uma gargalhada – ou um grito, se a pessoa assim informada tivesse seus 60 ou 70 anos de vida. Porque aqueles que fomos jovens em Cuba na década de 1960 dificilmente esqueceremos as críticas políticas quando confessávamos ouvir os Beatles ou os Stones.

Quem poderia ter previsto? Definitivamente, os tempos estão mudando.”

Leonardo Padura. *Folha de S.Paulo*, 12 mar. 2016. (Adaptado)

As considerações do escritor sobre a sociedade cubana indicam que, na década de 1960 e no momento atual, as diferenças entre as condições de vida são contextualizadas, respectivamente, pelos seguintes aspectos das relações internacionais:

- a) expansão mundial de regimes totalitários – supremacia das concepções neoliberais.
- b) crescimento da influência global soviética – afirmação da hegemonia norte-americana.
- c) bipolaridade entre capitalismo e socialismo – multipolaridade da ordem econômica.
- d) política externa independente na América Latina – integração das nações subdesenvolvidas.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

52

DESCOLONIZAÇÃO DA ÍNDIA

- A descolonização após a Segunda Guerra Mundial
- Fatores e contexto da descolonização
- A Índia se levanta
- Tensões e dificuldades do pós-independência

HABILIDADES

- Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

A DESCOLONIZAÇÃO APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

O fim da Segunda Guerra Mundial marcou o enfraquecimento de grandes potências imperialistas, como Inglaterra e França, abrindo caminho para movimentos e líderes anti-imperialistas e nacionalistas em suas colônias: no Irã, Mossadegh liderou a resistência; na Indonésia, foi comandado por Ahmed Sukarno. O processo de descolonização dizia respeito à independência em relação às potências ocidentais.

Em abril de 1955, representantes de 29 países africanos e asiáticos reuniram-se na Indonésia na Conferência de Bandung, liderada por Indonésia e Índia, além de Birmânia e Sri Lanka. Ficou entendido entre esses países que o imperialismo era um crime contra a humanidade e, portanto, deveria ser feito um tribunal de descolonização. Em oposição à bipolaridade da Guerra Fria então vigente, que opunha leste (URSS) e oeste (Estados Unidos), a conferência propôs a polarização norte (imperialistas) e sul (colonizados).

Entre 1945 e 1960, mais de quarenta países declararam sua independência, os quais somavam aproximadamente um quarto da população mundial. O ideal de independência dos povos colonizados transformou-se em um fenômeno de massa, com o surgimento de vários países politicamente livres, o que não impediu a manutenção da dependência econômica, determinando o subdesenvolvimento e o terceiro mundismo.



WORLD HISTORY ARCHIVE/ALAMY STOCK PHOTO

Conferência de Bandung, Indonésia, 1955.

FATORES E CONTEXTO DA DESCOLONIZAÇÃO

No contexto da Guerra Fria, o processo de descolonização apresentou duas opções: libertação por meio de luta armada, em geral com a adoção de regimes políticos alinhados ao socialismo soviético; e independência gradual concedida pela

metrópole, de comum acordo com elites locais articuladas com o capitalismo, normalmente mantendo a subordinação econômica.

No processo de descolonização, quatro fatores são mais importantes:

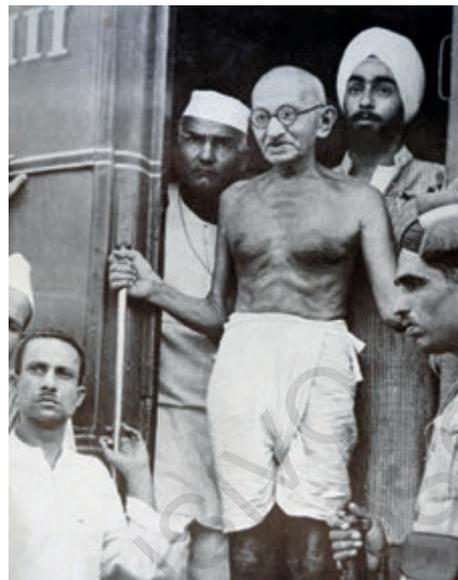
- declínio da Europa como consequência da Primeira Guerra Mundial, da Crise de 1929 e da Segunda Guerra Mundial;
- ascensão dos nacionalismos impulsionados pela decadência europeia, pela Carta da ONU de 1945, que reconhecia o direito dos povos à autodeterminação, e pela Conferência de Bandung;
- emergência das superpotências no contexto da Guerra Fria, pois os Estados Unidos viam a possibilidade de consolidar sua supremacia no bloco capitalista e aumentar sua influência econômica, enquanto a URSS procurava estender sua influência política. Cada qual procurava atrair mais países para sua esfera de influência;
- apoio da ONU aos processos de independência. O longo domínio colonial e a turbulência política da descolonização deixaram sérios impasses no continente africano: de um lado, o quadro de subdesenvolvimento; de outro, a instabilidade institucional. No início dos anos 1990, eram comuns crises e catástrofes sociais e políticas.



Passeata em Bombay pela independência da Índia, 1928.

A ÍNDIA SE LEVANTA

O caso indiano enquadra-se no segundo processo descolonizador – independência gradual concedida pela metrópole, não sem disputas anteriores. Movimentos nacionalistas indianos e sua revolta contra os ingleses eram notórios mesmo antes do fim da Segunda Guerra Mundial. Desde então, Mohandas Gandhi, mais tarde Mahatma Gandhi, precursor do movimento pela independência, lançou mão de campanhas de desobediência civil e não violência a fim de dificultar o controle britânico.



Mohandas Gandhi (1869-1948) ou Mahatma (grande alma, em hindu) adotou estratégias de desobediência civil e resistência pacífica contra o domínio imperialista inglês.

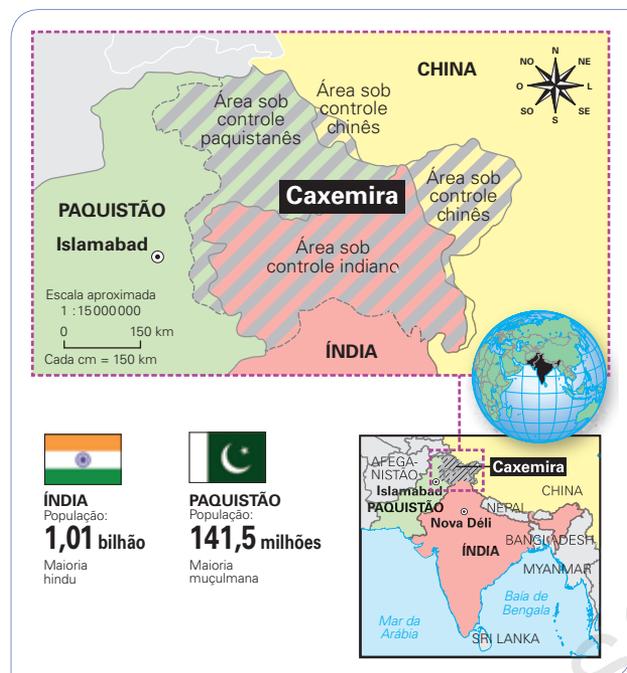
A luta pela independência foi liderada inicialmente pelo Partido do Congresso Nacional Indiano, fundado em 1885, representando a população hindu, e pela Liga Muçulmana, fundada em 1906, representando a população islâmica. Por meio de greves e sabotagens nos anos 1920, Gandhi pregava a resistência pacífica aos ingleses, assumindo a liderança nacional ao comandar um boicote aos produtos manufaturados ingleses, defendendo o uso de tecidos rústicos de algodão produzidos manualmente na Índia. Depois de preso e libertado (1922-1924), Gandhi promoveu passeatas e boicote ao sal em 1930, evidenciando ser inviável a presença tradicional na colônia.

Evitando o confronto direto e procurando preservar sua influência econômica, a Inglaterra adotou a estratégia da libertação gradual, retirando-se paulatinamente da Índia até 1947. O novo país dividiu-se logo depois em Índia ou União Indiana, essencialmente hinduísta, sob o comando de Nehru; e Paquistão, composto por duas regiões, ocidental e oriental, de maioria muçulmana, sob o comando de Ali Jinnah. Ao mesmo tempo, formou-se no extremo sul, na Ilha do Ceilão, um terceiro estado autônomo, o Sri Lanka, de maioria budista. Na Índia, Gandhi adotou uma política de modernização econômica e de pacificação religiosa, apesar de ser hinduísta devoto.

A divisão da Índia provocou uma das maiores migrações do mundo, envolvendo milhões de refugiados que se deslocaram de um estado para outro, além de uma série de confrontos entre hindus e muçulmanos. Em meio a esses conflitos, Gandhi foi assassinado em 1948 por um radical hindu contrário à ideia gandhista de aproximação entre hindus e muçulmanos. Posteriormente, em 1971, o Paquistão ainda sofreria secessão de sua parte oriental, o Paquistão Oriental, tornado independente com o nome de Bangladesh ou atual República Popular de Bengala.

A questão da Caxemira

As disputas entre hindus e islâmicos no norte do Subcontinente Indiano culminaram na independência paquistanesa. O lado ocidental manteve o nome Paquistão; o oriental passou a Bangladesh. O processo envolveu a disputa por territórios e a eliminação de minorias de cada lado.



Os conflitos entre Índia e Paquistão pelo controle do território da Caxemira, no norte, provocaram a morte de milhares de pessoas, chegando a ter participação da ONU na tentativa de evitar novos massacres.

Ainda hoje os dois países rivalizam quanto a territórios da Caxemira.

TENSÕES E DIFICULDADES DO PÓS-INDEPENDÊNCIA

Após a independência, a Índia buscou afirmar sua autonomia nas relações internacionais por meio do domínio nuclear, alcançando-o em 1974 com a explosão de sua primeira bomba e por meio de um complexo programa espacial.

Por outro lado, agravando as dificuldades nacionais, emergiram conflitos étnicos, religiosos e políticos, desembocando no extremismo de grupos separatistas que têm desestabilizado a região. Exemplos: assassinato na Índia de Indira Gandhi (1984) por radicais hindus, os sikhs, e de Rajiv Gandhi (1991); atentados terroristas no Paquistão e no Sri Lanka, onde a população tamil, de religião islâmica, luta pela criação de um Estado independente.

Além de seu histórico conflito externo com a Índia, internamente o Paquistão tem enfrentado problemas como o assassinato da líder de oposição Benazir Buttho (2008) e a renúncia de Pervez Musharraf à presidência do país, fragilizando a posição norte-americana nessa região, uma vez que Musharraf era um importante aliado na luta contra o terrorismo. Na Índia, a irradiação desses extremismos contou com o declínio do poder federal, representado pelo Partido do Congresso, o qual envolveu o país em um programa de ampla modernização, sem reverter o quadro social.

Apesar do crescimento de 10% ao ano, a Índia chega a apresentar quase 50% da população abaixo da linha da pobreza, vivendo em favelas ou nas ruas; 80% da população não têm acesso à rede de esgoto; e dois terços das crianças estão subnutridas.

ROTEIRO DE AULA

DESCOLONIZAÇÃO DA ÍNDIA

Descolonização

Fatores:

Contradições do imperialismo; choque cultural entre colonizados e colonizadores; doutrina socialista contra interesses imperialistas; doutrina da autodeterminação dos povos defendida por ONU, URSS e EUA.

Índia

Yawaharlal Nehru:

Criação do Partido do Congresso contra a dominação inglesa.

Mahatma Gandhi:

Reação pacífica e desobediência civil (gandhismo).

Maior dificuldade:

Rivalidade interna entre muçulmanos e hindus. Gandhi foi assassinado. Em 1947, a Inglaterra deu independência à colônia, dividindo-a em Índia e Paquistão (Oriental e Ocidental). Em 1970, o Paquistão Oriental libertou-se, com o nome Bangladesh.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. CPS-SP

C3-H13

HO/PRESS INFORMATION BUREAU/AFP



Disponível em: <<http://zonacurva.com.br>>. Acesso em: dez. 2014.

“Algumas viagens ocorrem por razões políticas. Uma dessas viagens foi feita pelo líder pacifista Mohandas Gandhi (conhecido por Mahatma, que significa Grande Alma). Gandhi conduziu milhares de indianos ao litoral em uma marcha de cerca de 300 quilômetros, a fim de que todos coletassem seu próprio sal de cozinha, deixando de adquirir o produto industrializado dos britânicos e, portanto, não pagando impostos. Esta ação eficiente, que feriu os cofres da Coroa britânica, foi a chamada Marcha do Sal, ocorrida entre 12 de março e 5 de abril de 1930.”

veja.abril.com.br/idade/exclusivo/conheca_pais/india/personagem.html. Acesso em: 9/8/2013. (Adaptado)

De acordo com as informações do texto, é correto afirmar que a Marcha do Sal demonstrava a:

- cooperação entre o Império Britânico e a Índia governada por Gandhi.
- recusa de Gandhi à exploração neocolonial da Índia pela Inglaterra.
- aprovação de Gandhi à cobrança de impostos dos produtos agrícolas.
- adesão de Gandhi ao modelo neocolonial mercantilista da Coroa britânica.
- ação educativa de Gandhi para conscientizar o povo contra o uso do sal marinho.

Gandhi foi um líder pacífico de resistência contra a dominação britânica e a Marcha do Sal é um dos momentos de manifestação política desse processo.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

2. UFMG-MG – “O colonialismo, em todas as suas manifestações, é um mal a que deve ser posto fim imediatamente.” Os argumentos dessa reivindicação, expressa na Conferência de Bandung (1955), estavam fundamentados:

- na Carta das Nações Unidas e na Declaração dos Direitos do Homem.
- na Encíclica “Rerum Novarum” e nas resoluções do Concílio Vaticano II.
- na estratégia revolucionária do Kominform para as regiões coloniais.

d) na teoria do efeito-dominó do Departamento de Estado Americano.

e) nas teorias de revolução e imperialismo do marxismo-leninismo.

A Carta das Nações Unidas foi o acordo que formou a ONU, em substituição à falida e malsucedida Liga das Nações. A ideia de união para um mundo melhor inspirou, tanto quanto a declaração dos direitos do homem, os movimentos de independência dos países colonizados.

3. Unicamp-SP

“À meia-noite de 15 de agosto de 1947, quando Nehru anunciava ao mundo uma Índia independente, trens carregados de hindus e muçulmanos, que associavam a religião às causas de uma ou outra comunidade, cruzavam a fronteira entre a Índia e o novo Paquistão, em uma das mais cruéis guerras civis do século XX. Gandhi, profundamente comovido, começava um novo jejum, tentando a conciliação. Mais tarde, já alcançada a independência, foram as diferenças entre hindus e muçulmanos que levaram Nehru, primeiro-ministro da Índia, a separar religião e Estado, para que as minorias religiosas, como os muçulmanos, não fossem vitimadas pela maioria hindu.”

Cielo G. Festino. *Uma praia ainda imaginada: a representação da nação em três romances indianos de língua inglesa*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2007. p. 23. (Adaptado)

a) De acordo com o texto, que razões levaram Nehru a separar religião e Estado após a independência da Índia?

Segundo o trecho citado na questão, ao promover a separação entre re-

ligião e Estado, Nehru procurou conter o poder do hinduísmo majoritário

sobre as minorias religiosas, tentando, com isso, impedir que sofressem

perseguições.

b) Quais os métodos empregados por Gandhi na luta contra o domínio inglês na Índia?

Entre os métodos empregados por Gandhi na luta contra o domínio in-

glês na Índia estão a não violência, a resistência pacífica, a desobediên-

cia civil e o boicote aos produtos britânicos.

4. PUC-RJ – As lutas pela descolonização transformaram profundamente o mapa político mundial na segunda metade do século XX. As alternativas abaixo relacionam características importantes dos Estados nacionais surgidos na África e Ásia ao longo desse período, com exceção de uma. Qual?

a) A maioria dos novos Estados nacionais adotou sistemas políticos e modelos de governo ocidentais inspirados nas experiências de suas metrópoles.

b) Os Estados recém-constituídos conseguiram construir uma identidade política sólida, o que permitiu a organização do movimento dos países “não alinhados”, em Bandung, na Indonésia.

c) Na maioria dos novos países, coube ao Estado tomar para si as tarefas de modernização e crescimento

econômico com o objetivo de promover o desenvolvimento nacional.

- d) Nos países em que a independência se realizou por meio de revoluções sociais, os novos Estados tenderam para o modelo soviético.
- e) Nos processos de independência conseguidos através de guerras contra as antigas metrópoles, os exércitos nacionais e suas lideranças acabaram por desempenhar um papel de destaque na política nacional dos novos Estados.

O erro da alternativa B é dizer que houve uma identidade política sólida, apesar de realmente ter havido uma reunião de países não alinhados em Bandung.

5. Unesp-SP – A Inglaterra, detentora do mais rico e poderoso império marítimo, chegou ao auge de sua supremacia no século XIX. A decadência do Império Britânico e o processo de descolonização nas colônias oriundas de povoamento inglês relacionam-se com:

- a) a educação política veiculada pelos dominadores, procurando desenvolver a consciência anti-imperialista dos dominados.
- b) a transformação de alguns domínios em comunidades autônomas e iguais, não subordinadas umas às outras, embora unidas por uma fidelidade comum à Coroa britânica e livremente associadas.
- c) o controle administrativo direto das terras árabes, segundo fundamentos filantrópicos e zelo missionário.
- d) o prolongado governo pela força e sem nenhum grau de autonomia dos domínios do Canadá, Austrália e Nova Zelândia.
- e) a transferência de tecnologia para os domínios da África e da Ásia, a fim de assegurar imediata independência econômica.

O que está descrito na alternativa correta é o que aconteceu, por exemplo, com o Canadá e a Austrália, que estão até hoje na condição de comunidades autônomas, fiéis à Coroa.

6. UFF-RJ – Ao visitarem a Índia em 1912, o casal de sociólogos ingleses, Beatriz e Sidney Webb, afirmou:

“Igualmente claro é que o indiano às vezes é um trabalhador excepcionalmente relutante para suar. Ele não se importa muito com o que ganha. Prefere quase definir de fome do que trabalhar demais. Por mais baixo que seja seu nível de vida, seu nível de trabalho é ainda menor – pelo menos quando está trabalhando para um patrão que não lhe agrada. E suas irregularidades são impressionantes!”

Beatriz e Sidney Webb, 1912. Apud: SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 259.

A leitura do texto acima sugere uma situação de tensão no domínio colonial inglês na Índia.

a) Indique duas razões para a luta pela independência da Índia em 1947.

Como razões para a luta pela independência da Índia em 1947, destacam-

-se o movimento nacionalista dos intelectuais hindus, a decadência da In-

glaterra como potência colonial e econômica após a Segunda Guerra Mun-

dial, as mobilizações de desobediência civil propostas por Gandhi – o que

incluía o boicote a produtos da Inglaterra e o não pagamento de impostos.

b) Analise a utilização do trabalho como forma de resistência no processo de independência indiano.

Uma vez que os patrões, no limite, eram os ingleses, a negação do tra-

balho “a um patrão que não lhe agrada” era uma forma pacífica de deso-

bediência civil e, portanto, de mobilização política.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UnB-DF (adaptado) – Julgue certo ou errado:

O processo de independência e formação do Estado nacional na Índia é um raro exemplo de transição política pacífica no processo de descolonização, o qual, nos continentes asiático e africano, desenvolveu-se mais intensamente nas décadas posteriores à II Guerra Mundial.

8. UFRJ-RJ

“Ouvimos com frequência que o ‘colonialismo está morto’. Não nos deixemos enganar ou mesmo ser tranquilizados por isso. Eu lhes digo, o colonialismo ainda não está morto. Como podemos dizer que está morto enquanto grandes áreas da Ásia e da África não forem livres?”

E lhes peço que não pensem em colonialismo apenas na forma clássica que nós da Indonésia e nossos irmãos em diferentes partes da Ásia ou da África conhecemos. O colonialismo tem também uma roupagem moderna, sob a forma de controle econômico, controle intelectual, controle físico real por uma comunidade pequena, porém estrangeira, dentro de uma nação. É um inimigo hábil e determinado, que aparece sob diversas formas. Não desiste facilmente de sua presa.

[...] Não há muito tempo, afirmamos que a paz era necessária para nós porque a eclosão de uma luta em nossa parte do mundo colocaria em perigo a nossa preciosa independência, há tão pouco tempo obtida a tão alto preço.”

SUKARNO, Ahmed. Discurso de abertura da Conferência Afro-Asiática de Bandung, 1955.

A Conferência de Bandung realizou-se em abril de 1955, na Indonésia, com a presença de representantes de 29 países da África e da Ásia, entre eles líderes que haviam participado da luta pela independência de seus países, como o orador (primeiro presidente da Indonésia independente), Nehru (da Índia) e Nasser (do Egito). Cite dois princípios adotados por essa conferência em sua declaração final.

9. Fuvest-SP (adaptado) – Índia e China ocupam, no atual cenário mundial, um lugar tão importante que já se fala, entre estudiosos de geopolítica, em denominar o século XXI como o “século asiático.” Sobre as trajetórias históricas contemporâneas desses dois países, iniciadas, respectivamente, em 1947 e 1949, é possível estabelecer mais de um paralelo, ressaltando semelhanças e contrastes. Indique o processo histórico da Índia, a partir de 1947, e seus desdobramentos posteriores.

10. CESJF-MG – A independência da Índia foi conseguida por Mahatma Gandhi através:

- a) das atividades políticas de Nehru.
- b) da ascensão do nacionalismo indiano.
- c) da luta de guerrilha rural e urbana.
- d) da desobediência pacífica ao colonialismo inglês.
- e) da aliança política e militar entre os hindus e os muçulmanos.

11. Fatec-SP – Um dos principais métodos utilizados por Mahatma Gandhi na sua luta contra a dominação inglesa tinha por base o princípio da não violência ativa, que pode ser resumido na frase dirigida a um inglês: “Para triunfar a nossa causa estamos dispostos a derramar o nosso sangue – não o vosso.” Considere as seguintes afirmações sobre o processo histórico hindu:

- I. A Índia não estava inteiramente unida em torno das propostas de Gandhi e de Nehru. Havia dentro do país outros grupos de oposição, como a Liga Muçulmana, que tinha como objetivo a criação de um Estado muçulmano independente dos hindus ligados ao Partido do Congresso.
- II. Em 1947, o governo inglês viu-se forçado a concordar com a independência da Índia. Estabeleceu-se a condição de que o país fosse dividido em dois estados: a República do Paquistão (Oriental e Ocidental), de população predominantemente muçulmana; e a República da Índia, de população predominantemente hinduísta.
- III. Após a morte de Gandhi, em 1948, coube a Nehru a tarefa de organizar a República federativa. No plano externo, não se alinhou nem com o bloco capitalista nem com o socialista.

Dentre essas afirmações:

- a) somente I e II são corretas.
- b) somente I e III são corretas.
- c) somente II e III são corretas.
- d) todas estão corretas.
- e) nenhuma está correta.

12. FGV-SP – A independência da Índia do domínio britânico deveu-se, em grande parte, à liderança de (Mahatma) Mahandas K. Gandhi. Em sua luta pela independência, algo que lhe valeu alguns anos de cadeia, Gandhi preconizava:

- a) a guerrilha urbana.
- b) a guerrilha camponesa.
- c) a resistência pacífica.
- d) a queima das plantações britânicas.
- e) a greve geral.

13. Fuvest-SP – Gandhi (1869-1948) conseguiu mobilizar milhões de indianos na luta para tornar o país independente da dominação britânica, recorrendo ao:

- a) socialismo, à denúncia do sistema de castas e à guerra revolucionária.
- b) nacionalismo, à modernização social e à ação coletiva não violenta.
- c) tradicionalismo, à defesa das castas e à luta armada.
- d) capitalismo, à cooperação com o imperialismo e à negociação.
- e) fascismo, à aliança com os paquistaneses e ao fundamentalismo religioso.

14. PUC-MG (adaptado) – O programa do movimento nacionalista indiano, aglutinado no Partido do Congresso, sob a liderança de Mahatma Gandhi e Jawaharal Nehru, só não propunha:

- a) igualdade política para todas as raças, religiões e classes.
- b) resistência agressiva, desobediência civil e autonomia local.
- c) recusa a pagar impostos e não consumo de produtos ingleses.
- d) divisão da Índia em dois Estados: República do Paquistão e República da União Indiana.
- e) reformas socioeconômicas, administrativas e a modernização do Estado indiano.

15. UFF-RJ – Quando comparada à Revolução Chinesa, a independência indiana adquire uma singularidade que, ainda hoje, desperta a atenção dos estudiosos. Ao contrário de uma revolução comunista, a Índia adquiriu sua independência pela via pacífica. Identifique o comentário que se refere, corretamente, à política implementada por Gandhi para obter a independência:

- a) A política de desobediência civil, cujo exemplo foi a chamada Marcha do Sal, fundamentava-se no princípio da resistência pela violência.
- b) O sistema hindu, fundado na igualdade social e no sistema de castas, representou um obstáculo à independência indiana.
- c) Parte significativa da burguesia indiana apoiou a política de Gandhi, pois o seu programa de defesa do produto nacional ajudava a combater a concorrência dos materiais ingleses.
- d) A doutrina da dignidade do trabalho defendida por Gandhi implicava a defesa intransigente de greves de cunho político.
- e) O principal impulso do programa de Gandhi era a proposta de reformulação da aldeia tradicional com a introdução da mecanização no campo.

16. Ufscar-SP – No processo de luta pela independência da Índia do domínio britânico, Mahatma Gandhi preconizava a libertação através da desobediência civil e da revolução pacífica. Isto significava:

- greve de fome, negação das tradições ancestrais indianas e ações de solidariedade nos trabalhos nas aldeias.
- a recusa da servidão e submissão aos senhores ingleses através de fugas para lugares isolados nas montanhas.
- a desobediência às leis do país consideradas violentas e injustas, como boicote aos tribunais e não pagamento de impostos.
- a aceitação das leis britânicas e aliança entre hindus e católicos no processo de unificação nacional.
- a luta pela independência através da elaboração de uma Constituição nacional e aliança com as massas populares.

17. FGV-SP

"[...] em 1955, em Bandung, na Indonésia, reuniram-se 29 [...] países que se apresentavam como do terceiro mundo. Pronunciaram-se pelo socialismo e pelo neutralismo, mas

também contra o Ocidente e contra a União Soviética, e proclamaram o compromisso dos povos liberados de ajudar a libertação dos povos dependentes [...]"

A conferência a que o texto se refere é apontada como um:

- indicador da crise do sistema colonial por representar os interesses dos países que estavam sofrendo as consequências do processo de industrialização na Europa.
- indício do processo de globalização da economia mundial, uma vez que suas propostas defendiam o fim das restrições alfandegárias nos países periféricos.
- sintoma de esgotamento do imperialismo americano no Oriente Médio, provocado pela quebra do monopólio nuclear a favor dos árabes.
- sinal de desenvolvimento da economia dos denominados "tigres asiáticos" que valorizou o planejamento estratégico, a industrialização independente e a educação.
- marco no movimento descolonizador da África e da Ásia que condenou o colonialismo, a discriminação racial e a corrida armamentista.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C5-H22



Dilema de Lord Willingdon.

Disponível em: <www.gandhiserve.org>. Acesso em: 21 nov. 2011.

O cartum, publicado em 1932, ironiza as consequências sociais das constantes prisões de Mahatma Gandhi pelas autoridades britânicas, na Índia, demonstrando:

- a ineficiência do sistema judiciário inglês no território indiano.
- o apoio da população hindu à prisão de Gandhi.
- o caráter violento das manifestações hindus frente à ação inglesa.
- a impossibilidade de deter o movimento liderado por Gandhi.
- a indiferença das autoridades britânicas frente ao apelo popular hindu.

19. Sistema Dom Bosco

C3-H15

Examine a seguinte imagem, que foi inspirada pela situação anterior a independência da Índia:



THE UNPERSUADABLES.

JOHN BULL. "YOU'RE BOTH THIRSTY AND I'VE BROUGHT YOU DOWN TO THE TANK, BUT YOU SEEM TO PREFER FIGHTING TO DRINKING. I MAY BE FORCED TO ADOPT A SCHEME OF COMPULSORY WATERING."

MOSLEM: muçulmano.

NEW CONSTITUTION FOR INDIA: nova Constituição para a Índia.

Os impersuadíveis

John Bull – Vocês estão com sede e eu os trouxe para o tanque, mas parece que preferem lutar a beber. Acho que serei forçado a adotar um programa compulsório de hidratação.

A leitura correta da imagem permite concluir que ela constitui uma crítica:

- a) à passividade britânica diante do avanço do fundamentalismo hindu no Sudeste Asiático.
- b) à oficialização da religião muçulmana na Índia, diante da qual seria preferível sua manutenção como Estado cristão.
- c) ao colonialismo britânico, metaforicamente representado pela figura de John Bull, tentando impor soluções distantes da realidade do povo indiano, que sofria com conflitos religiosos.
- d) à postura branda do Império Britânico com suas colônias.
- e) à hostilidade do povo hindu, que deveria, não obstante as dificuldades pelas quais passara durante anos de dominação britânica, ser mais otimista.

20. UFSM-RS

C5-H24

“A primeira coisa, portanto, é dizer-vos a vós mesmos: Não aceitarei mais o papel de escravo. Não obedecerei às ordens como tais, mas desobedecerei quando estiverem em conflito com a minha consciência. O assim chamado patrão poderá sussurrar-vos e tentar forçar-vos a servi-lo. Direis: Não, não vos servirei por vosso dinheiro ou sob ameaça. Isso poderá implicar sofrimentos. Vossa prontidão em sofrer acenderá a tocha da liberdade que não pode jamais ser apagada.” (Mahatma Gandhi)

In: MOTA, Myriam; BRAICK, Patrícia. *História das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo: Moderna, 2005. p. 119.

“Acenderá a tocha da liberdade que não pode jamais ser apagada” são palavras de Mahatma Gandhi (1869-1948) que, no contexto da Guerra Fria, inspiraram movimentos como:

- a) o acirramento da disputa por armamentos nucleares entre os EUA e a URSS, objetivando a utilização do arsenal nuclear como instrumento de dissuasão e amenização das disputas.
- b) a reação dos países colonialistas europeus visando a diminuir o poder da Assembleia Geral da ONU e reforçar o poder do secretário-geral e do Conselho de Segurança.
- c) as concessões unilaterais de independência às colônias que concordassem em formar alianças econômicas, políticas e estratégicas com suas antigas metrópoles, como a Comunidade Britânica de Nações e a União Francófona.
- d) o reforço do regime de *apartheid* na África do Sul, que, após prender o líder Nelson Mandela e condená-lo à prisão perpétua, procurou expandir a segregação racial para os países vizinhos, como a Rodésia e a Namíbia.
- e) o não alinhamento político, econômico e militar aos EUA ou à URSS, decisão tomada pelos países do Terceiro Mundo reunidos na Conferência de Bandung, na Indonésia.

DESCOLONIZAÇÃO DA ÁFRICA

A ÁFRICA SE LEVANTA

Neste módulo, conheceremos algumas das principais independências de nações africanas. Diferentemente da Ásia, os processos de descolonização na África foram muito violentos. Para alcançar a desejada independência, os países africanos, de maneira geral, enfrentaram manifestações internas, embates bélicos e ditaduras.

Em geral, a independência política não veio acompanhada de uma independência econômica. As nações africanas, historicamente machucadas pelo colonialismo europeu, pelo tráfico de escravizados, pela extração destrutiva de suas riquezas e pelo pequeno ou nulo desenvolvimento local não tiveram condições de se libertar das amarras econômicas impostas pelas potências mundiais. Ainda hoje esses efeitos são sentidos. Veremos a seguir cada um dos principais casos de independência no continente africano, cada qual com suas particularidades e semelhanças.



OLIVIER ASSELINE/ALAMY STOCK PHOTO

Arco da Independência em Acra, Gana. Liberdade e Justiça eram reivindicações dos países africanos nos processos de emancipação política das antigas metrópoles.

RUANDA E ÁFRICA DO SUL

Em Ruanda, a disputa pelo poder entre as etnias hutu (aproximadamente 90% da população) e tutsi produziu massacres e chacinas que horrorizaram o mundo.

- A África se levanta
- Ruanda e África do Sul
- Argélia
- Congo
- Angola
- Moçambique
- Egito

HABILIDADES

- Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.



Garoto em Ruanda vestido com roupas tradicionais.

As grandes adversidades enfrentadas pelos países africanos não impediram algumas transformações que guardam potencial promissor na solução dos problemas continentais. A África do Sul é exemplar nesse sentido. Colonizada inicialmente por holandeses, denominados bôeres ou africâneres, passou ao domínio britânico após a Guerra dos Bôeres. Em 1910, formou-se a União Sul-Africana e, a partir de 1911, a minoria africâner impôs uma série de leis restringindo os direitos da maioria negra. Em 1948, instituiu-se oficialmente o regime do *apartheid* – política segregacionista que impedia os negros de participação política, circulação em determinadas áreas, como praias ou bairros das cidades, casamento com brancos, posse de terras, acesso a serviços como bancos, transportes e escolas. A população negra, na maioria de etnia zulu, lutou contra as medidas segregacionistas desde 1912, quando criou o partido Congresso Nacional Africano (CNA). Em 1960, após protestos e manifestações, o CNA foi posto na ilegalidade e seu líder, Nelson Mandela, condenado à prisão perpétua.

Nos anos 1970, a África do Sul começou a sofrer pressões internacionais, como sanções econômicas e políticas, contra sua política de segregação, ao mesmo tempo que a população negra abandonou a postura de resistência pacífica, partindo para o enfrentamento. Apenas em 1990 o CNA voltou à legalidade, sendo libertado Nelson Mandela, cuja liderança e carisma levaram ao fim do *apartheid* em 1994, mesmo ano em que se elegeu presidente do país.



Nelson Mandela em campanha eleitoral em 1994. Ele foi o grande líder no movimento pela independência da África do Sul e pelo fim do *apartheid*. Faleceu em 2013 e é considerado uma das figuras mais importantes do século XX.

ARGÉLIA

Na Argélia, contestou-se o domínio francês a partir de 1952, por meio de ações terroristas, sendo organizada, em 1954, a Frente de Libertação Nacional (FLN), estimulada pela derrota francesa na Indochina e pelo apoio da opinião pública. A luta da FLN pela independência continuava e o governo francês oscilava entre guerrear ou aceitar a independência da Argélia, o que levou o general Salan a criar em Argel o Comitê de Segurança Pública para pressionar a submissão dos argelinos.



Soldados da Frente de Libertação Nacional (FLN) durante a guerra de independência.

A iminência da guerra civil levou o general De Gaulle a assumir o comando militar em 1958 e a promulgar uma nova Constituição, instituindo a Quinta República, decidida por negociação. Autorizado por plebiscito em 1961, De Gaulle iniciou conversações de paz para a criação da Argélia livre, cuja independência foi reconhecida em 1962, presidida por Ben Bella.

A independência não produziu o crescimento econômico necessário para solucionar as graves desigualdades sociais e obter a estabilidade política. Em 1965, militares depuseram Ben Bella, assumindo o poder o coronel Houari Boumédiène, que implantou uma política externa pró-soviética e promoveu internamente a nacionalização de várias empresas petrolíferas francesas.

Em 1978, a morte de Boumédiène abriu espaço para uma nova política externa de reaproximação da França e de outros países ocidentais, resultando, em 1989, na abertura da política interna. Em meio ao pluripartidarismo, ganhou força o fundamentalismo islâmico da Frente Islâmica de Salvação (FIS). Apesar de vitorioso nas eleições de 1991, o fundamentalismo de inspiração iraniana do FIS contrariava qualquer influência ocidental, colocando-o em choque com o exército, o que culminou em um novo golpe militar em 1992.

O novo governo militar estabeleceu a ilegalidade dos fundamentalistas e desencadeou uma onda de perseguição aos líderes islâmicos. Em resposta, os seguidores da FIS recorreram a atentados, mergulhando o país em uma crescente guerra civil. Nas eleições

de 1995, elegeu-se o candidato dos militares, Liamine Zéroural, em razão do boicote das forças democráticas e socialistas e do afastamento do pleito dos radicais islâmicos. Zéroural também recebeu apoio da França, que temia ter um novo Irã a poucas centenas de quilômetros de seu território. Isso levou membros da FIS a promover atentados em Paris. Nos últimos anos, a Argélia tem aproveitado certa estabilidade para crescer economicamente. O país mantém uma política pró-ocidental, mas profundamente influenciada pelo islamismo.

CONGO

Em 1885, após a Conferência de Berlim, o Congo tornou-se propriedade pessoal do rei da Bélgica, Leopoldo II, e oficialmente colônia belga em 1908. Tinha a exploração de diamante, ouro, cobre e estanho como principal atividade econômica. Em consequência de manifestações populares e do incêndio da capital Leopoldville, a Bélgica foi obrigada a conceder a independência ao Congo em 1959. No ano seguinte, formou-se o Estado Livre do Congo, com Joseph Kasavubu como presidente e Patrice Lumumba como primeiro-ministro. Embora independente, a presença europeia ainda gerava contínuas manifestações.

PHOTO 12/ALAMY STOCK PHOTO



Multidão no Congo em passeata para se libertar da dominação belga, 1960.

Sob o comando de Moisés Tshombe, soldados belgas e mercenários, financiados pela companhia belga Union Minière, declararam independente a província mineradora de Katanga. Lumumba e Kasavubu apelaram à ONU, que enviou emissários de paz à região. Expediente inútil, pois começou uma guerra civil. Lu-

mumba tentou uma ofensiva contra Katanga, sem sucesso, mesmo com o apoio da URSS.

O presidente Kasavubu, pressionado pela Bélgica e pelos Estados Unidos, substituiu Lumumba pelo coronel Joseph Mobutu. Manifestações populares forçaram a libertação de Lumumba da prisão, mas ele acabou assassinado pelos mercenários de Katanga. Pela atuação no Movimento Nacional Congolês, Lumumba transformou-se em símbolo da independência africana. O Congo, dividido em várias facções rivais, só encontrou certa tranquilidade com a intervenção da ONU e a entrega do cargo de primeiro-ministro a Tshombe, em 1964, o que assegurou a unidade do país.

Em 1965, Mobutu assumiu o governo, implantando uma ditadura pessoal. Em 1971, o Congo adotou o nome de República do Zaire, enfrentando crescentes pressões externas contra a ditadura e o nacionalismo, intensificadas especialmente no fim dos anos 1980 e início dos anos 1990, mergulhando o país em sucessivas crises políticas, greves e agravamento do quadro socioeconômico.

ANGOLA

O Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), fundado em 1956 por Agostinho Neto, iniciou um movimento guerrilheiro contra o colonialismo salazarista português. Ao mesmo tempo, surgiram outras organizações de libertação, como a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), dirigida por Holden Roberto; e a União Nacional pela Libertação Total de Angola (Unita), chefiada por Jonas Savimbi. A Revolução dos Cravos (1974) em Portugal, ao derrubar a ditadura fascista portuguesa, possibilitou a assinatura do Acordo de Alvor, marcando a independência de Angola para 1975. A FNLA, apoiada pelo Zaire, ocupou o norte angolano, enquanto a Unita, com o apoio da África do Sul e o respaldo dos Estados Unidos, dominava o sul. Na capital, Luanda, o MPLA proclamou a independência e estabeleceu o governo de Agostinho Neto. Com o apoio de Cuba e do bloco socialista, o MPLA venceu as outras facções.



Soldados da MPLA durante a guerra de independência da Angola.

KEYSTONE PRESS/ALAMY STOCK PHOTO

Em 1979, a presidência passou para José Eduardo dos Santos, que ainda enfrentou ataques da Unita a partir da Namíbia. Com a independência dessa região, a Unita sofreu um forte revés. Entre 1986 e 1987, Ronald Reagan, presidente dos Estados Unidos, e Margareth Thatcher, primeira-ministra britânica, subsidiaram a Unita.

A FNLA, por sua vez, encontrava-se em processo de extinção. Apenas com a distensão internacional dos anos 1990 e o fim da Guerra Fria houve acordos para a normalização do país, a exemplo do que o governo e a Unita firmaram, autorizando eleições pluripartidárias em 1992. Jonas Savimbi não reconheceu a vitória de José Eduardo, reiniciando a guerra civil. Os dois lados retomaram negociações sob patrocínio da ONU, com envio de efetivos militares em 1995, inclusive tropas brasileiras.

MOÇAMBIQUE

A luta pela independência moçambicana começou em 1962, liderada pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), que tinha como líder o socialista Eduardo Mondlane, assassinado em 1969. Após a morte de Mondlane, Samora Machel assumiu o comando e a Frelimo ocupou gradativamente o território do país.

Em 1974 ocorreu em Portugal a Revolução dos Cravos, um momento de virada política no país, pondo fim ao regime ditatorial conhecido como Estado Novo. Nesse processo, a antiga metrópole reconheceu no ano seguinte a independência de suas colônias, entre elas, Moçambique, com Samora Machel na presidência, apesar da oposição da Resistência Nacional Moçambicana (Renamo).

A abertura política do país levou a eleições multipartidárias em 1994, incluindo acordos com os guerrilheiros. Venceu o líder da Frelimo, Joaquim Chissano, que precisava conviver com os deputados oposicionistas da Renamo.

KEYSTONE PRESS/ALAMY STOCK PHOTO



Mondlane e Machel nos anos que lutaram pela independência de Moçambique.

EGITO

O Egito representa um dos poucos países da África a alcançar a independência antes do término da Segunda Guerra Mundial, embora mantivesse a subordinação econômica. Em 1953, Gamal Abdel Nasser assumiu o governo egípcio, implantando uma política nacionalista contra a dominação estrangeira. Em defesa da nacionalização do Canal de Suez, o Egito esteve envolvido na Guerra de Suez, entre outubro e novembro de 1956, quando tropas egípcias enfrentaram forças anglo-francesas. Após a intervenção dos Estados Unidos e a evacuação das tropas estrangeiras, manteve-se a soberania egípcia no canal. Atualmente, o Egito integra o bloco de países islâmicos contrários à influência norte-americana.



KEYSTONE PRESS/ALAMY STOCK PHOTO

Nasser é aclamado ao anunciar a retomada do Canal de Suez.

CICATRIZES DA DESCOLONIZAÇÃO TARDIA

Fruto de processos violentos, a descolonização da África deixou marcas profundas no continente que não foram reflexo da descolonização em si, mas de séculos de colonização. No mapa da página a seguir, é possível conferir o ano de independência de cada um dos países africanos. Note como quase todas elas aconteceram no século XX, a maioria após a década de 1960.



Nos trechos a seguir, o sociólogo Marcel Merle e o antropólogo Kabengele Munanga refletem sobre o processo de independência do continente africano e o tipo de questão identitária que emerge dos conflitos.

LEITURA COMPLEMENTAR

O anticolonialismo

Primeiro, convém lembrar que as duas primeiras vagas de descolonização, que afetaram sucessivamente as colônias britânicas da América do Norte – exceto o Canadá – e as ibéricas da América Latina foram provocadas pelos colonos implantados nesses territórios, e não pelas populações autóctones. Foi, portanto, uma revolta contra as pretensões das metrópoles a regulamentar atividades, sobretudo econômicas, de uma parte de seus próprios compatriotas estabelecidos no ultramar. Assim, a independência beneficiou uma minoria de populações, confirmando a dominação desta sobre os indígenas. Essa primeira forma de descolonização favoreceu a eclosão de vigorosos nacionalismos, mas deixou subsistirem fortes tensões locais entre as duas camadas de população em confronto.

As coisas evoluíram de modo diferente na segunda vaga de descolonização, a do século XX, que em poucas décadas arruinou os impérios europeus de além-mar. Desta vez, foram os autóctones que se revoltaram simultaneamente contra a dominação dos “ocupantes” de origem europeia (agora minoritários) e contra a tutela exercida sobre seu território pelas potências metropolitanas. Desta vez, foram os “brancos” que buscaram junto às metrópoles apoio e proteção contra as reivindicações independentistas dos nacionalistas locais. O anticolonialismo tornou-se então a causa de todos os líderes carismáticos (dos quais Gandhi é a figura emblemática) e dos movimentos de libertação, forjados na sombra e depois em luta aberta contra o ocupante “estrangeiro”.

MERLE, Marcel. O anticolonialismo. In: FERRO, Marc (Org.). *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 745-746.

África: trinta anos de processo de independência

A nossa visão sobre o continente africano é muito influenciada pela visão estabelecida pelos europeus, e ela é composta por uma série de imagens que, na maioria das vezes, não condiz com a realidade complexa do continente. De acordo com Kabengele Munanga, “para alguns, embora vivendo no século XX, a África é ainda um país indiferenciado e uniforme. Para os amadores de mapas geográficos, a África é essa coisa imensa e vaga, uma massa compacta no pé da Europa, um reservatório inesgotável de diversos minérios, de bananas, amendoim e outras culturas exóticas. Os intelectuais ocidentais que nunca visitaram a África a imaginaram como uma imensa terra virgem onde poderia à vontade projetar seus sonhos de revolução frustrados e impossíveis em suas terras. Os meios de comunicação de massa apresentam a África como se ela fosse apenas uma consequência de acidentes: guerras étnicas e de secessão (Biáfra, Katanga), histórias de diamantes, massacre de crianças. De vez em quando, laconicamente, os telex falam de golpes de Estado, de fome etc. Tem-se a África mais tranquila dos

etnólogos, observadores e conservadores das sociedades “primitivas”, contempladores de *status quo* e nostálgicos do passado. Tem-se a África dos turistas, amadores do sol tropical, que geralmente não enxergam grande coisa a não ser o vago exotismo e as belas piscinas dos hotéis Hilton e outros clubes. Tem-se a África dos negociantes e rapazes acostumados a viver sem escrúpulo num continente onde o roubo e a pilhagem são uma tradição que remonta ao princípio da colonização. Tem-se também a África mais modesta e melancólica dos expertos das Nações Unidas e outras instituições internacionais, os que afogam a realidade numa linguagem codificada, numa linguagem de computador que serviria indistintamente tanto para a América Latina quanto para a Ásia do Sul. Como as guerras de independência são ainda recentes, e a constituição territorial e política de diversas nações não estão prontas, acabadas – embora nenhuma dessas constituições seja, efetivamente acabada, estática – tem-se apenas imagens prontas, genéricas preconcebidas do continente africano. Torna-se necessário olhar para a diversidade e para as particularidades da África para entendê-la melhor.

MUNANGA, Kabengele. África: trinta anos de processo de independência. In: *Revista USP*, n. 18, jun./jul./ago. 1993. p. 99-111.

Um continente que, erroneamente, muitas vezes é visto apenas como uma enorme extensão de terra. Não há o costume de reconhecer sua pluralidade, esquece-se que foi retalhado e colonizado pelas potências e que abriga uma enorme diversidade de grupos étnicos, desafiados a se adaptar às identidades nacionais dos Estados formados no século XX. Carentes de recursos financeiros, os países africanos muitas vezes dependem de capital estrangeiro. O governo chinês demonstra interesse crescente na África, em busca de obter retorno dos investimentos e ampliar sua influência geopolítica.

ROTEIRO DE AULA

DESCOLONIZAÇÃO DA ÁFRICA

Cronologia e características gerais

África do Sul:

Os brancos negociaram a independência com a Inglaterra e estabeleceram uma legislação segregacionista contra nativos e asiáticos. Reação negra liderada por Nelson Mandela. Após anos de crise interna e sob pressão internacional, pôs-se fim à legislação e ao *apartheid*.

Argélia:

Colônia francesa. Organizou a Frente de Libertação Nacional. Terrorismo como forma de pressão. Independência negociada quando Charles de Gaulle assumiu o governo da França.

Congo:

Colônia belga libertada pelo líder negro Patrice Lumumba (tendência socialista). O país logo entrou em guerra civil. Golpe de direita liderado por José Mobutu, que mudou o nome do país para Zaire.

Angola:

Organizou a luta por meio de várias organizações: Movimento Nacional pela Libertação de Angola (MPLA), de esquerda; União Nacional de Independência Total de Angola (Unita); Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA). Após anos de luta interna, Portugal tentou negociar a independência gradativa, mas fracassou. Vitória do MPLA (1974) e, desde então, o novo país continua em guerra civil.

Moçambique:

A Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) consegue a independência em 1975, com a instauração de um governo socialista.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. FGV-SP

“A China é relativamente uma recém-chegada no continente africano. Mas desenvolveu um plano agressivo de investimento e comércio com grandes projetos de infraestrutura e cooperação econômica, em especial na África Subsaariana, formada por 47 dos 54 países do continente.”

<https://noticias.bol.uol.com.br.25.08.2018>. (Adaptado)

Na atualidade, as relações sino-africanas têm suas raízes nos interesses:

- a) políticos e ideológicos do governo de Xi Jinping.
- b) ideológicos do governo de Deng Xiaoping.
- c) econômicos do governo de Hu Jintao.
- d) geopolíticos e econômicos do governo de Mao Tsé-tung.**
- e) políticos e ideológicos do governo de Mao Zedong.

Os interesses da China no continente africano têm suas raízes na descolonização africana, por exemplo, nas ex-colônias de Portugal (Angola e Moçambique). Os investimentos são feitos pensando em uma parceria a longo prazo, visando lucros para o governo chinês.

2. FGV-SP

C2-H7

“Tudo muda.

De novo começar podes, com o último alento.

O que acontece, porém, fica acontecido:

E a água que pões no vinho, não podes mais separar.

[...]

Porém, tudo muda: com o último alento podes de novo recomeçar.”

Bertold Brecht.

“É a esse processo histórico, que levou à liquidação dos impérios coloniais europeus e ao surgimento ou ressurgimento de povos que se constituíram em nações e Estados, que se costuma dar o nome de descolonização.”

Leticia Bicalho Canêdo. *A descolonização da Ásia e da África*, 1985.

A partir dos textos, é correto afirmar que:

- a) a colonização europeia foi inseparável da descolonização da Ásia e da África do século XX, pois o nacionalismo, um valor ocidental, foi usado pela classe dirigente que, identificada com o Estado nacional, não respeitou as tradições locais, isto é, a descolonização não destruiu a colonização; água e vinho estão misturados.**
- b) a descolonização da Ásia e da África, no século XX, fez surgir novos povos, identificados com suas tradições e com valores antigos, essenciais para a estabilidade dos Estados e das nações, geridos pela classe dirigente, distante do velho colonialismo; a descolonização rompeu com a colonização, isto é, separou a água do vinho.
- c) a descolonização da Ásia e da África no século XIX, como continuidade ao colonialismo europeu, identificou-se com a classe dirigente internacional, preservou as principais tradições e criou o Estado nacional a partir do nacionalismo, valor tribal que garantiu estabilidade para aquelas regiões; portanto, a água não se separou do vinho.
- d) a descolonização da Ásia e da África, no século XX, foi um processo separado da colonização, pois os valores da tradição foram rompidos e surgiu o Estado nacional como criação da classe dirigente local, cujos interesses estavam alinhados com o capitalismo in-

ternacional, o que significou desenvolvimento para a maioria; água e vinho estão separados.

- e) o processo de descolonização do século XX, na Ásia e na África, é revolucionário na medida em que destruiu o velho colonialismo e colocou no poder a classe dirigente local, identificada com o capitalismo internacional, que organizou o Estado nacional segundo os interesses de estabilidade e de desenvolvimento para todos; água e vinho estão separados.

O que está dito na alternativa correta é que a descolonização política não significou uma descolonização das ideias. A própria construção de um Estado nacional é algo que veio dos colonizadores e, após as independências, permaneceu entre as antigas colônias.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

3. UPF-RS (adaptado) – Considere os processos de descolonização da África negra durante o século XX e aponte a assertiva correta:

- a) A descolonização foi uma iniciativa dos colonizadores, que, conscientes da importância do princípio de autodeterminação dos povos, afastam-se para deixar que cada nação africana ainda regida por europeus seja independente.
- b) Muitas lideranças africanas implementaram ditaduras pautadas na força quando da sua independência em relação aos europeus.**
- c) A luta anticolonial foi estimulada pela Segunda Guerra Mundial, quando soldados das colônias foram incorporados aos exércitos nas batalhas da Europa e obtiveram direitos políticos para suas nações em função de sua participação na derrocada do nazifascismo.
- d) Apesar de alguns líderes africanos terem se destacado na luta pela independência, o processo foi solucionado de forma pacífica, evidenciando a conscientização de todos os envolvidos.
- e) O pan-africanismo visava congregar as nações independentes em entidades desportivas que auxiliassem na sua afirmação identitária nacional, fazendo uso da Copa da África, Copa do Mundo e Olimpíadas para reforçar a união de suas populações.

As formas e os rumos das independências foram bastante diferentes entre si. No caso das independências africanas, várias delas acabaram se constituindo em ditaduras, em parte porque os colonizadores dessas regiões abriram menos espaço para negociações e diálogos, fazendo com que os revoltosos vitoriosos fossem os mais radicais.

4. Ufes-ES

“O presidente sul-africano ficou surpreso ao saber que, no Brasil, o maior país de população negra fora da África, se fala uma só língua e se pratica o sincretismo religioso.”

O Globo, 23 jul. 1998.

O texto se refere à visita ao Brasil do presidente sul-africano, Nelson Mandela, que combateu duramente os sérios problemas enfrentados pela África do Sul após se libertar da sujeição efetiva à Inglaterra. Uma das dificuldades por que passou o país foi a política de *apartheid*, que consistia no(a):

- a) resistência pacífica, que previa o boicote aos impostos e ao consumo dos produtos ingleses.
- b) radicalismo religioso, que não permitia aos brancos professar a religião dos negros, impedindo o sincretismo religioso que interessava aos ingleses.**

- c) manutenção da igualdade social, que facilitava o acesso à cultura a brancos e negros, desde que tivessem poder econômico e político.
- d) segregacionismo oficial, que permitia que uma minoria de brancos controlasse o poder político e garantisse seus privilégios diante da maioria negra.
- e) desarmamento obrigatório para qualquer instituição nacional e exigência do uso exclusivo do dialeto africano nas empresas estrangeiras.

A alternativa correta apresenta uma definição concisa do *apartheid* e pode ser utilizada como um bom resumo. Era essa a situação na África do Sul durante décadas até que, com a liderança de Nelson Mandela, esse sistema foi encerrado.

5. Fuvest-SP

“África vive [...] prisioneira de um passado inventado por outros.”

Mia Couto. Um retrato sem moldura. In: HERNANDEZ, Leila. *A África na sala de aula*. São Paulo: Selo Negro, 2005. p. 11.

A frase acima se justifica porque:

- a) os movimentos de independência na África foram patrocinados pelos países imperialistas, com o objetivo de garantir a exploração econômica do continente.
- b) os distintos povos da África preferem negar suas origens étnicas e culturais, pois não há espaço, no mundo de hoje, para a defesa da identidade cultural africana.
- c) a colonização britânica do litoral atlântico da África provocou a definitiva associação do continente à escravidão e sua submissão aos projetos de hegemonia europeia no Ocidente.
- d) os atuais conflitos dentro do continente são comandados por potências estrangeiras interessadas em dividir a África para explorar mais facilmente suas riquezas.

- e) a maioria das divisões políticas da África definidas pelos colonizadores se manteve, em linhas gerais, mesmo após os movimentos de independência.

No século XIX, na Conferência de Berlim, as potências coloniais europeias dividiram a África segundo os próprios interesses e disputas políticas, sem levar em conta as características geográficas, históricas e socioculturais dos povos africanos. Após anos de colonialismo, quando das independências, a maior parte dessas divisões artificiais e impostas se manteve.

6. Cesgranrio-RJ

“Morre um homem por minuto em Ruanda. Um homem morre por minuto numa nação do continente onde o *Homo sapiens* surgiu há um milhão de anos [...] Para o ano 2000 só faltam seis, mas a humanidade não ingressará no terceiro milênio enquanto a África for o túmulo da paz.”

Augusto Nunes. In: *Jornal O Globo*, 6 ago. 1994.

A situação de instabilidade no continente africano é o resultado de diversos fatores históricos, dentre os quais destacamos o(a):

- a) fortalecimento político dos antigos impérios coloniais na região, apoiado pela Conferência de Bandung.
- b) declínio dos nacionalismos africanos causado pelo final da Guerra Fria.
- c) acirramento das guerras intertribais no processo de descolonização que não respeitou as características culturais do continente.
- d) fim da dependência econômica ocorrida com as independências políticas dos países africanos após a década de 50.
- e) difusão da industrialização no continente africano, que provocou suas grandes desigualdades sociais.

Como visto na última questão, a divisão das colônias europeias na África foi artificial e imposta, respeitando apenas os interesses europeus. Portanto, havia severas rivalidades dentro de territórios nacionais durante e depois do período colonial, o que levou ao acirramento de guerras entre esses grupos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Acafe-SC – Durante o período da Guerra Fria, as ideias do pan-africanismo e o pan-arabismo foram relevantes na afirmação de diversos movimentos de libertação e de independência na África e Oriente Médio. Acerca desses movimentos e de suas proposições e correlações é correto afirmar, exceto:

- a) No Oriente Médio, o pan-arabismo teve no presidente egípcio Gamal Abdel Nasser uma de suas principais lideranças. Nasser defendia a união dos povos árabes contra a forte presença dos EUA e de Israel.
- b) Das potências europeias coloniais, França e Reino Unido apoiaram a agenda dos dois movimentos, já que viam os mesmos como forma de impedir a expansão dos interesses soviéticos na África e no Oriente Médio.
- c) O pan-africanismo inspirou vários movimentos de libertação nesse continente. A intenção de criar “uma identidade africana” era instrumento ideológico de aproximação dos povos na luta contra as metrópoles.
- d) Outro alvo do movimento pan-africanista era o racista regime sul-africano que se perpetuou no poder através do *apartheid*, por décadas.

8. UFRN-RN – Em relação ao processo de descolonização afro-asiático, é correto afirmar:

- a) As potências europeias, fortalecidas com o fim da 2ª Guerra Mundial, investiram recursos na luta contra os movimentos de libertação que explodiam nas colônias.

- b) A Organização das Nações Unidas tornou-se o parlamento no qual muitos países condenavam o neocolonialismo, dado que proclamava a autodeterminação dos povos.
- c) A Guerra Fria dificultou a descolonização, em virtude da oposição de soviéticos e americanos, que viam no processo uma limitação de seu poder de influência na África e na Ásia.
- d) As nações que optaram por guerra e luta armada foram as únicas que conquistaram independência e autonomia política frente à dominação dos países europeus.

9. FGV-RJ – O genocídio que teve lugar em Ruanda, assim como a guerra civil em curso na República Democrática do Congo, ou ainda o conflito em Darfur, no Sudão, revelam uma África marcada pela divisão e pela violência. Esse estado de coisas deve-se, em parte:

- a) às diferenças ideológicas que perpassam as sociedades africanas, divididas entre os defensores do liberalismo e os adeptos do planejamento central.
- b) à intolerância religiosa que impede a consolidação dos Estados nacionais africanos, divididos nas inúmeras denominações cristãs e muçulmanas.
- c) aos graves problemas ambientais que produzem catástrofes e aguçam a desigualdade ao perpetuar a fome, a violência e a miséria em todo o continente.

- d) à herança do colonialismo, que introduziu o conceito de Estado-nação sem considerar as características das sociedades locais.
- e) às potências ocidentais que continuam mantendo uma política assistencialista, o que faz com que os governos locais beneficiem-se do caos.

10. Fuvest-SP – Assolado pela miséria, superpopulação e pelos flagelos mortíferos da fome e das guerras civis, a situação de praticamente todo o continente africano é, neste momento de sua história, catastrófica. Este quadro trágico decorre:

- a) de fatores conjunturais que nada têm a ver com a herança do neocolonialismo, uma vez que a dominação colonial europeia se encerrou logo após a Segunda Guerra Mundial.
- b) exclusivamente de um fator estrutural, posterior ao colonialismo europeu, mas interno ao continente, que é o tribalismo, que impede sua modernização.
- c) da inserção da maioria dos países africanos na economia mundial como fornecedores de matérias-primas cujos preços têm baixado continuamente.
- d) exclusivamente de um fator estrutural, externo ao continente, a espoliação imposta e mantida pelo Ocidente que bloqueia a sua autodeterminação.
- e) da herança combinada de tribalismo e colonialismo, que redundou na formação de micronacionalismos incapazes de reconstruir antigas formas de associação bem como de construir novas.

11. Fuvest-SP – Em junho de 1995, a seleção de *rugby* da África do Sul conquistou a Copa do Mundo dessa modalidade esportiva ao vencer a equipe da Nova Zelândia por 15 a 12, na cidade de Johannesburgo. O capitão sul-africano, François Pienaar, recebeu a taça destinada à seleção campeã das mãos de Nelson Mandela.

Esse acontecimento esportivo:

- a) é um dos marcos do fim do *apartheid*, devido à constituição de uma primeira seleção multirracial representando a África do Sul.
- b) tornou-se uma das justificativas para o veto à participação da África do Sul em eventos esportivos devido à proibição da presença de atletas brancos.
- c) permitiu a vitória eleitoral de Mandela, apoiado massivamente pelos bôeres insuflados pelo nacionalismo sul-africano.
- d) desencadeou uma série de conflitos raciais entre negros e brancos devido às rivalidades entre os atletas da seleção sul-africana.
- e) foi realizado graças a um esforço conjunto de Nelson Mandela e de Frederik de Klerk, agraciados, por isso, com o prêmio Nobel da Paz.

12. Uerj-RJ

“A África Subsaariana conheceu, ao longo dos últimos quarenta anos, trinta e três conflitos armados que fizeram no total mais de sete milhões de mortos. Muitos desses conflitos foram provocados por motivos étnico-regionais, como os massacres ocorridos em Ruanda e no Burundi.”

Le Monde Diplomatique, maio 1993. (Adaptado)

Das alternativas abaixo, aquela que identifica uma das raízes históricas desses conflitos no continente africano é:

- a) a chegada dos portugueses, que, em busca de homens para escravização, extinguiram inúmeros reinos existentes.

- b) a Guerra Fria, que, ao provocar disputas entre EUA e URSS, transformou a África num palco de guerras localizadas.
- c) o imperialismo, que, ao agrupar as diferentes nacionalidades segundo tradições e costumes, anulou direitos de conquista.
- d) o processo de descolonização, que, mantendo as mesmas fronteiras do colonialismo europeu, desrespeitou as diferentes etnias e nacionalidades.

13. FGV-RJ

“Até que a filosofia que sustenta uma raça

Superior e outra inferior

Seja finalmente e permanentemente desacreditada e abandonada,

Haverá guerra, eu digo, guerra.

[...]

Até que os regimes ignóbeis e infelizes,

Que aprisionam nossos irmãos em Angola, em Moçambique, África do Sul, em condições subumanas,

Sejam derrubados e inteiramente destruídos, haverá Guerra, eu disse, guerra.

[...]

Até esse dia, o continente africano

Não conhecerá a paz, nós, africanos, lutaremos,

Se necessário, e sabemos que vamos vencer,

Porque estamos confiantes na vitória

Do bem sobre o mal,

Do bem sobre o mal [...].”

War. Bob Marley, 1976.

A canção “War” foi composta por Bob Marley a partir do discurso pronunciado pelo imperador da Etiópia, Hailé Selassié (1892-1975) em 1936, na Liga das Nações. As ideias do discurso, presentes na letra da canção acima, estão associadas:

- a) ao darwinismo social, que propunha a superioridade africana sobre as demais raças humanas.
- b) ao futurismo, que consagrava a ideia da guerra como a higiene e renovação do mundo.
- c) ao pan-africanismo, que defendia a existência de uma identidade comum aos negros africanos e a seus descendentes.
- d) ao sionismo, que defendia que o imperador Selassié era descendente do rei Salomão e da rainha de Sabá e deveria assumir o governo de Israel.
- e) ao *apartheid*, que defendia a superioridade branca e a política de segregação racial na África do Sul.

14. Fuvest-SP – As resistências à descolonização da Argélia derivaram essencialmente:

- a) da reação de setores políticos conservadores na França, associados aos franceses que viviam na Argélia.
- b) da pressão das grandes potências, que temiam a implantação do fundamentalismo islâmico na região.
- c) da iniciativa dos Estados Unidos, que pressionaram a França a manter a colônia a qualquer preço.
- d) da ação pessoal do general De Gaulle, que se opunha aos projetos hegemônicos dos Estados Unidos.
- e) da atitude da França, que desejava expandir suas colônias após a Segunda Guerra Mundial.

- 15. PUC-MG** – Na segunda metade do século XX, após décadas de dominação europeia, os povos da África conseguem se libertar. São marcas dos Estados africanos hoje, exceto:
- o domínio exercido por uma elite africana em lugar do antigo dominador.
 - o falso desenvolvimento econômico realizado em proveito do capital externo.
 - a independência formal associada à manutenção do domínio de “tipo colonial”.
 - a solidariedade dos povos negros em luta contra os resíduos da europeização.
 - a tendência autoritária e violenta dos pequenos Estados recém-formados.
- 16. UFV-MG** – O vasto império colonial português na África, cujas origens se encontram na expansão ultramarina no século XV, começou a ruir a partir da década de 50 do século XX, quando suas colônias iniciam as lutas pela independência. Esse processo estava associado ao fim do imperialismo e do colonialismo, com a emancipação das colônias europeias na África e na Ásia. Dentre as opções abaixo, assinale aquela que não está diretamente associada ao fim do imperialismo e do colonialismo afro-asiático:
- A ampliação do poder econômico e político dos Estados Unidos e da União Soviética.
 - As transformações políticas, econômicas, sociais e ideológicas causadas pela Segunda Grande Guerra.
 - A ampliação dos movimentos de caráter nacionalista.
 - O declínio da hegemonia europeia iniciado na Primeira Guerra Mundial.
 - As pressões da China comunista pela ampliação de sua área de influência na Ásia e na África Ocidental.
- 17. Fuvest-SP** – Portugal foi o país que mais resistiu ao processo de descolonização na África, sendo Angola, Moçambique e Guiné-Bissau os últimos países daquele continente a se tornarem independentes. Isto se explica:
- pela ausência de movimentos de libertação nacional naquelas colônias.
 - pelo pacifismo dos líderes Agostinho Neto, Samora Machel e Amílcar Cabral.
 - pela suavidade da dominação lusitana baseada no paternalismo e na benevolência.
 - pelos acordos políticos entre Portugal e África do Sul para manter a dominação.
 - pela intransigência do salazarismo, somente eliminada com a Revolução de Abril de 1974.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C3-H13



Disponível em: <www.imageforum-diffusion.afp.com>. Acesso em: 6 jan. 2016.

O regime do *apartheid* adotado de 1948 a 1994 na África do Sul fundamentava-se em ações estatais de segregacionismo racial. Na imagem, fuzileiros navais fazem valer a “lei do passe” que regulamentava o(a):

- concentração fundiária, impedindo os negros de tomar posse legítima do uso da terra.
- boicote econômico, proibindo os negros de consumir produtos ingleses sem resistência armada.
- sincretismo religioso, vetando ritos sagrados dos negros nas cerimônias oficiais do Estado.
- controle sobre a movimentação, desautorizando os negros a transitar em determinadas áreas das cidades.
- exclusão do mercado de trabalho, negando à população negra o acesso aos bens em consumo.

REGIMES MILITARES: AMÉRICA DO SUL

54

TOTALITARISMO SUL-AMERICANO

Em um dos módulos anteriores, conhecemos melhor a Revolução Cubana e seus efeitos na geopolítica mundial. O fato de ter havido uma revolução comunista bem-sucedida bem próxima do território dos Estados Unidos deixou os norte-americanos atentos, assustados e colocou-os em uma posição de contra-ataque.

Era a Guerra Fria, quando Estados Unidos e URSS disputavam a hegemonia mundial. Na perspectiva dos estadunidenses, não poderia haver outra Cuba. Por isso, apoiaram golpes militares conservadores em vários países das Américas. O receio, justificado ou não, de golpes comunistas, gerou apoio entre as classes médias e altas desses países. Assim, por décadas, países como Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai viveram ditaduras militares violentas.



"Onde estão?!" No Chile, um casal procura nomes de desaparecidos durante a ditadura.

- Totalitarismo sul-americano
- Argentina
- Bolívia
- Chile
- Paraguai
- Uruguai

HABILIDADES

- Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situações ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

ARGENTINA

Anteriormente à instalação do Estado militar, a Argentina vivenciou, entre 1946 e 1955, o governo autoritário de inspiração nazifascista e populista de Juan Domingo Perón, militar que participara, em 1943, de um golpe liderado pelo Grupo de Oficiais Unidos (GOU), reunindo jovens oficiais de perfil anticomunista, ultracatólico e de inspiração fascista, o qual instaurou um regime militar em que ele próprio ocupou o cargo de ministro do Trabalho. Com o início da distensão política argentina em 1945, retornou a liberdade de imprensa.

Eleito presidente no ano seguinte, Perón criou mecanismos de controle institucional dos meios de comunicação inspirados nos governos nazifascistas que conhecera na Europa antes de se tornar líder político. Também implantou uma política nacionalista e uma extensa legislação trabalhista, o que provocou um golpe militar em 1955.



GRANGER HISTORICAL PICTURE ARCHIVE/ALAMY STOCK PHOTO

Perón representou a implantação das práticas populistas na Argentina, país que governou de 1946 a 1955 e de 1973 a 1974.

Desde a queda do governo peronista até meados da década de 1970, a Argentina esteve em crise permanente, originada pela progressiva dependência econômica do capitalismo internacional, notadamente norte-americano.

No contexto da Guerra Fria, houve estímulo ao fortalecimento das corporações militares, fato que, aliado à simpatia da elite oligárquica Argentina pelas conquistas brasileiras com o milagre econômico, justificou a tomada de poder pelas forças armadas em 1976.

Como no Brasil, instaurou-se uma ditadura militar (1976-1983), concebida como um processo de reorganização nacional, comprometida em combater o avanço da esquerda, cassar direitos políticos e impor a censura, a repressão e a tortura. A política econômica beneficiou a agroexportação, o capital externo e o setor financeiro, mas deixou o desenvolvimento industrial em plano secundário, provocando altos níveis de desemprego e falência.

O conflito bélico entre Argentina e Grã-Bretanha, na Guerra das Malvinas, em 1982, pôs fim à ditadura militar em função da derrota esmagadora, com saldo de oitocentos mortos e mais de mil feridos. A rendição aos ingleses, que receberam apoio dos Estados Unidos, deflagrou uma contestação geral ao governo militar. O então presidente, general Leopoldo Galtieri, foi deposto e substituído por Raúl Alfonsín, que comprometeu-se a restabelecer a democracia. Ao mesmo tempo, a sociedade civil se reorganizava.

Nas eleições de 1983, a União Cívica Radical derrotou o Partido Justicialista e Alfonsín governou a Argentina até 1989, sendo responsável pela transição do país para a democracia. Em sua administração, começaram os delicados processos contra as juntas militares que governaram nos anos da ditadura, responsáveis pela morte de milhares de opositores ao regime. A maioria da população apoiou esses processos, destacando-se o movimento Mães da Praça de Maio, que organizou manifestações contra a violência da ditadura. A condenação desses oficiais concretizou-se em dezembro de 1985, fato inédito na América do Sul, que provocou levantes militares, como em 1987, quando o país esteve à beira de uma guerra civil.



ODYSSEYIMAGES/ALAMY STOCK PHOTO

Foto de 2013 que mostra como as Mães da Praça de Maio ainda são uma força política na Argentina. Estendida à frente da Casa Rosada, palácio da presidência, a faixa diz: "Não esqueceremos, não perdooaremos".

Externamente, Alfonsín firmou tratados diplomáticos com vários países, inclusive o Brasil, voltados para a integração dos mercados regionais do Cone Sul, que em 1991 dariam origem ao Mercosul. Internamente, combateu a inflação e equacionou a dívida externa por meio do Plano Austral, que criou uma nova moeda (austral), congelou preços e salários e combateu o sindicalismo associado ao justicialismo.

Apesar do sucesso inicial, o Plano Austral fracassou ao não resolver problemas estruturais da Argentina, mesmo com a implantação de medidas como o Plano Nacional de Alfabetização e o Plano Nacional Alimentar. Um processo de hiperinflação marcou o fim desse governo, atingindo patamares superiores a 3 mil por cento. Nas eleições, venceu o justicialista Carlos Menem (1989-1999), que, para combater a inflação, equiparou o austral ao dólar e privatizou empresas, mas não evitou o aumento da pobreza e do desemprego. Durante seu governo, atentados terroristas à embaixada de Israel e à Associação Israelita Argentina vitimaram mais de cem pessoas. Externamente, assinou o Tratado de Assunção em 1991, formalizando a criação do Mercosul.

A partir de 1998, a Argentina viveu quatro anos de recessão econômica, chegando a atingir o sucessor de Menem, Fernando de La Rúa, que renunciou em 2001, após intensos protestos populares. Seu substituto, Rodríguez Saá, decretou a moratória – suspensão de pagamento da dívida externa. A Assembleia Legislativa aprovou Eduardo Duhalde como presidente provisório até a eleição de 2003. Néstor Kirchner, que assumiu a presidência, desvalorizou a moeda argentina, mas contou com o bom momento da economia internacional para a retomada do crescimento. Em outubro de 2007, Cristina Kirchner, esposa de Néstor, assumiu o governo argentino, mantendo o ritmo de desenvolvimento econômico, apesar de os produtores rurais protestarem contra a política agrícola adotada, que dificultava as exportações para garantir o abastecimento interno.

BOLÍVIA

Desde o período colonial, a economia boliviana dependeu da exploração das riquezas minerais e agríco-

las, destacando-se a coca, planta largamente utilizada na produção de droga. Nas décadas finais do século XIX, a Bolívia alcançou relativa estabilidade econômica graças aos preços da prata e do estanho. Politicamente, sofreu um golpe de Estado a cada dois anos entre 1850 e 1950.

No início do século XX, a Bolívia perdeu parte de seu território para o Brasil (o Acre) pelo Tratado de Petrópolis. Participou de disputas territoriais na Guerra do Chaco (1932-1935) contra o Paraguai, motivadas por interesses imperialistas envolvendo áreas produtoras de petróleo. O conflito terminou com um saldo de quase 100 mil mortos (60 mil do lado boliviano), a derrota da Bolívia e mais perda territorial, dessa vez para o Paraguai.



Mural de vítimas da ditadura militar na Bolívia colocado em frente ao Ministério da Justiça.

Entre 1952 e 1964, a Bolívia viveu uma fase populista com o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), que empreendeu a reforma agrária, a nacionalização das minas e o sufrágio universal. Em 1964, um golpe militar instaurou a ditadura, que se manteve até 1982. Na década de 1980, a crise econômica e a inflação bateram no país. A partir de 1992, adotaram-se políticas liberais, como a privatização das minas e de outras empresas públicas.

As medidas liberais não diminuíram a pobreza da população e, em 2005, Evo Morales elegeu-se presidente, tendo como principal base política os camponeses ligados à produção de coca. Morales adotou medidas neopopulistas, como nacionalização das empresas de petróleo, inclusive refinarias da Petrobras. O futuro da Bolívia parece depender do equilíbrio entre as medidas governamentais direcionadas ao nacionalismo e os interesses capitalistas dos grupos econômicos, a exemplo da região agrícola de Cochabamba, principal opositora a Morales.

CHILE

A história do Chile é marcada pela presença de forças armadas na política desde sua independência, em 1810, até as últimas décadas do século XX. No contexto do século XIX, marcado pelas disputas imperialistas, o Chile envolveu-se na Guerra do Pacífico

(1879-1881) contra as tropas conjuntas de Bolívia e Peru, pelo controle de áreas ricas em nitratos encontrados em depósitos de salitre e guano (excrementos de aves marinhas), sob domínio de empresas inglesas com sede no Chile. O aumento dos impostos para as companhias chilenas que operavam no litoral boliviano e sua recusa em pagar as sobretaxas motivaram a guerra. O governo da Bolívia determinou o sequestro dos bens das empresas de origem chilena. Deflagrado o conflito, o apoio inglês contribuiu para a vitória do Chile. A Bolívia perdeu o acesso ao Oceano Pacífico, problema territorial que ainda se constitui em ponto central de sua diplomacia.



No Chile, Salvador Allende tentou nacionalizar a economia e adotar medidas sociais inviáveis no contexto da Guerra Fria e da política sul-americana sob influência dos Estados Unidos.

A posse do presidente Salvador Allende, em 1970, deu início ao governo popular de caráter socialista, que nacionalizou riquezas minerais (ferro e salitre, principalmente) e implantou a reforma agrária, que buscava eliminar os latifúndios no Chile. Allende planejava implantar o socialismo por meio do voto. Em maio de 1973, após três anos de governo, seu grupo político (Unidade Popular), uma coligação de partidos de esquerda, obteve números expressivos nas eleições parlamentares, o que lhe aumentou a base de ação. Com apoio norte-americano, a direita do país, formada pela burguesia industrial, pela Igreja, por amplos setores das forças armadas e por partidos de oposição (Democrata-Cristão e Nacional) iniciou um processo de tomada do poder. Em 11 de setembro de 1973, tropas comandadas por Augusto Pinochet atacaram o Palácio do Governo e instalaram uma das mais repressivas ditaduras pós-Segunda Guerra Mundial. Allende morreu nesse episódio e até hoje se questiona se ele se suicidou ou se foi assassinado pelos militares golpistas.

Com o golpe militar, começou a dependência econômica do Chile do capital estrangeiro norte-americano, substituindo as mudanças revolucionárias do governo popular por práticas autoritárias e ditatoriais. Com o início do processo de abertura democrática em 1989, a população chilena voltou, aos poucos, a gozar

de seus direitos e ver os crimes praticados pelo governo ditatorial serem julgados.

MIGUEL SAYAGO/LAMY STOCK PHOTO



Augusto Pinochet, chefe do governo apontado como marco inicial do neoliberalismo no mundo ocidental, pela retomada dos preceitos liberais de mercado e pela retirada da intervenção do Estado da economia. Segundo o neoliberalismo, a participação estatal deve ser mínima (Estado mínimo), restrita a setores considerados estratégicos e essenciais.

URUGUAI

Após ser chamado de Suíça latina, o Uruguai sofreu uma profunda crise no fim dos anos 1960. Empossado em 1967, o presidente Jorge Pacheco Areco implantou um governo autoritário que não se apoiava diretamente nas forças armadas nacionais, mas instaurou medidas de segurança como repressão aos militantes de oposição, em especial ao grupo guerrilheiro dos tupamaros, o fechamento de alguns meios de comunicação impressos e a morte de opositores em enfrentamentos com a polícia. Para isso, adotou técnicas repressivas aprendidas com assessores brasileiros e norte-americanos.

Na época das eleições, em 1971, o governo de Jorge Pacheco entregou a responsabilidade de reprimir a oposição às forças armadas, efetivando a entrada dos militares no jogo político. A vitória do candidato de Jorge Pacheco, Juan María Bordaberry, tornou mais rígida a repressão, com a suspensão dos direitos individuais. Diante disso, em fevereiro de 1973, vários segmentos sociais lançaram uma campanha de retorno dos militares aos quartéis. A criação do Conselho de Segurança Nacional deu-lhes força para tomar diretamente o poder em 1973.

BETTMANN/GETTY IMAGES



Jorge Pacheco Areco em 1968, durante seu mandato como presidente do Uruguai.

O governo militar uruguaio estendeu-se até 1984, quando uma greve geral forçou os militares a estabelecer negociações com os líderes políticos civis e organizar eleições. Na presidência, Julio María Sanguinetti tomou medidas para atrair capitais estrangeiros e consolidar a nova democracia no país, incluindo uma controversa anistia aos militares envolvidos em casos de tortura e execução dos opositores ao regime.

Em 1989, o presidente eleito Luis Alberto Lacalle instituiu uma ampla liberalização da economia, optando pela adesão do país ao Mercosul. Reeleito em 1994, Sanguinetti priorizou reformas na educação e na segurança pública, manteve o liberalismo econômico, mas a queda dos preços dos produtos de exportação uruguaios e a retração econômica nos mercados mundiais levaram o país à recessão entre 1999 e 2002. Em consequência, graves problemas econômicos e aumento do desemprego atingiram o governo de Jorge Batlle. Eleito em 2004, Tabaré Vázquez conseguiu retomar o crescimento econômico, essencial para a estabilidade democrática no Uruguai.

PARAGUAI

Em 4 de maio de 1954, o general Alfredo Stroessner, com o apoio da embaixada norte-americana, liderou um golpe de Estado no Paraguai, país agrário de população majoritariamente camponesa. Investidores estrangeiros controlavam os setores de indústria e exportação. O regime político implantado por Stroessner caracterizou-se pelo imobilismo, porque preservava as estruturas arcaicas do país e a ditadura, com decretação de estado de sítio e censura à imprensa, além de entrega dos recursos naturais paraguaios aos interesses estrangeiros, essencialmente norte-americanos.

Em 1959, algumas personalidades políticas do tradicional Partido Colorado iniciaram um movimento a fim de revogar o estado de sítio e restabelecer a liberdade de imprensa, aliando críticas contra o alto custo de vida e a repressão política. Em resposta, Stroessner dissolveu o Congresso Nacional, deportou os descontentes e novamente decretou estado de sítio, acirrando os

ânimos da oposição, representada principalmente pelo movimento de luta armada Frente Unida de Libertação Nacional e pelo Partido Comunista.

KEYSTONE PRESS/LAMY STOCK PHOTO



Retrato do ditador paraguaio Alfredo Stroessner (à esquerda) junto ao ditador espanhol Francisco Franco (à direita) nas ruas de Madri (Espanha), em 1973.

A combinação de autoritarismo, miséria e total dependência externa tornou o Paraguai um dos países mais pobres da América Latina. Apesar da precária situação, Stroessner firmou com o Brasil, em 26 de abril de 1973, o tratado para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, no Rio Paraná, por associação das Centrais Elétricas Brasileiras S.A. (Eletrobras) e Administración Nacional de Electricidad, do Paraguai.

A redemocratização aconteceu somente em 1989, o que faz do Paraguai o país com a mais longa ditadura militar nas Américas. Mesmo com disputas políticas internas, o Paraguai tem conseguido manter a democracia, promovendo eleições regulares e livres. Em 2008, elegeu-se Fernando Lugo, que pretende reformular os tratados de Itaipu e rever as tarifas de energia pagas pelo Brasil. Outra questão problemática envolve os “brasiguaios” – agricultores brasileiros que vivem e trabalham em território paraguaio, responsáveis por boa parte da produção agrícola desse país, mas enfrentando cada vez mais protestos de camponeses sem-terra.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMINANTE

ROTEIRO DE AULA

REGIMES MILITARES: AMÉRICA DO SUL

Características

Alinhamento com os Estados Unidos; desenvolvimento econômico e intervenção estatal; repressão social e política; regime de exceção; concentração de riqueza.

Países

Argentina:

1976-1983.

Bolívia:

1964-1982.

Chile:

1973-1989.

Uruguai:

1973-1984.

Paraguai:

1954-1989.

Redemocratização

Razões:

Esgotamento do modelo; perda da credibilidade popular; resistência dos sindicatos, igrejas; pressão internacional.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. FGV-SP (adaptado)



KEYSTONE PRESS/ALAMY STOCK PHOTO

Como em Berlim, 1936. Charge.

Esta charge deve ser interpretada como:

- a) uma convocatória à oposição para que pegasse em armas contra o governo de Juan Domingo Perón.
- b) um apelo para que os militares argentinos libertassem os presos políticos durante a Copa do Mundo de futebol de 1978.
- c) uma provocação do governo brasileiro da época contra o regime autoritário que se instalara na Argentina.
- d) um alerta aos riscos de se visitar a Argentina após a Copa do Mundo, quando se instaurou a ditadura militar.
- e) uma denúncia à violência da ditadura militar argentina, que organizava a Copa do Mundo de 1978.

Essa charge, de autores suíços, buscava chamar a atenção para a situação política na Argentina, durante a Copa do Mundo de futebol de 1978. A charge compara o evento, durante a ditadura argentina, às olimpíadas de 1936, na Alemanha nazista.

2. PUC-RJ – Assinale a alternativa que não caracteriza de modo correto as ditaduras militares instauradas em diferentes países da América Latina nas décadas de 1960 e 1970:

- a) A emergência das ditaduras militares está relacionada ao contexto da Guerra Fria e à ameaça da expansão internacional do comunismo, especialmente após o êxito da Revolução Cubana em 1959 e seu posterior alinhamento ao bloco socialista.
- b) Os golpes militares foram apoiados por vários setores sociais como atestam, por exemplo, os boicotes que industriais e comerciantes realizaram no Chile para desgastar a presidência de Salvador Allende e a conhecida “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, contra o governo de João Goulart.
- c) Centros de inteligência militar disseminados nessa época, em diferentes países, passaram a definir os contornos da chamada Doutrina de Segurança Nacional, voltada ao combate de um inimigo interno, propagador de “ideias subversivas” e, portanto, identificado como nocivo aos interesses da “nação”.
- d) Apesar das diferenças, algumas características foram comuns a todos os regimes militares desse período:

a suspensão total ou parcial de atividades legislativas, a falência dos regimes e partidos políticos tradicionais, a militarização da vida política e social e a prática das prisões e da tortura.

- e) Os exércitos da Bolívia, Argentina, Chile, Uruguai, Brasil, Paraguai e México estabeleceram um pacto para coordenar operações repressivas, com o objetivo de combater a propagação do comunismo em toda a América Latina, conhecido como Operação Condor.

A Operação Condor envolveu regimes militares da América do Sul junto à CIA dos Estados Unidos e não incluía o México. O erro da última alternativa foi citar o México e não citar a agência de inteligência norte-americana.

3. PUC-RJ – Na Argentina contemporânea, é possível perceber a permanência e a força do peronismo na eleição de diversos e sucessivos governantes que se dizem seus herdeiros. As alternativas abaixo expressam características da experiência política do governo Perón de 1946-1955:

- I. Antes de sua eleição em 1946, Juan Domingo Perón ocupou o cargo de secretário do Trabalho e Previdência Social, no governo instaurado em 1943 pelos militares do GOU, no exercício do qual iniciou uma política trabalhista que, em pouco tempo, o transformou em importante líder dos trabalhadores.
- II. Em 1955, Perón concorre à reeleição e perde para o candidato da União Democrática, deixando o poder depois de dez anos, apesar do apoio das forças armadas, da Igreja e dos trabalhadores.
- III. Muitas medidas de caráter nacionalista foram levadas avante pelo governo peronista, desde a nacionalização das estradas de ferro e de outras empresas de transporte, de empresas elétricas, dos serviços telefônicos, até a criação de uma frota aérea do Estado (Aerolíneas Argentinas) e da empresa Gás do Estado.
- IV. O peronismo caracterizou-se pela introdução de uma política de massas que resultou na configuração de um Estado intervencionista, tendo à frente um líder carismático que conduziu uma política baseada na ideia de “justicialismo”.

São afirmativas corretas:

- a) II e IV.
- b) I, II e III.
- c) I e IV.
- d) I, III e IV.
- e) Todas.

A afirmativa II erra ao dizer que houve uma derrota eleitoral quando, na verdade, houve um golpe na Argentina em 1955.

4. UFGD-MS

C3-H15

Leia o seguinte texto:

“De 1964 até o final dos anos 70, grandes mudanças políticas se processaram na América Latina. Em março de 1964, os militares derrubaram o poder constitucional de João Goulart, no Brasil, dando início a uma série de ditaduras militares, que iriam espalhar-se por toda a América Latina.”

CÁCERES, Florival. *História da América*. São Paulo: Moderna, 1992. p. 208.

Com relação à implantação das ditaduras militares na América Latina, no período aludido, assinale a alternativa correta:

- a) Insere-se numa tentativa de barrar o avanço do bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos sobre a América Latina. Através da Doutrina da Segurança Nacional, os governos militares aproximavam os países latino-americanos do socialismo soviético.
- b) Ao assumir o governo, no Brasil, os militares aliaram-se a políticos de esquerda, intelectuais, religiosos progressistas, estudantes e líderes sindicais a fim de aprovar, no Congresso Nacional, os AIs (Atos Institucionais), que criaram uma ordem jurídica e política baseada no Estado de direito.
- c) No Chile, nas eleições de 1970, Salvador Allende foi eleito presidente a partir de uma aliança entre cristãos de esquerda, socialistas e comunistas. Com Allende, o Chile caminhava para o socialismo, fato que motivou, em 1973, a tomada de poder por um grupo de militares liderados por Augusto Pinochet.
- d) Embora os regimes militares latino-americanos tenham sido extremamente autoritários e violentos, tais aspectos não podem ser imputados à Argentina, país que implantou um governo de coalisão nacional que proibia a violência física e psicológica. Tal política foi apoiada pelas Mães da Praça de Maio.
- e) No Peru, a implantação da ditadura militar sofreu, desde o início, em 1968, a oposição da Ação Libertadora Nacional (ALN), liderada por Carlos Marighella. Por conta disso, para evitar uma possível guerra civil, o general Juan Velasco Alvarado assumiu uma postura nacional-socialista.

Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos atuaram para evitar que houvesse uma nova Cuba nas Américas. Com a aproximação de Allende ao socialismo, ainda que de forma democrática e pacífica, o exército chileno foi apoiado pelos norte-americanos e deu um golpe militar.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

5. Cesgranrio-RJ – O “peronismo”, fenômeno político que surge na Argentina na década de 1940, pode ser identificado como:

- a) a variante argentina do fascismo europeu, tendo nas classes médias sua principal base social.
- b) mais um dos regimes ditatoriais da tradição caudilhista latino-americana e identificado com as populações rurais.
- c) uma tendência demagógica e oportunista, voltada para o desenvolvimento do operariado em bases nacionalistas.
- d) uma forma de “populismo”, apoiada nos setores mais novos do proletariado urbano e nas camadas inferiores das classes médias.
- e) uma ditadura popular de novo tipo, uma vez que contava com o apoio do campesinato e dos operários pobres.

O peronismo é uma força política importante na Argentina até hoje e tem sua base política entre trabalhadores urbanos e classe média baixa, grupos mais favorecidos pelas políticas trabalhistas e populistas de Perón.

6. Cesgranrio-RJ – A eleição de Salvador Allende no Chile em 1970 constituiu-se num acontecimento específico atípico no panorama geral da América Latina. Sua política de governo se caracterizava por ser:

- a) nacionalista, com exclusão dos membros da Guarda Nacional – bastião de poder no governo anterior.
- b) liberal, com livre importação de produtos manufaturados.
- c) isolacionista no contexto continental, com pressões militares e econômicas por parte dos Estados Unidos.
- d) democrática, com amplo respaldo popular e de grupos esquerdistas cristãos.
- e) reformista, com privatização dos bancos estatais e manutenção da reforma agrária iniciada anteriormente.

O caso Allende é interessante por ter sido democraticamente eleito, com grande apoio popular, e, mesmo assim, derrubado por um golpe apoiado pelos Estados Unidos, teoricamente defensores da democracia.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Fatec-SP – Nos anos cinquenta, a política econômica da Argentina sofreu várias críticas dos que acreditavam ser o peronismo um regime populista. Isso se deu porque o peronismo:

- a) conteve o movimento sindical, o que constituiu um desestímulo para a massa operária.
- b) beneficiou, sobretudo, as classes ligadas ao capitalismo industrial.
- c) realizou muitas mudanças estruturais para garantir o sucesso do justicialismo.
- d) terminou com o programa de nacionalização das ferrovias implantado anteriormente.
- e) diminuiu, sensivelmente, o poder de controle estatal sobre a produção.

8. Fuvest-SP – Sobre o governo de Juan Domingo Perón (1946-1955) na Argentina, podemos afirmar que:

- a) recebeu expressivo apoio de parte importante da classe trabalhadora, ainda que não lhe tenha concedido benefícios concretos.
- b) foi um governo com uma retórica nacionalista, que recebeu dos “descamisados” importante sustentação política.
- c) deslocou o centro das atenções políticas para a figura carismática de Eva Perón, assumindo o presidente uma postura discreta e secundária.

d) foi um governo ditatorial, pois fechou o Congresso e colocou os partidos políticos na ilegalidade.

e) buscou persistentemente, no plano internacional, uma aliança com os Estados Unidos.

9. PUC-MG – Nos anos de 1960-1970, vários países da América Latina sofrem intervenções militares. Essas intervenções ocorrem porque é necessário, exceto:

- a) garantir o poder da elite político-social incrustada no Estado.
- b) salvaguardar os interesses do capital estrangeiro investido nos países.
- c) reduzir o espaço democrático conquistado pelos sindicatos e partidos.
- d) reconhecer o papel das forças armadas como instrumentos do poder civil.
- e) ampliar a ação e o poder do Estado no controle da sociedade civil.

10. UFRS-RS – O primeiro projeto de implantação global do neoliberalismo na América Latina teve início:

- a) na Venezuela, após o *impeachment* do presidente Carlos Andrés Peres.
- b) no Chile, a partir da ditadura de Pinochet.

- c) no Brasil, com a formulação do Plano Trienal do governo João Goulart.
- d) em Cuba, com a ascensão ao poder de Fidel Castro.
- e) no Peru, após o golpe de Estado que concentrou poderes nas mãos de Fujimori.

11. UFRGS-RS – O pedido de extradição do general chileno Augusto Pinochet, feito pelo Poder Judiciário espanhol ao governo britânico em 1999, por crimes contra a humanidade, revelou a existência de uma articulação dos serviços secretos do continente sul-americano conhecida como “Operação Condor”. Esta teria sido responsável:

- I. Pela criação de um clima político favorável à implantação da redemocratização.
- II. Pela articulação e coordenação dos partidos políticos favoráveis aos governos ditatoriais baseados na doutrina de segurança nacional.
- III. Pela repressão e eliminação dos opositores às ditaduras e por atentados.

Quais dos itens estão corretos?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

12. UFSC-SC

“Em setembro de 1973, apoiadas pelos Estados Unidos, as forças armadas deram um golpe militar e depuseram o presidente Salvador Allende, que morreu em combate na sede do governo, o Palácio La Moneda, bombardeado por aviões da Aeronáutica.”

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. *Toda a História: história geral e do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002. p. 413.

Com base no texto anterior, assinale a(s) proposição(ões) correta(s):

- (01) O texto refere-se ao golpe militar ocorrido na Argentina em 1973, quando os militares comandados pelo gal. Jorge Rafael Videla assumiram o poder.
- (02) O Palácio La Moneda, sede do governo peruano, foi construído durante a gestão do socialista Haya de la Torre.
- (04) Com a deposição de Salvador Allende por um golpe militar, o Chile passou a ser governado pelo populista Juan Domingo Perón, iniciando o período conhecido como “peronismo”.
- (08) O golpe militar de 1973 depôs o governo de Salvador Allende, de tendência socialista, dando início a uma longa ditadura militar encabeçada pelo gal. Augusto Pinochet.
- (16) O apoio dos Estados Unidos ao golpe militar estava relacionado ao temor gerado pelas propostas de profundas reformas do governo Allende, com vistas à criação de uma sociedade socialista no Chile.
- (32) O golpe militar, mencionado no texto, foi a forma de os Estados Unidos evitarem que se instalasse no Chile um governo de radicais socialistas, conhecidos como “tupamaros” e liderados por Salvador Allende.

13. Mackenzie-SP

“A ditadura militar chefiada por Pinochet foi um dos regimes políticos mais brutais da história da América Latina. Os militares caçavam os opositores políticos como se fossem animais. Qualquer suspeito de ser militante socialista ou comunista era preso e barbaramente torturado.”

Mario Schmidt.

Dentre as razões para a implantação da ditadura de Augusto Pinochet, podemos indicar:

- a) a firme decisão do governo dos Estados Unidos em deter a qualquer custo o que parecia ser “o avanço do comunismo internacional” promovido pela Revolução Sandinista na Nicarágua.
- b) a crise política desencadeada pela vitória do candidato populista do Partido Justicialista, Juan Domingo Perón, que pretendia fortalecer os sindicatos e aumentar os salários dos trabalhadores.
- c) a deposição do general Manuel Antonio Noriega, acusado de ter ligações com o tráfico internacional de drogas.
- d) a não aceitação por parte de grandes empresários e do governo norte-americano das reformas sociais e econômicas realizadas pelo governo socialista de Salvador Allende.
- e) o autogolpe promovido pelo presidente Alberto Fujimori, que fechou o Congresso e tomou em suas mãos todos os poderes nacionais, ignorando a Constituição e anulando direitos.

14. UFPEL-RS – Além do Brasil, outros países da América Latina, na década de 1970, vivenciaram governos militares:



RADIOPHOTO/AFP

O regime de Pinochet perseguiu, torturou e assassinou inúmeros opositores, além de levar o país ao retrocesso social e cultural em todas as esferas. Na foto: militares queimam livros “perigosos”.



DANIEL GARCIA/AFP

Marcha das mães de “desaparecidos”, na Praça de Maio. As “Mães da Praça de Maio” viraram um símbolo mundial de resistência contra a violência praticada pelos regimes militares.

As fotos e suas legendas referem-se, respectivamente, às ditaduras do(a):

- a) Uruguai e do Chile.
- b) Argentina e do Paraguai.
- c) Paraguai e do Uruguai.
- d) Chile e da Argentina.
- e) Bolívia e do Peru.

15. FGV-SP – Operação Condor foi o nome dado ao plano integrado de repressão aos opositores das ditaduras militares-civis implantadas na América Latina durante os anos 60 e 70. Este operativo transnacional, dos serviços de inteligência e das polícias políticas, foi responsável por muitas prisões ilegais, torturas, sequestros e desaparecimentos de cidadãos de diferentes países deste continente. Participaram ativamente da Operação Condor os seguintes países:

- a) Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai.
- b) Argentina, Bolívia e Chile.
- c) Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai.
- d) Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Peru e Paraguai.
- e) Brasil, Bolívia, Chile e Paraguai.

16. FGV-SP – Leia atentamente as afirmações abaixo sobre as transições na Argentina, Chile e Uruguai e assinale a afirmativa correta:

- I. Assim como no Brasil, a transição dessas ditaduras à democracia deu-se sob controle militar, com pactos de eleições indireta e anistia recíproca.
- II. As vitórias, em eleições diretas, de Alfonsín em 1983, Sanguinetti em 1984 e Aylwin em 1989 são os marcos da retomada democrática pós-ditatorial nesses países.
- III. Julgados e condenados pela justiça civil, seis militares, oficiais superiores argentinos, foram condenados por violação aos direitos humanos durante a ditadura e indultados, posteriormente, pelo governo Menem.
- IV. A Lei de Caducidad de la Pretensión Punitiva del Estado, que anistia os responsáveis por crimes durante a ditadura uruguia, passou por um plebiscito (*referendum*) no qual foi aprovada, impedindo oficialmente o conhecimento e a responsabilização dos militares criminosos.

V. O apoio de todos os setores políticos chilenos a Pinochet impede o conhecimento da verdade sobre a ditadura e o julgamento de militares criminosos até hoje.

- a) Apenas I, III e V estão corretas.
- b) Apenas I, II e IV estão corretas.
- c) Apenas II, III e IV estão corretas.
- d) Apenas II, III e V estão corretas.
- e) Apenas III, IV e V estão corretas.

17. Udesc-SC – Nas décadas de 60 e 70, as ditaduras militares foram quase que a regra na América Latina, marcando sua história indelevelmente. Somente a partir dos anos 80, depois de anos de governos autoritários, a maioria dos países latino-americanos passaria pelo processo de redemocratização. Sobre o contexto histórico abordado, assinale a alternativa incorreta:

- a) Na Venezuela, a Revolução Bolivariana colocou os militares no poder, com Hugo Chávez. Líder da revolução, ele assumiu a presidência no país na década de 70, cargo que ocupa até os dias atuais.
- b) Pode-se afirmar que no Brasil o fim da ditadura militar foi assinalado pelas eleições de 1985, que, embora indiretas, elegeram, depois de mais de duas décadas, o primeiro candidato civil, Tancredo Neves, como presidente do Brasil.
- c) Ainda que o campo político tenha apresentado avanços importantes no que se refere à democracia, no plano econômico os países latino-americanos foram marcados pela desestabilização; a recessão dos anos 80 fez com que o período ficasse marcado como a década “perdida”.
- d) No período abordado, a América Central seria palco de uma série de movimentos guerrilheiros que se fortaleceram lutando contra os regimes. Um dos mais importantes foi o sandinista, que emergiu na Nicarágua e influenciou outros movimentos na região.
- e) A passagem de militares pelo poder no Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e em outros países latino-americanos seria atravessada pela supressão de direitos civis, perseguições, torturas, desaparecimentos, assassinatos de opositores etc., legando às gerações futuras memórias de um tempo de dor.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem C3-H12
Judiciário contribuiu com ditadura no Chile, diz Juiz Guzmán Tapia

“As cortes de apelação rejeitaram mais de 10 mil *habeas corpus* nos casos das pessoas desaparecidas. Nos tribunais militares, todas as causas foram concluídas com suspensões temporárias ou definitivas, e os desaparecimentos políticos tiveram apenas trâmite formal na Justiça. Assim, o Poder Judiciário contribuiu para que os agentes estatais ficassem impunes.”

Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br>>. Acesso em: 20 jul. 2010. (Adaptado)

Segundo o texto, durante a ditadura chilena na década de 1970, a relação entre os poderes Executivo e Judiciário caracterizava-se pela:

- a) preservação da autonomia institucional entre os poderes.

- b) valorização da atuação independente de alguns juizes.
- c) manutenção da interferência jurídica nos atos executivos.
- d) transferência das funções dos juizes para o chefe de Estado.
- e) subordinação do Poder Judiciário aos interesses políticos dominantes.

19. FGV-SP C2-H7

O ex-vice-chanceler argentino na época da Guerra das Malvinas (1982), em entrevista concedida em 03/04/07, fez as seguintes revelações:

“Os militares, quando decidiram recuperar as Malvinas, acreditavam, equivocadamente, que os EUA não interfeririam, em retribuição pelos oficiais que a Argentina enviara a Honduras para treinar os contras que combatiam

os sandinistas.”. “Ele [Vernon Walters, embaixador especial do governo norte-americano] era uma mistura de homem do Exército e da CIA, mas muito civilizado e inteligente. Falava um impecável castelhano [...]. Durante a guerra, ele entrava na sala do [ditador e general Leopoldo] Galtieri sem bater. Era um *habitué* da Casa Rosada e da Residência de Olivos.”

Essas revelações evidenciam a:

- a) responsabilidade direta do envolvimento dos Estados Unidos na Guerra das Malvinas.
- b) ingerência do governo norte-americano em três países da América: Honduras, Nicarágua e Argentina.
- c) rigidez da política estadunidense na América, intervindo militarmente em todos os países.
- d) perda de importância da Argentina, aos olhos dos Estados Unidos, tratada no mesmo nível das repúblicas da América Central.
- e) traição do governo norte-americano à Argentina, ao retirar o apoio formalmente prometido na sua luta para recuperar as Malvinas.

20. Unesp-SP

C5-H24

“Um conjunto de normas mais ou menos semelhantes se impôs na Argentina após 1976, no Uruguai e no Chile, depois de 1973, na Bolívia quase ininterruptamente, no Peru, de 1968 até 1979, no Equador, de 1971 a 1978.”

Clóvis Rossi.

Assinale a alternativa que melhor expressa o conjunto de normas de exceção que marcaram a trajetória político-institucional dos países latino-americanos, indicados no texto:

- a) Dissolução de partidos e sindicatos, com o objetivo de estabelecer uma nova ordem democrática e popular.
- b) Domínio político das organizações guerrilheiras.
- c) Extinção dos partidos políticos, intervenção nos sindicatos e suspensão das eleições diretas.
- d) Política externa alinhada automaticamente à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e ao bloco do leste.
- e) Formação de uma frente parlamentar para revisão constitucional.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



ORIENTE MÉDIO NO SÉCULO XX

ASPECTOS GEOPOLÍTICOS DO ORIENTE MÉDIO

O Oriente Médio vive relações sociais, políticas e econômicas historicamente complexas. Líbano, Síria, Jordânia, Israel, Turquia, Egito, Arábia Saudita, Irã, Iraque, entre outros países, compõem a região, compartilhando afinidades e diferenças culturais, religiosas e políticas construídas ao longo dos séculos.

Essa parte do mundo é o encontro de três continentes: Europa, Ásia e África. Historicamente, habitaram a região inúmeros povos politeístas, como fenícios, filisteus, babilônicos, persas e egípcios, enfim, civilizações de destaque na Antiguidade. No Oriente Médio, desenvolveu-se a mais antiga religião monoteísta da atualidade: o judaísmo. Lá também surgiu o cristianismo, religião monoteísta derivada do judaísmo. Essas duas crenças deram origem ao islamismo, consolidado no século VII, na Península Arábica. Para as três religiões existem locais considerados sagrados na região. Diferentes interpretações de histórias, tradições e escrituras sagradas acabaram por fomentar guerras e disputas políticas ao longo do tempo.

- Aspectos geopolíticos do Oriente Médio
- Breve contexto histórico
- O Oriente Médio no século XX
- Petróleo

HABILIDADES

- Reconhecer a dinâmica da organização dos movimentos sociais e a importância da participação da coletividade na transformação da realidade histórico-geográfica.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

SCIENCE HISTORY IMAGES/ALAMY STOCK PHOTO



Mapa da cidade de Jerusalém, no século XII. A cidade tem importância histórica e é local de encontro de diferentes povos e culturas. Destaca-se a importância de Jerusalém para as religiões monoteístas.

BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Os judeus acabaram expulsos de sua capital, Jerusalém, pelo Império Romano, no século I, quando se revoltaram contra a dominação romana, que reagiu determinando a destruição de Jerusalém. Vencidos, os judeus foram divididos em grupos que migraram para diferentes regiões da África, Europa e Ásia, no processo conhecido por Segunda Diáspora Judaica.

Durante alguns séculos, o Oriente Médio esteve sob o jugo do Império Romano, depois do Bizantino. Na condição de cristãos, os bizantinos cultuavam locais sagrados, ainda mantidos e visitados por pessoas de diversas partes do mundo.

Com a expansão do islamismo e o entendimento de que Jerusalém também era um local sagrado para sua crença, inúmeras guerras foram travadas entre islamitas e cristãos, em especial na Idade Média. Depois de conquistado pelo Império Turco Otomano, no século XV, o Oriente Médio tornou-se predominantemente islâmico, embora lá vivessem povos de diferentes etnias e religiões.

Em meados do século XIX, políticos e pensadores judeus formaram o movimento sionista, que tinha como um de seus objetivos reagrupar o povo judeu no local que entendiam ser seu por direito, a chamada Terra Santa, onde havia sido formado o Reino de Israel na Antiguidade. Essa região abrangia a cidade de Jerusalém e diversos quilômetros em seu entorno. Sua reivindicação baseava-se na organização política dos judeus antes da diáspora, nos tempos romanos. Esse pensamento também excluía o direito de cristãos e islâmicos sobre o governo da região, visto que as duas crenças se estabeleceram depois do judaísmo.

O ORIENTE MÉDIO NO SÉCULO XX

Desde o século XV, existia no Oriente Médio o Império Otomano, que, desde sua constituição, agrupou enormes populações de costumes e tradições completamente diferentes. Por séculos, a força militar e política dos sultões (líderes políticos do império) manteve povos distintos sob o mesmo governo. Nos anos 1800, começaram as primeiras guerras pela independência. Populações armadas tentavam desvencilhar-se do domínio otomano, entendendo-o ilegítimo. Assim, a Grécia, por exemplo, tornou-se independente em 1829.

No século XX, diversas regiões do Império Otomano tinham certa autonomia econômica, vivendo de recursos próprios. Logo no início do século (1908),

uma rebelião tirou o sultão Abdul Hamid II do poder e instituiu um parlamento. A porção europeia do fragmentado império ficou ainda mais dividida com guerras e anexações que se seguiram. Na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o governo instituído aliou-se à Alemanha, cuja derrota levou-o a entregar a porção do Oriente Médio e, por isso, parte do território otomano ao domínio inglês em 1919.

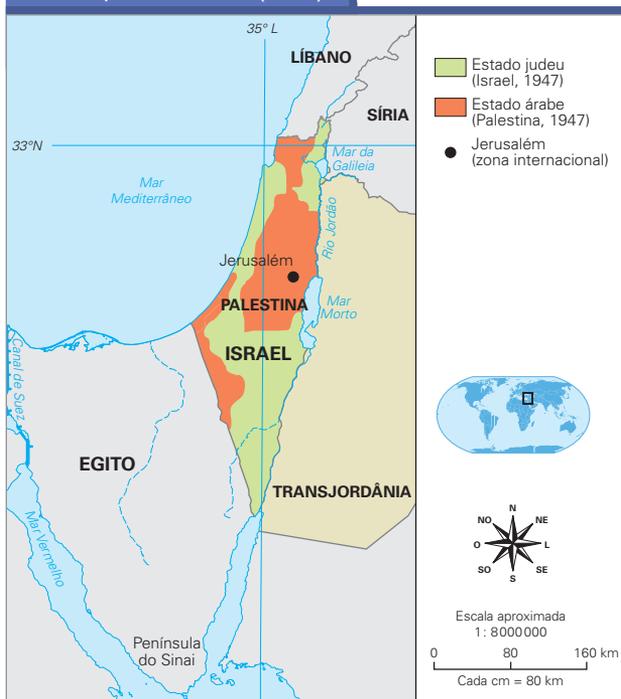
Durante a Primeira Guerra Mundial, os ingleses haviam feito acordos com dois povos diferentes: com os árabes do Oriente Médio, comprometeram-se a apoiar sua independência caso tivessem ajuda para expulsar os turcos; com os judeus, propuseram-se a apoiá-los na criação de um Estado na Palestina, região importantíssima para os árabes muçulmanos que viviam no antigo Império Otomano.

Na década de 1920, a Palestina era ocupada majoritariamente por árabes, embora as migrações judaicas crescessem a cada ano. Com a ascensão de Adolf Hitler ao poder, na década de 1930, o número de judeus que se dirigiam ao Oriente Médio em busca de refúgio cresceu ainda mais e as tensões entre eles e os árabes islâmicos também aumentaram.

Os árabes atacaram colônias judaicas e até bases militares inglesas. Em reação, a Inglaterra apoiou o armamento dessas colônias formadas na Palestina. Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os judeus ganharam a simpatia política de diversos países diante do sofrimento que o regime nazista lhes impunha. Mais que isso, judeus ricos de diversas partes do mundo, em especial dos Estados Unidos, enviavam dinheiro para ajudar nas migrações ou nas colônias da Palestina.

Em 1945, com o término da Segunda Guerra Mundial, criou-se a Organização das Nações Unidas (ONU), cujas propostas incluem a facilitação de diálogos e acordos internacionais. Daí sua intervenção no conflito entre judeus e islâmicos na Palestina. A ONU estabeleceu um plano que propunha a divisão do território entre judeus e árabes, com a criação de um Estado palestino e outro judaico (Estado de Israel), mas ambos discordaram das demarcações. A mediação não conseguia mais negociar ou interceder por qualquer dos lados. Em 1948, a Inglaterra retirou suas tropas da região. As forças judaicas proclamaram, então, a independência de Israel e a consequente formação de um Estado judeu, garantido pelo poderio militar israelense e pelas alianças políticas internacionais, em especial com os Estados Unidos, apesar da violenta reação dos palestinos islâmicos. O território de Israel aumentou por meio de ação militar e muitos palestinos perderam suas terras ou passaram a viver em zonas controladas pelo Estado israelita.

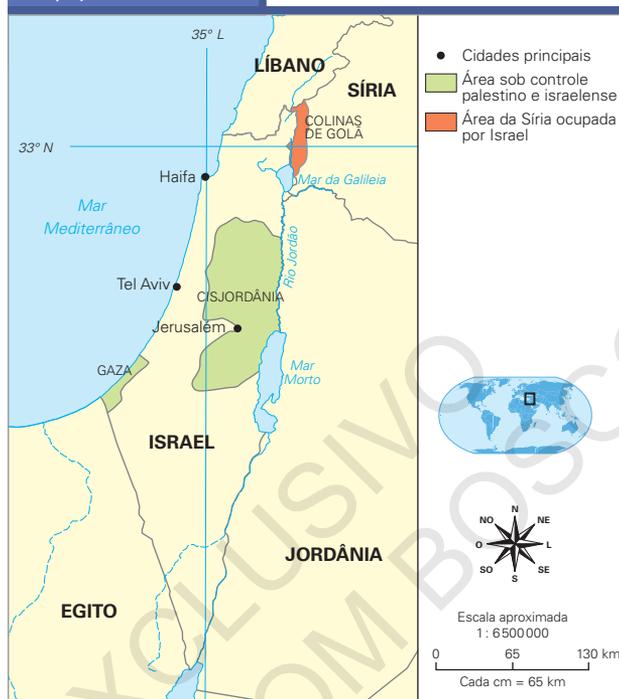
Plano de partilha da ONU (1947)



Mapa que representa o plano de partilha da ONU, de 1947, dividindo os territórios da Palestina e de Israel.

SMITH, Dan. *O atlas do Oriente Médio: o mapeamento completo de todos os conflitos*. São Paulo: Publifolha, 2008. (Adaptado)

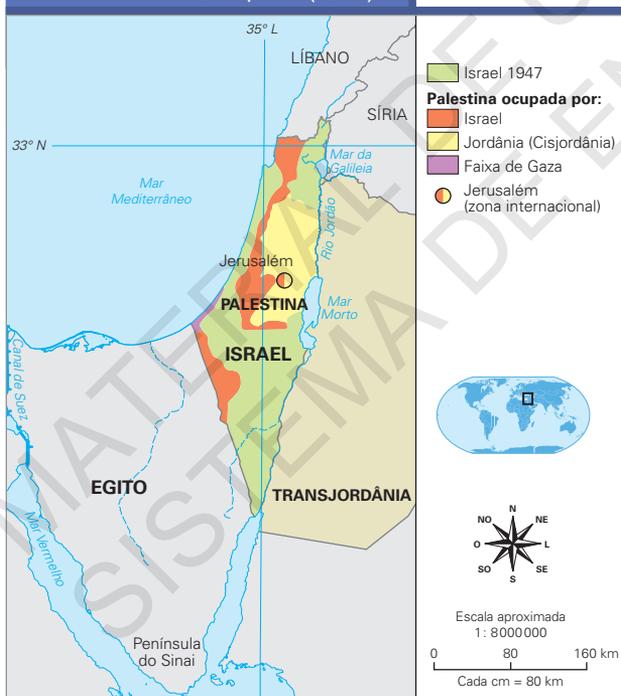
Ocupações israelenses



Mapa que representa as sucessivas mudanças nas fronteiras do Estado de Israel. O Estado árabe proposto pela ONU nunca se concretizou.

SMITH, Dan. *O atlas do Oriente Médio: o mapeamento completo de todos os conflitos*. São Paulo: Publifolha, 2008. (Adaptado)

Palestina: territórios ocupados (1947)



Mapa que representa o território de Israel segundo o plano de partilha de 1947, com as ocupações feitas por Israel no território palestino. Destaca-se a diminuição do território da Palestina, delimitada pela Jordânia (Cisjordânia) e pela Faixa de Gaza.

SMITH, Dan. *O atlas do Oriente Médio: o mapeamento completo de todos os conflitos*. São Paulo: Publifolha, 2008. (Adaptado)

As disputas entre judeus e palestinos continuaram. Judeus do mundo todo, em especial da Europa, do norte da África e de parte da Ásia, migraram para o Estado de Israel. Ao mesmo tempo, islâmicos palestinos perdiam espaço e se refugiavam em pequenas zonas quase isoladas ou se retiravam de Israel.

Nos anos 1950, muitos desses refugiados ganharam abrigo no Egito – país árabe que se tornara república em 1952. Quatro anos depois, o presidente Gamal Abdel Nasser, visto como líder pelos países árabes, passou a agrupar palestinos que se dispunham a atacar Israel. Depois de algumas medidas nacionalistas do presidente, como a tomada do Canal de Suez (que liga os mares Mediterrâneo e Vermelho) de uma empresa franco-britânica, o Egito foi invadido em 1956. Enquanto israelenses invadiam o país, ingleses e franceses dirigiam-se para a região do canal. Os egípcios resistiram e ganharam ainda mais a simpatia dos países árabes vizinhos, que cortavam o abastecimento de petróleo aos países que apoiavam israelenses: Inglaterra e França. A ONU interferiu enviando tropas para garantir a existência de uma região pacífica na fronteira entre Egito e Israel.

Com o apoio da União Soviética, Síria e Jordânia juntaram-se ao Egito para preparar uma campanha militar contra Israel, ao lado dos Estados Unidos. Em 1967, Israel atacou, dando início à Guerra dos Seis Dias, como ficou conhecida pela sua duração. Praticamente arrasou a força aérea egípcia e tomou o território dos três países, aumentando consideravelmente seu

espaço. O Estado de Israel consolidou-se como a principal força militar do Oriente Médio. O equipamento e o treinamento militar compensam a desvantagem da população reduzida no país.



Soldados israelenses avançam por Jerusalém Oriental durante a Guerra dos Seis Dias (1967).

Com esse cenário desfavorável aos árabes, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), criada em 1964, passou a ter participação mais ativa na região. Ganhou notoriedade em 1969 com uma troca de liderança. O cargo máximo da organização foi dado a Yasser Arafat, que havia combatido na invasão do Egito e liderava o grupo guerrilheiro Al Fatah desde 1959. Com a proposta de criar campos de treinamento e desenvolver militarmente guerrilheiros para lutar contra Israel, o destaque do Al Fatah entre os grupos armados deu notoriedade a seu líder. Yasser Arafat tornou-se um dos principais personagens do século XX, chegando a dividir o Prêmio Nobel da Paz de 1994 com dois israelenses. Leia, a seguir, um trecho sobre a vida de Arafat.



Yasser Arafat, na época presidente da OLP, falando com jornalistas na então União Soviética. Fotografia de 1975.

Quem foi Yasser Arafat?

Arafat nasceu em Jerusalém, em 1929. Após a criação do Estado de Israel, em 1948, mudou-se para o Egito. Durante o curso de Engenharia, tornou-se presidente da União dos Estudantes Palestinos. Em 1956, já no Kuwait, fundou o grupo Al Fatah, que tem como objetivo eliminar o controle do exército israelense na Palestina, com base na luta de guerrilhas com pequenas ações isoladas.

Em maio de 1964, durante o 1º Congresso Nacional Palestino, surge a Organização para a Libertação da Palestina (OLP). O objetivo era centralizar a liderança de vários grupos clandestinos. No final da década de 1970, a Fatah ganha grande espaço na OLP e, em 1969, Yasser Arafat é nomeado presidente da organização.

Arafat iniciou sua carreira política com atos violentos. Na década de 70, o grupo Setembro Negro, conhecido como um braço extremista do Fatah, foi responsável por uma das tragédias internacionais mais famosas na história do conflito entre palestinos e israelenses. Nas Olimpíadas de 1972, 11 atletas israelenses foram sequestrados e mortos pelo grupo terrorista.

Na década de 70, o Mossad saiu à caça dos líderes do Setembro Negro e foi responsável por matá-los um a um. Alguns dos alvos eram representantes da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), da qual Arafat era presidente. A condenação internacional do Massacre de Munique, como ficou conhecido o ataque aos atletas, é geralmente descrito como um dos motivos para o líder palestino ter se distanciado oficialmente de grupos terroristas. Nos anos seguintes, Arafat assume uma postura mais moderada e reconhece a existência de Israel. [...]

Em 1993, Arafat e Rabin assinaram o Acordo de Oslo, que reconhecia o estabelecimento da Autoridade Nacional Palestina (ANP) em parte da Faixa de Gaza e na cidade de Jericó. O acordo foi marcado pelo histórico aperto de mãos dos dois líderes, no gramado da Casa Branca. No ano seguinte, Israel estabeleceu relações diplomáticas com a Jordânia e com a Turquia. E pouco tempo depois, no dia 28 de setembro de 1995, novo acordo foi firmado (Oslo II), ampliando o controle da ANP sobre as grandes cidades da Cisjordânia, exceto Jerusalém.

Os radicais de ambos os lados começaram a agir. Ataques de grupos palestinos continuaram. Em Israel, a extrema direita considerou o ato de Rabin uma traição. Em novembro de 1995, Rabin levou três tiros no estômago e no peito, enquanto participava de uma passeata pela paz, com 100 mil manifestantes. Após a morte de Rabin, as tentativas de paz encabeçadas por Arafat se fragilizaram e o líder perdeu forças. A ocupação israelense continuou e, ao longo dos anos 90, os assentamentos judeus ilegais foram expandidos. Em 2000, novas tentativas de paz fracassaram, dessa vez lideradas pelo primeiro-ministro de Israel, Ehud Barak.

PRADO, Ana; VELLEI, Carolina. Como o possível envenenamento de Yasser Arafat pode cair no vestibular. *Guia do Estudante*. São Paulo: Abril, 2018. Disponível em: <guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/como-o-possivel-envenenamento-de-yasser-arafat-pode-ser-abordado-no-vestibular>. Acesso em: 17 jun. 2019.

Alguns anos depois da Guerra dos Seis Dias, em 1973, houve uma nova investida dos países árabes contra Israel. Síria e Egito invadiram militarmente as regiões anexadas pelos israelenses em 1967, no dia do feriado judaico de Yom Kippur (Dia do Perdão, em hebraico), gerando o nome Guerra de Yom Kippur.



KEYSTONE PRESS/LAMY STOCK PHOTO

Militares israelenses a caminho da Síria durante a Guerra de Yom Kippur. Fotografia de 1973.

Apesar da nova vitória israelense após vinte dias de combates, esse conflito teve consequências diferentes dos anteriores. Primeiro, pelo número de soldados judeus abatidos, principalmente pelo ataque-surpresa imposto por egípcios e sírios; os árabes adentraram territórios que haviam sido perdidos e impuseram algumas derrotas significativas aos judeus. Em segundo lugar, essa guerra deu visibilidade internacional inédita à questão palestina. A OLP conquistou a posição de membro-observador da ONU. Por último, após a derrota dos países árabes, outros Estados islâmicos produtores de petróleo interromperam a venda para todos os países que haviam apoiado Israel. A perda de matéria-prima por grande número de indústrias gerou uma crise econômica internacional.

PETRÓLEO

No Oriente Médio, as primeiras jazidas desse recurso natural esgotável foram descobertas no século XIX. Rapidamente as indústrias o adotaram como matéria-prima para inúmeros produtos, como gasolina, querosene, óleos diversos, combustíveis de automóveis e aviões. O petróleo é fonte de energia para tecnologias que transformaram a vida social durante o século XX.

As jazidas de petróleo encontradas no Oriente Médio mudaram radicalmente o panorama de alguns estados. Irã, Iraque, Arábia Saudita, Kwait e Emirados Árabes Unidos, por exemplo, tiveram suas economias expandidas rapidamente. Os líderes políticos desses países (xeques, sultões, aiatolás e xás) normalmente centravam no Estado os recursos advindos dessa exploração ou faziam acordos com empresas internacionais.

As duas situações geraram protestos e rebeliões internas nos estados. De qualquer forma, consumidores – indústrias, revendedores e aqueles que dependiam de produtos derivados do chamado ouro negro – temiam eventos que dificultassem a extração e/ou a venda de petróleo no mercado internacional. A alta dos preços se fazia sentir imediatamente no Ocidente e, durante algumas décadas, a questão do petróleo no Oriente Médio foi decisiva para criar crises econômicas internacionais.

O corte no abastecimento aos países que apoiavam Israel na Guerra de Yom Kippur gerou o primeiro grande problema internacional. Atingiu, inclusive, o Brasil. A crise colocou em xeque o período do “milagre econômico” no regime militar, fazendo disparar o preço dos combustíveis e de outros produtos derivados do petróleo. A medida reforçou a importância árabe no cenário político e econômico mundial. Em 1960, os cinco maiores produtores de petróleo do mundo – Irã, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita e Venezuela – haviam fundado a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep). Dos cinco, quatro eram do Oriente Médio. Em outras três situações envolvendo membros da Opep houve crises econômicas internacionais ligadas ao petróleo.

A primeira foi a Revolução Iraniana (1979). Depuseram o líder do país, o xá Reza Pahlevi, que adotava uma política considerada cultural e economicamente ocidentalizada, porque o Irã recebia empresas de diversos países, principalmente exploradoras de petróleo. Alinhado à União Soviética e reforçando elementos militaristas e nacionalistas, o novo governo, sob a liderança do aiatolá Khomeini, alterou profundamente a organização social, política e econômica do país.



Manifestantes em Teerã, durante a Revolução Iraniana, enfrentam soldados em resposta à decisão dos governos de retardar a chegada do Aiatolá Khomeini. Fotografia de 1979.

GRANGER HISTORICAL PICTURE ARCHIVE/LAMY STOCK PHOTO

Como as empresas estrangeiras tiveram seus contratos rompidos e foram obrigadas a deixar o Irã, o preço do petróleo aumentou rapidamente. A questão política do Irã mal havia sido resolvida quando, em 1980, dois países-membros da Opep entraram em guerra: Irã e Iraque.

Os países vizinhos lutaram até 1988, disputando terras férteis e fronteiras (pretexto iraquiano para invadir o Irã) e, também, porque o Iraque receava o domínio das ideias radicais da Revolução Iraniana. O alinhamento com a política estadunidense garantiu ao Iraque firmar um acordo de cessar-fogo com o Irã.

PETER JORDAN/ALAMY STOCK PHOTO



Fotografia de Saddam Hussein, em 1982, em Bagdad. Hussein era presidente do Iraque na época da guerra contra o Irã.

Em 1990, irrompeu outro conflito que interferiu no preço do petróleo. Tropas do presidente iraquiano Saddam Hussein invadiram o Kuwait, alegando apoio a uma revolução popular inexistente e acusando o país

vizinho de roubar parte das jazidas petrolíferas de seu país. Sabe-se que, após a guerra contra o Irã, o Iraque tinha grandes dívidas externas, inclusive com o Kuwait. Essa foi a Guerra do Golfo, por ter acontecido no Golfo Pérsico.



PAULO OLIVEIRA/ALAMY STOCK PHOTO

Queima dos poços de petróleo em Al Burgan no fim da Guerra do Golfo, no Kuwait. A Guerra do Golfo foi a primeira transmitida em tempo real por emissoras de TV do mundo inteiro. Repórteres acompanhavam de perto os bombardeios às cidades iraquianas e faziam relatos impressionantes aos telespectadores.

Como o conflito interferia no mercado internacional, Estados Unidos e Grã-Bretanha comandaram uma coalizão da ONU que lutou a favor do Kuwait. Em 1991, a guerra terminou com a libertação do Kuwait e a destruição de inúmeras cidades iraquianas por bombardeios que custaram a vida de milhões de pessoas.

MATERIAL DE USO
SISTEMA DE ENSINO

ROTEIRO DE AULA

ORIENTE MÉDIO NO SÉCULO XX

Conflito entre Israel e Palestina

Antecedentes:

Sionismo – luta pela criação de um Estado judeu na Palestina (sob tutela inglesa após a Primeira Guerra Mundial); volta dos judeus à região com apoio inglês após a Segunda Guerra Mundial; divisão da Palestina pela ONU em Israel e Jordânia (1947).

Crise atual:

Tentativas de negociação para a criação de um Estado palestino na Faixa de Gaza.

Primeira Guerra Árabe-Israelense (1948):

Liga Árabe contra Israel.

Nacionalização do Canal de Suez pelo governo nacionalista de Gamal A. Nasser (1953-1970), no Egito:

Grave crise internacional.

Segunda Guerra Árabe-Israelense (1956):

Conquista do Sinai, intervenção da ONU e criação da OLP (Yasser Arafat), em 1964.

Terceira Guerra Árabe-Israelense (1967) ou Guerra dos Seis Dias:

Israel conquista Sinai, Cisjordânia, Gaza e Golã.

Quarta Guerra Árabe-Israelense (1973) ou Guerra do Yom Kippur:

Tentativa de reação árabe, sem sucesso.

Encontro de Camp David (Estados Unidos):

Negociações de paz efetiva, com o acordo de paz entre Egito e Israel.

ROTEIRO DE AULA

Revolução Iraniana

Regime ditatorial do xá Reza Pahlavi desde a Segunda Guerra Mundial:

Ocidentalização do país (contrário ao Corão).

Desenvolvimento do fundamentalismo islâmico:

Liderado pelo aiatolá Khomeini, do grupo xiita.

Revolução Islâmica (1979):

Instalação de governo xiita.

Guerra do Golfo (1990)

Antecedentes:

- Invasão do Kuwait pelo Iraque, governado por Saddam Hussein.
- Reação armada dos Estados Unidos pelo domínio do petróleo.
- Retirada do Iraque do Kuwait, mas sem a derrubada do governo de Saddam Hussein, como desejavam os Estados Unidos.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UPE-PE

C2-H9

“Acredito que a maioria dos palestinos não morra de amor por Israel, mas eles aceitam, a contragosto, que os judeus israelenses não vão sair de lá. Da mesma maneira que os judeus israelenses – a contragosto – também aceitam que os palestinos estão aqui para ficar. Essa não é uma base para uma lua de mel, mas talvez para um divórcio justo, como no caso da República Tcheca e da Eslováquia.”

Amós Oz ao jornal alemão *Deutsch Welle*, publicado no Brasil pela *Carta Capital*, em 5 de agosto de 2014.

O texto em questão, do Nobel da Paz Amós Oz, é uma reflexão sobre os atuais conflitos no Oriente Médio. No contexto do século passado, o principal evento histórico, considerado um marco na história desse conflito, foi a:

- a) implementação de um Estado árabe na região.
- b) criação do Estado de Israel pela ONU em 1948.**
- c) edificação de um muro para separar os dois territórios.
- d) frustração dos acordos de cooperação com a Liga Árabe.
- e) construção dos assentamentos judeus nas regiões de fronteira.

A criação do Estado de Israel em 1948 gerou uma tensão na região, com a expulsão de milhares de palestinos e diversas guerras por defesa de territórios e interesses da população, tanto da parte judaica/israelense como palestina.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.

2. UFPR-PR – Leia abaixo a definição de “refugiado”:

“De acordo com a Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados, são refugiadas as pessoas que se encontram fora do seu país por causa de fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possam (ou não queiram) voltar para casa. Posteriormente, definições mais amplas passaram a considerar como refugiadas as pessoas obrigadas a deixar seu país devido a conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos.”

Agência da ONU para refugiados (ACNUR). Disponível em: <www.acnur.org/t3/portugues/informacao-geral/perguntas-e-respostas>.

Sobre eventos históricos referentes à existência de refugiados na história contemporânea, considere as seguintes afirmativas:

- 1) Após a I Guerra Mundial, com a dissolução dos Impérios Otomano e Austro-Húngaro e a instauração do princípio de nacionalidade, milhões de refugiados europeus migraram dentro e fora da Europa.
- 2) Desde a criação do Estado de Israel, em 1948, milhões de palestinos ganharam dupla cidadania, resolvendo sua situação de refugiados durante o mandato britânico na Palestina.
- 3) O governo Vargas foi contrário à entrada de judeus no Brasil, quando muitos deles tornaram-se refugiados, migrando para fora da Europa, durante os anos 1930 e a II Guerra Mundial.

- 4) Entre o final do século XIX e o início do século XX, o Brasil recebeu uma grande quantidade de refugiados italianos, espanhóis, poloneses, japoneses e alemães.

Assinale a alternativa correta:

- a) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.**
- b) Somente as afirmativas 1 e 4 são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 2, 3 e 4 são verdadeiras.
- e) As afirmativas 1, 2, 3 e 4 são verdadeiras.

As afirmativas 1 e 3 estão corretas quanto às informações acerca dos refugiados. A afirmativa 2 está incorreta porque os palestinos não ganharam dupla cidadania, grande parte foi expulsa da Palestina e tornou-se refugiada. A afirmativa 4 está incorreta porque, no Brasil, o contingente populacional chegou com migrantes, em vez de refugiados.

- 3. UPF-RS (adaptado) – Iniciado em 1948, o conflito palestino-israelense constituiu, no Oriente Médio, o que se convencionou chamar de questão palestina e que, ainda hoje, está longe de ser resolvida.

Assinale a alternativa que indica a razão pela qual se deu o início do conflito palestino-israelense:

- a) A exigência, pelos países do Oriente Médio, do cumprimento do plano da ONU para a região da Palestina, que criava, em todo o território, o Estado palestino, no final da Segunda Guerra Mundial.
- b) A incapacidade dos países vencedores da Segunda Guerra de garantir a paz no Ocidente nos anos posteriores ao conflito, provocando uma fuga em massa de judeus para a Palestina.
- c) O estabelecimento de uma instabilidade nas relações internacionais, pelo recém-criado Estado de Israel, que contava com o apoio dos Estados Unidos, da União Soviética e da ONU.
- d) A recusa árabe à partilha da Palestina, imposta pela ONU, que submeteu a maior parte do território ao controle do recém-criado Estado de Israel sem que se respeitasse a soberania dos povos dessa região.**
- e) A extinção oficial do mandato britânico sobre a Palestina, no final da Segunda Guerra, com reconhecimento imediato, pelos países vencedores, da independência de todos os países do Oriente Médio.

O plano de partilha foi proposto pela ONU em 1947 como uma forma de dividir o território entre a população palestina e os recém-migrados judeus. O plano não foi aceito por diversos países árabes, o que levou à declaração do Estado de Israel em 1948 e a uma sucessiva expansão territorial no país sobre os territórios palestinos.

4. UFPE-PE

“A historiografia da Palestina inicia-se com a incursão do exército de Napoleão na Palestina e Síria no final do século XVIII. Mas a sua estada foi demasiado curta para ser considerada uma influência. O papel de modernização da Palestina coube ao governante egípcio Muhammad Ali, que governou entre 1831 e 1840. No entanto, foi seu filho Ibrahim Pasha que se tornou o mais notável modernizador dessa região.”

PAPPE, Ilan. *História da Palestina moderna*: uma terra, dois povos. Lisboa: Nosso Mundo, 2007. (Adaptado)

As principais características político-econômicas do último governo citado foram:

- a) distribuição simétrica de renda, construção dos *kibutz* e voto distrital.

- b) divisão social em castas, instalação da agricultura por rodízio e concentração administrativa.
- c) industrialização com a chegada da máquina a vapor, elaboração de leis trabalhistas e voto universal.
- d) separação do Império Otomano, acordos bilaterais com a Jordânia e pacificação das fronteiras orientais.
- e) implementação de reformas agrícolas, sistema centralizado de impostos e maior representação à elite local.

Não houve separação com o Império Otomano nem construção de *kibutz*, típicos da cultura judaica. Pasha fez reformas na agricultura, dando maior visibilidade à elite local.

5. UFRGS-RS – Considere as afirmações abaixo, sobre a Revolução Iraniana de 1979 e suas consequências:

- I. A revolução iniciou-se como um amplo movimento de contestação à monarquia do xá Reza Pahlevi e acabou cooptada por setores islâmicos radicais, representados pelo aiatolá Khomeini, que se tornaria líder supremo do país.
- II. A República Islâmica, fundada após a vitória da revolução, logo entrou em uma longa guerra contra a União Soviética e foi finalmente derrotada em 1989.
- III. Um grupo de jovens radicais islâmicos, em novembro de 1979, iniciou uma longa tomada de reféns na embaixada norte-americana do país, em retaliação ao apoio dos Estados Unidos ao xá deposto que duraria até 1981.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

A afirmação II está incorreta porque não houve uma guerra contra a União Soviética.

6. ESPM-SP – No momento em que Israel e palestinos retomaram negociações de paz, após quase três anos de interrupção, cabe lembrar um momento referencial para essa questão. Encerrada a Segunda Guerra Mundial e sob o impacto da revelação dos horrores dos campos de concentração nazistas na Europa, na sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas de 1947 foi aprovada a Resolução nº 181, que recomendava:

- a) a confirmação do mandato de ocupação britânica em toda a Palestina, onde deveriam viver como súditos britânicos tanto judeus como palestinos.
- b) a partilha da Palestina em dois Estados, um árabe e um judeu.
- c) a concessão de todo o território da Palestina para a criação de um Estado judeu.
- d) o reconhecimento do direito dos árabes muçulmanos ao território da Palestina, negando qualquer direito aos judeus.
- e) o estabelecimento de um mandato da ONU sobre o território da Palestina a partir daquela data.

A questão trata do plano de partilha da ONU, proposto em 1947 para a divisão do território palestino e do que viria a ser Israel.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. EsPCEX-SP – O conflito árabe-israelense está relacionado com a criação de um Estado judeu na Palestina em 1948. Essa região era então habitada por árabes muçulmanos que se opuseram à divisão das terras. As guerras entre os dois povos transformaram o Oriente Médio numa das regiões mais instáveis do globo.

Leia as afirmações abaixo sobre esse conflito e suas origens:

- I. A ONU não apoiou e se absteve de qualquer envolvimento no processo de criação do Estado de Israel, já que pretendia evitar o surgimento de novos conflitos após a Segunda Guerra Mundial.
- II. A mais decisiva das guerras árabe-israelenses, do ponto de vista da alteração das fronteiras, foi a Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando Israel ocupou o Sinai, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e as Colinas de Golan.
- III. Os conflitos acabaram levando à formação de campos de refugiados, onde passaram a viver milhares de palestinos.
- IV. Em 1973, com a Guerra do Yom Kippur, a Opep interrompeu o fornecimento de petróleo para os países aliados de Israel, provocando grande aumento no preço do produto.
- V. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos e a União Soviética buscaram uma política neutra e não tiveram nenhum envolvimento nas guerras árabe-israelenses.

Assinale a única alternativa em que todos os itens estão corretos:

- a) II, III, IV e V.
- b) II, III e IV.

c) I, II, III e IV.

d) II, IV e V.

e) I, IV e V.

8. Unesp-SP – O petróleo não é uma matéria-prima renovável e precisou de milhões de anos para sua criação. A maioria dos poços encontra-se no Oriente Médio, na antiga União Soviética e nos EUA. Sua importância aumentou desde meados do século XIX, quando era usado na indústria e hoje é um dos grandes fatores de conflitos no Oriente Médio. Aponte as três primeiras grandes crises do petróleo nos últimos anos:

- a) A primeira foi em 1973, quando os EUA tentaram invadir Israel para dominar os poços petrolíferos desse país; a segunda foi em 1979, quando foi criado o Estado da Palestina e eclodiu o conflito com a Arábia Saudita; a terceira foi em 1991, quando começou a Guerra do Iraque.
- b) A primeira foi em 1973, quando houve uma crise de produção no Oriente Médio, levando ao aumento do preço dos barris de petróleo no mundo todo; a segunda foi em 1979, quando o Kuwait se recusou a vender petróleo para os EUA; a terceira foi em 1991, quando começou a guerra dos EUA contra o Afeganistão.
- c) A primeira foi em 1973, devido ao conflito árabe-israelense; a segunda em 1979, quando os árabes diminuíram a produção de barris; a terceira em 1991, que acabou gerando a Guerra do Golfo, quando o Iraque invadiu o Kuwait.
- d) A primeira foi em 1973, quando o Iraque invadiu a Palestina; a segunda foi em 1979, período de baixa produção de petróleo no Oriente Médio; a terceira foi em 1991, devido à Guerra do Golfo.

e) A primeira foi em 1973, quando vários países do mundo exigiram a fundação da Opep para controlar os preços dos barris de petróleo; a segunda foi em 1979, quando se deu o conflito árabe-israelense; a terceira foi em 1991, quando teve início a Guerra da Palestina.

9. PUC-RJ – O Estado de Israel, que completou 60 anos em maio deste ano, teve suas fronteiras definidas a partir de várias guerras com países vizinhos. A esse respeito, avalie as afirmativas a seguir:

- I. O plano de partilha da ONU (Resolução 181) de 1947 previa a retirada das tropas do Império Russo, a criação de um Estado judaico e de um Estado independente árabe-palestino na região da Palestina.
- II. Os árabes rejeitaram o plano de partilha da Palestina aprovado pela Assembleia Geral das Nações Unidas e atacaram o recém-formado Estado de Israel em 1948: era o começo dos conflitos árabe-israelenses e do dilema dos refugiados palestinos.
- III. A vitória israelense na Guerra dos Seis Dias (1967) permitiu a ocupação de quase toda a Palestina, isto é, do Sinai, da Faixa de Gaza, da Cisjordânia, de Jerusalém e do Iraque.
- IV. A partir de 1987, a população civil palestina começou a série de levantes (Intifada) contra a ocupação israelense usando paus, pedras e atentados.

Assinale a alternativa correta:

- a) Somente as afirmativas I e III estão corretas.
- b) Somente as afirmativas I e II estão corretas.
- c) Somente as afirmativas II e IV estão corretas.
- d) Somente as afirmativas II e III estão corretas.
- e) Somente as afirmativas III e IV estão corretas.

10. Unirio-RJ – As dificuldades de construção da paz no Oriente Médio estão ligadas a diversos conflitos históricos que marcaram a convivência dos povos da região ao longo do século XX. Assinale a opção que apresenta corretamente um desses conflitos:

- a) Na Palestina, a origem do conflito árabe-israelense remonta à Declaração Balfour (1917), que, ao final da Primeira Guerra Mundial, submeteu esse país à administração inglesa comprometida com a criação do Estado de Israel.
- b) No Egito, o protetorado francês sobre a monarquia árabe reinante impediu o golpe de Estado liderado por Gamal Nasser, reconhecendo a soberania de Israel sobre o Canal de Suez (1956).
- c) Em Israel, a Guerra dos Seis Dias (1967) acarretou a perda dos territórios da Península do Sinai e da Faixa de Gaza para a Coligação Árabe, o que agravou os conflitos na região até a devolução desses territórios pelos acordos de Camp David.
- d) No Líbano, a guerra civil (1975), que opôs cristãos, palestinos e muçulmanos, encerrou-se com a invasão jordaniana do território libanês e a divisão do norte do país entre a Síria e a Turquia.
- e) No Irã, a revolução liderada pelo aiatolá Khomeini (1979) substituiu a dinastia Pahlevi, aliada política e militarmente à União Soviética, por uma república islâmica fundamentalista.

11. PUC-MG – Leia atentamente o texto a seguir, de Moacyr Scliar:

“Israel representa uma mudança transcendente na milenar trajetória dos judeus. O holocausto e as revelações sobre o massacre de judeus deram dramática legitimidade ao movimento sionista e reivindicação de um território. A fundação de Israel deveria ser decidida pela recém-criada Organização das Nações Unidas. EUA e URSS apoiavam a partilha da Palestina e a criação de dois Estados: um árabe, outro judeu.

Com as superpotências coincidindo em seus pontos de vista, não foi difícil para a Assembleia Geral da ONU aprovar, em novembro de 1947, a divisão da Terra Santa. O projeto foi rejeitado pelos representantes dos países árabes. Mas os judeus, liderados por David Ben-Gurion, levaram a proposta adiante. Quase seis meses depois, 14 de maio de 1948, proclamaram a independência. Imediatamente estourou o conflito bélico, vencido pelos israelenses. Outros conflitos vieram, notadamente a Guerra dos Seis Dias. Israel consolidou-se como potência militar. Desde então, trava-se uma luta amarga e desumana entre israelenses e palestinos, que, ao longo dessas décadas, acabaram por forjar uma identidade nacional.”

A partilha da Palestina está completando 60 anos. Tendo em vista a partilha e seus impactos, a base para a criação do Estado de Israel foi assentada:

- a) na existência de um Estado judaico sob aprovação dos países árabes.
- b) na legitimação pela força, comprovada pela sequência de conflitos e guerras.
- c) na possibilidade da existência de uma maioria judaica num território.
- d) na ideologia sionista, que defendia a entrada dos judeus na Palestina sob domínio inglês.

12. Udesc-SC – Sobre os problemas relacionados ao Oriente Médio, é correto afirmar:

- a) Sem consultar os árabes palestinos, as Nações Unidas, em 1947, dividiram o território da Palestina formando Estados independentes e uma zona neutra em Jerusalém, ação essa que desencadearia a chamada “questão palestina”, em aberto até os dias de hoje.
- b) Os palestinos tiveram recentemente seu reconhecimento efetivado e recuperaram as terras perdidas antes de 1947.
- c) Os sucessivos governos ligados à corrupção e ao autoritarismo de longa duração, caso de Kadafi na Líbia, mostraram capacidade de resolver a crise no Oriente Médio.
- d) O Egito não se integrou às nações árabes e Nasser passou o controle do Canal de Suez aos americanos em 1956.
- e) Após a Guerra dos Seis Dias, em 1967, Israel retirou suas tropas dos territórios ocupados e reconheceu o Estado palestino.

13. Enem

“Em 1947, a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou um plano de partilha da Palestina que previa a criação de dois Estados: um judeu e outro palestino. A recusa árabe em aceitar a decisão conduziu ao primeiro conflito entre Israel e países árabes.

A segunda guerra (Suez, 1956) decorreu da decisão egípcia de nacionalizar o canal, ato que atingia interesses anglo-franceses e israelenses. Vitorioso, Israel passou a controlar a Península do Sinai. O terceiro conflito árabe-israelense (1967) ficou conhecido como Guerra dos Seis Dias, tal a rapidez da vitória de Israel.

Em 6 de outubro de 1973, quando os judeus comemoravam o Yom Kippur (Dia do Perdão), forças egípcias e sírias atacaram de surpresa Israel, que revidou de forma arrasadora. A intervenção americano-soviética impôs o cessar-fogo, concluído em 22 de outubro."

A partir do texto acima, assinale a opção correta:

- a) A Primeira Guerra Árabe-Israelense foi determinada pela ação bélica de tradicionais potências europeias no Oriente Médio.
- b) Na segunda metade dos anos 1960, quando explodiu a Terceira Guerra Árabe-Israelense, Israel obteve rápida vitória.
- c) A Guerra do Yom Kippur ocorreu no momento em que, a partir de decisão da ONU, foi oficialmente instalado o Estado de Israel.
- d) A ação dos governos de Washington e de Moscou foi decisiva para o cessar-fogo que pôs fim ao primeiro conflito árabe-israelense.
- e) Apesar das sucessivas vitórias militares, Israel mantém suas dimensões territoriais tal como estabelecido pela resolução de 1947 aprovada pela ONU.

14. PUC-PR – Nos últimos meses de 1997, a paz mundial esteve outra vez ameaçada, devido à oposição a que funcionários da ONU inspecionassem possíveis arsenais de destruição maciça. O país árabe que fez essa oposição foi:

- a) Iraque.
- b) Egito.
- c) Jordânia.
- d) Arábia Saudita.
- e) República Islâmica (Irã).

15. Unirio-RJ

"Trocamos Terra por paz."

Yitzhak Rabin.

A questão palestina envolve árabes e judeus em diversos conflitos e antagonismos, cujas origens históricas remontam, dentre outros fatos, à:

- a) subordinação do território palestino à tutela do governo britânico, envolvido com a criação de um Estado nacional judeu, expressa na Declaração Balfour (1917).
- b) ocupação militar do território palestino pelo Iraque como resultado da Primeira Guerra Árabe-Israelense (1948-49), que desestabilizou politicamente a região.
- c) invasão da Península do Sinai, das Colinas de Golã e da Palestina pelo Egito, liderada pelo presidente Nasser, durante a Crise do Canal, como de Suez (1956).
- d) imposição da autoridade policial da Organização para a Libertação da Palestina sobre os territórios da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, como resultado do acordo de paz que encerrou a Guerra do Yom Kippur (1973).
- e) legalização da ocupação militar e administrativa exercida pela Síria sobre o sul do Líbano e a Palestina, reconhecida pelos Estados Unidos nos acordos de Camp David (1979).

16. PUC-RJ – Em janeiro de 1979, Reza Pahlevi, xá do Irã, frente à crescente oposição política e popular, fugiu do país criando uma crise política que culminou com a vitória dos partidários do clérigo xiita Ruholá Khomeini.

Assinale a alternativa que indica corretamente a política da República Islâmica do Irã após a revolução:

- a) A nacionalização dos recursos naturais impedia o processo de exploração do petróleo pelas grandes empresas multinacionais que, até então, tinham sede no país.
- b) A adesão do Irã à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o que agravou ainda mais as tensões da chamada Segunda Guerra Fria.
- c) A criação de um sistema político multipartidário e democrático.
- d) A imediata declaração de "guerra santa" contra os sunitas do Iraque, governado nessa época por Saddam Hussein.
- e) A aceitação da existência de um Estado judeu na Palestina e o estabelecimento de relações diplomáticas com Israel.

17. UFV-MG – Após a Segunda Guerra Mundial, Jerusalém, território sagrado para três religiões, continuou sendo palco de tensões e disputas envolvendo muçulmanos, judeus e cristãos. Intermináveis conflitos entre israelenses, palestinos, libaneses e seus vizinhos intensificaram-se desde então, envolvendo também potências mundiais. A Guerra dos Seis Dias, a Guerra do Yom Kippur, a Guerra do Irã-Iraque e a recente investida dos EUA sobre o Afeganistão são alguns dos principais conflitos relacionados com a questão árabe-israelense.

Utilizando seus conhecimentos sobre tais conflitos, enumere a segunda coluna de acordo com a primeira:

Coluna I

- I. Liga Árabe (1945).
- II. Organização para a Libertação da Palestina (1964).
- III. Autoridade Nacional Palestina (1995).
- IV. Intifada (1987).
- V. Acordo de Camp David (1977).

Coluna II

- () Estabelece a paz entre Israel e Egito e firma o compromisso israelense de negociar a autonomia de territórios palestinos.
- () Levou à eclosão da rebelião palestina nos territórios ocupados por Israel, resultando em retaliações por parte de Israel e do terrorismo palestino.
- () Foi criada por chefes de Estado árabes para enfrentar a expansão do povo judeu na Palestina.
- () Reúne palestinos guerrilheiros para combater o poder do Estado de Israel, sob o comando de Yasser Arafat.
- () Tem o reconhecimento da ONU e busca controlar territórios palestinos ocupados anteriormente por Israel na Faixa de Gaza e na Cisjordânia.

A sequência correta é:

- a) V, IV, I, II, III.
- b) IV, V, III, II, I.
- c) II, III, I, IV, V.
- d) V, II, IV, I, III.
- e) III, IV, II, V, I.

18. Enem

C2-H9

“Em outubro de 1973, uma nova guerra entre árabes e israelenses acabou deflagrando um embargo dos fornecedores de petróleo ao Ocidente, seguido de brusca elevação de preços, que atingiu duramente o Brasil. A moeda do país era fraca e, na época, produzia-se internamente só um terço do petróleo necessário. A crise revelou a postura ambígua do país sobre a questão ferroviária. Por um lado, era desejável que os meios de transporte não dependessem demasiadamente do petróleo, um combustível cuja disponibilidade passou a ser instável, ao sabor da dinâmica política do Oriente Médio. O preço aumentou e as cotações disparavam ao menor sintoma de crise internacional, o que criava problemas sérios no balanço de pagamentos do país e aumentava a dívida externa. Por outro lado, os governos não conseguiam redefinir o papel das ferrovias na rede de transportes nacional, como forma de suplantando o problema do petróleo.”

Disponível em: <www.geocities.com>.
Acesso em: 4 nov. 2008. (Adaptado)

A partir das informações apresentadas, é possível concluir que:

- a deflagração dos conflitos do Oriente Médio foi motivada pela ganância dos países produtores de petróleo.
- a crise provocou desequilíbrio no balanço de pagamentos porque o Brasil exportava mais petróleo do que importava.
- a solução pela rede ferroviária era inviável devido ao alto consumo de *diesel* pelas locomotivas e à poluição ambiental.
- o “choque do petróleo”, como ficou conhecida a crise, teve implicações sociais, derivadas da instabilidade econômica.
- a autonomia energética e o isolamento do Brasil em relação aos demais países do mundo o livrariam de crises dessa natureza.

19. UFMG-MG

C3-H14

Analisar este mapa:

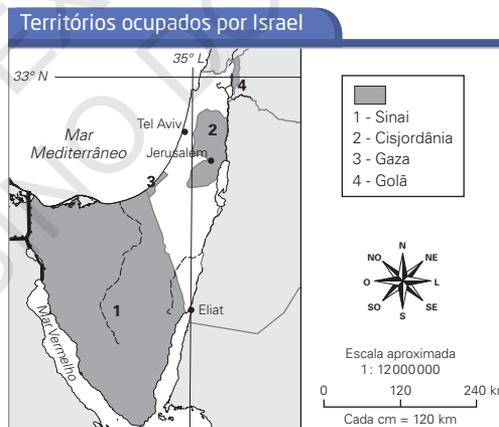


Envolvido, desde sua fundação, em conflitos na região, o Estado de Israel completou, em maio de 2008, 60 anos de existência. Considerando-se as disputas territoriais entre árabes e israelenses e outros conhecimentos sobre o assunto, é correto afirmar que:

- a Autoridade Nacional Palestina controla os territórios de Gaza e do sul do Líbano e, em 2006, com o auxílio da Organização das Nações Unidas (ONU) e da União Europeia, garantiu a soberania sobre essas regiões.
- a cidade de Jerusalém, considerada sagrada por três religiões, foi ocupada por Israel em 1949, ao final da Primeira Guerra Árabe-Israelense e, depois dos Acordos de Oslo, foi reconhecida pela ONU como capital do país.
- a região das Colinas de Golã, rica em fontes de água e ocupada por Israel durante a Segunda Guerra Árabe-Israelense, foi devolvida à Síria em 2000 como parte dos tratados de paz firmados entre os dois países.
- o governo de Israel promoveu, em 2005, a retirada de colonos judeus da Faixa de Gaza, no entanto, apesar de pressões de organismos internacionais, manteve assentamentos judaicos no território da Cisjordânia.

20. UFPEL-RS

C2-H6



“[...] o Estado israelense anexou a Península do Sinai e a Faixa de Gaza (então pertencentes ao Egito), a Cisjordânia (da Jordânia) e as Colinas de Golã (da Síria). A guerra foi particularmente trágica para os palestinos. Novos contingentes de dezenas de milhares engrossaram a diáspora.”

ARBEX JR., José. *Guerra Fria: terror de Estado, política e cultura*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1997. (Adaptado)

Os textos referem-se à:

- ocupação israelense sobre o sul do Líbano (2006), antiga Fenícia, aprofundando a diáspora hebraica como forma de contenção à ação do Hezbollah.
- Guerra dos Seis Dias (1967), quando, com o apoio dos Estados Unidos, Israel expandiu seu território, promovendo um continuado conflito.
- Guerra do Yom Kippur (1973), quando Egito e Síria, embasados pelo nacionalismo de Nasser, ameaçaram a soberania israelense.
- formação do Estado de Israel (1948), apoiada pela ONU, na região onde, na Antiguidade, se localizaram os reinos de Israel e Judá.
- Guerra do Yom Kippur (1973), quando a OLP (Organização para a Libertação da Palestina), liderada por Yasser Arafat, entrou em conflito com os sionistas.

ORIENTE MÉDIO NO SÉCULO XXI

56

A QUESTÃO PALESTINA NA VIRADA DO SÉCULO XX PARA O SÉCULO XXI

A questão palestina, ainda sem solução, testemunha ataques mútuos entre palestinos e israelenses. Palestinos reclamam territórios controlados por israelenses, que se sobrepõem pelo poder bélico incomparável.

Um dos territórios de mais destaque na questão palestina é a Faixa de Gaza, uma pequena região localizada entre o Mar Mediterrâneo, Egito e Israel, de população majoritariamente muçulmana e palestina; não pertence a qualquer Estado, embora seja controlada por Israel desde 1967 e reclamada pela Autoridade Nacional Palestina. A região abriga milhares de palestinos refugiados das guerras entre árabes e judeus a partir dos anos 1960 e colônias nas quais as condições de vida são precárias. Com mais de 1 milhão de habitantes, a Faixa de Gaza é palco de ataques guerrilheiros e investidas israelenses, muitas vezes bombardeios e massacres acusados de infringir os direitos humanos.

Grupos extremistas como o Hamas têm em Gaza uma de suas principais bases de recrutamento e treinamento de soldados, que incluem crianças e adolescentes. Suas facções resistem ao controle israelense, efetivado tanto por ataques militares como pela construção de um muro em torno da Faixa de Gaza. Mesmo com a vitória do Hamas em eleições políticas, Israel não desocupa a região, não havendo previsão para o fim das hostilidades.

DAN DE KLEIN/ALAMY STOCK PHOTO



O grafite denominado "Pomba à prova de bala" foi feito por Banksy, artista britânico, no muro que separa Israel da Cisjordânia, na Palestina. Banksy, artista que permanece em anonimato, é crítico à ocupação de Israel e à violência nos territórios palestinos.

TENSÕES LATENTES E AS DUAS INTIFADAS

Desde 1967, outra região ocupada por Israel, muito mais extensa que a Faixa de Gaza, é a Cisjordânia, localizada entre a Jordânia e Israel. Embora algumas pequenas partes sejam controladas pela Autoridade Nacional Palestina, os israelenses predominam politicamente na área.

- A questão palestina na virada do século XX para o século XXI
- Tensões latentes e as duas Intifadas
- Os Estados Unidos e o Oriente Médio
- A Primavera Árabe

HABILIDADES

- Reconhecer a dinâmica da organização dos movimentos sociais e a importância da participação da coletividade na transformação da realidade histórico-geográfica.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

Israel vem construindo, desde 2004, um muro com mais de 700 quilômetros de extensão. Há percepções diferentes sobre essa obra: para os israelenses, significa proteção; para os palestinos, segregação. O muro corta o território da Cisjordânia e isola colonos palestinos e judeus, acabando por dividir opiniões em escala internacional. O Tribunal de Haia, maior autoridade do Direito instituído por diversos países, manifestou condenação a essa construção, mas Israel a ignorou.

A situação entre palestinos e judeus, tanto na Faixa de Gaza como na Cisjordânia, gerou duas grandes manifestações por parte dos árabes. A primeira, em 1987. Milhares de palestinos foram às ruas como forma de protesto contra as ocupações israelenses. Os conflitos estenderam-se durante anos, tanto que a Intifada ("revolta", em árabe) só acabou em 1993.



JACK PICONE/ALAMY STOCK PHOTO

Meninos palestinos atiram pedras na Primeira Intifada. Faixa de Gaza, 1992.

Sem que a situação se resolvesse, outro estopim originou a Segunda Intifada em 2000. Com a estagnação das negociações de paz no Líbano, o primeiro-ministro israelense, Ariel Sharon, visitou a Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém. Cercado por seguranças, ele caminhou em meio à multidão islâmica, que viu a atitude como provocação. Desencadearam-se novas revoltas civis, que se estenderam até 2006.



EDDIE GERALD/ALAMY STOCK PHOTO

Ariel Sharon, primeiro-ministro de Israel em 2005. A visita de Ariel Sharon à Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém, foi o principal motivo da Segunda Intifada.

OS ESTADOS UNIDOS E O ORIENTE MÉDIO

Além de todo esse complicado cenário entre judeus e islamitas no Oriente Médio, as intervenções internacionais nunca tiveram força para estabelecer acordos de paz. A situação do Oriente Médio ficou ainda mais complexa com a ação de grupos que viam o Ocidente como inimigo, especialmente os Estados Unidos.

Aliados históricos de Israel, os norte-americanos foram responsáveis por vender armas e dar apoio militar, político e/ou humanitário a diversos conflitos entre os Estados árabes, que responderam com ataques contra bases militares e embaixadas americanas nos anos 1980 e 1990. O mais grave veio em 2001. Contrariando qualquer expectativa ou probabilidade, o grupo Al-Qaeda agiu dentro dos Estados Unidos. Sequestrou aviões civis que levantaram voo e foram guiados para colidir com o complexo comercial do World Trade Center, em Nova York, na manhã de 11 de setembro. O impacto derrubou as duas torres e abalou estruturas de prédios que ficavam em seu entorno, gerando pânico e, principalmente, milhares de mortos no centro de uma das principais cidades do mundo.



STACY WALSH ROSENSTOCK/ALAMY STOCK PHOTO

A destruição das torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York, teve enorme efeito moral sobre a população dos Estados Unidos. A partir de então, o país enrijeceu suas políticas de segurança.

Após os ataques, o governo norte-americano alterou as políticas interna e externa. Qualificado como ataque terrorista, o evento de 11 de setembro de 2001 fez da Al-Qaeda e de seu líder, Osama bin Laden, os principais alvos da guerra contra o terrorismo. O estado que mais sentiu a mudança na postura norte-americana foi o Afeganistão, acusado de proteger a Al-Qaeda. Uma coalizão liderada pelos Estados Unidos não se limitou a derrubar o governo afegão. O então presidente George W. Bush classificou Coreia do Norte, Irã e Iraque como "eixo do mal", acusando-os de armazenar armamento químico e/ou nuclear e ajudar grupos extremistas considerados

terroristas, havendo maior direcionamento para o Iraque. Em 2002, a ONU pressionou Saddam Hussein a autorizar a realização de uma inspeção que garantisse não existirem armas de destruição em massa no território, conforme denúncia dos Estados Unidos. Apesar de relatórios iraquianos e inspeções dos especialistas não apontarem a existência de tais armas, bem como da crescente cooperação do governo iraquiano, Estados Unidos e Grã-Bretanha lideraram a invasão ao Iraque em março de 2003. Rapidamente adentraram a capital, Bagdá, e depuseram Saddam Hussein. Seus dois filhos foram mortos e Hussein foi capturado em dezembro. Não houve tranquilidade nos anos seguintes e, em virtude da falta de legitimidade da invasão, que não tinha o respaldo da ONU, poucos países colaboraram na segunda etapa da guerra.

Diferentemente da Guerra do Golfo, a invasão de 2003 levou o Iraque ao caos. Grupos guerrilheiros lutavam contra as forças americanas e também entre si, por diferenças étnicas e religiosas. A força militar total dos Estados Unidos não colaborava para uma situação de paz. Aos poucos, a Grã-Bretanha retirou sua representação armada e o custo financeiro e humano da guerra cresceu muito para os Estados Unidos.

Apesar de controlar locais estratégicos do Iraque, além de grandes jazidas de petróleo, a popularidade do presidente Bush, estimada em mais de 90% na época da invasão, despencou progressivamente depois de 2004. Tanto que seu candidato à sucessão perdeu a eleição para Barack Obama, eleito com a promessa, entre outras, de diminuir progressivamente a ocupação estadunidense no Iraque e no Afeganistão.

A PRIMAVERA ÁRABE

Além das disputas que envolvem muçulmanos e judeus e da relação instável entre países do Oriente Médio e deles com Estados ocidentais, algumas eventualidades recentes têm marcado o norte africano e o Oriente Médio. Desde o fim de 2010, têm ocorrido manifestações populares nas ruas de diversos países, como Tunísia, Egito, Líbia, Síria, Argélia, Omã, Marrocos, Jordânia e Iêmen. Milhares de pessoas reúnem-se nas ruas e praças das principais cidades para protestar contra problemas políticos, econômicos e sociais. Em muitos casos, reagem à truculenta repressão policial e do exército, o que resulta em mortos e feridos. Em alguns países, como Egito e Líbia, os governantes chegaram a ser depostos, de modo que jornalistas e analistas sociais classificam os movimentos como revoluções.

Os países onde têm ocorrido ondas de protestos e revoluções possuem, ou possuíam, algumas características em comum, como governo autoritário há décadas. Na Tunísia, onde começaram as manifestações, o presidente Zine el-Abdine Bem Ali governou

entre 1987 e 2010; no Egito, Hosni Mubarak permaneceu trinta anos à frente do governo; no Iêmen, Ali Abdullah Saleh deixou a presidência depois de 32 anos; na Líbia, Muamar Kadafi foi o governante máximo por 42 anos. Mais do que longos governos autoritários, esses países passaram por longos anos de estrutura social comprometida, com altos índices de desemprego e elevada concentração de renda em pequenos grupos privilegiados. Pela estrutura política imposta, a maioria da população jovem organizou-se por meio de redes sociais, como Facebook, Twitter e YouTube para reivindicar maior liberdade de expressão. Outro fato motivador dos protestos foi a corrupção endêmica na máquina pública, pouco combatida pelos governos coniventes.



A população tunisiana foi a primeira a manifestar-se nas ruas contra a estrutura social de seu país. Fotografia de 2011.

CLAUDIA WIENS/LAMY STOCK PHOTO

As manifestações começaram na Tunísia. O episódio que ficou conhecido por Revolução de Jasmin teve início após a morte de um comerciante de rua que recusou-se a pagar propina a policiais e teve seus produtos confiscados. Revoltado e desesperado, Mohamed Bouazizi ateou fogo ao próprio corpo para manifestar sua indignação e acabou morrendo. Explodiram manifestações populares, principalmente contra a pobreza. Em alguns dias, o governo foi deposto e convocou-se eleições populares. Em 2011, um governo interino assumiu o poder com o compromisso de realizar novas eleições.

Os protestos tunisianos repercutiram nos países vizinhos. Na Líbia, a situação foi a mais séria no norte africano. Durante muitos anos, o país sofreu sanções internacionais porque o presidente Muamar Kadafi era acusado de comandar grupos terroristas. Mesmo com a reaproximação de países ocidentais no início do século XXI, por interesse no petróleo, os recursos obtidos com as vendas não chegavam à população. As revoltas populares tiveram intervenção da Otan com respaldo da ONU. A Líbia mergulhou em uma guerra civil que terminou com a vitória dos rebeldes e a morte de Kadafi. Convocaram-se eleições, mas um governo interino passou a controlar a política do Estado.

ITAR-TASS NEWS AGENCY/ALAMY STOCK PHOTO



Muammar Kadafi governou a Líbia durante 42 anos, até ser morto na guerra civil que derrubou seu governo.

No Egito, a situação foi parecida. Influenciados pela população tunisiana, os egípcios saíram às ruas contra a política de Hosni Mubarak. A população aderiu maciçamente aos protestos contra a delicada situação econômica e o então presidente renunciou após perder o apoio do exército. Em 2012, o país passou a ser uma república presidencialista e a ter uma nova Constituição, embora ainda ocorram manifestações por liberdades individuais. As mulheres egípcias protestam por reconhecimento e aplicação dos direitos humanos que as protejam da violência doméstica ou pública, inclusive de abusos que sofrem ao participar das passeatas, alguns em praças públicas e protagonizados por dezenas de homens.

GEORGE HENTON/ALAMY STOCK PHOTO



Protestantes na Praça Tahrir, no Cairo, capital do Egito. Os protestos sofreram intervenção das forças armadas do governo. Fotografia de 2011.

Dos países nos quais há lutas por alterações políticas, o caso da Síria é o de maior repercussão. O governo sírio de Bashar al-Assad reprimiu os protestos com muita violência, causando inúmeras mortes. Em resposta, a formação do Exército Livre da Síria para combater as forças governamentais levou o país a uma guerra civil sem precedentes. Turquia, Arábia Saudita e Catar alimentaram os opositores do regime com armas e ofereceram abrigo aos soldados, enquanto Irã e Rússia apoiaram o governo. O Conselho de Segurança da ONU falhou em intervir pela paz na região e os conflitos seguem fazendo vítimas civis e militares.

LEITURA COMPLEMENTAR

A guerra civil na Síria

O conflito que acontece hoje na Síria é complexo, envolvendo muitos grupos, alguns extremistas, como Estado Islâmico e a Frente al-Nusra, grupos rebeldes contra o governo, as forças armadas sírias, e instituições, como o Partido dos Trabalhadores Curdos (PKK), sem contar as coalizões externas que atuam ativa e diretamente na guerra civil.

O conflito remonta 40 anos, quando em 1970 aconteceu a tomada da presidência por Hafez al-Assad, pai do atual presidente sírio Bashar al-Assad, que abriu as portas para que muitos alaúitas (crença pré-maometana, que representa 12% da população síria) assumissem postos-chave no governo. Desde então a questão do credo e do Poder Executivo se explicitou. Essa atuação não se alterou em 2000, quando Bashar substituiu seu pai.

O ambiente para o conflito atual começou a se formar em Daraa, uma pequena cidade no sul do país, onde manifestações, motivadas pelos ideais da Primavera Árabe (movimentos reformistas pró-democracia no Oriente Médio) foram fortemente reprimidas pelo governo. Tais manifestações foram se intensificando e atingiram os grandes centros urbanos do país. Em março de 2011, jovens foram presos e torturados após terem sido detidos por picar um muro com mensagens que veiculavam *slogans* revolucionários. O fato desencadeou uma série de protestos em todo o país que foram acompanhados por uma repressão violenta por parte do Estado. Assim, a resposta também violenta daqueles que se manifestavam resultou na formação de diversos grupos. Alguns eram seculares, com ideais liberais e democráticos, outros com profundas raízes islâmicas conservadoras e extremistas, alguns com ideais etnocêntricos e separatistas, como os curdos, que apesar de combaterem igualmente o governo não apresentam uma coerência entre si. [...] Segundo o Centro Sírio de Pesquisa Política, mais de 470 mil pessoas morreram nos primeiros 5 anos de conflito, além de mais de 1,9 milhão de feridos. [...] Ainda, 70 mil pessoas teriam perecido por não ter acesso a água, comida ou cuidados médicos, como veiculado na reportagem realizada pelo jornal inglês *The Guardian*.

Até 20 de julho de 2016, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), 4 819 494 pessoas foram forçadas a buscar refúgio desde o começo do conflito.

SOARES, João Victor Scomparim. A guerra civil na Síria: atores, interesses e desdobramentos. Observatório de Conflitos Internacionais. *Série Conflitos Internacionais*, v. 5, n. 1, fev. 2018. Disponível em: <www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/serie--a-guerra-civil-na-siria--atores-interesses-e-desdobramentos.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2018. (Adaptado)

Esses casos de guerras e mudanças no governo foram os de maior notoriedade. Entre outros países afetados por protestos e manifestações, Marrocos, Iêmen, Arábia Saudita e Bahrein são exemplos nos quais não houve alterações no governo.

No caso marroquino, o rei Mohammed VI optou por não reprimir os manifestantes e promoveu mudanças constitucionais, atitude que deu fôlego a seu governo e reduziu os protestos. No Bahrein, os manifestantes foram duramente reprimidos com a ajuda da Arábia Saudita, embora o governo tenha negociado algumas alterações políticas. O governo saudita também optou pela repressão aos manifestantes, resultando em mortes e prisões no país. Como a tensão social não diminuiu, o rei Abdulah ibn Abdul Aziz al-Saud destinou elevadas quantias dos cofres públicos para benefícios sociais, a fim de acalmar os manifestantes.

Todas essas manifestações e revoluções receberam a denominação Primavera Árabe, uma alusão a movimentos relativamente semelhantes que aconteceram em outros lugares e momentos da História. Na Europa, durante o século XIX, diversas guerras de forte cunho nacionalista e, em alguns casos, liberal e democrático, ajudaram a derrubar monarquias absolutistas instauradas há longo tempo.

O século XX assistiu à Primavera de Praga, na atual República Tcheca, em que os cidadãos reivindicavam direitos negados por influência da União Soviética, que dominou a região chamada Tchecoslováquia desde o fim da Segunda Guerra Mundial até 1990.

No mundo árabe, o nome foi inspirado nos movimentos anteriores, em especial pelo caráter nacionalista e libertário.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

ORIENTE MÉDIO NO SÉCULO XXI

Conflito entre Israel e Palestina

Primeira Intifada (1987-1993):

Levantes espontâneos da população palestina contra os militares israelenses. A comunidade palestina, saturada pela opressão, combateu os militares de Israel fazendo uso apenas de paus e pedras.

Segunda Intifada (2000-2006):

Conjunto de eventos que marcou a revolta civil dos palestinos frente à política administrativa e a ocupação israelense na Palestina. O movimento foi uma resposta a uma série de acontecimentos, como a visita de Ariel Sharon à Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém.

Os Estados Unidos e o Oriente Médio

2001:

Ataque às torres gêmeas, em Nova York, em 11 de setembro. Autoria proclamada pela Al-Qaeda.

Primavera Árabe

O que foi:

Onda de movimentações políticas e protestos populares em diversos países do mundo árabe contra seus governantes, a maioria encontrava-se no poder há muitos anos.

Tunísia:

Zine el-Abdine Ben Ali. Governou de 1987 a 2010.

Egito:

Hosni Mubarak. Governou de 1981 a 2011.

Iêmen:

Ali Abdullah Saleh. Governou de 1990 a 2012.

Líbia:

Muamar Kadafi. Governou de 1969 a 2011.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Enem

C3-H15

Texto I

“Mais de 50 mil refugiados entraram no território húngaro apenas no primeiro semestre de 2015. Budapeste lançou os ‘trabalhos preparatórios’ para a construção de um muro de quatro metros de altura e 175 km ao longo de sua fronteira com a Sérvia, informou o ministro húngaro das Relações Exteriores. ‘Uma resposta comum da União Europeia a este desafio da imigração é muito demorada, e a Hungria não pode esperar. Temos que agir’, justificou o ministro.”

Disponível em: <www.portugues.rfi.fr>.
Acesso em: 19 jun. 2015. (Adaptado)

Texto II

“O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) critica as manifestações de xenofobia adotadas pelo governo da Hungria. O país foi invadido por cartazes nos quais o chefe do Executivo insta os imigrantes a respeitarem as leis e a não ‘roubarem’ os empregos dos húngaros. Para o Acnur, a medida é surpreendente, pois a xenofobia costuma ser instigada por pequenos grupos radicais e não pelo próprio governo do país.”

Disponível em: <http://pt.euronews.com>. Acesso em: 19 jun. 2015. (Adaptado)

O posicionamento governamental citado nos textos é criticado pelo Acnur por ser considerado um caminho para o(a):

- a) alteração do regime político.
- b) fragilização da supremacia nacional.
- c) expansão dos domínios geográficos.
- d) cerceamento da liberdade de expressão.
- e) fortalecimento das práticas de discriminação.

As práticas do governo húngaro são preocupantes para o Acnur, pois são medidas oficiais do país que instigam e legitimam um sentimento discriminatório e xenóforo na população.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

2. UEL-PR – Recentemente, o mundo assistiu a uma série de revoltas populares nos países árabes. A imprensa internacional destacou o papel das redes sociais nessas mobilizações contra os ditadores e a repressão dos governos sobre a população civil. Sobre esses conflitos, assinale a alternativa correta:

- a) A Jordânia viu seu rei ser deposto devido ao apoio dos países ocidentais e de Israel aos movimentos revoltosos.
- b) Na Tunísia, o processo revoltoso de setores populares foi sufocado por empréstimos vultosos da União Europeia.
- c) No Marrocos, a permanência da violência deve-se aos conflitos entre cristãos, muçulmanos e membros de religiões tribais.
- d) O Egito manteve Hosni Mubarak no poder devido à intervenção da Liga Árabe, com apoio norte-americano.

- e) O governo da Síria, apesar dos protestos internacionais, atacou os revoltosos com a anuência do Irã, da Rússia e da China.

As manifestações na Síria foram violentamente reprimidas pelo governo de Bashar al-Assad, tendo o consentimento de países como Irã, Rússia e China.

3. UFPEL-RS (adaptado) – Leia o texto a seguir:

“Nem as mais de 35 horas de viagem, nem o céu nebuloso de Porto Alegre. Nada tirou o sorriso de satisfação do rosto dos 10 refugiados palestinos que chegaram ontem à tarde ao Rio Grande do Sul.”

Zero Hora, 22 set. 2007.

Com relação ao problema dos refugiados palestinos, leia as afirmativas a seguir:

- I. Muitos dos refugiados palestinos são fugitivos do conflito no Oriente Médio, que já haviam sido recebidos no Iraque nos anos 80, durante o governo de Saddam Hussein.
- II. Como resultado da divisão da Palestina pela ONU e da criação de Israel, em 1948, milhares de palestinos foram retirados de suas casas e propriedades e se tornaram refugiados principalmente em Gaza, Cisjordânia e países árabes.
- III. Com a queda do regime de Saddam Hussein, após o ataque americano em 2003, os palestinos que viviam no Iraque passaram a ser alvo das milícias xiitas, que os consideravam próximos do governo deposto.
- IV. O Estado palestino, criado pelo Acordo de Oslo, em 1993, tem sua implantação fiscalizada pela ANP (Autoridade Nacional Palestina), com a ajuda financeira dos Estados Unidos da América, da União Europeia e dos principais grupos palestinos: o Fatah e o Hamas.

Estão corretas apenas:

- a) I e II.
- b) II e IV.
- c) I, III e IV.
- d) I, II e III.
- e) III e IV.

Jamais houve a criação de um Estado palestino, ainda que haja o reconhecimento de uma Autoridade Nacional Palestina. Por outro lado, sabe-se que os palestinos são refugiados tanto pela ruptura causada com a criação do Estado de Israel como por demais conflitos na região do Oriente Médio, entre eles os relacionados ao Iraque e à influência estadunidense.

4. UEMG-MG

Conflitos mundiais causados por intolerância

“Depois da II Guerra Mundial, a ONU adotou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que colocava em pauta o 'respeito universal e observância dos direitos humanos e liberdades fundamentais para todos. [...]'. Passados muitos anos e outras muitas tentativas de garantir a liberdade e o respeito às diferenças, grande parte dos conflitos que hoje acontecem no mundo se misturam em uma complexa rede de fatores políticos, econômicos, religiosos e étnicos.”

Analise o seguinte quadro, que apresenta a natureza de alguns conflitos geopolíticos que persistem no atual cenário mundial.

PAÍS	CONFLITO
Afganistão	Disputa de poder político entre o grupo Talibã e a Aliança do Norte.
Nigéria	Intolerância entre muçulmanos que vivem no norte e cristãos que habitam a porção centro-sul.
Iraque	Combate entre diferentes milícias lideradas por grupos radicais xiitas contra grupos sunitas.
Israel	A criação de um futuro Estado palestino, que afeta a Cisjordânia e a parte oriental de Jerusalém.
Sudão	Grupos de refugiados que deixaram o país em função de guerrilhas motivadas por questões étnicas entre muçulmanos e não muçulmanos.
Tailândia	Movimento Separatista do Sul, que criou uma atmosfera de suspeita e tensão entre budistas e muçulmanos.

Fonte: <www.super.abril.com.br/blogs/superlistas>. Acesso em: 8 out. 2012. (Adaptado)

Qual é a natureza comum entre os conflitos apresentados?

- a) São países asiáticos que combatem, por meio de suas milícias, as imposições políticas de seus governos ditatoriais.
- b) São países africanos democráticos que precisam estabelecer políticas de negociação entre os diferentes grupos radicais.
- c) São países asiáticos e africanos que, por meio de seus processos atuais de redemocratização política, étnica e religiosa, vivem em constantes conflitos armados.
- d) São países asiáticos e africanos que convivem com situações de extrema intolerância ideológica provocadas por diferenças religiosas.

Todos os países apresentados na tabela são pertencentes aos continentes africano e asiático. Há em comum entre eles as situações de conflito relacionados às diferenças religiosas.

5. UnB-DF (adaptado)

“A ONU afirmou que prepara estoques de comida para 1,5 milhão de pessoas na Síria como parte de um plano de emergência de 90 dias para ajudar os civis que estão carentes de suprimentos básicos após quase um ano de conflito.”

Portal G1 <www.g1.globo.com>.

Com base no texto e nos assuntos a ele relacionados, julgue os itens:

- (V) Os protestos e a guerra civil na Síria objetivam derrubar o ditador Bashar Al Assad e se intensificaram em 2011 no contexto do movimento denominado Primavera Árabe.
- (V) Os conflitos atuais representam a mais significativa ameaça ao regime ditatorial implantado pela família do ditador Bashar Al Assad.
- (F) A Síria é o mais forte aliado de Israel na região, o que vem gerando uma reação de desconfiança do Irã e da Palestina contra o governo atual.
- (F) O governo de Bashar Al Assad combate as ações dos grupos fundamentalistas islâmicos, como o Hamas e o Hezbollah.
- (F) A estratégia adotada pela ONU para instar as partes em conflito a depor as armas e buscar um acordo pacífico tem-se mostrado bem-sucedida no convencimento das partes em relação a um cessar-fogo temporário.

Entre os movimentos da Primavera Árabe estão os protestos na Síria contra Bashar al Assad, que culminaram em guerra civil e têm ameaçado o governo do líder político. A Síria, assim como os demais países do Oriente Médio, coloca-se contrária ao Estado de Israel e possui uma relação complexa com grupos fundamentalistas, a depender dos posicionamentos destes. As estratégias de paz para a região, adotadas pela ONU, têm se revelado ineficazes.

6. Unicamp-SP – Em discurso proferido em 20 de maio de 2011, o presidente dos EUA, Barack Obama, pronunciou-se sobre as negociações relativas ao conflito entre palestinos e israelenses, propondo o retorno à configuração territorial anterior à Guerra dos Seis Dias, ocorrida em 1967. Sobre o contexto relacionado ao conflito mencionado, é correto afirmar que:

- a) a criação do Estado de Israel, em 1948, marcou o início de um período de instabilidade no Oriente Médio, pois significou o confisco dos territórios do Estado da Palestina que existia até então e desagradou o mundo árabe.
- b) a Guerra dos Seis Dias insere-se no contexto de outras disputas entre árabes e israelenses por causa das reservas de petróleo localizadas naquela região do Oriente Médio.
- c) a Guerra dos Seis Dias significou a ampliação territorial de Israel, com a anexação de territórios, justificada pelos israelenses como medida preventiva para garantir sua segurança contra ações árabes.
- d) o discurso de Obama representa a postura tradicional da diplomacia norte-americana, que defende a existência dos Estados de Israel e da Palestina e diverge da diplomacia europeia, que condena a existência dos dois Estados.

O discurso de Obama vai contra a posição tradicional tomada pelos Estados Unidos de apoio ao Estado de Israel. A Guerra dos Seis Dias levou a uma ampliação do território de Israel, consequentemente tomando o espaço de países vizinhos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Fepese-SC – A morte de um tunisiano de 26 anos, um verdureiro que ateou fogo ao próprio corpo, desencadeou uma série de protestos por diversos países do norte da África e Oriente Médio.

Assinale a alternativa que identifica uma importante razão desses protestos:

- a) A pregação das seitas cristãs da proximidade do fim do mundo e da volta do Messias.
- b) A revolta da população jovem contra a Irmandade Muçulmana, que, após tomar o poder no Egito, ameaçava o governo tunisiano.
- c) A oposição da população, principalmente a mais idosa, aos princípios do islã, notadamente os relacionados à monogamia e ao politeísmo.
- d) A globalização que destruiu os valores mais caros à juventude islâmica, como a liberdade pessoal e religiosa, bem como a livre associação e o direito à manifestação política.
- e) A insatisfação da juventude com as restrições à liberdade existentes em muitos países da região.

8. Uerj-RJ

“[...] é de assustar o número de partidos que vêm se formando e ganhando apoio popular em diversos países muçulmanos, usando muitas vezes a violência para alcançar seus objetivos. A Argélia e o Afeganistão são apenas os exemplos mais evidentes desta situação, e a contínua existência de grupos fundamentalistas entre a população palestina é prova da vitalidade de suas ideias. Da mesma forma, Israel, hoje, vive as consequências do profundo dissenso ideológico e cultural entre judeus seculares e fundamentalistas. Acirrando um conflito que teve origem no próprio momento de fundação do Estado, opostos à paz com os árabes e à pluralidade política e religiosa, os judeus fundamentalistas são a maior ameaça à consolidação da democracia em Israel. [...] Isto muda completamente a situação com a qual israelenses e árabes estavam acostumados a lidar há quase um século, quando o inimigo era o vizinho. Agora, o inimigo está do lado de dentro.”

GRINBERG, Keila. In: REIS FILHO, D. e outros (Org.). *O século XX: o tempo das dúvidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Segundo a ideia central deste texto, as dificuldades para a consolidação da paz, neste momento, no Oriente Médio, estão relacionadas de forma mais geral com:

- a) permanência de divergências entre árabes e judeus.
- b) disputas internas no mundo muçulmano e em Israel.
- c) dissolução do fundamentalismo religioso na Argélia e no Afeganistão.
- d) enfrentamento entre os partidos da esquerda na Argélia e em Israel.

9. Unesp-SP – As noções de islamismo, pensamento ocidental e cultura indiana remetem para a categoria de:

- a) etnias.
- b) raças.
- c) religiões.
- d) nacionalidades.
- e) civilizações.

10. PUC-RJ – A política internacional brasileira de apoio à causa palestina deve-se, fundamentalmente, à:

- a) existência de um Estado com profunda origem antissemita.
- b) presença de um país de um contingente árabe com grande participação na política nacional.
- c) diminuição do comércio exterior brasileiro com Israel.
- d) queda, no Irã, do regime pró-americano com consequente rompimento dos acordos internacionais pelo novo governo.
- e) dependência dos países às importações de petróleo dos países árabes.

11. PUC-RJ – Sobre o significado e os desdobramentos dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, estão corretas as afirmações abaixo, à exceção de:

- a) Os ataques terroristas provocaram mudanças no cotidiano da população norte-americana, como o crescimento da vigilância e restrições à liberdade e à privacidade dos cidadãos.
- b) A partir do atentado, o governo Bush introduziu na política externa americana o princípio da “guerra preventiva”, segundo o qual os Estados Unidos têm o direito de atacar países que possam representar uma ameaça política futura.
- c) A reação do governo norte-americano aos atentados aumentou a tensão nas relações internacionais entre aliados importantes dos Estados Unidos, como a Alemanha e a França, que demonstraram algum descontentamento com a política unilateral adotada pelo governo Bush.
- d) Devido aos avanços tecnológicos, ocorreu uma expressiva diminuição dos gastos militares e do número de vítimas desde então, em comparação com os tempos da Guerra Fria.
- e) Os ataques terroristas fizeram ressurgir a ideia de que os conflitos no século XXI seriam explicados pela existência de um conflito entre dois modelos de civilização.

12. UFMG-MG

“[...] nos países árabes, na Europa e junto a um punhado de intelectuais americanos, insinuou-se que a política americana era a primeira responsável: sanções e ataques contra o Iraque, atitude pró-Israel, sustentação de regimes repressivos, eis o que explicaria o alvo escolhido pelos terroristas. Os Estados Unidos vítimas de sua própria política? Era, [...] dificilmente aceitável.”

Robert Malley, membro do Conselho de Segurança Nacional, durante o governo de Bill Clinton. *Le Monde*, 31 out. 2001. In: MEDDEB, Abdelwahab. *A doença do islã*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003. p. 13.

Com base nas informações contidas nesse trecho, o atentado terrorista que atingiu o World Trade Center em Nova York, no dia 11 de setembro de 2001, tem sido atribuído à:

- a) ação conservadora do então presidente Bush, que liderava uma campanha contra o mundo árabe, reeditando as Cruzadas da Idade Média.
- b) cooperação estabelecida entre os EUA e os principais países árabes, com vistas ao envio, para a Europa, das vítimas de atentados da Al-Qaeda e do Taliban.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C4-H16

“No mundo árabe, países governados há décadas por regimes políticos centralizadores contabilizam metade da população com menos de 30 anos; desses, 56% têm acesso à internet. Sentindo-se sem perspectivas de futuro e diante da estagnação da economia, esses jovens incubam vírus sedentos por modernidade e democracia. Em meados de dezembro, um tunisiano de 26 anos, vendedor de frutas, põe fogo no próprio corpo em protesto por trabalho, justiça e liberdade. Uma série de manifestações eclode na Tunísia e, como uma epidemia, o vírus libertário começa a se espalhar pelos países vizinhos, derrubando em seguida o presidente do Egito, Hosni Mubarak. *Sites* e redes sociais – como o Facebook e o Twitter – ajudaram a mobilizar manifestantes do norte da África a ilhas do Golfo Pérsico.”

SEQUEIRA, C. D.; VILLAMÉA, L. A epidemia da liberdade. *IstoÉ Internacional*, 2 mar. 2011. (Adaptado)

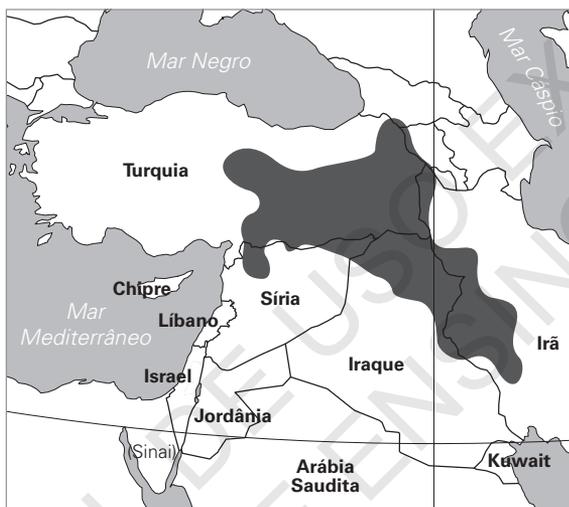
Considerando os movimentos políticos mencionados no texto, o acesso à internet permitiu aos jovens árabes:

- reforçar a atuação dos regimes políticos existentes.
- tomar conhecimento dos fatos sem se envolver.
- manter o distanciamento necessário à sua segurança.
- disseminar vírus capazes de destruir programas dos computadores.
- difundir ideias revolucionárias que mobilizaram a população.

19. ESPM-SP

C3-H13

Observe o texto e o mapa abaixo:



“O PKK prometeu abandonar a luta armada em troca de concessões políticas e formou nesta segunda-feira, 17, a agência Firat. No comunicado, a organização armada pede ao governo turco que inicie um processo de diálogo para pôr fim às mais de duas décadas de enfrentamentos entre PKK e as forças de segurança turcas.”

O Estado de São Paulo, 22 mar. 2013.

A organização mencionada na matéria luta para que a área mapeada seja reconhecida como um Estado dos:

- cipriotas.
- turcos.
- palestinos.
- curdos.
- armênios.

20. Enem

C4-H16

“Um gigante da indústria da internet, em gesto simbólico, mudou o tratamento que conferia à sua página palestina. O *site* de buscas alterou sua página quando acessada da Cisjordânia. Em vez de ‘territórios palestinos’, a empresa escreve agora ‘Palestina’ logo abaixo do logotipo.”

BERCITO, D. Google muda tratamento de territórios palestinos. *Folha de S. Paulo*, 4 maio 2013. (Adaptado)

O gesto simbólico sinalizado pela mudança no *status* dos territórios palestinos significa o:

- surgimento de um país binacional.
- fortalecimento de movimentos antissemitas.
- esvaziamento de assentamentos judaicos.
- reconhecimento de uma autoridade jurídica.
- estabelecimento de fronteiras nacionais.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



HISTÓRIA 2

CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

23

ERA VARGAS: ESTADO NOVO (1937-1945)

- De revolucionário a ditador
- Estado Novo
- Segunda Guerra Mundial e aproximação com os Estados Unidos
- Crise no Estado Novo

HABILIDADES

- Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.
- Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

DE REVOLUCIONÁRIO A DITADOR

Getúlio Vargas subiu ao poder como líder de uma revolução que pretendia pôr fim a um regime oligárquico, elitista e pouco democrático que favorecia apenas os cafeicultores. Em alguns anos ele transformou-se no centro da política brasileira e daí para ditador foi um passo.

Utilizando justificativas políticas que reverberam até os dias de hoje, como evitar um suposto domínio comunista do país, Vargas manteve o país em estado de alerta e apresentou-se como a solução para o caos. Após o Governo Provisório e apenas três anos de Governo Constitucional, quando as novas eleições se aproximaram, Getúlio Vargas concluiu o que tinha como projeto desde o início: tornou-se um ditador.



Comemoração do 1º de Maio durante o Estado Novo, quando o Brasil já estava na Segunda Guerra Mundial. Fotografia de 1942.

ESTADO NOVO

A instauração do Estado Novo determinou o fechamento imediato do Congresso, a extinção dos partidos e a outorga da Constituição de 1937, conhecida popularmente por polaca ou polaquinha, porque seguia o modelo da Constituição fascista adotada na Polônia.

A nova Constituição conferia o controle total do Poder Executivo ao presidente e a nomeação de interventores nos estados, a quem Vargas deu ampla autonomia. Previa também a formação de um novo Legislativo.

No entanto, nunca foram realizadas eleições no Estado Novo. A Constituição jamais vigorou de fato, pois Vargas governou por meio de decretos-lei e não realizou o plebiscito previsto na própria Carta Magna.



Getúlio Vargas em uma parada sendo saudado por militares. Fotografia de 1940.

Entre as principais determinações da Constituição polaca, destacam-se:

- extinção do Senado e sua substituição pelo Conselho Nacional, formado por um representante de cada estado eleito pelas assembleias estaduais e dez membros indicados pelo governo;
- substituição da Câmara dos Deputados por um parlamento nacional, formado por até dez representantes de cada estado, eleitos por voto indireto dos vereadores das câmaras municipais;
- censura a todos os meios de imprensa;
- instituição da pena de morte;
- repressão às autonomias estaduais, inclusive com a proibição dos símbolos estaduais;
- instituição do Código de Imprensa.

O golpe de Vargas, realizado sem justificativa política relevante, frustrou os planos da Ação Integralista Brasileira (AIB). Colocados na ilegalidade, como todos os outros agrupamentos políticos, em 1938 os integralistas realizaram um ataque contra o Palácio do Catete no Rio de Janeiro, no qual houve resistência da guarnição do palácio e do próprio presidente. Ao receber reforços, Vargas derrotou o levante integralista e passou a reprimir ainda mais seus adversários.

Desde o Governo Provisório, Vargas empenhou-se na criação de um mito, com o culto à sua personalidade. A criação do programa de rádio A Hora do Brasil, em 1935, inseriu-se nesse contexto. A ideia predominante de chamar a atenção para os feitos do governo e identificá-lo com o Estado atingiu o auge nessa fase, quando propaganda e repressão compunham faces da mesma moeda. A organização de grandes celebrações em datas especiais tornou-se constante. A cada ano, em festividades como Dia do Trabalho, 7 de Setembro e Natal, entre outras datas valorizadas pelo regime, realizavam-se desfiles e discursos, com a imagem de Vargas em evidência.



Por meio de fortes campanhas publicitárias, Getúlio Vargas buscava o apoio da massa trabalhista com o propósito de diminuir a oposição e garantir amplos poderes ao Executivo federal.

A partir de 1939, o domínio sobre os meios de comunicação e da propaganda acentuou-se com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão responsável pela censura e veiculação de notícias de interesse do governo e encarregado de controlar, centralizar, orientar e coordenar a propaganda oficial que se fazia em torno da figura de Vargas.

O DIP abrangia imprensa, literatura, teatro, cinema, esporte, recreação, radiodifusão e quaisquer outras manifestações culturais. Os meios de comunicação oficiais associavam a figura do presidente a práticas de interesse de boa parte da população: os trabalhadores. O departamento organizava grandiosas festividades cívicas, em especial em dias significativos para os operários. O governo anunciou importantes conquistas trabalhistas. Em 1940, por exemplo, promulgou a lei do salário mínimo; em 1943, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a qual foi uma necessidade institucional após a criação, em 1939, da Justiça do Trabalho. Síntese de toda a legislação trabalhista construída até então, a CLT foi inspirada em um código semelhante adotado pela Itália fascista de Mussolini, a Carta del Lavoro. Em 1941, instalou-se a Justiça do Trabalho em todo o país.

A legislação trabalhista e a crescente organização do mercado de trabalho diminuíram com os regimes de exploração laboral no Brasil. A carga horária, antes de 14 a 16 horas diárias, passou a ser de 44 horas semanais. Instituiu-se o direito ao 13º salário, às férias remuneradas, ao descanso semanal remunerado e à carteira de trabalho, de modo a garantir a estabilidade no emprego depois de dez anos de serviço, determinação revogada e substituída, em 1965, pelo Fundo

de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) durante o regime militar.

PHOTO 12/ALAMY STOCK PHOTO



Mesmo com a aproximação ideológica com o Eixo, a política externa brasileira durante a Era Vargas sempre se pautou pela política da boa vizinhança com os Estados Unidos. Carmem Miranda foi um símbolo dessa tentativa de aproximação cultural entre os Estados Unidos e a América Latina.

As medidas adotadas apresentavam um caráter semelhante às do Estado de bem-estar social, desenvolvido em décadas subsequentes na Europa. O DIP era o mecanismo oficial de aproximação do presidente com as camadas menos favorecidas economicamente, as quais ganharam direitos de cidadania. Com o início da Segunda Guerra Mundial na Europa, o departamento veiculava notícias amplamente favoráveis às potências do Eixo.

A construção de um Estado moderno e centralizado também prosseguiu durante o Estado Novo, com a criação do Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Código de Processo Penal. O número de leis, decretos e decretos-lei baixados por Getúlio Vargas nesse período foi muito maior que o de todos os diplomas legais baixados durante a República Velha. Outras realizações:

- Fundação Getúlio Vargas (FGV), criada em 1944 com o objetivo inicial de preparar pessoal qualificado para a administração pública e privada brasileira em uma instituição nacionalmente respeitada;
- Ministério da Aeronáutica, para incentivar o desenvolvimento da indústria de aeronavegação;
- Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (Dner), em 1937;

- Conselho Nacional do Petróleo (CNP), que deu origem à Petrobras, criada em 1953, no segundo governo Vargas;
- Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em 1941;
- Companhia Vale do Rio Doce, atual Vale;
- Companhia Hidrelétrica do São Francisco (Chesf);
- Fábrica Nacional de Motores (FNM);
- instituição de uma nova moeda, o cruzeiro, idealizado quando Getúlio era ministro da Fazenda;
- reforma ortográfica de 1943, que simplificou a grafia da língua portuguesa;
- empresas privadas de colonização empreenderam uma rápida e eficiente colonização e povoamento de regiões como norte do Paraná e Dourados, no sul de Mato Grosso;
- criação dos territórios federais nas fronteiras para o desenvolvimento do interior do Brasil, ainda praticamente despovoado. Assim surgiu o território do Iguazu, com áreas do Paraná e Santa Catarina, recuperadas por esses estados após a queda de Vargas.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E APROXIMAÇÃO COM OS ESTADOS UNIDOS

Com o início da Segunda Guerra Mundial, o governo Vargas manteve um posicionamento neutro até 1941. No início do ano seguinte, a conferência de países sul-americanos, realizada no Rio de Janeiro, condenou os ataques japoneses aos Estados Unidos ocorridos em dezembro de 1941 e rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo.

O presidente já previa, conforme registrado em seu diário, que o rompimento de relações diplomáticas com a Alemanha resultaria em ataques contra o Brasil. Em 12 de janeiro de 1942, ele escreveu: “Parece-me que os americanos querem nos arrastar à guerra, sem que isso seja de utilidade, nem para nós, nem para eles”.



Getúlio Vargas e o presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt.

WORLD HISTORY ARCHIVE/ALAMY STOCK PHOTO

No começo de 1942, a opinião pública estava dividida: os imigrantes europeus e os integralistas inclinavam-se para os países do Eixo, assim como a ala militar do governo. De outro lado, parte da imprensa, inclusive sob a influência comunista, clamava pela guerra ao lado dos Aliados. O governo ditatorial e populista de Vargas hesitava em aderir aos Aliados, que contavam com os Estados Unidos (capitalista) e a URSS (socialista). As previsões feitas por Vargas em seu diário não tardaram e, ainda em 1942, submarinos alemães atacaram navios mercantes brasileiros. Com os ataques e as garantias de contrapartida dadas pelo presidente dos Estados Unidos, a neutralidade brasileira chegou ao fim.

Em 22 de agosto de 1942, Vargas declarou guerra à Alemanha e à Itália, não sem antes garantir, com a assinatura de um acordo, a contrapartida prometida pelos Estados Unidos: o financiamento da construção da Companhia Siderúrgica Nacional em troca da instalação de bases militares americanas no Nordeste e em Fernando de Noronha.

A demanda por borracha motivou uma intensa migração de nordestinos para a Amazônia, os chamados “soldados da borracha”, alterando mais uma vez a história dessas regiões. Em 28 de janeiro de 1943, Vargas e o presidente americano Franklin Delano Roosevelt participaram da Conferência de Natal, na qual firmaram os primeiros acordos que resultaram na criação, em novembro, da Força Expedicionária Brasileira (FEB). O símbolo da FEB era uma cobra fumando, pois atribuía-se a Vargas a frase “É mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra”.



Vargas fiscalizando tropas brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial.

Além da FEB, que participou das operações de guerra com cerca de 20 mil soldados contra tropas nazistas em território italiano, conquistando importantes vitórias em Monte Castelo e Monte Cassino, o Brasil inaugurou a Força Aérea Brasileira (FAB). Nasceu assim a aeronáutica de guerra, a terceira das forças armadas do Brasil.



Soldados norte-americanos que estavam alocados na base de Parnamirim em momento de recreação nas praias de Natal.

CRISE NO ESTADO NOVO

Com o fim da guerra, influenciadas pelas vitórias contra os nazistas, ao lado de países democráticos, as tropas brasileiras passaram a contestar o autoritarismo e a ditadura varguista. As pressões americanas para a redemocratização do Brasil aumentaram.

O contexto pós-Segunda Guerra Mundial não era favorável ao modelo de governo de Vargas, que já fora denunciado no Manifesto dos Mineiros (1943), no Congresso Nacional dos Escritores e em entrevista concedida pelo escritor José Américo de Almeida. Uma onda liberal varria o mundo e o Brasil.

Ao mesmo tempo que Vargas começava a distender a política interna, autorizando a formação de partidos políticos com a decretação do novo código eleitoral em fevereiro de 1945 e concedendo anistia aos presos políticos, a campanha do queremismo organizava-se a fim de defender a convocação de eleições para uma assembleia constituinte com Vargas no poder.

Comunistas liderados por Prestes, recém-liberto do cárcere pelo benefício da anistia, apoiaram Vargas na campanha do queremismo, pois viam seu governo como uma peça importante na luta contra o totalitarismo e o capitalismo nesse novo contexto.

A democratização que marcou as últimas semanas do governo Vargas não deve encobrir sua tentativa de continuar no poder, pois o novo código eleitoral ou Lei Agamenon estabelecia condições muito difíceis para o registro de partidos. Apesar disso, motivou o aparecimento de mais de uma dezena de partidos políticos, entre os quais:

- **Partido Comunista Brasileiro** (PCB), que voltou à legalidade capitaneado por Luís Carlos Prestes;
- **Partido Trabalhista Brasileiro** (PTB), criado por Vargas a partir do Ministério do Trabalho e do sistema sindical, que se constituiria no grande partido popular de apoio ao presidente e a seus herdeiros políticos;
- **Partido Social-Democrata** (PSD), que congregava setores mais nacionalistas das elites brasileiras, simpáticos ao governo varguista e à sua herança;
- **União Democrática Nacional** (UDN), congregando setores mais conservadores da oligarquia, do clero e das camadas médias urbanas, que representaria o grande partido de oposição aos governos populistas subsequentes.

O calendário eleitoral determinava, para o fim de 1945, as eleições presidenciais. Logo após a divulgação

do resultado, uma assembleia constituinte foi encarregada de elaborar uma Constituição democrática mais adequada aos novos tempos. A campanha do quererismo, vista com muita desconfiança pela oposição, poderia estar relacionada à ação militar liderada pelo general Góis Monteiro, em 29 de outubro de 1945, o que forçou a abdicação de Vargas.

Nas eleições que se seguiram, a candidatura do general Eurico Gaspar Dutra pela coligação PSD-PTB saiu vitoriosa após Getúlio ter declarado apoio nos últimos instantes, com mais de 55% dos votos contra o candidato Eduardo Gomes, antigo membro do tenentismo pela União Democrática Nacional (UDN); e Iedo Fiúza, do PCB. Terminava assim o longo domínio de Vargas na política nacional, mas não a presença de líderes populistas, todos seus herdeiros diretos.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

ERA VARGAS: ESTADO NOVO (1937-1945)

Constituição de 1937

- Outorgada e autoritária, ficou conhecida como “polaca” por tomar como base o texto constitucional polonês.
- Decretou o fechamento do Congresso Nacional e o fim das eleições.
- Retirou a autonomia dos estados, que passaram a ser governados por interventores.
- Suspendeu liberdades e garantias individuais.
- Estabeleceu a censura prévia à imprensa, ao cinema, ao rádio e ao teatro.
- Subordinou os sindicatos ao governo.
- Ampliou a intervenção do Estado na economia, com a criação do Conselho de Economia Nacional.

Medidas políticas e administrativas

- Reforma educacional.
- Início da Companhia Siderúrgica Nacional.
- Criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP).
- Crise do modelo agroexportador.
- Crise política após 1944: surgimento de partidos políticos (UDN, PSD e PTB).
- Após a vitória aliada na Segunda Guerra Mundial, aumentou o clima de contestação ao autoritarismo e à ditadura de Vargas.
- Deposição de Getúlio.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unicamp-SP – Em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas discursava à nação através do rádio:

“A disputa presidencial estava levando o país à desordem. Os comunistas infiltravam-se dia a dia nas instituições nacionais. A nação corria perigo de uma luta de classes e os partidos políticos inquietavam o nosso povo”.

a) Que argumentos Vargas usou para implantar o Estado Novo?

Para implantar o Estado Novo, Vargas usou o chamado Plano Cohen, suposto plano de golpe de Estado que ele evitaria ao tomar o poder, transformando seu governo em uma ditadura.

b) Cite duas características do Estado Novo.

Autoritarismo, censura e nacionalismo, entre outras características.

2. Enem

“Bandeira do Brasil, és hoje a única. Hasteada a esta hora em todo o território nacional, única e só, não há lugar no coração do Brasil para outras flâmulas, outras bandeiras, outros símbolos. Os brasileiros se reuniram em torno do Brasil e decretaram desta vez com determinação de não consentir que a discórdia volte novamente a dividi-lo!”.

Discurso do ministro da Justiça Francisco Campos na cerimônia da festa da bandeira, em novembro de 1937. Apud OLIVEN, G. R. *A parte e o todo: a diversidade cultural do Brasil nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

O discurso proferido em uma celebração em que as bandeiras estaduais eram queimadas diante da bandeira nacional revela o pacto nacional proposto pelo Estado Novo, que se associa à:

- a)** supressão das diferenças socioeconômicas entre as regiões do Brasil, priorizando as regiões estaduais carentes.
- b)** orientação do regime quanto ao reforço do federalismo, espelhando-se na experiência política norte-americana.
- c)** adoção de práticas políticas autoritárias, considerando a contenção dos interesses regionais dispersivos.
- d)** propagação de uma cultura política avessa aos ritos cívicos, cultivados pela cultura regional brasileira.
- e)** defesa da unidade do território nacional, ameaçado por movimentos separatistas contrários à política varguista.

Vargas, desde seus primeiros anos no comando da nação, já tinha uma tendência centralizadora. Esse é um momento símbolo dessa sua forma de governar autoritária e com pouco espaço para interesses regionais.

3. PUC-RJ

“Chegou a hora dessa / gente bronzeada / mostrar seu valor!

Eu fui à Penha / e pedi à padroeira / para me ajudar

Salve o morro do Vintém / Pindura-Saia

Eu quero ver / eu quero ver / eu quero ver

O Tio Sam tocar pandeiro / para o mundo sambar

O Tio Sam está querendo / conhecer a nossa batucada

Anda dizendo / que o molho da baiana / melhorou seu prato

Vai entrar no cuscuz / acarajé e abará

Na Casa Branca / já dançou a batucada / com Ioiô e Iaiá

Brasil esquentai / vossos pandeiros / iluminai os terreiros / que nós queremos sambar!

Há quem sambe diferente / outras terras, outras gentes / num batuque de matar

A batucada / reúne nossos valores / pastorinhas e cantores / expressões que não têm par

Brasil esquentai / vossos pandeiros / iluminai os terreiros / que nós queremos sambar!”

O samba de Assis Valente foi elaborado no contexto de aproximação de relações diplomáticas, políticas e econômicas entre o Brasil e os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Sobre as relações entre os dois países, neste contexto, não é correto afirmar:

- a)** que houve intenso intercâmbio cultural, gerando a criação, nos Estados Unidos, de um Escritório para Assuntos Interamericanos, chefiado por Nelson Rockefeller.
- b)** que, com a exportação de filmes produzidos em Hollywood, foi usual a visita de artistas e cineastas norte-americanos ao Brasil, como, por exemplo, Walt Disney.
- c)** que um dos efeitos da aproximação foi a imediata adesão ao liberalismo político, por parte do governo Vargas, a partir de 1940, decretando o fim da ditadura Estado-novista.
- d)** que o Brasil participou dos esforços de guerra, aliado aos Estados Unidos, chegando a enviar tropas para o cenário de guerra europeu.
- e)** que o governo norte-americano realizou empréstimos vultuosos para a construção de uma usina siderúrgica no Brasil.

Apesar do alinhamento (tardio) aos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial, com investimentos norte-americanos no Brasil em troca da instalação de uma base em Natal, no Rio Grande do Norte, Vargas manteve seus poderes ditatoriais, a defesa de um Estado forte e centralizador e continuou negando o liberalismo. Ao lutar contra o fascismo nessa grande guerra em defesa da democracia, o Brasil ficou em uma situação contraditória. Essa situação perdurou até Vargas ser derrubado, em 1945.

4. Mackenzie-SP

“A Segunda Guerra Mundial foi o divisor de águas nos rumos do Estado Novo: garantiu o protagonismo do projeto de modernização proposto pelo regime, ao mesmo tempo que revelou o esgotamento da sua natureza autoritária”.

Schwarcz, Lilia M. e Sterling, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Cia das Letras, 2015, p. 383.

A partir do trecho dado, analise as afirmações abaixo.

- I.** O projeto de modernização está relacionado à entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, pois garantiu empréstimos que resultaram na criação da Companhia Vale do Rio Doce e na construção de uma usina siderúrgica em Volta Redonda.
- II.** Associada à luta pela democracia, o fim da guerra revelava a contradição de combater o fascismo na Europa e manter um regime autoritário no país. Essa

contradição será fundamental para o questionamento da validade do Estado Novo.

- III. A queda do Estado Novo está ligada diretamente a uma pressão diplomática norte-americana e à ação dos ministros Dutra e Góis Monteiro, homens de confiança de Vargas, que se posicionaram pelos Aliados desde o início da guerra.

São corretas as afirmações.

- a) I, apenas.
b) I e II, apenas.
 c) I, II e III.
 d) II, apenas.
 e) II e III, apenas.

As afirmações I e II são as únicas relacionadas ao trecho dado. A I relaciona-se ao "protagonismo do projeto de modernização proposto pelo regime" e a II ao "esgotamento de sua natureza autoritária". Além disso, não é correto afirmar que Dutra e Góis Monteiro, "homens de confiança de Vargas", posicionaram-se ao lado dos Aliados desde o início da guerra: o governo Vargas adotou posicionamento neutro até 1941.

5. **UFRS-RS** – Com a instituição do Estado Novo em 1937, Getúlio Vargas inaugurou um novo regime político no Brasil, marcado pelo autoritarismo. Entre as características e mecanismos de controle da ditadura varguista, pode-se citar:

- a) a mobilização das massas em grande escala através da atuação de um partido único controlado pelo líder do governo.
 b) a opção pelo modelo de desenvolvimento econômico liberal, com a privatização dos meios de produção e a abertura do mercado ao capital internacional.
c) a difusão e veiculação de propagandas e ideais do novo regime através de programas de rádio como o Repórter Esso e a Hora do Brasil.
 d) o alinhamento contínuo e incondicional da política externa do país às diretrizes norte-americanas.
 e) o reforço das unidades federativas, que passaram a dispor de ampla autonomia político-econômica e administrativa com vistas a garantir a soberania e a integridade territorial frente a ameaças imperialistas.

A propaganda estatal é peça central de qualquer ditadura, e com Vargas não foi diferente. Não só no rádio, mas também nos meios impressos, em cartazes, passeatas e desfiles, a figura do ditador e sua ideia de Brasil eram exaltadas.

6. Enem

C1-H2

Aquarela do Brasil

"Brasil!

Meu Brasil brasileiro

Meu mulato inzoneiro

Vou cantar-te nos meus versos

O Brasil, samba que dá

Bamboleio que faz gingar

O Brasil do meu amor

Terra de Nosso Senhor

Brasil! Pra mim! Pra mim, pra mim!

Ah! Abre a cortina do passado

Tira a mãe preta do cerrado

Bota o rei congo no congado

Brasil! Pra mim!

Deixa cantar de novo o trovador

A merencória luz da lua

Toda canção do meu amor

Quero ver a sá dona caminhando

Pelos salões arrastando

O seu vestido rendado

Brasil! Pra mim, pra mim, pra mim!"

Ary Barroso. Aquarela do Brasil, 1939. (Fragmento)

Muito usual no Estado Novo de Vargas, a composição de Ary Barroso é um exemplo típico de:

- a) música de sátira. **d) propaganda eleitoral.**
b) samba-exaltação. **e) marchinha de protesto.**
 c) hino revolucionário.

O regime de Vargas foi responsável por consolidar certos elementos de uma nova identidade brasileira. O Estado Novo assim se autodenominava porque incumbiu-se da missão de refundar o Brasil e, ao fazê-lo, transformou o samba e o futebol em símbolos desse novo país. Mas não qualquer futebol e qualquer samba. No caso da música, apenas letras que exaltassem a pátria. Daí o estilo denominado samba-exaltação, cujo maior nome é Ary Barroso.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. **PUC-RJ** – Analise as afirmativas abaixo, referentes ao Estado Novo (1937-1945) no Brasil:

- I. O Estado Novo contou com forte apoio das oligarquias estaduais, da Igreja Católica e de setores da esquerda defensores de um Estado autoritário, que tomavam o stalinismo soviético como exemplo.
 II. O novo modelo de Estado, inaugurado em 1937, foi uma quebra na normalidade constitucional brasileira e se legitimou através de uma nova Constituição que tinha um explícito conteúdo autoritário.
 III. O Estado Novo foi um período marcado pelo autoritarismo, com intensa propaganda política estatal, controle de informação, proibição de organizações políticas e forte repressão policial.
 IV. O Estado Novo se caracterizou por um esfriamento das relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos e por um alinhamento progressivo com os países fascistas da Europa.

São afirmativas corretas:

- a) I, II, III e IV. **d) II e IV, apenas.**
 b) III e IV, apenas. **e) I e IV, apenas.**
 c) II e III, apenas.

8. **PUC-RS** – Sobre as políticas e medidas adotadas por Getúlio Vargas durante o Estado Novo, é correto afirmar:

- a) Nesse período, Getúlio Vargas completou a sua política trabalhista, criando o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, em 1942, e instituindo a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em 1943.
 b) O governo desenvolveu uma política de incentivo à industrialização, inibindo a importação de bens manufaturados e criando algumas empresas estatais importantes, como a Cia. Siderúrgica Nacional, a Fábrica Nacional de Motores (FNM) e a Petrobras.
 c) Vargas desenvolveu uma política autoritária de repressão aos opositores, com censura ferrenha à im-

prensa e ampla propaganda das ações do governo, através da criação do DIP, Departamento de Imprensa e Propaganda.

- d)** A política externa do governo Vargas foi marcada pelo apoio irrestrito aos EUA em troca de vantagens econômicas. Isso levou o país a enviar um contingente militar para a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) – a Força Expedicionária Brasileira (FEB) –, a fim de lutar contra o Eixo ao lado de tropas norte-americanas.
- e)** Na fase final do regime, Getúlio evitou a sua deposição, permitindo a volta das eleições e a criação de novos partidos, como a UDN, o PTB e o PSD. Dessa maneira, conseguiu manter-se politicamente atuante na democracia, elegendo-se novamente presidente em 1950.

9. UEG-GO

“Nasce daí uma questão: se é melhor ser amado que temido ou o contrário. A resposta é de que seria necessário ser uma coisa e outra; mas, como é difícil reuni-las, em tendo que faltar uma das duas é muito mais seguro ser temido do que amado.”

Maquiavel. *O príncipe*.

Na história política brasileira, houve casos de líderes que, mesmo utilizando a violência como arma política, receberam um amplo apoio das classes populares. O exemplo de líder político “amado e temido”, idealizado por Maquiavel, foi:

- a)** Getúlio Vargas, durante o Estado Novo.
- b)** Pedro II, durante a monarquia brasileira.
- c)** Jânio Quadros, durante a ditadura militar.
- d)** Juscelino Kubitschek, durante o populismo.

10. Enem

“Podeis interrogar, talvez: quais são as aspirações das massas obreiras, quais os seus interesses? E eu vos responderei: ordem e trabalho! Em primeiro lugar, a ordem, porque na desordem nada se constrói; porque num país como o nosso, onde há tanto trabalho a realizar, onde há tantas iniciativas a adotar, onde há tantas possibilidades a desenvolver, só a ordem assegura a confiança e a estabilidade. O trabalho só se pode desenvolver em ambiente de ordem.”

Discurso de Getúlio Vargas, pronunciado no Palácio da Guanabara, no Dia do Trabalho (1º de maio, 1938). In: BONAVIDES, P.; AMARAL, R. *Textos políticos da história do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2002. (Adaptado)

O discurso de Getúlio Vargas, proferido durante o Estado Novo, envolve uma estratégia política na qual se evidencia:

- a)** o estímulo à ação popular, que poderia tomar para si o poder político.
- b)** o disfarce das posições socialistas como anseios populares.
- c)** a dissimulação do nazifascismo, para sua aceitação pela elite política.
- d)** o debate sobre as políticas do Estado, objetivando o consenso entre os partidos.
- e)** a apresentação do projeto político do governo como uma demanda popular.

11. Uerj-RJ



No governo Vargas, foi criado o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia – S.E.M.T.A., uma medida direcionada para a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Com base no cartaz, as ações programadas por esse serviço tiveram como principal objetivo:

- a)** ocupação militar relacionada à redefinição das fronteiras nacionais.
- b)** proteção dos trabalhadores rurais em resposta à depressão econômica.
- c)** estímulo à migração para exploração de recursos naturais estratégicos.
- d)** demarcação de reservas florestais associada à política de defesa ambiental.

12. UFC-CE – O período do governo de Getúlio Vargas de 1937 a 1945 é conhecido na história do Brasil como “Estado Novo”, em que:

- a)** os movimentos sociais contra o nazifascismo ganharam as ruas com o apoio do governo.
- b)** os comunistas ocuparam vários cargos burocráticos e assumiram órgãos de propaganda política.
- c)** os partidos políticos foram fechados e as bandeiras estaduais queimadas como símbolo do centralismo do poder.
- d)** o sistema parlamentarista foi fortalecido pelo fechamento do Congresso Nacional e pela intervenção nos Estados.
- e)** a elite industrial brasileira tornou-se hegemônica, pondo fim, dessa forma, à política do café com leite da aristocracia rural.

13. Uespi-PI – Em 1943, foi publicada a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que passou a regulamentar, no Brasil, de forma sistematizada, as relações de trabalho entre patrões e empregados. Essa publicação ocorreu durante:

- a) o período de redemocratização do país no governo de Jânio Quadros.
- b) a presidência de Juscelino Kubitschek, constando do seu Plano de Metas.
- c) o período do chamado Estado Novo, sob a presidência de Getúlio Vargas.
- d) o período posterior à volta de Getúlio Vargas ao poder, na qualidade de presidente eleito.
- e) o governo do presidente Rodrigues Alves, durante o qual também ocorreu a denominada Revolta da Vacina.

14. Cederj-RJ – Na Era Vargas, a batalha pela democratização do Brasil ganhou muita força. Esse processo:

- a) atestou o poder dos camponeses no âmbito da redemocratização.
- b) certificou o apoio da população ao presidente Getúlio Vargas.
- c) significou o derradeiro fim dos interesses das oligarquias.
- d) expressou o irrefutável fracasso dos movimentos operários.

15. UFRN-RN – Em uma cerimônia cívica realizada no Rio de Janeiro, em dezembro de 1937, o presidente Getúlio Vargas participou da queima e da destruição das bandeiras estaduais e do hasteamento do pavilhão nacional. O cartaz abaixo foi divulgado no período e ilustra uma das diretrizes do governo Vargas, expressa também na cerimônia referida.



RODRIGUES, Joelza Ester. *História em documento: imagem e texto*. São Paulo: FTD, 2002. p. 165.

Essa cerimônia pode ser simbolicamente identificada com o desejo de Vargas de:

- a) demonstrar que o poder forte centralizado havia liquidado a força política dos coronéis em todos os estados da federação.
- b) afrontar as lideranças políticas do Congresso Nacional, por ele considerado um órgão inoperante e distanciado dos interesses vigentes nos estados da federação.
- c) distribuir a renda nacional de acordo com as necessidades da população, minimizando as disparidades entre trabalhadores e empresários dos diferentes estados brasileiros.
- d) instituir um Estado nacional unificado em torno de padrões nacionais, em oposição às unidades federadas dominadas pelos interesses das oligarquias.

16. UFPR-PR – Segundo a historiadora Regina da Luz Moreira:

“o retorno dos contingentes da FEB precipitou [...] a queda de Vargas em 1945.”

CPDOC. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/...>>.

Assinale a alternativa que justifica a declaração acima, relacionando a atuação do Brasil, por meio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial, com o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945):

- a) Ao lutar pela democracia e contra os fascismos na Europa com a FEB, o governo de Vargas perdeu apoio interno ao manter o regime autoritário.
- b) Ao lutar pela democracia e derrotar os fascismos na Europa, os pracinhas conquistaram apoio popular para derrubar a ditadura de Vargas.
- c) Ao derrubar o regime franquista na Espanha, os soldados brasileiros inspiraram a população a lutar por eleições, após 15 anos de Estado Novo.
- d) Ao derrotar os fascistas na Batalha de Monte Castelo na Itália, a FEB conquistou o apoio norte-americano para derrubar a ditadura de Vargas.
- e) Ao lutar pela libertação dos povos europeus, o governo brasileiro esgotou seus recursos financeiros no Exército, precipitando a queda de Vargas.

17. UnB-DF – Julgue o item a seguir:

Assumindo o papel de pai dos pobres e tutor da nação brasileira, Vargas tentou centralizar todas as decisões que afetavam o país, tutelando importantes iniciativas sociais e econômicas no âmbito das relações de trabalho e da industrialização.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C5-H22

“Fugindo à luta de classes, a nossa organização sindical tem sido um instrumento de harmonia e de cooperação entre o capital e o trabalho. Não se limitou a um sindicalismo puramente ‘operário’, que conduziria certamente à luta contra o ‘patrão’, como aconteceu com outros povos.”

FALCÃO, W. Cartas sindicais. In: *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio*. Rio de Janeiro, 10 (85), set. 1941. (Adaptado)

Nesse documento oficial, à época do Estado Novo (1937-1945), é apresentada uma concepção de organização sindical que:

- a) elimina os conflitos no ambiente das fábricas.
- b) limita os direitos associativos do segmento patronal.
- c) orienta a busca do consenso entre trabalhadores e patrões.
- d) proíbe o registro de estrangeiros nas entidades profissionais do país.
- e) desobriga o Estado quanto aos direitos e deveres da classe trabalhadora.

19. Enem

C5-H21

“Durante o Estado Novo, os encarregados da propaganda procuraram aperfeiçoar-se na arte da empolgação e envolvimento das ‘multidões’ através das mensagens políticas. Nesse tipo de discurso, o significado das palavras importa pouco, pois, como declarou Goebbels, ‘não falamos para dizer alguma coisa, mas para obter determinado efeito’.”

CAPELATO, M. H. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: PANDOLFI, D. (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

O controle sobre os meios de comunicação foi uma marca do Estado Novo, sendo fundamental à propaganda política, na medida em que visava:

- a) conquistar o apoio popular na legitimação do novo governo.
- b) ampliar o envolvimento das multidões nas decisões políticas.
- c) aumentar a oferta de informações públicas para a sociedade civil.
- d) estender a participação democrática dos meios de comunicação no Brasil.
- e) alargar o entendimento da população sobre as intenções do novo governo.

20. Enem

C2-H10

Estatuto da Frente Negra Brasileira (FNB)

“Art. 1ª – Fica fundada nesta cidade de São Paulo, para se irradiar por todo o Brasil, a Frente Negra Brasileira, união política e social da Gente Negra Nacional, para a afirmação dos direitos históricos da mesma, em virtude da sua atividade material e moral no passado e para reivindicação de seus direitos sociais e políticos, atuais, na Comunhão Brasileira.”

Diário Oficial do Estado de São Paulo, 4 nov. 1931.

Quando foi fechada pela ditadura do Estado Novo, em 1937, a FNB caracterizava-se como uma organização:

- a) política, engajada na luta por direitos sociais para a população negra no Brasil.
- b) beneficente, dedicada ao auxílio dos negros pobres brasileiros depois da abolição.
- c) paramilitar, voltada para o alistamento de negros na luta contra as oligarquias regionais.
- d) democrático-liberal, envolvida na Revolução Constitucionalista conduzida a partir de São Paulo.
- e) internacionalista, ligada à exaltação da identidade das populações africanas em situação de diáspora.

ERA VARGAS: RETORNO DEMOCRÁTICO (1951-1954)

24

UM DESAFIO A GETÚLIO VARGAS

Após sua deposição, Vargas precisou lidar com algo inédito para ele: a democracia. Limitada, é verdade; incompleta e defeituosa, sem dúvida, mas uma democracia. Após sua deposição, como era permitido na época, candidatou-se a cargos legislativos em vários estados do país. Ganhou em todos. Escolheu ser senador pelo Rio Grande do Sul.

De qualquer forma, o candidato a presidente apoiado por ele, Dutra, sairia vitorioso nas eleições. E, na eleição seguinte, Getúlio voltaria ao poder, dessa vez pelo voto popular. Como veremos neste módulo, lidar com a democracia não foi tão fácil para alguém que passara quinze anos governando de forma autoritária, oito desses como ditador.



O movimento quememista, ou quememismo, ficou marcado pela frase "Queremos Getúlio!". Eram grupos de pessoas que defendiam a volta de Vargas ao comando do país e desejavam votar nele para presidente.

GOVERNO EURICO GASPAR DUTRA (1946-1951)

O general Dutra foi eleito pela coligação partidária formada por PSD e PTB, vencendo o forte concorrente da UDN, o brigadeiro da Aeronáutica Eduardo Gomes. Apesar de derrotada, a UDN tinha grande influência política e conseguiu participar do governo Dutra ocupando dois ministérios: o das Relações Exteriores e o da Educação.

Interessava à UDN colaborar com o governo para reduzir a importância do prestígio de Getúlio Vargas junto à população, pois nas eleições de 1945, beneficiando-se da lei eleitoral, ele foi eleito senador e deputado por vários estados, optando por assumir pelo Rio Grande do Sul, seu estado de origem.

O Partido Comunista tornara-se legal e seus integrantes, muitos deles recém-saídos da prisão, tiveram larga votação nos centros urbanos. Luís Carlos Prestes foi eleito para o Senado junto a uma bancada de catorze deputados federais, entre eles o escritor Jorge

- Um desafio a Getúlio Vargas
- Governo Eurico Gaspar Dutra (1946-1951)
- A volta de Vargas (1951-1954)

HABILIDADES

- Analisar a ação dos Estados nacionais no que se refere à dinâmica dos fluxos populacionais e no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social.
- Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.
- Reconhecer a dinâmica da organização dos movimentos sociais e a importância da participação da coletividade na transformação da realidade histórico-geográfica.

Amado e Carlos Marighella (este viria a ser um militante dos mais combativos ao governo militar instalado no Brasil em 1964). Com cerca de 200 mil militantes, o Partido Comunista tornou-se o mais forte partido comunista da América Latina.

Em 18 de dezembro de 1946, foi promulgada a quarta Constituição da República – a quinta do Brasil –, mantendo o presidencialismo, o federalismo e os três poderes. Apresentava, ainda, as seguintes características: restabelecimento do cargo de vice-presidente, eleito de forma desvinculada do presidente; mandato de cinco anos para presidente e vice; voto universal obrigatório para maiores de 18 anos, exceto para analfabetos e praças. A Assembleia Constituinte baseou-se na Constituição de 1934, principalmente nos aspectos sociais, mas manteve certos resquícios Estado-novistas, como a relação dos sindicatos com o Estado.

NSF/ALAMY STOCK PHOTO



No centro, General Dutra em visita aos Estados Unidos durante sua presidência.

A política econômica

O presidente Dutra herdou a balança de pagamentos do país em situação favorável. O surto industrial e o aumento das exportações provocados pela guerra haviam deixado ao país uma reserva disponível de 708 milhões de dólares. Aplicando uma política financeira exageradamente liberal, o governo abriu o país às importações indiscriminadas, principalmente para artigos de luxo, além de comprar diversas empresas estrangeiras deficitárias, como as de estradas de ferro, por preços elevados. O resultado disso foi a redução repentina das reservas brasileiras de 708 milhões para 29 milhões de dólares no prazo de um ano.

Essas medidas mostraram-se prejudiciais para a balança comercial brasileira e foram abandonadas em junho de 1947 com a reintrodução dos controles cambiais, pois as reservas em dólares estavam praticamente esgotadas, o que limitava a capacidade de importação. Ao mesmo tempo, foi implantada uma política de créditos bancários a setores importantes da indústria, gerando um relativo crescimento da produção industrial.

No mesmo ano, Dutra implantou o Plano Salte, que previa o investimento estatal em áreas de infraestrutura como saúde, alimentação, transporte e energia (daí a sigla Salte), procurando promover o desenvolvimento econômico e a geração de empregos no Brasil. Contudo, seus resultados foram parcos, sobretudo levando em conta os anseios iniciais do governo em relação a esse plano de metas.



General Dutra esteve presente no Estádio do Maracanã (RJ), no jogo de abertura da Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil.

KEYSTONE-FRANCE/GAMMA/KEVSTONE VIA GETTY IMAGES

Os comunistas e a Guerra Fria

As maiores dificuldades do governo Dutra foram causadas pelos comunistas, que arregimentavam o operariado, e pelos getulistas. Os comunistas passaram a compor, cada vez mais, bancadas legislativas estaduais e municipais. Em São Paulo, por exemplo, dezoito vereadores da Câmara Municipal eram comunistas. No entanto, em 1947, o cenário nacional ficou mais tenso com a repercussão da Doutrina Truman, que dera início à Guerra Fria. Campanhas contra os comunistas passaram a ser constantes na imprensa.

O Movimento de Unificação dos Trabalhadores (MUT), criado pelos comunistas em 1945 com a finalidade de fazer política intersindical chegou a solicitar aos trabalhadores que tivessem calma e evitassem greves. Não adiantou. O governo decretou a extinção do PCB, com a alegação de que o apoio da URSS ao partido feria a soberania nacional brasileira. Em seguida, o Poder Legislativo cassou os mandatos de todos os parlamentares que haviam sido eleitos pelo PCB.

Em 1947, 143 organizações sindicais sofreram intervenção governamental, atingindo cerca de quatrocentas até 1950. Em maio de 1947, o Brasil rompeu relações com a União Soviética.

Sucessão

Logo após Dutra ter assumido a presidência, em janeiro de 1946, os adeptos de Getúlio Vargas já articulavam seu retorno ao poder. As eleições de 1945, nas quais o “Pai dos Pobres” recebeu uma votação expressiva, foram um grande estímulo para seu possível retorno. Em 1949, Getúlio começou a aparecer com mais vigor, evidenciando uma postura democrática. O trabalhismo, o nacionalismo econômico e o até então rival Ademar de Barros (à época, governador de São Paulo pelo PSP) proporcionaram a Getúlio Vargas a vitória nas eleições de 3 de outubro de 1950, com 48,7% dos votos. O brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN, ficou com 29,8% e, em terceiro lugar, ficou o candidato do PSD, Cristiano Machado, com 21,5% dos votos.

A VOLTA DE VARGAS (1951-1954)

A política econômica

Pela primeira vez Getúlio Vargas alcançava a presidência pelo voto popular direto. E o país não era o mesmo que ele havia governado anteriormente: a sociedade estava mais complexa e diferenciada, os industriais se fortaleceram, as classes médias urbanas cresceram e os trabalhadores se multiplicaram. Outro aspecto novo era a grande presença do capital externo na economia brasileira.

Nesse contexto, desenvolveram-se duas correntes de pensamento econômico: uma delas defendia a participação do capital externo, principalmente estadunidense, para possibilitar o desenvolvimento; a outra era a favor de um desenvolvimento baseado no capitalismo nacional e não aceitava a presença do imperialismo.

A primeira era defendida pela UDN e por políticos e industriais liberais, os quais passaram a ser chamados de “entreguistas”; a segunda corrente era apoiada pelos estudantes, pela classe média, pelos trabalhadores e pelos comunistas. Getúlio manteve-se fiel ao seu pensamento nacionalista-populista, mas sabia que não podia menosprezar a forte presença do capital estadunidense e a poderosa influência política dos Estados Unidos. Entretanto, defendia que esses capitais deveriam ser disciplinados e o Estado teria uma parcela importante no desenvolvimento do país.

Em 1951, a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos para o Desenvolvimento Econômico buscava eliminar os obstáculos ao fluxo de investimentos públicos e particulares, estrangeiros e nacionais, necessários para promover o desenvolvimento econômico. Vargas permitia o capital estrangeiro no país, em associação com os capitais nacionais, mas não admitia a desnacionalização da economia. O governo, com base em empréstimos do Eximbank e do Bird, iniciou um programa de investimentos em infraestrutura, como energia, transporte, indústria de base, siderurgia e petroquímica.

Em 1952, Vargas criou o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), destinado a anular ou reduzir deficiências infraestruturais que impediam o desenvolvimento regular da economia brasileira. Outra

importante medida foi o confisco cambial, por meio do qual Vargas possibilitou a redistribuição de renda nacional em favor do governo e do setor industrial.

O nacionalismo crescia na sociedade brasileira e sua expressão máxima foi a campanha “O petróleo é nosso”. As discussões sobre o petróleo no Brasil vinham desde o governo Dutra, quando algumas empresas petrolíferas estrangeiras passaram a se interessar pela pesquisa de solo. No Clube Militar, enquanto alguns oficiais apoiavam a entrada do capital estrangeiro, outros passaram a defender publicamente o controle da exploração do petróleo pelo governo brasileiro e cunharam a frase que se tornaria o lema da campanha. Em 1948, a União Nacional dos Estudantes (UNE) promoveu várias manifestações em defesa do monopólio do petróleo.



A Petrobras foi fundada em 3 de outubro de 1953. Na foto, Getúlio Vargas mostra as mãos sujas de petróleo, o que se tornou um símbolo da campanha “O petróleo é nosso”.

A campanha ganhou novo ímpeto com a eleição de Getúlio Vargas e com as divergências entre os nacionalistas e entreguistas. Em dezembro de 1951, Vargas enviou ao Congresso a mensagem nº 469, com o projeto que criava a Petrobras. Esse projeto não falava em monopólio estatal, como defendia Getúlio. A oposição, liderada pela UDN, tinha maioria no Congresso e, para que a criação da Petrobras não fosse descartada assim que chegasse ao Legislativo, ele enviou um projeto que abria a possibilidade de investimento estrangeiro. Com isso, Getúlio esperava agradar a todos. Não agradou. Os nacionalistas qualificaram o projeto de “entreguista”. Em 1952, o deputado Eusébio Rocha, do PTB, apresentou um substitutivo que apresentava a Petrobras como uma empresa de capital misto e propunha um rígido monopólio estatal sobre a prospecção e a produção. As refinarias privadas estrangeiras que já atuavam no Brasil seriam mantidas. E foi assim que, em 3 de outubro de 1953, Getúlio Vargas criou a Petrobras baseada na Lei nº 2.004.

Após a criação da Petrobras, a situação começou a ficar cada vez mais complicada para Getúlio. De um lado, os trabalhadores, descontentes com a inflação que acometia a sociedade, e, de outro, os Estados Unidos e seus apoiadores brasileiros, como liberais e alguns setores do Exército, raivosos com a política nacionalista imprimida por Getúlio. Os trabalhadores passaram a realizar suces-

sivas greves, o que levou o governo a promulgar uma lei sobre os crimes contra o Estado e a ordem política e social, pela qual seriam considerados “delinquentes” aqueles que “convocam ou realizam comício ou reunião pública a céu aberto, em lugar não autorizado pela polícia.”

Os Estados Unidos usavam de artifícios para adiar o cumprimento das promessas de apoiar o desenvolvimento industrial e, em novembro, um mês depois da criação da Petrobras, o governo estadunidense avisou que, dos 250 milhões de dólares prometidos pelo então presidente Truman, somente seriam entregues 100 milhões. Era, na verdade, uma resposta não somente à criação da Petrobras, mas a outras ações do governo brasileiro, como a reforma cambial e a lei de remessa de lucros, que limitava as divisas que as empresas estrangeiras podiam enviar para suas matrizes.

O então ministro do Trabalho, João Goulart, em resposta às exigências dos sindicatos, propôs um aumento de 100% do salário mínimo e a extensão dos direitos dos trabalhadores urbanos aos rurais. Os projetos causaram um rebuliço político e Vargas foi pressionado a demiti-lo. Getúlio demite João Goulart, mas não nomeia ninguém. Assim, o cargo foi assumido por um suplente e Jango continuou tendo livre entrada no ministério. No dia 1º de maio (Dia do Trabalho) de 1954, Getúlio confirmou os dois projetos (o aumento de 100% do salário mínimo e a extensão dos direitos aos trabalhadores rurais) e a oposição explodiu. A UDN e os conservadores passaram a pensar em destituir Getúlio, nem que fosse pelo golpe.

O atentado da Rua Tonelero e o suicídio de Getúlio Vargas

À zero hora e trinta minutos de 5 de agosto de 1954, Carlos Lacerda sofreu um atentado na porta de sua casa. Nesse evento, morreu o major Vaz.



Carlos Lacerda conversa com o bispo D. José Távora após sofrer o atentado.

ARQUIVO O JORNAL/JCOM/DA PRESS

A responsabilidade do inquérito a respeito do atentado passou das mãos da polícia para a Aeronáutica, em uma demonstração da oposição desse setor das forças armadas em relação ao governo Vargas, sobretudo por conta da morte do major Vaz. A força político-judicial temporária da Aeronáutica ficou conhecida como República do Galeão.

No dia 8, a trama começou a ser esclarecida com a prisão do motorista do táxi usado na emboscada. No dia 17, graças às informações prestadas por ele, foi preso, no Rio de Janeiro, Climério Eurides de Almeida, o autor dos disparos.

Climério pertencia à guarda presidencial e a investigação chegou ao chefe da guarda, Gregório Fortunato, acusado de ter sido o mandante do atentado. A Aeronáutica, a oposição, principalmente a UDN, e a imprensa fizeram grande alarde, com acusações irresponsáveis com o intuito de atemorizar a população.

Em 21 de agosto de 1954, o vice-presidente Café Filho, que era um alvo especial para a tentativa da UDN de fomentar uma cisão dentro do governo, sugeriu a Getúlio que ambos resinassem o mandato presidencial. Getúlio recusou-se, dizendo a Café Filho que não abandonaria o Palácio antes do término de seu mandato, exceto se estivesse morto. Em 23 de agosto, Café Filho rompeu publicamente com o presidente e, no mesmo dia, 27 generais do Exército fizeram um manifesto à nação exigindo a renúncia de Getúlio. Em 24 de agosto, Vargas suicidou-se com um tiro no peito, afirmando em sua carta-testamento ser vítima de uma campanha difamatória.

Surpreendendo a oposição, a reação do povo de sofrimento e simpatia por Vargas tomou conta do país.



Visão aérea do cortejo fúnebre de Vargas no Rio de Janeiro.

ACERVO ICONOGRAPHIA

LEITURA COMPLEMENTAR

Carta-testamento de Getúlio Vargas

Mais uma vez, a forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim. Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam; e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes.

Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras e, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobras foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre.

Não querem que o povo seja independente. Assumi o governo dentro da espiral inflacionária que destruiu os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Nas declarações de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia, a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo, que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar, a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida.

Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão.

E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate. Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.

Rio de Janeiro, 23 ago. 1954.

CPDOC. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Carta-testamento de Getúlio Vargas. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV2&pasta=GV%20c%201932.07.10/7>>. Acesso em: 15 dez. 2018

ROTEIRO DE AULA

ERA VARGAS: RETORNO DEMOCRÁTICO (1951-1954)

Governo Eurico Gaspar Dutra (1946-1951)

Política:

Nova Constituição.

Economia:

Plano Salte.

Retorno democrático de Getúlio Vargas (1951-1954)

Nacionalismo econômico:

Criação da Petrobras e do BNDE.

Oposição:

Forte oposição da imprensa e atentado da Rua Tonelero levam o presidente ao suicídio.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unesp-SP – Leia o trecho de uma marchinha do carnaval de 1951:

“Bota o retrato do Velho outra vez, bota no mesmo lugar. O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar.”

Haroldo Lobo e Marino Pinto, 1951.

Cantada por Francisco Alves, essa música se tornou um recurso de propaganda política do período. Responda:

a) A letra da música faz referência a qual personagem da história do Brasil?

A letra da música faz referência a Getúlio Vargas em seu governo democrático (1951-1954).

b) Comente o significado desse personagem na história republicana brasileira.

Vargas foi importante por romper com a república oligárquica, tendo sido o maior representante do trabalhismo e do populismo brasileiros. Além disso, promoveu uma industrialização sem precedentes e criou a Petrobras e o BNDE (atual BNDES).

2. PUC-RJ

“[...] Preciso de vós, trabalhadores do Brasil, meus amigos, meus companheiros de uma longa jornada [...]. Preciso de vossa união; preciso que vos organizeis solidamente em sindicatos, preciso que formeis um bloco forte e coeso ao lado do governo [...]. Preciso de vossa união para lutar contra os sabotadores, para que eu não fique prisioneiro dos interesses dos especuladores e dos gananciosos, em prejuízo dos interesses do povo.”

Getúlio Vargas, no Estádio Vasco da Gama, em 1º de maio de 1951.

Considere o segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954) e, com base no trecho acima, examine as afirmativas:

- I. Vargas dirige-se aos “trabalhadores do Brasil”, urbanos e rurais, beneficiários da legislação trabalhista implantada durante o seu primeiro governo.
- II. O tom de apelo para que os trabalhadores se unissem “ao lado do governo” evidencia a busca pelo apoio popular frente à oposição de setores militares e do empresariado brasileiro ligado ao capital internacional.

III. Sobre a união dos trabalhadores para “lutar contra os sabotadores”, Vargas está fazendo alusão aos comunistas, que pretendiam assumir o poder no Brasil naquela época.

IV. Ainda que se apresente como garantidor dos “interesses do povo”, defendendo a ampliação da legislação trabalhista, Vargas enfrenta reivindicações dos trabalhadores, então atingidos pela alta do custo de vida.

Assinale a alternativa correta:

- a) Somente as afirmativas I e III estão corretas.
- b) Somente as afirmativas I, II e III estão corretas.
- c) Somente as afirmativas II e IV estão corretas.**
- d) Somente as afirmativas I, III e IV estão corretas.
- e) Todas as afirmativas estão corretas.

A primeira afirmativa não está correta porque a Consolidação das Leis do Trabalho afetava principalmente os trabalhadores urbanos. A terceira é incorreta porque os grupos comunistas brasileiros não possuíam a intenção de tomar o poder e atuavam na ilegalidade.

3. Unesp-SP

“Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras; mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobras foi obstaculizada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente [...]. Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.”

Getúlio Vargas. Carta-testamento, 1954.

a) Por que Getúlio Vargas associa “liberdade nacional” à criação da Petrobras?

Para Getúlio Vargas, a produção de petróleo feita por uma empresa nacional era indispensável ao desenvolvimento industrial e econômico do país e poderia representar a independência econômica brasileira.

b) Identifique no texto elementos que caracterizam o populismo de Getúlio Vargas.

A defesa do trabalhismo, o controle das massas e o nacionalismo.

4. UnB-DF (adaptado)

“É tremenda injustiça comparar Khrushchev a Hitler. A arrogância, a truculência, a insensibilidade brutal do ditador soviético são inéditas na história do mundo. Nunca se viu, desde os tempos de Gengis Khan, tamanho desprezo pelos valores da civilização ou maior falta de escrúpulos. Estarrecido, o mundo, ao mesmo tempo em que se intei-

rava da consumação das ameaças de Khrushchev de fazer explodir a superbomba de 50 megatons, lia a resposta dele ao apelo dos deputados trabalhistas ingleses para que desistisse da explosão. Em lugar de responder como faria um homem civilizado e dotado de qualquer vestígio de decência ou de sentimento de humanidade, Khrushchev replicou, com todo o seu furor vesânico, para ameaçar a Inglaterra de destruição total, assegurando que ela seria riscada do mapa.”

O trecho acima, extraído e adaptado do jornal *O Globo*, é parte do editorial “Ditador fanático quer subjugar o mundo pelo terror”, publicado na primeira página da edição de 1º de novembro de 1961. Considerando a retórica do editorial, o ano em que foi publicado e o contexto histórico em que se inscreve, além de aspectos marcantes da história do século XX, julgue certo ou errado:

No governo de Gaspar Dutra, o Brasil tomou partido na disputa ideológica que convulsionava o mundo: rompeu relações diplomáticas com a URSS e tornou ilegal o Partido Comunista no país.

Certo. O governo Dutra foi marcado pela proibição do comunismo no país e pelo alinhamento definitivo com os Estados Unidos.

5. PUC-RJ – Eleito em 1945, após o fim do Estado Novo, o presidente Eurico Gaspar Dutra governou o país durante os primeiros anos da Guerra Fria. Sobre o seu governo, é incorreto afirmar que:

- a) a aliança política entre o Partido Social-Democrático (PSD), a União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Republicano (PR) garantiu maioria folgada para a aprovação das principais matérias no Parlamento.
- b) alinou-se aos Estados Unidos, rompeu relações diplomáticas com a União Soviética e cassou o registro do Partido Comunista Brasileiro (PCB).
- c) pautou-se por uma postura repressiva: proibiu greves, decretou intervenção em sindicatos e fechou a Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil.
- d) pôs fim à época de ouro dos cassinos no país ao proibir os jogos de azar em nome da moral e dos bons costumes, com o apoio dos principais jornais do Distrito Federal.
- e) a nova Constituição, promulgada em 1946, favoreceu o poder arbitrário do Executivo e restringiu as atribuições do Congresso.

A Constituição feita após a deposição de Vargas procurou se afastar das características mais marcantes de uma ditadura, portanto, não caberia nela um poder arbitrário ou qualquer restrição ao Congresso.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Cesgranrio-RJ – Na década de 1950, durante o segundo governo de Getúlio Vargas (1951-1954), setores da sociedade brasileira se mobilizaram numa campanha:

- a) por uma política externa independente, que fez com que o presidente criasse, sem a ajuda de capitais estrangeiros, a Companhia Siderúrgica Nacional.
- b) pela nacionalização da pesquisa, exploração e refino do petróleo, que culminou com a criação da Petrobras, símbolo do nacionalismo econômico.
- c) que exigia reformas de base, forçando o Congresso a votar leis que permitissem a reforma agrária e a nacionalização das empresas estrangeiras.

6. UFPEL-RS

C3-H11

“[...] Depois de decênios de domínios e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. [...] A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade individual na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobras foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente. Assumi o governo dentro da espiral inflacionária que destruiu os valores do trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. [...] Lutei contra a exploração do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. [...] Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.”

Carta-testamento de Getúlio Vargas, 24 ago. 1954.

O documento expressa uma política de:

- a) liberalismo econômico e nacionalismo, características do período em que governou provisoriamente.
- b) estatização, restrição ao capital externo e financeiro, que corresponde ao período no qual foi eleito diretamente pelo povo.
- c) abertura ao capital externo, criação de empresas estatais, como a Eletrobras e a Petrobras, representando o período do Estado Novo.
- d) protecionismo estatal e populismo, sintetizando a ditadura legalizada pela Constituição “polaca”, momento político no qual a Carta foi redigida.
- e) assistência aos trabalhadores e liberalismo, que ensejava o “Estado mínimo” durante o seu Governo Constitucional.

Essa carta, apresentada na íntegra neste módulo, é um dos grandes documentos históricos brasileiros. Ela está marcada por tudo o que havia de mais presente na vida política de Getúlio naquele período desde sua eleição até seu suicídio: a fundação de estatais importantes, o nacionalismo e a restrição ao capital estrangeiro.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

- d) pela entrada sem restrições do capital estrangeiro no país, que culminou com a formulação, por setores governamentais, do Plano de Metas.
- e) pela modernização tecnológica do país, que resultou no investimento estatal em novas fontes de energia e na criação de usinas nucleares.

8. UFMG-MG – O segundo governo Vargas (1951-1954) caracterizou-se por forte orientação nacionalista. Entre as iniciativas que marcaram esse período, destaca-se a criação da Petróleo Brasileiro S.A., a Petrobras, mediante a Lei nº 2.004, aprovada pelo Congresso em 3 de outubro de 1953. É correto afirmar que essa lei:

- a) deu origem à campanha “O petróleo é nosso”, o que reforçou o sentimento nacionalista entre os brasileiros e fez crescer o apoio a Vargas.
- b) foi o estopim da crise política que levou ao suicídio de Vargas, pois a lei deixou a distribuição do petróleo nas mãos de empresas estrangeiras.
- c) motivou a crítica, por parte do escritor paulista Monteiro Lobato, à criação da empresa estatal de petróleo.
- d) teve como eixo a imposição do monopólio estatal sobre a produção de petróleo, considerado condição necessária para a soberania nacional.

9. Mackenzie-SP – Durante o governo de Getúlio Vargas (1951-1954), a política econômica era marcadamente nacionalista. A adoção de uma política voltada para os interesses da nação determinou:

- a) o choque com os interesses imperialistas, principalmente o norte-americano, já que os países capitalistas, durante a Guerra Fria, se agrupavam sob a direção e de acordo com os interesses dos Estados Unidos.
- b) o estreitamento das relações entre Vargas e os EUA. Mas o presidente norte-americano, Eisenhower, viu-se impossibilitado de não conceder os empréstimos prometidos para não perder um aliado na América.
- c) a falência dos projetos ligados à criação de empresas estatais, que monopolizariam setores importantes da nossa economia, dada a falta de capital estrangeiro.
- d) o afastamento, do governo, do movimento trabalhista, que criava obstáculos para a implantação do programa econômico.
- e) a retomada de uma campanha liderada pelo próprio presidente, que denunciava a remessa de lucros para o exterior por parte das empresas nacionais.

10. UFRS-RS – Leia o trecho abaixo:

“Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo condenaram-me novamente e se desencadeiam sobre mim. [...] Sigo o destino que me é imposto. Depois de décadas do domínio e espoliação dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei dos lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. [...] Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco.”

DEL PRIORE, Mary. *Documentos de história do Brasil*: de Cabral aos anos 90. São Paulo: Scipione, 1997. p. 98-99.

Pode-se afirmar que o trecho acima faz parte da:

- a) proposta de reformas de base do presidente João Goulart, de 1964.
- b) carta de renúncia do presidente Fernando Collor de Mello, de 1992.
- c) carta-testamento do presidente Getúlio Vargas, de 1954.
- d) declaração ao povo brasileiro feita pelo governador Leonel Brizola, de 1962.
- e) carta de abdicação de Dom Pedro I, de 1831.

11. PUC-RJ (adaptado)

A partir dos conhecimentos que você possui a respeito da política republicana entre 1945 e 1964, em especial durante o segundo governo Vargas (1951-1954), é correto afirmar que:

- I. A oposição da UDN contra Vargas acentuou-se, de forma dramática, após o atentado da Rua Tonelero, do qual teria saído ferido o jornalista e deputado Carlos Lacerda, principal porta-voz das denúncias contra o “mar de lama” que assolava o Palácio do Catete.
- II. Os militares constituíram-se, ao longo do período compreendido entre 1945 e 1964, em árbitros da vida política brasileira, tanto que o posicionamento adotado por vários de seus expoentes possivelmente contribuiu para que Vargas optasse pelo suicídio em 1954.
- III. Em relação ao período final do governo varguista, é possível afirmar que havia um dilema perpassando a vida política brasileira, numa tensão latente entre soluções golpistas e legalistas.

Assinale:

- a) Se somente a afirmativa II está correta.
- b) Se somente a afirmativa III está correta.
- c) Se somente as afirmativas I e II estão corretas.
- d) Se somente as afirmativas I e III estão corretas.
- e) Se todas as afirmativas estão corretas.

12. UFSM-RS



DOMINGUES, Joelza E.; FIUSA, Layla P. L. *História: o Brasil em foco*. São Paulo: FTD, p. 281.

No período que antecedeu o suicídio de Vargas, o jornal *Tribuna da Imprensa*, ostensivamente anti-getulista, apresentava manchetes que refletiam o(a):

- crise do modelo agrário-exportador e o início de uma campanha pró-desenvolvimento industrial no país, com base exclusiva no capital nacional.
- pressão da oposição conservadora para pôr fim ao nacionalismo econômico em prol de uma política mais adequada aos interesses do capital oligopolista.
- descontentamento popular com a política nacionalista de Vargas.
- fim do pacto populista no Brasil, resultando na eleição de Juscelino Kubitschek pelas forças contrárias a Vargas.
- fim do acordo de Vargas com a União Democrática Nacional (UDN) e a sua aproximação com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

13. UEMG-MG

“Os liberais-conservadores não se conformavam com Vargas na presidência da república. Por duas vezes derrotada com seu candidato, em 1945 e 1950, a União Democrática Nacional escolheu a estratégia de desqualificar Vargas. A opção pelo golpe vai sendo amadurecida pelos grupos conservadores, tendo a UDN à frente, até tornar-se uma decisão irreversível a partir de 1953.”

FERREIRA, Jorge. Crises da república: 1954, 1955 e 1961. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N. (Org.). *O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 306-307. (Coleção O Brasil Republicano, v. 3).

Nesse contexto, ocorreram fatos que foram decisivos para o recuo dos defensores do golpe de Estado e a sobrevivência da democracia, dentre os quais destacam-se:

- a vitória de Carlos Lacerda e a instauração de uma ditadura.
- a eleição de Cristiano Machado e o fim do parlamentarismo.
- o suicídio de Getúlio Vargas e o golpe preventivo do general Lott.
- o *impeachment* de Juscelino Kubitschek e a posse do deputado Carlos Luz.

14. PUC-RS

– No combate à inflação, o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) buscou direcionar os gastos públicos em investimentos nos setores considerados prioritários. Nasceu, então, o Plano Salte, destinado a investir em saúde, alimentação, transporte e energia. Mas o desenvolvimento brasileiro, especialmente da indústria, ficou abaixo das aspirações dos industriais brasileiros. Isso ocorreu em razão:

- de políticas econômicas que regulavam os preços dos produtos essenciais para proteger a indústria nacional.
- das facilidades à exportação de bens duráveis, promovidas pelas políticas econômicas do governo.
- da abertura do mercado brasileiro à importação de bens supérfluos.
- de políticas econômicas voltadas para a seleção das importações, priorizando os bens duráveis.

- da captação de recursos a partir da construção das indústrias de base e da política econômica nacionalista do governo.

15. Fuvest-SP – Em 1947, o Partido Comunista foi colocado na ilegalidade no Brasil. Esta decisão se explica basicamente:

- pela bipartição do mundo em blocos antagônicos, consequência da Guerra Fria.
- pela linha insurrecional dos comunistas que pretendiam iniciar uma revolução a curto prazo.
- por ser o Partido Comunista frágil e destituído de expressão social.
- por ser um acordo partidário firmado pela UDN, o PSD e o PTB.
- pelo desejo de acalmar as forças armadas que ameaçavam interromper o jogo democrático.

16. UFMG-MG – Observe a figura:



TEIXEIRA, Francisco M. P. *Brasil: história e sociedade*. São Paulo: Ática, 2000. p. 274.

Essa figura está relacionada:

- à campanha eleitoral de 1950, quando Getúlio se apresentou como um candidato democrático apoiado pela massa de trabalhadores.
- à propaganda da Aliança Liberal, que defendia a coligação dos tenentes com a oligarquia gaúcha, tendo Getúlio Vargas como seu líder.
- ao culto do regionalismo político, que os órgãos de propaganda do Estado Novo alimentaram usando a origem gaúcha de Getúlio Vargas.

d) ao movimento conhecido como queremismo, que, ao final do Estado Novo, uniu comunistas e trabalhistas na luta pela Constituinte com Getúlio.

17. FGV-SP – A gestão do presidente Eurico Gaspar Dutra foi marcada pela adoção de medidas que visavam à modernização das instituições político-administrativas. Entre essas mudanças, pode ser destacada:

a) a aprovação de uma nova Constituição, que, embora seguisse princípios liberais e democráticos, mantinha a proibição ao direito de voto das mulheres.

b) a aproximação com a União Soviética, em função do enorme prestígio dos parlamentares ligados ao PCB.

c) a extinção do corporativismo, com a regulamentação de centrais sindicais livres da tutela do Estado.

d) a implantação de um plano de metas (Plano Salte) que visava atender às necessidades da industrialização e do abastecimento doméstico.

e) a recusa de participação na Organização dos Estados Americanos (OEA), por considerá-la um instrumento de consolidação da hegemonia norte-americana na América Latina.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C2-H9

Zuenir Ventura, em seu livro *Minhas memórias dos outros* (São Paulo: Planeta do Brasil, 2005), referindo-se ao fim da “Era Vargas” e ao suicídio do presidente em 1954, comenta:

“Quase como castigo do destino, dois anos depois eu iria trabalhar no jornal de Carlos Lacerda, o inimigo mortal de Vargas (e nunca esse adjetivo foi tão próprio). Diante daquele contexto histórico, muitos estudiosos acreditam que, com o suicídio, Getúlio Vargas atingiu não apenas a si mesmo, mas o coração de seus aliados e a mente de seus inimigos.”

A afirmação que aparece “entre parênteses” no comentário e uma consequência política que atingiu os inimigos de Vargas aparecem, respectivamente, em:

a) A conspiração envolvendo o jornalista Carlos Lacerda é um dos elementos do desfecho trágico e o recuo da ação de políticos conservadores devido ao impacto da reação popular.

b) A tentativa de assassinato sofrida pelo jornalista Carlos Lacerda por apoiar os assessores do presidente que discordavam de suas ideias e o avanço dos conservadores foram intensificados pela ação dos militares.

c) O presidente sentiu-se impotente para atender a seus inimigos, como Carlos Lacerda, que o pressionavam contra a ditadura e os aliados do presidente teriam que aguardar mais uma década para concretizar a democracia progressista.

d) O jornalista Carlos Lacerda foi responsável direto pela morte do presidente e este fato veio impedir definitivamente a ação de grupos conservadores.

e) o presidente cometeu o suicídio para garantir uma definitiva e dramática vitória contra seus acusadores e oferecendo a própria vida Vargas facilitou as estratégias de regimes autoritários no país.

19. Enem

C5-H21

A chegada da televisão

“A caixa de pandora tecnológica penetra nos lares e libera suas cabeças falantes, astros, novelas, noticiários e as fabulosas, irresistíveis garotas-propaganda, versões modernizadas do tradicional homem-sanduíche.”

SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da *belle époque* à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

A TV, a partir da década de 1950, entrou nos lares brasileiros provocando mudanças consideráveis nos hábitos da população. Certos episódios da história brasileira revelaram que a TV, especialmente como espaço de ação da imprensa, tornou-se também veículo de utilidade pública, a favor da democracia, na medida em que:

a) amplificou os discursos nacionalistas e autoritários durante o governo Vargas.

b) revelou para o país casos de corrupção na esfera política de vários governos.

c) maquiou indicadores sociais negativos durante as décadas de 1970 e 1980.

d) apoiou, no governo Castelo Branco, as iniciativas de fechamento do Parlamento.

e) corroborou a construção de obras faraônicas durante os governos militares.

20. UFRR

C2-H10

“[...] Todos ainda se lembram dos discursos megalomaniacos de Carlos Prestes [...] nos quais [...] previa que as hostes da UDN se desagregariam, [...]. Quanto ao PSD, era uma colcha de retalhos costurados uns aos outros pelo fio precário da ditadura, e se dissolveria a uma simples ordem do ‘chefe’ nacional. Vê agora, o pobre ex-cavaleiro, [...] que nada saiu como previra, [...] Em lugar dos grupos burgueses se desintegrarem, foi Prestes quem se isolou, quem ficou sozinho com Getúlio, e agora é obrigado a seguir, direitinho, a reboque, seja de Eduardo Gomes, seja de Dutra; ou levantar um Dr. Jacarandá qualquer para ‘seu’ candidato. A saída forçada de Getúlio obriga os grupos a se consolidarem definindo-se melhor e, finalmente, a disputarem as eleições como adversários. [...] Pode-se dizer que a verdadeira campanha de ‘sucessão presidencial’ só iniciou-se a partir de 30 de outubro.”

Jornal *Vanguarda Socialista*, 16 nov. 1945, citado em: CARONE, Edgard. *Movimento operário no Brasil (1945-1964)*. São Paulo: Difel, 1998. p. 258-259. v. 2.

A conjuntura política brasileira do segundo semestre de 1945 é analisada neste artigo a partir de uma ótica crítica à ação desenvolvida pelo Partido Comunista do Brasil (PCB) e seu líder Luís Carlos Prestes. Abriam-se, na época, novos horizontes para o país com a derrubada da ditadura getulista e de eleições constituintes e presidenciais. Nestas, saiu vitorioso:

- a) o grupo de oposição à ditadura getulista representado pela UDN, que apresentou como candidato o antigo “tenente” Eduardo Gomes, à frente de um projeto liberal-conservador.
- b) o candidato do PCB, Eurico Gaspar Dutra, apoiado por setores do getulismo voltados a levar adiante as conquistas da legislação trabalhista.
- c) o PSD, que acabou por apresentar a candidatura de Getúlio Vargas, seu fundador, o qual derrubado

pouco antes do poder, acabou a ele voltando pelo voto popular.

- d) o ex-ministro da Guerra do governo Vargas, Eurico Dutra, com uma política conservadora que incluiu a perseguição aos comunistas e a movimentos populares.
- e) o projeto, articulado por Vargas, de manter o controle do poder a partir do presidente eleito, Eurico Dutra, apoiado pelos getulistas do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

REPÚBLICA POPULISTA

25

POPULISMO

No contexto da Guerra Fria, vários países da América Latina adotaram sistemas populistas de governo, situação política que comporta múltiplos aspectos, por vezes contraditórios, com variações de acordo com características regionais.

O populismo é o regime em que o povo e suas necessidades imediatas servem de força política contra grupos que tradicionalmente ocupam o poder, em geral oligarquias rurais e/ou burguesas mais conservadoras, com forte componente personalista.

Geralmente, o líder político apresenta-se como “pai” da população, um “salvador da pátria”, em clara alusão ao antigo caudilhismo, comum na América Latina. O populismo opera um retrocesso no funcionamento da democracia, conforme esvazia o papel político das instituições e dos movimentos sociais ou se utilize deles, manobrando-os a seu favor. Amparado diretamente pela população, o líder passa por cima dos outros poderes. Concilia industrialização, urbanização e trabalhismo, ou seja, direciona a política para as demandas da classe trabalhadora. No Brasil, o populismo esteve representado por Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek; na Argentina, por Juan Domingo Perón; e, no México, por Lázaro Cárdenas.



O Brasil passa a ser visto e a comemorar. No período das presidências populistas, o Brasil ganhou suas primeiras duas Copas do Mundo de futebol, viu Maria Esther Bueno tornar-se uma das melhores e mais vitoriosas tenistas da época e a Bossa Nova chegava às rádios de todo o mundo.

A prática populista sempre buscou apoio nos setores urbanos, mas também no proletariado, nos meios militares e nas camadas mais pobres da população. Para ter legitimidade, muitas vezes procurava dar voz à população, embora com o uso da censura e a exploração da propaganda, métodos muito eficazes na manipulação das massas. Os meios de comunicação progrediam. O rádio, campeão de audiência, foi amplamente explorado por esses governos, que estimulavam o espírito patriótico da população, o que contribuía para criar um sentimento de identidade, união e patriotismo. Assim, cultivava-se o nacionalismo.

- Populismo
- De Getúlio a Juscelino: Café Filho, Carlos Luz e Nereu Ramos
- Governo Juscelino Kubitschek (1956-1961)
- Governo Jânio Quadros (1961)
- Crise no populismo
- Governo João Goulart (1961-1964)

HABILIDADES

- Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.
- Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

De certa forma, a identificação do comunismo com regimes populistas fez estreitar as relações entre os exércitos nacionais latino-americanos e o norte-americano. Isso significou, em primeiro lugar, intensificar a formação dos militares nos países latinos para reprimir os movimentos comunistas. Em 1946, no Panamá, foi criada a Escola das Américas, origem da ideologia de segurança nacional, ou seja, de combate ao comunismo em todos os níveis possíveis, com uso de exército, propaganda e ideologia capitalista. Daí em diante, os países latinos passaram a empregar, no mundo da política, técnicas e procedimentos burocráticos militares, ignorando a participação de grupos sociais nas decisões nacionais.

Na América Latina, a partir da década de 1960, formaram-se Estados militares que adotaram medidas como extinção dos partidos políticos, intervenção ou proibição das práticas sindicalistas, implantação da censura, controle dos meios de comunicação, fim das eleições diretas e alinhamento automático à política norte-americana de combate ao comunismo.

DE GETÚLIO A JUSCELINO: CAFÉ FILHO, CARLOS LUZ E NEREU RAMOS

Após a morte de Getúlio Vargas, o governo passou ao vice-presidente Café Filho, que deveria completar o mandato presidencial.

Nas eleições presidenciais de outubro de 1955, três candidatos concorreram, sendo eleito o governador mineiro Juscelino Kubitschek de Oliveira pela coligação PSD/PTB, que tinha como vice-presidente João Goulart, ex-ministro do Trabalho.

Em 8 de novembro do mesmo ano, o presidente Café Filho licenciou-se por motivo de saúde e foi substituído pelo presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz, que fora contrário à candidatura de Juscelino Kubitschek.

No período, o ministro da Guerra, general Teixeira Lott, proibia os militares de ativar-se sobre a atualidade política. No entanto, o coronel Bizarria Mamede discursou manifestando-se contrário à posse dos eleitos. Como estava submetido diretamente à presidência da república, o ministro da Guerra solicitou a punição de Mamede ao presidente.

Por não ter sido atendido em sua solicitação, Lott pensou em renunciar, mas foi convencido a permanecer no cargo, pois uma possível conspiração para impedir a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart, herdeiros diretos do getulismo, era prevista. O general Lott, em 11 de novembro, desfechou um golpe de Estado preventivo com o intuito de garantir a posse de JK e seu vice.

GOVERNO JUSCELINO KUBITSCHEK (1956-1961)

Em seu governo, Juscelino enfatizou a necessidade de promover o desenvolvimento e a ordem, objetivos compatíveis com os interesses das forças armadas. No âmbito social, JK buscou manter equilíbrio entre

os interesses da burocracia social e dos industriais a fim de evitar greves.



Juscelino Kubitschek foi um hábil negociador e tornou-se um dos mais populares presidentes da história do Brasil. Em seu governo, foi inaugurada a planejada capital federal: Brasília.

PHILLIP HARRINGTON/ALAMY STOCK PHOTO

O nacional-desenvolvimentismo

O crescimento econômico se traduz por mudanças quantitativas na esfera global da produção, sem necessariamente corresponder à melhor distribuição de renda, enquanto o desenvolvimento econômico constitui um processo de mudanças qualitativas na estrutura da economia, traduzidas por melhorias do bem-estar social da população, tornando menos profundas as desigualdades na distribuição de renda do país.

A expressão “nacional-desenvolvimentismo”, que marcou o governo JK, não correspondia, na verdade, ao nacionalismo, mas a uma política econômica que combinava a ação do Estado junto às empresas nacionais e com o capital estrangeiro para promover o desenvolvimento com base na industrialização. Isso foi possível graças à relativa estabilidade política do período, resultado da habilidade de JK em encontrar soluções para cada caso, evitando, assim, possíveis conflitos diretos com a oposição.

Um exemplo disso foi quando militares da Força Aérea revoltaram-se contra o governo: a primeira revolta ocorreu em 1955, em Jacareacanga; a segunda, em 1959, em Aragarças, ambas consequência da pregação golpista de Carlos Lacerda. Juscelino, agindo à moda mineira, anistiou os revoltosos, propagando, dessa forma, uma atitude benevolente e conciliatória. Ao mesmo tempo, enfatizava suas realizações, como Brasília.

A ideia de Brasília

Brasília tornou-se símbolo do lema “50 anos de progresso em 5 anos de governo” proposto por JK. O presidente entregou a responsabilidade do projeto e da construção ao arquiteto Oscar Niemeyer e ao urbanista Lúcio Costa. Brasília não foi construída apenas para cumprir a Constituição, mas para retirar a capital do Rio de Janeiro, onde a agitação política era muito intensa, e incentivar a interiorização da população e da economia.



VIZZONI/IAE

Operários na construção de Brasília, cuja planta lembra um avião. A obra provocou um grande fluxo migratório para o Planalto Central, o que colaborou para a ocupação do interior do país.

Os “50 anos em 5” e suas consequências

Os “50 anos em 5” aumentaram as desigualdades regionais, sobretudo entre o nordeste e o centro-sul do país. A dinâmica da substituição de importações cedeu lugar à produção de bens de capital e de bens de consumo duráveis. A indústria de materiais de transporte, por exemplo, aumentou sua produção em 700% entre 1956 e 1961; a de máquinas e ferramentas em 125%; a química em 106%; e a metalúrgica em 78%.

Entre as indústrias de bens de consumo duráveis, o grande destaque foi a automobilística, que levou à instalação ou ao desenvolvimento de outros setores, como o de autopeças, o metalúrgico e o siderúrgico. Com o descaso pelo meio agrário, acentuou-se o êxodo rural, o que provocou o aumento do desemprego e dos problemas de transporte, habitação e saneamento nas cidades. Uma das tentativas de JK para conter o êxodo rural da Região Nordeste foi a criação, em 1959, da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), visando desenvolver economicamente a região a fim de integrá-la ao mercado nacional. Contudo, ao longo do tempo, os resultados alcançados pela Sudene não foram satisfatórios. Em junho de 1959, não querendo prejudicar o Plano de Metas nem provocar perturbações sociais, JK rompeu com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que exigia um plano de estabilização econômica. Conseguiu aplausos e apoio dos setores de esquerda e dos nacionalistas.

Juscelino tentaria ainda repensar a relação do Brasil e da América Latina com os Estados Unidos. Propôs, em 1958, a criação da Operação Pan-Americana (OPA). Sua intenção era aumentar a solidariedade entre os países latino-americanos para, assim, superar o subdesenvolvimento, contando com o apoio estadunidense. Posteriormente, em 1961, o presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, criaria a Aliança para o Progresso, que, nos dez anos seguintes, incentivaria o desenvolvimento econômico latino-americano mediante a colaboração financeira e técnica, com o objetivo de impedir as ideias socialistas que se propagavam no continente após a Revolução Cubana, ocorrida em 1959.

Se, por um lado, o governo JK marcou o desenvolvimento industrial do Brasil e a geração de milhares de empregos, por outro, fez crescer a dívida externa brasileira, além de não conseguir enfrentar a crescente inflação, sobretudo nos últimos anos de seu governo.

A sucessão

Nas eleições de 1960, concorreram três candidatos à presidência da república: Jânio Quadros, de uma coligação partidária encabeçada pelo PTN e pela UDN; o general Henrique Teixeira Lott, da coligação PSD-PTB e com o apoio de JK; e Ademar de Barros, pelo PSP. Jânio Quadros obteve uma das mais significativas vitórias eleitorais desde 1950. Como o voto era desvinculado, para vice-presidente foi eleito João Goulart, componente da chapa de Lott.

GOVERNO JÂNIO QUADROS (1961)

Em seu discurso de posse, Jânio Quadros enfatizou os dois grandes problemas que teria de enfrentar: a inflação e a dívida externa. Isso não seria fácil, pois qualquer plano de contenção de despesas e controle de inflação envolve vários interesses. Além disso, havia uma grande disparidade na formação do Congresso Nacional em relação à posição do presidente.

As oligarquias agrárias ainda dominavam os estados predominantemente rurais e, em virtude de membros do Congresso serem escolhidos de acordo com a população, elas eram super-representadas em relação às áreas mais desenvolvidas. Enquanto isso, o presidente era eleito pelo voto nacional total e deveria representar os interesses nacionais, o que criava uma situação conflitante. Assim, a estrutura constitucional brasileira, como outros sistemas federais, combinando um presidente eleito popularmente com um corpo legislativo carregado de grande representação regional, apresentava incapacidade para responder à necessidade de rápidas transformações socioeconômicas.

Jânio Quadros, tendo de enfrentar esses obstáculos, mesmo sem um plano de governo, procurou superá-los. Assinou a Instrução 204 da Sumoc, com diversos dispositivos: o sistema cambial foi reformado e o cruzeiro (moeda da época) desvalorizado em 100%; diminuiu os subsídios para a importação do trigo e da gasolina, provocando uma alta dos preços do pão e dos transportes; restringiu o crédito, aumentou os impostos, congelou os salários e reduziu os vencimentos e as vantagens dos militares.



MANCHETE/PICTORIAL PARADE/GETTY IMAGES

Jânio Quadros saudando a população, em fotografia de 1962. Apesar de eleito com grande apoio popular, não teve sustentação. Em 18 de agosto de 1961, uma semana antes da renúncia, condecorou o revolucionário e ministro da Indústria e Comércio de Cuba, Ernesto Che Guevara, com a Ordem do Cruzeiro do Sul. Esse fato desagradou a oposição e foi o estopim da renúncia.

Essas medidas procuravam aumentar as exportações, o que resultaria no aumento das reservas em moeda estrangeira e na redução do déficit governamental. A repercussão no exterior foi favorável, possibilitando que o FMI, já de relações reatadas com o Brasil, aprovasse a renegociação da dívida externa e autorizasse novos empréstimos ao Brasil. Foram feitos acordos com vários países, obtendo o Brasil recursos de 726 milhões de dólares.

Jânio também promoveu reformas na administração pública, procurando dar-lhe mais eficiência e diminuir a corrupção. Entretanto, as políticas econômicas e administrativas geraram descontentamentos em vários setores da sociedade, inclusive no Congresso Nacional, que fazia oposição ao presidente vetando as iniciativas do Executivo ou aprovando-as somente após longos e intensos debates, como já era previsto.

Além dos obstáculos que Jânio encontrava na política interna, a política externa também apresentava sérios problemas. Com seu ministro das Relações Exteriores, Afonso Arinos de Melo Franco, da UDN, Jânio procurou levar o Brasil a uma política externa independente, ou seja, não seguir a “cartilha” dos Estados Unidos ditada pela Guerra Fria, relacionando-se diplomática e comercialmente com todos os países, independentemente de sua posição ideológica.

O interesse de Jânio era expandir as exportações brasileiras para todo o mundo, inclusive para os países do bloco comunista. Dessa forma, colocou em prática uma política de defesa do princípio de autodeterminação dos povos. Destacou-se nessa política a não aceitação, pelo Brasil, do boicote econômico e da intervenção armada financiada pelos Estados Unidos, em 1961, contra Cuba. Essa posição fez as relações com os Estados Unidos, durante a presidência de John Kennedy, ficarem abaladas.

Por esses motivos, Jânio passou a ser duramente criticado por setores conservadores da sociedade, como a Igreja Católica, facções das forças armadas e Carlos Lacerda. Apesar das críticas e da forte oposição, Jânio continuou com sua política econômica e sua política externa independente, chegando a receber missões comerciais da República Popular da China e da URSS, cujos objetivos eram incrementar o comércio e o intercâmbio cultural.

Em 24 de agosto de 1961, Carlos Lacerda, então governador do estado da Guanabara, fez um pronunciamento transmitido pelo rádio e pela televisão no qual denunciava uma tentativa de golpe articulado por Jânio e por seu ministro da Justiça, Oscar Pedrosa Horta. Esse pronunciamento foi o estopim para a renúncia de Jânio, a qual nunca foi prontamente esclarecida. Leia, a seguir, um trecho da carta de renúncia de Jânio Quadros:

Fui vencido pela reação e assim deixo o governo. Nestes sete meses cumпри o meu dever. Tenho-o cumprido dia e noite, trabalhando infatigavelmente, sem prevenções, nem rancores. Mas baldaram-se os meus esforços para conduzir esta nação pelo caminho de

... sua verdadeira libertação política e econômica, o único que possibilitaria o progresso efetivo e a justiça social, a que tem direito o seu generoso povo. Desejei um Brasil para os brasileiros, afrontando, nesse sonho, a corrupção, a mentira e a covardia que subordinam os interesses gerais aos apetites e às ambições de grupos ou de indivíduos, inclusive do exterior. Sinto-me, porém, esmagado. Forças terríveis levantam-se contra mim e me intrigam ou infamam, até com a desculpa de colaboração. Se permanecesse, não manteria a confiança e a tranquilidade, ora quebradas, indispensáveis ao exercício da minha autoridade. Creio mesmo que não manteria a própria paz pública. [...]

Jânio Quadros. Brasília, 25 de agosto de 1961.

CRISE NO POPULISMO

Com a renúncia inesperada de Jânio Quadros, assumiu a presidência o vice João Goulart, conhecido líder populista vinculado ao movimento sindicalista. Isso causou inquietações nas camadas conservadoras e nos setores militares, que passaram a articular um movimento contra a posse de Jango (apelido de João Goulart), que, no momento da renúncia de Jânio, encontrava-se na China em missão diplomática e comercial. Ao saber do ocorrido, Jango achou mais prudente esperar para ter certeza se Jânio realmente renunciara ou fora deposto.

Na ausência do vice-presidente, assumiu interinamente o cargo de presidente da república o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli, do PSD. Ao mesmo tempo, as forças armadas entraram em prontidão em todo o país, ocupando todos os ministérios; o palácio presidencial foi cercado por tanques e os aeroportos de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília foram ocupados por tropas do Exército. O país dividiu-se entre “golpistas” e “legalistas”: os golpistas desejavam o *impeachment* de Goulart e a convocação de novas eleições, enquanto os legalistas eram favoráveis à sua posse, expressando a ordem constitucional. Os partidários do *impeachment*, apesar do respaldo dos ministros militares, depararam-se com a oposição do Congresso, que negou-se a vetar a posse de João Goulart e criou uma comissão para encontrar uma solução pacífica para a situação. No sul do país, o governador Leonel Brizola, cunhado de João Goulart; e o general Machado Lopes, comandante militar do III Exército, ameaçavam distribuir armas à população a fim de formar milícias, ao mesmo tempo que expandia-se a Cadeia da Legalidade, formada por várias emissoras de rádio.

Em 4 de setembro, os ministros militares concordaram em aceitar a solução política do Congresso, dada dois dias antes por meio de uma emenda constitucional que criava o parlamentarismo. Nas repúblicas parlamentaristas, o presidente é o chefe de Estado, seu representante oficial máximo, mas não é o chefe de governo. Essa função é desempenhada pelo primeiro-ministro, proposto pelo presidente, mas obrigatoriamente submetido à aprovação do Congresso Nacional.

Esse seria o sistema de governo implantado após a posse de João Goulart. No término de seu mandato, seria realizado um plebiscito a fim de consultar a população sobre a manutenção do parlamentarismo ou o retorno do presidencialismo. Em 5 de setembro, João Goulart desembarcava em Brasília para tomar posse como chefe de Estado.

GOVERNO JOÃO GOULART (1961-1964)

Governo parlamentarista

João Goulart tomou posse em 7 de setembro de 1961 e, no dia seguinte, o Congresso aprovou o primeiro Conselho de Ministros, presidido por Tancredo Neves. Apesar do caráter conservador do ministério, houve decisões bastante progressistas, como o cancelamento de todas as autorizações à empresa norte-americana Hanna Corporation, que explorava o minério de ferro em Minas Gerais, prejudicando a Companhia Vale do Rio Doce, e o restabelecimento das relações diplomáticas com a União Soviética, rompidas em 1947, no início da Guerra Fria.



O presidente João Goulart em visita a Paris, em 29 de agosto de 1961.

Em junho de 1962, a equipe do gabinete de Tancredo Neves se demitiu, a fim de desvincular-se dos cargos para poder concorrer às eleições estaduais de outubro do mesmo ano. Depois de duas indicações frustradas, a primeira com San Tiago Dantas (que o Congresso recusou) e a segunda com Auro Soares de Moura Andrade, foi encontrado um nome de consenso: Brochado da Rocha, político gaúcho filiado ao PSD. Seu ministério teve curta duração e foi marcado pela campanha de antecipação do plebiscito, no qual a população seria consultada a respeito do retorno ao presidencialismo. Na madrugada de 15 de setembro de 1962, o Congresso votou e aprovou a antecipação do plebiscito para 6 de janeiro de 1963.

Pouco antes da aprovação da antecipação, a equipe do gabinete de Brochado da Rocha renunciou e foi substituída por Hermes Lima, do PTB, que, em seus quatro meses de governo, lançou mão de todos os meios possíveis para a vitória do “não” à pergunta: “Aprova a emenda constitucional que institui o parlamentarismo?” Quase 10 milhões de eleitores, em um total de 13 milhões, deram como resposta “não”, possibilitando o retorno do presidencialismo.

Com a revogação da emenda parlamentarista, João Goulart assumiu os plenos poderes presidenciais estabelecidos pela Constituição de 1946.

Governo presidencialista

João Goulart implementou um conjunto de soluções para os diversos problemas do país, como inflação (52% em 1962), saúde, educação, habitação e saneamento. Para colocar em prática essas reformas, chamadas “reformas de base”, Goulart formou um ministério de políticos moderados, conhecido como “a esquerda positiva” a fim de conquistar a opinião pública em geral. As medidas a serem aplicadas pelo Plano Trienal não seriam populares, pois implicavam na contenção de crédito, dos salários e do orçamento federal. Além disso, o Congresso Nacional não ajudava muito, pois os congressistas, em sua maior parte, eram de oposição.

Entre os militares, crescia um movimento conspiratório contra João Goulart. Em setembro de 1963, houve uma revolta de cabos e sargentos da Aeronáutica e da Marinha contra a decisão do STF que impossibilitava os militares de se candidatarem a cargos políticos. Isso aqueceu a movimentação militar, que passou a contar com o apoio do então general Humberto de Alencar Castelo Branco, chefe do Estado-maior do Exército. O presidente manteve-se neutro diante desses acontecimentos, desagradando o Alto Comando Militar.

Diante desse quadro, Goulart optou por realizar as reformas de base por meio de decretos, deixando de lado o Congresso Nacional. Para demonstrar força e apoio popular, faria uma série de comícios, anunciando as reformas. O primeiro comício foi realizado em 13 de março na Praça da República, no Rio de Janeiro, situada em frente à Estação Central do Brasil (daí ficar conhecido como “o Comício da Central”). Cerca de 150 mil pessoas concentraram-se na praça, agitando bandeiras vermelhas e faixas pedindo a legalização do Partido Comunista, reforma agrária, reforma bancária e direito de voto ao analfabeto. Os discursos inflamados de Leonel Brizola e Miguel Arraes antecederam o de João Goulart, que, por volta de 21 horas, tomou a palavra para encerrar o comício, anunciando, entre outras questões, os decretos de desapropriação de terras improdutivas e de encampação das refinarias de petróleo particulares.

ROTEIRO DE AULA

REPÚBLICA POPULISTA

Governo Juscelino Kubitschek (1956-1961)

Plano de Metas: 50 anos em 5.

Construção de Brasília.

Endividamento e aumento da inflação.

Governo Jânio Quadros (1961)

Sem plano de governo claro. Tentativa de

implantação de uma política externa inde-

pendente. Condecoração de Che Guevara.

Renúncia após sete meses de governo.

Governo João Goulart (1961-1964)

A ligação de Jango com movimentos sindicais

causa inquietação nas camadas mais con-

servadoras e nos setores militares. Radicaliza-

ção de posições do governo sobre as reformas

de base. Golpe de 1964: governo militar.



EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UEL-PR – A construção da cidade de Brasília fez parte do processo desenvolvimentista dos anos 1950 liderado pelo presidente Juscelino Kubitschek e seu vice, João Goulart. O projeto modernizante de JK assentava-se na política do “50 anos em 5”, que preconizava, entre outras coisas, dotar o país de uma infraestrutura suficiente para sustentar a industrialização.

Com base nos conhecimentos sobre a política econômica desse período histórico brasileiro, assinale a alternativa correta:

- a) Disseminou o ensino técnico para todas as regiões do país por meio dos institutos técnicos federais.
- b) Expandiu a construção de usinas hidrelétricas e abasteceu de energia o setor produtivo.
- c) Implantou a Sudam, que realizou a modernização e a transformação da região amazônica.
- d) Priorizou a importação de veículos automotores para o país se inserir no mercado internacional.
- e) Privatizou a Companhia Siderúrgica Nacional, com a abertura do seu capital para investidores estrangeiros.

A industrialização brasileira começou, mais decisivamente, com Getúlio Vargas, em seu primeiro governo. O complexo petrolífero foi consolidado no início dos anos 1950. Na virada dessa década para a década de 1960 havia uma grande necessidade de expandir a indústria e, portanto, as fontes de energia para sustentá-la, bem como a rede de estradas para transporte de produtos industriais.

2. PUC-RJ – Analise as afirmativas abaixo, acerca do processo de democratização da cena política brasileira, no final do Estado Novo (1945):

- I. Frente à possibilidade de vitória Aliada na Segunda Guerra Mundial, o governo brasileiro se preparou para a futura democracia com uma bem-sucedida campanha de incentivo à sindicalização e divulgação da legislação social que visava à aproximação entre o presidente Getúlio Vargas e os trabalhadores brasileiros.
- II. Entre fins de 1944 e o início de 1945, iniciaram-se as articulações para o estabelecimento de um calendário eleitoral e a criação de novos partidos políticos como a União Democrática Nacional (UDN), o Partido Social-Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), mantendo-se a ilegalidade do Partido Comunista (PCB) pelo fato de ter um programa contrário aos princípios democráticos.
- III. Somente após o final da Segunda Guerra Mundial foi possível romper a forte censura imposta pelo governo, por meio de uma bem organizada estrutura repressiva e do controle do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), sobre o conteúdo exibido pelos órgãos de imprensa, o que impedia qualquer manifestação em favor da democracia por parte da oposição.
- IV. Ao romper com as potências do Eixo no início de 1942 e, posteriormente, entrar efetivamente na guerra, o governo brasileiro apostava em uma nova inserção no cenário internacional e na obtenção de vantagens políticas nos acordos pós-guerra. Contudo, já se evidenciava a necessidade de contornar a contradição de se colocar como aliado do bloco democrático ocidental no conflito e manter um regime autoritário em seu território.

Assinale:

- a) Se somente as afirmativas I e III estiverem corretas.
- b) Se somente as afirmativas I e IV estiverem corretas.

- c) Se somente as afirmativas II, III e IV estiverem corretas.
- d) Se somente as afirmativas I, II e III estiverem corretas.
- e) Se todas as afirmativas estiverem corretas.

A afirmativa II está errada porque o Partido Comunista Brasileiro voltou à legalidade e líderes como Luís Carlos Prestes foram anistiados. A III está errada porque o DIP já enfrentava dificuldades de censurar a oposição há algum tempo.

3. Cefet-MG – Analise o quadro seguinte:

DISTRIBUIÇÃO SETORIAL DO PIB BRASILEIRO, 1910-1950 (%)			
Ano	Agricultura	Indústria	Serviços*
1910	35,8	14,0	50,2
1920	32,0	17,1	50,9
1930	30,6	16,5	52,9
1940	25,0	20,8	54,2
1950	24,3	24,1	51,6

*Inclui governo.

HADDAD, C. Crescimento do produto real: Brasil 1900-1947.

In: *Estatísticas históricas do Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 1978; IBGE (1990).

Sobre a distribuição setorial do PIB brasileiro nos primeiros 50 anos do século XX, é correto afirmar que a:

- a) indústria passou a ser o setor econômico preponderante.
- b) agricultura deixou de ser um setor econômico expressivo.
- c) produção industrial passou por um lento processo de incremento.
- d) produção de bens de capital é hegemônica na economia do período.
- e) expansão do setor de serviços seguiu o mesmo ritmo da industrialização.

A década de 1950 foi marcada por uma industrialização importante, especialmente com a fundação da Petrobras, ainda no período de Getúlio, e com a abertura para montadoras estrangeiras no governo JK.

4. Uece-CE – No dia 14 de novembro de 1961, realizou-se a primeira reunião de um gabinete parlamentarista na história republicana brasileira. Atente ao que se diz acerca do período parlamentarista brasileiro:

- I. A experiência parlamentarista brasileira, que durou pouco mais de um ano, foi recusada pelo povo brasileiro através de um plebiscito.
- II. Tancredo Neves foi o primeiro-ministro durante o breve período em que ocorreu o parlamentarismo brasileiro.
- III. Com a renúncia do presidente Jânio Quadros, João Goulart, o vice-presidente, assumiu a presidência; contudo, a emenda parlamentarista restringiu os seus poderes.

É correto o que se afirma em:

- a) II e III, apenas.
- b) I e II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) I, II e III.

Todas as afirmativas estão corretas e servem como um bom resumo desse período da história brasileira.

5. UFRGS-RS – O período da chamada república populista (1945-1964) foi marcado por uma série de crises políticas, das quais o golpe preventivo, realizado pelo marechal Henrique Lott, em novembro de 1955, é um exemplo.

O principal objetivo desse golpe era:

- a) afastar o presidente Jânio Quadros e instaurar uma ditadura militar no país.
- b)** garantir a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek, hostilizado pelos setores conservadores da sociedade civil e das forças armadas.
- c) derrubar o vice-presidente João Goulart e substituí-lo por um político mais próximo à ala conservadora das forças armadas.
- d) prevenir uma possível vitória do Partido Comunista Brasileiro nas eleições de 1955.
- e) substituir o presidente Juscelino Kubitschek por Carlos Lacerda, candidato vitorioso no pleito daquele ano.

A movimentação golpista ainda no governo Getúlio Vargas já antecipa uma eleição de Juscelino Kubitschek. O suicídio de Vargas e a consequente mobilização popular contiveram os setores conservadores e abriram espaço para que Lott fizesse a transição democrática e garantisse que as urnas decidissem o próximo presidente da república.

6. UEL-PR – Leia os textos a seguir:

C1-H5



Beba coca cola, Décio Pignatari, 1957.

“Vai minha tristeza

E diz a ela que sem ela não pode ser

Diz-lhe numa prece

Que ela regresse

Porque não posso mais sofrer

Chega de saudade

A realidade é que sem ela

Não há paz

Não há beleza

É só tristeza e a melancolia

Que não sai de mim

Não sai de mim

Não sai”

Chega de saudade. Vinícius de Moraes e
Antônio Carlos Jobim, 1958.

Essas produções artísticas nacionais, criadas na década de 1950, estão articuladas em um momento da vida republicana brasileira denominado desenvolvimentismo. Em relação às características desse período, atribua V (verdadeiro) ou F (falso) às afirmativas a seguir:

- () A Bossa Nova e a poesia concreta foram referências culturais da época, transformando-se, posteriormente, em produtos de exportação.
- () O milagre econômico impulsionou a indústria sucroalcooleira, o que culminou com a criação do Proálcool.
- () O modernismo, representado pelas obras de Vilanova Artigas e Oscar Niemayer, predominou na linguagem arquitetônica do período.
- () Com o slogan “50 anos em 5”, o governo JK consolidou a industrialização na Região Norte do país.
- () A criação do Inbra possibilitou uma política de distribuição de terras, culminando com melhoria nas condições de vida dos camponeses.

Assinale a alternativa que contém, de cima para baixo, a sequência correta:

- a) V, V, F, V, F
- b) V, V, F, F, V
- c) V, F, V, F, F**
- d) F, V, F, V, F
- e) F, F, V, F, V

A segunda afirmativa está errada, pois não houve essa relação com a produção de álcool. A quarta, porque não houve industrialização na Região Norte. A última, porque o Inbra foi fundado durante a ditadura, em 1970.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Imed-SP – Em 1950, Getúlio Vargas voltou ao poder, dessa vez de forma democrática, sendo eleito presidente do Brasil, mandato que foi interrompido em 24 de agosto de 1954 com o seu suicídio. Dentre os eventos marcantes desse período estão:

- I. Criação da Petrobras, que estabeleceu o monopólio estatal da extração e do refino do petróleo.
- II. Lançamento do Plano Lafer, que visava desenvolver a petroquímica, a siderurgia, os transportes, a energia e a agricultura do país.
- III. Inauguração da Companhia Vale do Rio Doce.
- IV. Elaboração da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), que garantia os direitos dos trabalhadores previstos na Constituição.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I e II.
- b) Apenas III e IV.
- c) Apenas I, II e III.
- d) Apenas II, III e IV.
- e) I, II, III e IV.**

8. UERN-RN – Nos discursos da presidente Dilma Rousseff, eleita para um segundo mandato a partir de 2015, já foi mencionada a possibilidade de se fazer plebiscito visando reformas políticas para o Brasil. Em outros momentos da nossa história, foram realizados plebiscitos. Em 1963, em pleno período liberal-democrático, um plebiscito decidiu:

- a) pela exoneração do cargo do então presidente Jânio Quadros, dando lugar a seu vice, João Goulart.
- b) pela volta ao sistema presidencialista, substituindo o parlamentarismo vigente naquele momento peculiar do Brasil.
- c) por instalar a ditadura militar que duraria mais de 21 anos no país, mudando radicalmente os rumos da política nacional.
- d) pela instauração de CPIs (Comissões Parlamentares de Inquérito), visando trazer mais transparência ao processo eleitoral.

9. EsPCEEx-SP – Leia as afirmações abaixo, relacionadas ao Brasil:

- I. O Estado devia associar-se ao capital privado nacional e estrangeiro, para promover a industrialização acelerada do país.

II. O Estado devia intervir na economia, controlando as indústrias de base e os setores de energia, comunicações e transporte.

III. O governo devia limitar a remessa de lucros.

IV. O governo buscava atrair capitais estrangeiros, concedendo às empresas multinacionais facilidades para importar maquinário e isenção de impostos por vários anos.

Pode-se afirmar que as medidas:

- a) I e IV são características do nacionalismo de Vargas, e II e III são características do nacionalismo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek.
- b) I e IV são características do nacionalismo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, e II e III são características do nacionalismo de Vargas.
- c) I e III são características da industrialização com limitação da remessa de lucros de Juscelino Kubitschek, e II e IV são características do nacionalismo limitado de Getúlio.
- d) I e III são características da política industrial de Getúlio Vargas no pós-II Guerra Mundial, e II e IV correspondem ao nacionalismo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek.
- e) I, III e IV são características da política industrial de Juscelino Kubitschek incluídas no Plano de Metas, e a característica II pertence ao nacionalismo pragmático de Getúlio Vargas.

10. Acafe-SC – Em 2014, completaram-se 60 anos da morte de Getúlio Vargas. Político de muitas facetas, a figura de Vargas ainda reflete muitas discussões políticas na atualidade, como podem atestar as diversas publicações que abordam seus governos.

Acerca do seu último governo (1951-1954), todas as alternativas estão corretas, exceto:

- a) O nacionalismo, defendido por Getúlio Vargas em seu governo, teve como ápice a campanha “O petróleo é nosso” e a criação da Petrobras, em 1953. Para Vargas, o petróleo era uma questão central para o desenvolvimento e autonomia do país.
- b) Sobre a questão indígena no Brasil, Vargas deu um passo importante ao criar o Parque Nacional do Xingu, delimitando uma grande área para as populações indígenas.
- c) O Plano Salte, criado por Dutra, previa investimentos nacionais em setores como saúde, alimentação, transporte e energia. A aprovação desse plano estava tramitando no Congresso Nacional quando Vargas cometeu suicídio.
- d) Uma das crises políticas de seu governo está ligada aos aumentos do salário mínimo. Vargas chegou a aumentar o salário mínimo em 100%, já que o mesmo estava bastante defasado em virtude da inflação.

11. Cefet-MG

“Em meados da década de 1950, a radicalização política entre distintos projetos de sociedade foi se tornando mais clara, especialmente depois da tentativa de golpe civil-militar, abortado pelo suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 1954. Sucessivas crises políticas e tentativas golpistas foram sendo postas em marcha pelos setores liberais e conservadores da sociedade brasileira.”

KONRAD, Diorge Alceno; LAMEIRA, Rafael Fantinel. Campanha da Legalidade, luta de classes e golpe de Estado no Rio Grande do Sul (1961-1964). *Anos 90*, Porto Alegre, jul. 2011.

Não constitui uma característica do contexto brasileiro abordado no fragmento acima:

- a) emergência de participação política dos setores populares.
- b) resistência dos militares à tentativa de levante dos comunistas.
- c) crise política motivada pela renúncia de um presidente eleito.
- d) ausência de partidos políticos representativos dos conflitos sociais.
- e) evidência de uma postura golpista entre os comandantes militares.

12. Cefet-MG

“Os anos JK, como se tornaram conhecidos, foram anos de otimismo. O presidente irradiava simpatia, a Bossa Nova surgiu na música brasileira, tornando-se, pouco a pouco, conhecida em todo o mundo.”

SCHWARCZ, Lília Moritz. *Olhando para dentro: 1930-1964*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 115.

O referido período da história do Brasil caracterizou-se pela:

- a) política externa imparcial.
- b) economia nacional neoliberal.
- c) cultura oligárquica excludente.
- d) sociedade reformista igualitária.
- e) experiência eleitoral democrática.

13. FGV-SP – Leia um trecho de uma entrevista com o historiador Francisco Alembert:

“[...] os governos vêm sucessivamente utilizando a retórica, a imagem e o mito do governo de Juscelino, por isso ele continua tão forte e tão presente. Mas há também algo em comum na utilização de JK por esses governos. De uma forma ou de outra, eles procuram justificar o crescimento econômico dentro da democracia. Ele agradava a burguesia, porque se mostrava um governo modernizador, e também agradava a esquerda, mesmo não tendo uma política de esquerda. Mas alcançou um crescimento realmente fantástico, nunca visto antes. O grande problema é que isso não foi dividido por toda a sociedade.”

Disponível em: <www.sinprosp.org.br/reportagens_entrevistas.asp?especial=102&materia=281>. Acesso em: 20 ago. 2014.

A partir da entrevista, é correto afirmar que o chamado mito JK:

- a) fundamenta-se em dois avanços essenciais do governo Juscelino Kubitschek: a eficiente política de combate às disparidades regionais, o que garantiu um enorme crescimento econômico do Nordeste, e a melhoria da distribuição de renda nacional por meio dos aumentos salariais do operariado.
- b) tem sido alimentado por diversos governos brasileiros, mesmo com posturas ideológicas diferentes, porque o ex-presidente pode ser lembrado como o autor de um importante processo de abertura da economia, como também o artífice de um desenvolvimento econômico acelerado.
- c) constituiu-se a partir da competência única do presidente da república em amarrar as lideranças políticas da UDN, do PTB e do PSD ao projeto de mudança da capital e construção de Brasília, compreendida por todas essas forças políticas democráticas como necessidade para o desenvolvimento nacional.

- d) baseia-se na capacidade política do então presidente brasileiro, líder de uma grande negociação entre as forças econômicas e políticas nacionais, que efetivou um processo de reforma agrária progressista, além da extensão dos direitos trabalhistas aos homens do campo.
- e) está vinculado à reconhecida sensibilidade política de Juscelino Kubitschek, que foi capaz de articular todas as principais forças políticas nacionais, formando um governo de coalizão de centro-esquerda, com a participação das mais representativas lideranças da UDN e do PSB.

14. UEMG-MG

“Você já conhecia Brasília?”, ele pergunta. “Não; eu vim conhecer agora.” [...] ele segue perguntando, sem me dar tempo de responder [...] “O futuro está aqui”, ele diz, enchendo o peito. “Um novo país está nascendo nessa cidade. [...] Um país onde todos terão oportunidade, onde ninguém mais passará fome, [...] Um país, enfim, que é o país com o qual todos nós, os brasileiros, um dia sonhamos.” [...] tranquilo, com tudo certo, sento-me numa cadeira e acendo um cigarro. E ali fico, pensando [...], naquela segunda-feira de abril de mil novecentos e sessenta e três.”

VILELA, 2013. p. 107-110.

Nos fragmentos apresentados acima, é possível perceber a esperança do personagem, que é dono de um bar em Brasília, em um Brasil melhor e de futuro promissor. Esse sentimento do personagem é consequência de ações políticas de caráter desenvolvimentista, executadas por:

- a) Getúlio Vargas, que defendeu uma economia essencialmente nacional sem participação do capital estrangeiro e que impulsionava, através de subsídios estatais, as indústrias de base.
- b) Juscelino Kubitschek, que implantou o Plano de Metas, programa que buscava industrializar o Brasil, combinando o planejamento estatal com o capital privado nacional e o capital estrangeiro.
- c) Garrastazu Médici, que defendia um Brasil grande, isto é, com grandes investimentos em obras que atenderiam grande parcela da população, aliados a uma estrutura econômica consolidada e forte.
- d) Fernando Collor, que defendia uma postura neoliberal de predomínio das leis de mercado, em detrimento da intervenção estatal, além da abertura econômica e liberação das importações.

15. Unesp-SP

“Brasília simbolizou na ideologia nacional-desenvolvimentista o ‘futuro do Brasil’, o arremate e a obra monumental da nação a ser construída pela industrialização coordenada pelo Estado planejador, pela ação das ‘forças do progresso’ (aquelas voltadas para o desenvolvimento do ‘capitalismo nacional’), que paulatinamente iriam derrotar as ‘forças do atraso’ (o imperialismo, o latifúndio e a política tradicional, demagógica e ‘populista’).”

José William Vesentini. *A capital da geopolítica*, 1986.

Segundo o texto, a construção de Brasília deve ser entendida:

- a) como uma tentativa de limitar a migração para o centro do país e de reforçar o contingente de mão de obra rural.
- b) dentro de um conjunto de iniciativas de caráter liberal, que buscava eliminar a interferência do Estado nos assuntos econômico-financeiros.

- c) dentro do rearranjo político do pós-Segunda Guerra Mundial, que se caracterizava pelo clima de paz nas relações internacionais.
- d) dentro de um amplo projeto de redimensionamento da economia e da política brasileiras, que pretendia modernizar o país.
- e) como um esforço de internacionalização da economia brasileira, que provocaria aumento significativo da exportação agrícola.

16. FGV-SP – Leia esta notícia veiculada pela imprensa em 13 de agosto de 2013:

“A Câmara dos Deputados devolveu hoje, simbolicamente, o mandato parlamentar a 14 deputados, do antigo Partido Comunista Brasileiro (PCB), que foram cassados em 1948. Os mandatos foram cassados pelo então Superior Tribunal Eleitoral (STE), que cancelou o registro do partido em 7 de maio de 1947, quase três anos após os deputados terem sido eleitos.

No início da sessão, o presidente da Câmara, deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), prestou sua homenagem aos deputados cassados. “Hoje, ao prestar esta homenagem, resgatamos a dignidade do Parlamento brasileiro frente a um episódio que fez o partido sangrar e deixou importante parcela da população sem representação política”, disse.”

Disponível em: <www.ebc.com.br/noticias/politica/2013/08/camara-devolve-simbolicamente-mandato-a-14-deputados-do-pcb-cassados-em>. Acesso em: 2 set. 2013.

Com base nessa notícia, é correto afirmar:

- a) A cassação dos parlamentares ocorreu devido à descoberta de um projeto de tomada do poder pelo PCB, que teria como base a formação de uma guerrilha rural estabelecida no interior do Brasil.
- b) A cassação dos parlamentares revela os limites da democracia brasileira entre 1945 e 1964, impedindo a livre organização partidária no país no contexto da Guerra Fria.
- c) A cassação dos parlamentares ocorreu devido à denúncia do deputado comunista Jorge Amado de que o PCB havia conspirado com Getúlio Vargas visando à manutenção do Estado Novo.
- d) A cassação interrompeu uma longa jornada de funcionamento legal do PCB, iniciada em 1922, quando da sua fundação e interrompida, pela primeira vez, em 1947.
- e) A cassação levou ao fim do PCB e à fundação do PC do B, que teve seus direitos imediatamente reconhecidos, e à formação de diversos outros pequenos partidos, que se dedicaram à luta armada.

17. Uema-MA

“Varre, varre, varre vassourinha!

Varre, varre a bandalheira

Que o povo já tá cansado

De ‘sofrê’ dessa maneira.”

Disponível em: <letras.mus.br>. Acesso em: 26 jul. 2013.

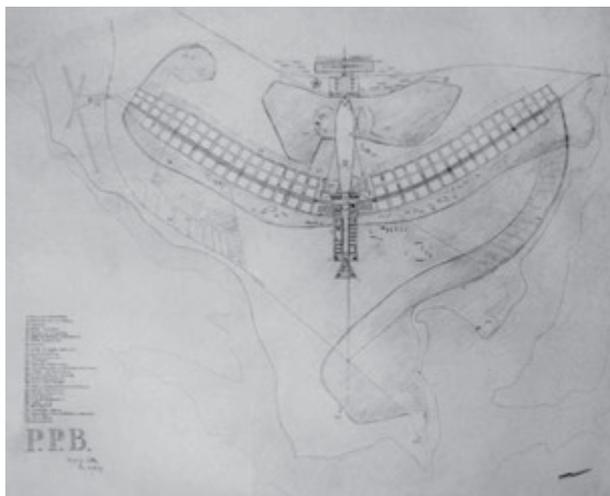
Não é de hoje que os nossos políticos prometem “varrer a bandalheira” do país. Esses versos fizeram parte das campanhas eleitorais que levaram à presidência da república um desses personagens, chamado:

- a) Eurico Dutra.
- b) João Goulart.
- c) Getúlio Vargas.
- d) Jânio Quadros.
- e) Juscelino Kubitschek.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C6-H26



ARQUIVO/IAE

Lúcio Costa. Plano Piloto de Brasília. Disponível em: <www.vitruvius.es>. Acesso em: 7 dez. 2011.

O arrojado projeto arquitetônico e urbanista da nova capital federal fez com que Brasília fosse, no ano de 1987, considerada patrimônio da humanidade pela Unesco, porque o Plano Piloto de Brasília concretizava os princípios do:

- urbanismo modernista internacional.
- modelo da arquitetura sacra europeia.
- pensamento organicista das metrópoles brasileiras.
- plano de interiorização da capital.
- projeto nacional-desenvolvimentista do governo JK.

19. Enem

C5-H22

“A consolidação do regime democrático no Brasil contra os extremismos da esquerda e da direita exige ação enérgica e permanente no sentido do aprimoramento das instituições políticas e da realização de reformas corajosas no terreno econômico, financeiro e social.”

Mensagem programática da União Democrática Nacional (UDN), 1957.

“Os trabalhadores deverão exigir a constituição de um governo nacionalista e democrático, com participação dos

trabalhadores para a realização das seguintes medidas:

- reforma bancária progressista;
- reforma agrária que extinga o latifúndio;
- regulamentação da Lei de Remessas de Lucros.”

Manifesto do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), 1962. In: BONAVIDES, P.; AMARAL, R. *Textos políticos da história do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2002.

Nos anos 1960, eram comuns as disputas pelo significado de termos usados no debate político, como “democracia” e “reforma”. Se, para os setores aglutinados em torno da UDN, as reformas deveriam assegurar o livre-mercado, para aqueles organizados no CGT elas deveriam resultar em:

- fim da intervenção estatal na economia.
- crescimento do setor de bens de consumo.
- controle do desenvolvimento industrial.
- atração de investimentos estrangeiros.
- limitação da propriedade privada.

20. Enem

C5-H24

“A moderna democracia brasileira foi construída entre saltos e sobressaltos. Em 1954, a crise culminou no suicídio do presidente Vargas. No ano seguinte, outra crise quase impediu a posse do presidente eleito, Juscelino Kubitschek. Em 1961, o Brasil quase chegou à guerra civil depois da inesperada renúncia do presidente Jânio Quadros. Três anos mais tarde, um golpe militar depôs o presidente João Goulart, e o país viveu durante vinte anos em regime autoritário.”

A partir dessas informações, relativas à história republicana brasileira, assinale a opção correta:

- Ao término do governo João Goulart, Juscelino Kubitschek foi eleito presidente da república.
- A renúncia de Jânio Quadros representou a primeira grande crise do regime republicano brasileiro.
- Após duas décadas de governos militares, Getúlio Vargas foi eleito presidente em eleições diretas.
- A trágica morte de Vargas determinou o fim da carreira política de João Goulart.
- No período republicano citado, sucessivamente, um presidente morreu, um teve sua posse contestada, um renunciou e outro foi deposto.

26

GOLPE DE 1964

- A democracia interrompida
- Golpe de 1964
- Regime militar
- Governo Castelo Branco (1964-1967)
- Governo Costa e Silva (1967-1969)

HABILIDADES

- Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

A DEMOCRACIA INTERROMPIDA

No módulo anterior, vimos que o governo João Goulart foi um período política e socialmente conturbado. Em 1964, intensificaram-se os protestos de setores conservadores da sociedade civil contra o presidente e seu pacote de reformas de base. Diversos veículos da imprensa aderiram à conspiração contra Jango. Assim, foram estabelecidas as bases civis do golpe de Estado levado a cabo pelo Exército na madrugada de 1º de abril de 1964. Sob o pretexto de conter uma ameaça comunista que assolava o país, os militares instauraram uma ditadura que estendeu-se por vinte anos.

Partidos de esquerda, sindicatos, organizações camponesas e demais setores engajados à esquerda, como a União Nacional dos Estudantes (UNE) foram reprimidos de imediato. Os militares diziam que ficariam no poder apenas temporariamente e que o país voltaria à normalidade democrática assim que possível. No entanto, o que ocorreu foi muito diferente. Conforme se intensificavam os protestos da sociedade civil, o regime acirrava seus métodos repressivos, o que culminou, em dezembro de 1968, na promulgação do AI-5 (Ato Institucional nº 5), que fechou o Congresso, cassou mandatos, aumentou o poder autoritário do Executivo e suspendeu direitos constitucionais. Iniciavam-se os “anos de chumbo”, período de maior repressão da História recente do Brasil, no qual censura, perseguições, torturas, homicídios, desaparecimentos, exílio de artistas e militantes políticos tornaram-se uma trágica e recorrente realidade.



Um civil é perseguido por policiais militares durante a Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, em 26 de junho de 1968. A foto, de Evandro Teixeira, tornou-se uma das mais célebres e veiculadas imagens sobre a ditadura militar que governou o Brasil de 1964 a 1985.

GOLPE DE 1964

Em resposta ao Comício da Central, setores conservadores da sociedade brasileira organizaram as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, sendo a primeira organizada em São Paulo em 19 de março, a fim de apoiar um possível golpe contra o governo. Apoiaram e participaram dessa marcha representantes do governo estadual paulista, setores da Igreja Católica, a Sociedade Rural Brasileira e outras forças de oposição a João Goulart.

Em meio à crescente tensão e a rumores de levantes militares, João Goulart foi, na noite de 30 de março, à sede do Automóvel Clube, no Rio de Janeiro, para ser homenageado pela Associação dos Sargentos e Suboficiais da Polícia Militar. Compareceram o almirante Aragão, o cabo Anselmo e os ministros da Marinha, Aeronáutica e Justiça. Tancredo Neves e outros políticos moderados tentaram convencer Jango a não ir, porém o presidente foi incentivado pelo general Assis Brasil, chefe da casa militar, que teria dito: “Ninguém na presidência da república tivera um dispositivo militar como o de João Goulart”.

Engano. Já na madrugada de 1ª de abril, com Jango saindo de Brasília em direção a Porto Alegre, o presidente do Senado, Auro Soares de Moura Andrade, declarou vago o cargo de presidente da república, assumindo, conforme o decreto constitucional, o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli.

Leonel Brizola tentou mobilizar tropas e a população do Rio Grande do Sul, mas não teve sucesso. O golpe militar estava praticamente vitorioso. No fim de abril, Brizola exilou-se no Uruguai, onde Jango já se encontrava.

Como a deposição de João Goulart ocorreu de maneira tão simples, isto é, tão facilmente e sem resistência, se o presidente contava com o apoio dos mais importantes sindicatos do país, da UNE, da maior parte da intelectualidade, de setores das forças armadas e de alguns empresários nacionalistas?

A resposta pode ser encontrada na ampla mobilização popular em prol do golpe, no receio e no pavor de uma reforma agrária e na quebra da hierarquia castrense (hierarquia das classes militares), tão prezada pelos militares.

DOMICIO PINHEIRO/AE



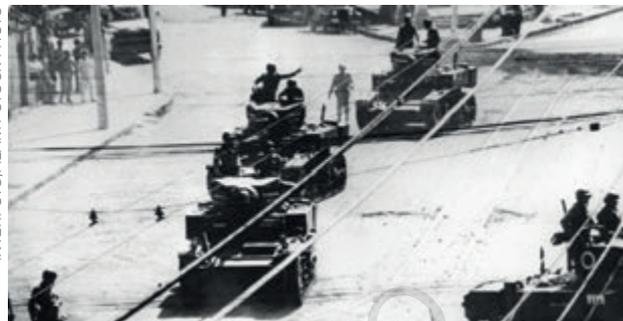
Fotografia da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, ocorrida em São Paulo em 19 de março de 1964, contra o governo João Goulart e a favor de um golpe para depor o presidente eleito. Na imagem, percebe-se o anticomunismo que guiava os setores conservadores da sociedade, os quais acreditavam que, sob o governo de Jango, o país poderia se tornar “uma nova Cuba”, ou seja, sofrer uma revolução socialista.

RÉGIME MILITAR

O regime instalado após o golpe militar privilegiou setores da burocracia do Estado, como os dirigentes das empresas estatais e os militares. Marcado pelo autoritarismo, o regime não teve características fascistas, pois não se realizaram esforços para organizar as massas em apoio ao governo; não se tentou construir

o partido único acima do Estado nem uma ideologia capaz de conquistar a adesão dos setores letrados.

INTERFOTO/ALAMY STOCK PHOTO



Veículos militares em rua do Recife após o golpe civil-militar de 1ª de abril de 1964.

GOVERNO CASTELO BRANCO (1964-1967)

O general Castelo Branco foi eleito pelo Congresso Nacional, já expurgado dos chamados “subversivos”, cassados pelo AI-1 (Ato Institucional nº 1), entre eles, João Goulart, Jânio Quadros, Leonel Brizola e Miguel Arraes.

Empossado em 15 de abril, Castelo Branco organizou um ministério, com maioria da UDN, tentando oferecer garantias de retorno à normalidade democrática. Configuravam-se os princípios que legitimariam a revolução: a ordem e a paz social, com a eliminação do perigo comunista, o combate à corrupção e a retomada do crescimento econômico sob as regras capitalistas.

Para atingir esses objetivos, era necessário enfrentar a caótica situação econômico-financeira herdada do governo Goulart, controlar os trabalhadores do campo e da cidade e promover uma reforma no aparelho estatal.

Atacando o fator econômico-financeiro, foi lançado o Plano de Ação Econômica do Governo (Paeg), sob a responsabilidade dos ministros do Planejamento, Roberto Campos; e da Fazenda, Otávio Gouveia de Bulhões.

PHOTO 12/ALAMY STOCK PHOTO



Castelo Branco foi o primeiro presidente do regime militar instaurado pelo golpe de 1964, que, na concepção dos militares, consistiu em uma revolução cujo propósito era impor a ordem no país. Logo após deixar o poder, Castelo Branco morreu em um acidente aéreo, em 18 de julho de 1967.

O plano procurou reduzir o déficit do setor público, contrair o crédito privado e comprimir os salários. O reequilíbrio das finanças do governo federal foi obtido por meio da melhora da situação das estatais, do corte de subsídios a produtos básicos e do aumento da arrecadação de impostos. Introduziu-se uma novidade, conhecida como correção monetária, a fim de cobrar impostos atrasados. Não pagar em dia os impostos passou a ser um péssimo negócio.

Em junho de 1964, foi aprovada a Lei de Greve pelo Congresso, trazendo tantas exigências burocráticas que tornou-se praticamente impossível realizar uma greve dentro da legalidade. Em seguida, o governo extinguiu a estabilidade no emprego após dez anos de serviço, garantida pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), introduzindo o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). Quanto ao campo, após uma série de repressões aos chamados agitadores, o governo mandou ao Congresso para aprovação o Estatuto da Terra, visando a realização de uma reforma agrária e a instituição de uma nova política agrícola. Entretanto, apesar de aprovado, o estatuto não funcionou, ficando apenas no papel.

Em setembro de 1965, realizaram-se as eleições para governadores dos estados e, na Guanabara e em Minas Gerais, venceram os candidatos não apoiados pela revolução. Isso desencadeou uma nova crise política.

Dessa crise, originou-se o Ato Institucional nº 2, que renovou os poderes de cassação de mandatos e suspensão dos direitos políticos e dissolveu todos os partidos existentes, criando o bipartidarismo, restrito à Aliança Renovadora Nacional (Arena) e ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Esses partidos representavam, respectivamente, o apoio e a oposição ao governo. O AI-2 estabeleceu a eleição indireta para a presidência da república, medida completada em 5 de fevereiro de 1966 pelo Ato Institucional nº 3, que determinou a indicação dos governadores estaduais pelo presidente da república.

A Constituição de 1967 foi votada pelo Congresso Nacional conforme as condições determinadas pelo Ato Institucional nº 4. A nova Carta mantinha o regime federalista, embora menos acentuado que na Constituição de 1946.

A Constituição previa, ainda, prazos limitados para a discussão, no Congresso, dos projetos de lei propostos pelo Executivo, que, em casos de urgência e interesse público, poderia baixar decretos com força de lei. Por fim, ampliava as medidas relativas à "segurança nacional". Ela entrou em vigor em 15 de março de 1967, no mesmo dia da posse do segundo presidente militar pós-1964, o general Arthur da Costa e Silva.

ARQUIVO/IAE



Veículo militar em frente ao Palácio da Guanabara, no Rio de Janeiro, em 8 de abril de 1964.

GOVERNO COSTA E SILVA (1967-1969)

Logo após assumir a presidência, Costa e Silva formulou e passou a executar o Programa Estratégico de Desenvolvimento (PED), a fim de dar continuidade ao Paeg de Castelo Branco, porém buscando a retomada da expansão econômica.

O Ministério do Planejamento foi entregue a Hélio Beltrão e o da Fazenda, a Antônio Delfim Neto, que passaram a estimular as exportações, criando o lema "exportar é a solução". Quanto à distribuição de renda, o princípio defendido por Delfim Neto era o de "primeiro fazer o bolo crescer, para depois reparti-lo".

Com a preocupação de criar uma reserva de mão de obra saudável e alfabetizada para os centros industriais, o governo criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), o Plano Nacional de Saúde e o Projeto Rondon, cujo objetivo era promover o contato de estudantes universitários com o interior do país por meio de atividades assistenciais em comunidades carentes e isoladas.

A política econômica do governo Costa e Silva lançou as bases para que, no governo seguinte, ocorresse o chamado "milagre brasileiro" ou "milagre econômico".

BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA, GOVERNO FEDERAL



Arthur da Costa e Silva, segundo presidente da ditadura militar brasileira.

Mas, ao mesmo tempo, crescia a oposição ao regime, inclusive por parte de alguns setores que haviam contribuído para o golpe de 1964. Em 1966, Carlos Lacerda, que desde a Era Vargas defendeu golpes militares, procurou seus antigos adversários, entre eles, Juscelino Kubitschek e João Goulart, que viviam no exílio, a fim de formarem a Frente Ampla contra o autoritarismo e a longevidade do governo militar. Em abril de 1968, Carlos Lacerda foi cassado e a Frente Ampla extinta.

O movimento estudantil, liderado pela UNE, mobilizava as universidades contra a ditadura e a favor de reformas no ensino superior por meio de passeatas e outras manifestações. Os setores de oposição mais radicais já agiam na clandestinidade e tudo indicava que o movimento estudantil fornecia “à linha dura o pretexto para o endurecimento”.

Em março de 1968, uma tropa de choque da Polícia Militar da Guanabara matou o menor Edson Luís de Lima Souto, estudante secundarista, quando reprimia a tiros um protesto estudantil em frente ao restaurante universitário Calabouço. Esse fato provocou confrontos de rua entre estudantes e militares que culminaram na Sexta-Feira Sangrenta, quando morreram 28 pessoas. Em protesto, intelectuais, artistas e estudantes realizaram, no fim de junho, a Passeata dos Cem Mil, a qual não foi reprimida, pois o governo recuou e ordenou a retirada das tropas.



EVANDRO TEIXEIRA/CPDOC, JB/FOLHAPRESS

A Passeata dos Cem Mil foi um importante marco da retomada da oposição ao regime militar.

Ao mesmo tempo, ocorriam greves operárias de grande vulto em Contagem (Minas Gerais) e Osasco (São Paulo), reprimidas pelos militares.



ARQUIVO/AE

Em outubro de 1968, estudantes do Mackenzie (considerados de direita) e da USP (considerados de esquerda) enfrentaram-se na Rua Maria Antônia, no centro de São Paulo, uma vez que as duas instituições ficavam uma em frente à outra. O prédio da USP que era foco de protesto contra a ditadura, chegou a ser incendiado pelos integrantes do Comando de Caça aos Comunistas (CCC).

No Congresso, os deputados da oposição (MDB) também se manifestavam com duras críticas ao regime. O deputado Márcio Moreira Alves provocou os “duros” do Exército ao exortar, em seu discurso, pais e estudantes para que boicotassem as festividades do Sete de Setembro, em protesto contra o regime militar. Os ministros militares exigiram que o Congresso suspendesse a imunidade do deputado para que ele pudesse ser processado pelos insultos às forças armadas. Mesmo com a maioria da Arena (partido governista), a Câmara negou-se a suspender a imunidade do deputado, em votação ocorrida em 12 de dezembro de 1968.

No dia 13, Costa e Silva editou o Ato Institucional nº 5 (AI-5), com o Ato Complementar nº 38, que colocava o Congresso em recesso por tempo indeterminado. O AI-5 ampliava o autoritarismo do presidente da república: suspensão de direitos políticos, cassação de mandatos, intervenção em estados e municípios e suspensão de garantias constitucionais, como a do direito de *habeas corpus* para pessoas acusadas de crime político.

O AI-5 foi acompanhado de novos expurgos: cassação de 88 deputados, aposentadoria forçada de vários ministros do Supremo Tribunal e de vários professores universitários, como Florestan Fernandes, Fernando

Henrique Cardoso e Octávio Ianni. Estendeu-se a censura à imprensa, que foi colocada sob o controle do regime militar.

Em 28 de agosto de 1969, Costa e Silva foi acometido por uma trombose cerebral, que o levaria à morte pouco depois. Os ministros militares, contrariando o artigo 78 da Constituição de 1967, impediram a posse do vice Pedro Aleixo, já que ele havia sido contra a edição do AI-5, assumindo eles mesmos o poder. Essa junta militar interina foi formada pelo almirante Augusto Rademaker, pelo general Lyra Tavares e pelo marechal do Ar Márcio de Sousa e Melo.

A junta militar foi responsável pela outorga da Emenda Constitucional nº 1, que incorporava à Constituição a prisão perpétua e a pena de morte, ampliava o período de estado de sítio e criava a “fidelidade partidária”. Assim, a Lei de Segurança Nacional, pedra angular do regime, fortalecia-se, e o país entrava em um dos períodos mais repressivos de sua história.

A fim de conferir uma aparência democrática à situação, o Congresso Nacional, que estivera fechado desde o fim de 1968, foi convocado pela junta militar para eleger o presidente Emílio Garrastazu Médici e seu vice, almirante Augusto Rademaker, previamente indicados pelo Supremo Comando Militar.

ROTEIRO DE AULA

GOLPE DE 1964

Antecedentes

Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que reuniu setores conservadores da sociedade civil; crise econômica; anticomunismo resultante das reformas de base de João Goulart.

Atuação do Senado

O Senado decretou vaga a presidência da república, abrindo espaço para a intervenção militar.

O golpe

Deposição de João Goulart, que exilou-se no Uruguai; repressão imediata da UNE e de sindicatos, partidos de esquerda e organizações camponesas.

Governo Castelo Branco (1964-1967)

Aspectos políticos: cassações; limitação dos direitos constitucionais; fim das eleições diretas para a presidência.

Aspectos sociais e econômicos: tentativa de combate à inflação; ampliação da política salarial; ampliação do comércio exterior.

Governo Costa e Silva (1967-1969)

AI-5: poder para fechar o Congresso; novas cassações de parlamentares; afastamento de ministros do Supremo Tribunal Federal; aposentadoria forçada de professores universitários; suspensão do direito de *habeas corpus* para crimes políticos; intensificou a perseguição policial utilizando o conceito de guerra interna da Lei de Segurança Nacional.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. PUC-RS – Sobre o golpe militar de 1964, é correto afirmar que:

- a) ocorreu por iniciativa exclusiva dos militares, sem o apoio da sociedade civil, o que levou as forças armadas a instituir uma ditadura governada apenas por generais e sem a participação de outros setores da sociedade.
- b) teve, como objetivo central, o combate ao comunismo no Brasil e à democracia de massas, promovendo o fim dos partidos e do sistema eleitoral assim que os militares tomaram o poder.
- c) procurou pôr fim ao projeto desenvolvimentista, promovendo, ao logo de duas décadas, um amplo processo de abertura econômica e de privatizações no país.
- d)** instalou uma intensa repressão contra os setores mais à esquerda no espectro político, como a União Nacional dos Estudantes (UNE) e as Ligas Camponesas, com milhares de pessoas presas e torturadas.
- e) estabeleceu uma política externa de muita aproximação com os EUA, evitando qualquer conflito com esse aliado durante os anos 60 e 80 como forma de combater o comunismo.

A ditadura implementada com o golpe de 1964 dizia atuar em nome do combate ao comunismo no Brasil. Por isso, movimentos de esquerda como as Ligas Camponesas e a UNE foram duramente reprimidos desde o início do regime. Com o passar do tempo, a ditadura intensificou o autoritarismo e a repressão e ao longo de duas décadas as prisões e torturas de pessoas consideradas subversivas tornaram-se recorrentes.

2. Udesc-SC

“Organizadas em oposição a João Goulart, as Marchas da Família se transformaram em forte apoio ao governo militar, reunindo uma massa de civis, nas capitais e interior do país.”

Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 1, n. 8, p. 60, fev./mar. 2006.

Relacionando o fragmento acima ao golpe militar no Brasil, é correto afirmar:

- a) As torturas e as perseguições políticas são matérias para ficção, pois o Brasil sempre foi um país estável politicamente.
- b) Havia receio dos setores mais progressistas do Brasil de que os norte-americanos invadissem o país.
- c) O medo em relação ao comunismo não existia no meio social, posto que o país, em especial suas elites, sempre foi simpático às ideias comunistas.
- d)** Por ocasião do golpe houve um movimento civil conservador, inicialmente organizado em oposição ao governo do presidente trabalhista João Goulart, manifestado nas Marchas da Família com Deus pela Liberdade.
- e) Não houve exílio de brasileiros, pois a Constituição de 1967 garantia a liberdade de expressão política.

O excerto reproduzido evidencia o apoio que o golpe militar que depôs João Goulart em 1964 obteve de setores civis da sociedade brasileira, por meio, por exemplo, das Marchas da Família.

3. UFPR-PR – Considere o fragmento abaixo:

“Como resultados dessas políticas de Estado, foi possível estimar ao menos 8 350 indígenas mortos no período de investigação da CNV, em decorrência da ação direta de agentes governamentais ou da sua omissão. Essa cifra inclui apenas aqueles casos aqui estudados em relação aos quais foi possível desenhar uma estimativa. O número real de indígenas mortos no período deve ser exponencialmente maior, uma vez que apenas uma parcela muito restrita dos povos indígenas afetados foi analisada e que

há casos em que a quantidade de mortos é alta o bastante para desencorajar estimativas.”

RELATÓRIO Comissão Nacional da Verdade. *Violação dos direitos humanos dos povos indígenas*, v. 2, texto 5, 2014. p. 205.

Sobre a questão indígena na ditadura militar, assinale a alternativa correta:

- a) Projetos como a construção das hidrelétricas de Itaipu e de Tucuruí, no Rio Tocantins, impulsionaram o desenvolvimento econômico de várias comunidades indígenas, graças aos projetos executados pela Funai.
- b) Apesar das mortes contabilizadas no relatório da CNV, após o golpe civil-militar, os indígenas passaram a ser valorizados no novo período econômico que se iniciou no Brasil.
- c) No período da ditadura militar, foi criada a Guarda Nacional Indígena, uma milícia armada integrada exclusivamente por responsáveis pelo policiamento nas áreas indígenas para manutenção de sua cultura.
- d) Com o golpe civil-militar, devido às construções de grandes obras, a mão de obra indígena começou a ser parcialmente valorizada pelo governo Figueiredo, que percebeu a aptidão dos indígenas para a manufatura.
- e)** Após o golpe civil-militar, um novo período econômico se iniciou no Brasil, com construções de grandes obras nas quais os indígenas passaram a ser tratados como obstáculos para o desenvolvimento nacional.

A ditadura iniciada após o golpe civil-militar implementou um modelo econômico desenvolvimentista, do qual fez parte a construção de grandes projetos, as chamadas “obras faraônicas”. Alguns deles, como a Rodovia Transamazônica, dirigiram-se para regiões com vastas populações indígenas, que acabaram sendo dizimadas, conforme demonstrado pelo excerto do relatório da Comissão Nacional da Verdade.

4. PUC-RS – Para responder à questão, leia o texto e as afirmativas que seguem, preenchendo os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

O golpe militar, que deu origem a uma das mais longas ditaduras brasileiras (1964-1985), completou 50 anos em 2014. Esse acontecimento:

- () derrubou o governo constitucional de João Goulart, que optou por não reagir militarmente à sua destituição do poder, preferindo o exílio no Uruguai.
- () foi mal recebido pela maioria da população brasileira, que se mobilizou contra o movimento golpista em passeatas e manifestações de massa, como a “Marcha dos 100 mil”, ocorrida no Rio de Janeiro.
- () foi condenado por amplos setores da grande imprensa brasileira, como os jornais liberais *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, que consideravam a medida uma ação contrária à democracia.
- () não é considerado uma ação exclusivamente militar, porque recebeu apoio de instituições civis, como o Ipes (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) e o Ibade (Instituto Brasileiro de Ação Democrática).

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é:

- a) V – V – F – V.
- b) V – F – F – V.** A segunda afirmativa é falsa porque o golpe militar não foi mal recebido pela maior parte da população. Houve amplos setores civis que o apoiaram. E a Marcha dos Cem Mil referida pela afirmativa ocorreu apenas em 1968, quatro anos após o golpe e com a ditadura já implementada. Já a terceira afirmativa é falsa porque jornais como *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* apoiaram a deposição de João Goulart e elogiaram o golpe dos militares. Foi apenas nos anos seguintes que esses jornais passaram e se opor ao regime militar.
- c) V – F – F – F.
- d) F – V – V – F.
- e) F – F – V – V.

5. Unesp-SP

C5-H24

AÍ, O AI-5

ZIRALDO



Ziraldo. 20 anos de prontidão. In: Renato Lemos. *Uma história do Brasil através da caricatura*, 2001. (Adaptado)

A charge caracteriza o Ato Institucional nº 5, de dezembro de 1968, como:

- uma forma de estimular o aumento dos protestos da classe média contra o regime militar.
- uma medida dura, mas necessária para o restabelecimento da ordem e da tranquilidade no país.
- um instrumento de coerção, que limitava os direitos e a capacidade de defesa dos cidadãos.
- uma tentativa de frear o avanço dos militares, que haviam assumido o controle do governo federal.
- um esforço de democratização e reformas sociais, num momento de crise e instabilidade econômica.

A charge sugere que, com o AI-5, a população poderia ser reprimida sem direito de defesa. Naquele contexto, um elefante seria tido por cobra se os governantes assim desejassem. Transpondo para a realidade social da época, isso quer dizer que aqueles tidos como subversivos pela ditadura militar dificilmente conseguiriam argumentar o contrário e seriam reprimidos sumariamente.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

6. Enem

“A Operação Condor está diretamente vinculada às experiências históricas das ditaduras civil-militares que se disseminaram pelo Cone Sul entre as décadas de 1960 e 1980. Depois do Brasil (e do Paraguai de Stroessner), foi a vez da Argentina (1966), Bolívia (1966 e 1971), Uruguai e Chile (1973) e Argentina (novamente, em 1976). Em todos os casos se instalaram ditaduras civil-militares (em menor ou maior medida) com base na Doutrina de Segurança Nacional e tendo como principais características um anticomunismo militante, a identificação do inimigo interno, a imposição do papel político das forças armadas e a definição de fronteiras ideológicas.”

PADRÓS, E. S. et al. *Ditadura de segurança nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985)*: história e memória. Porto Alegre: Corag, 2009. (Adaptado)

Levando-se em conta o contexto em que foi criada, a referida operação tinha como objetivo coordenar a:

- modificação de limites territoriais.
- sobrevivência de oficiais exilados.
- interferência de potências mundiais.
- repressão de ativistas opositores.
- implantação de governos nacionalistas.

O excerto afirma que a Operação Condor baseava-se no anticomunismo e no combate a um inimigo interno, ou seja, teve como objetivo identificar e reprimir a oposição política da ditadura militar, conforme expresso corretamente pela alternativa D.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Uerj-RJ (adaptado)

WASHINGTON, OUTUBRO DE 1967



MARC RIBOUD/MAGNUM PHOTOS/GLOW IMAGES

Jan Rose Kasmir contra a Guerra do Vietnã.

PARIS, MAIO DE 1968



MP/PORTFOLIO/LEEMAGE/AFP

Estudantes nas manifestações de maio de 1968.

RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1968



FOLHAPRESS

Passeata dos Cem Mil.

CIDADE DO MÉXICO, AGOSTO DE 1968



JESUS DIAZ/AP PHOTO/GLOW IMAGES

Manifestantes na Praça da Constituição.

Entre 1967 e 1968, com destaque para o ano de 1968, ocorreram em vários países movimentos de contestação de grandes proporções e com motivações variadas, como retratado nas fotos. Um dos aspectos comuns entre esses movimentos foi:

- a) crítica dos partidos políticos à bipolaridade internacional.
- b) oposição de segmentos sociais a decisões governamentais.
- c) repressão dos protestos populares pelas autoridades militares.
- d) agravamento de problemas financeiros pelo mercado mundializado.

8. Unespar-PR – Sobre o regime militar no Brasil (1964-1985) e seus desdobramentos atualmente, analise as seguintes sentenças:

- I. A tomada do poder pelos militares, em 1964, contou com o apoio explícito de amplos setores sociais, religiosos, de grande parte dos políticos do Congresso Nacional e de instituições, como a Ordem dos Advogados do Brasil.
 - II. A Comissão Nacional da Verdade foi criada em 2011 a fim de, entre outros, apurar as violações de direitos humanos cometidas por agentes públicos no período 1964-1985 e investigar o desaparecimento de presos políticos, sem, no entanto, ter condições legais de punir os culpados.
 - III. De modo semelhante ao que ocorria no cenário internacional bipolarizado, no Brasil, o governo militar adotou uma posição nacionalista e pró-capitalista e combateu indivíduos e/ou grupos ligados ou suspeitos de ligação com tendências políticas comunistas, sobretudo aquelas de caráter internacionalista.
 - IV. Embora tenha limitado os direitos civis, o governo militar foi desprovido de corrupção, aumentou consideravelmente o Produto Interno Bruto e melhorou significativamente a distribuição de renda e o poder aquisitivo do trabalhador, se comparado ao período precedente.
- a) I, II e IV estão corretas.
 - b) II e IV estão corretas.
 - c) I e III estão corretas.
 - d) I, II e III estão corretas.
 - e) Apenas a III está correta.

9. Unesp-SP

"[...]

O sol se reparte em crimes

Espaçonaves guerrilhas

Em cardinales bonitas

Eu vou

[...]

Em caras de presidentes

Em grandes beijos de amor

Em dentes, pernas, bandeiras

Bomba e Brigitte Bardot...

[...]

Ela nem sabe até pensei

Em cantar na televisão

O sol é tão bonito

Eu vou..."

Caetano Veloso. Alegria, alegria, 1967.

A letra da canção de Caetano Veloso, apresentada no III Festival da Música Popular Brasileira, em 1967, faz várias alusões ao contexto da época. Entre elas, podemos citar:

- a) a revalorização da família e do ensino religioso na educação dos jovens brasileiros.
- b) o processo de abertura política e o fim do longo período de governos militares.
- c) a queda do presidente João Goulart e a ameaça comunista que pairava sobre o Brasil.
- d) o crescimento da importância dos meios de comunicação de massa e as tensões políticas na América Latina.
- e) a perseguição a opositores do regime militar e a decretação do Ato Institucional nº 5.

10. Uece-CE – No que tange à relação Estado e sociedade civil no Brasil, no período de 1964 a 1978, são feitas as seguintes afirmações:

- I. É um período em que foram amplamente respeitados os direitos e as garantias fundamentais do cidadão por parte dos poderes instituídos.
- II. Foram observadas ações de resistência por parte de alguns segmentos da sociedade brasileira ao poder ditatorial-militar instaurado, inclusive com luta armada.
- III. No período citado, a exclusão de amplos setores da sociedade civil do processo decisório nacional ficou fortemente evidenciada.

É correto o que se afirma em:

- a) I, II e III.
- b) II, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) I e III, apenas.

11. Cásper Líbero-SP

"Em primeiro lugar, do meu ponto de vista, o golpe de Estado no Brasil não foi somente militar, mas também civil. Os militares sempre contaram com o apoio de setores conservadores, de segmentos da direita e da grande imprensa, que festejam o 31 de março como a data da 'gloriosa revolução'. Hoje, fazem de tudo para tentar apagar esse passado e esquecer esse período sombrio da história política brasileira em nome, segundo eles próprios, da harmonia nacional".

FOUCHER, Marilza de Melo. <http://www.correiodobrasil.com.br/analise-a-ditadura-no-brasil-como-ela-se-impos>. Publicado: 8/12/2013. Acesso: 11/10/2016. (Adaptado)

Na perspectiva da autora, a ditadura militar brasileira:

- a) contou com o apoio de setores civis, que atuaram referendando o golpe de 1964.
- b) foi uma ocorrência isolada, restringindo-se aos setores militares legalistas.
- c) caracterizou-se por ter sido um processo que implantou a estabilidade política.
- d) valorizou a isenção da imprensa com a finalidade de garantir a harmonia.
- e) foi um golpe que contou com o apoio de setores de esquerda internacional.

12. UFRR-RR – Sobre a ditadura civil/militar brasileira instituída em 1964, pode-se afirmar que:

- a) o Executivo federal era ocupado por militares que não tinham seus mandatos legitimados pelo voto direto.
- b) ao longo do período dos governos militares as liberdades individuais e de imprensa foram respeitadas.
- c) no plano externo, os governos militares se associaram de forma firme à extinta União Soviética.
- d) nos governos militares, a prática de torturas não existia e os direitos humanos eram completamente respeitados.
- e) ao final do ciclo dos governos militares a inflação encontrava-se em índices muito baixos.

13. PUC-MG – A reação ao golpe militar no Brasil, no campo cultural, foi intensa e desafiadora. Músicos como Chico Buarque engrossaram o coro dos descontentes contra o regime. Leia com atenção os versos abaixo:

“Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir

A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir

Por me deixar respirar, por me deixar existir,

Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir

Pela fumaça e a desgraça, que a gente tem que tossir

Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair,

Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir

E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir

E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir,

Deus lhe pague”

Chico Buarque. Construção.

A partir dos versos, é correto afirmar que:

- a) expressam as difíceis condições de vida da maioria da população brasileira sob os governos militares.
- b) revelam e incentivam a rebelião estudantil e das massas trabalhadoras.
- c) mostram ao mundo a ética com que os governos militares conduziam a política nacional.
- d) apontam as vantagens do capitalismo multinacional na organização do trabalho no Brasil.

14. IFBA-BA

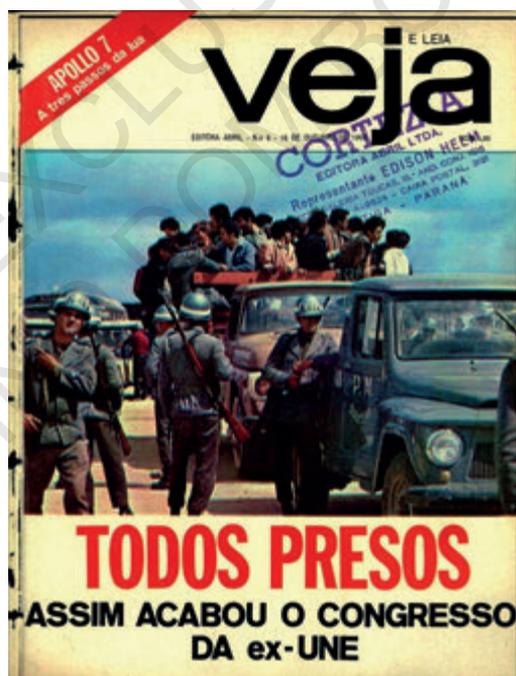
“A Segurança Nacional compreende, essencialmente, medidas destinadas à preservação da segurança externa e interna, inclusive a prevenção e repressão da guerra psicológica adversa e da guerra revolucionária ou subversiva.”

Artigo 3º da Lei de Segurança Nacional, 1969. In: CASTELLI JUNIOR, Roberto. *História: texto e contexto*. São Paulo: Scipione, 2006. p. 632.

A Lei de Segurança Nacional serviu ao regime militar como:

- a) justificativa para o golpe que destituiu o governo de João Goulart e instalou a ditadura militar no Brasil.
- b) justificativa para a criação do bipartidarismo como forma de impedir a ação de partidos subversivos.
- c) instrumento legal para legitimar prisões e condenações de brasileiros considerados subversivos.
- d) dispositivo ideológico dos grupos que lutavam pela manutenção da ditadura militar através da guerra revolucionária.
- e) instrumento de controle sobre as produções artísticas e culturais consideradas nocivas aos ideais revolucionários do regime.

15. PUC-RJ



É correto afirmar que o evento caracterizado na capa da revista *Veja* é a expressão:

- a) do contexto político do governo Médici, com a instituição da ditadura e a proibição de qualquer manifestação política de oposição.
- b) do clima libertário, relacionado ao movimento *hippie* internacional, que era compartilhado pelos estudantes brasileiros, compreendido como desregramento moral pelo governo brasileiro.
- c) de manifestações violentas de estudantes, vinculados à União Nacional dos Estudantes, posta na ilegalidade desde o governo João Goulart, em 1962.
- d) do acirramento das tensões políticas que gerou mobilização da sociedade contra as medidas autoritárias do governo e que culminou, no final de 1968, no decreto do AI-5.
- e) da intolerância do regime militar a qualquer manifestação política, razão pela qual o Congresso Nacional ficou fechado desde 1964.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C3-H14

PSD - PTB - UDN
 PSP - PDC - MTR
 PTN - PST - PSB
 PRP - PR - PL - PRT
 Finados

FORTUNA. *Correio da Manhã*, ano 65, n. 22 264, 2 nov. 1965.

A imagem foi publicada no jornal *Correio da Manhã*, no Dia de Finados de 1965. Sua relação com os direitos políticos existentes no período revela a:

- extinção dos partidos nanicos.
- retomada dos partidos estaduais.
- adoção do bipartidarismo regulado.
- superação do fisiologismo tradicional.
- valorização da representação parlamentar.

19. Enem

C3-H11

“No período anterior ao golpe militar de 1964, os documentos episcopais indicavam para os bispos que o desenvolvimento econômico, e claramente o desenvolvimento capitalista, orientando-se no sentido da justa distribuição da riqueza, resolveria o problema da miséria rural e, conseqüentemente, suprimiria a possibilidade do proselitismo e da expansão comunista entre os camponeses. Foi nesse sentido que o golpe de Estado, de 31 de março de 1964, foi acolhido pela Igreja.”

MARTINS, J. S. *A política do Brasil: lúmpen e místico*. São Paulo: Contexto, 2011. (Adaptado)

Em que pesem as divergências no interior do clero após a instalação da ditadura civil-militar, o posicionamento mencionado no texto fundamentou-se no entendimento da hierarquia católica de que o(a):

- luta de classes é estimulada pelo livre-mercado.
- poder oligárquico é limitado pela ação do Exército.
- doutrina cristã é beneficiada pelo atraso do interior.
- espaço político é dominado pelo interesse empresarial.
- manipulação ideológica é favorecida pela privação material.

20. Enem

C1-H1



ZIRALDO. *20 anos de prontidão*, 1984.

Os aparelhos televisores se multiplicam nas residências do Brasil a partir da década de 1960. A partir da charge, os programas televisivos eram controlados para atender interesses dos:

- artistas críticos.
- grupos terroristas.
- governos autoritários.
- partidos oposicionistas.
- intelectuais esquerdistas.

27

DITADURA MILITAR

DOS “ANOS DE CHUMBO” À REDEMOCRATIZAÇÃO

- Dos “anos de chumbo” à redemocratização
- Governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974)
- Governo Ernesto Geisel (1974-1979)
- Governo João Figueiredo (1979-1985)

HABILIDADES

- Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.
- Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

Em 1969, assumiu a presidência o general Emílio Garrastazu Médici e seu governo ficou conhecido como os “anos de chumbo”; pois representou o auge da política repressiva. No entanto, para boa parte da população brasileira o período parecia de otimismo. O governo conseguia vender uma falsa imagem de progresso e desenvolvimento, sobretudo com o chamado “milagre econômico”, que expandiu a economia nacional e aumentou o consumo da população. Obras faraônicas eram projetadas e o governo valia-se de forte propaganda, sobretudo na TV. O tricampeonato de futebol, em 1970, foi um dos principais elementos empregados na propaganda.

Porém, na segunda metade da década de 1970 a situação já parecia mudar. O contexto global de crise expunha as fragilidades do suposto milagre econômico. A despeito da promessa de abertura democrática do general Ernesto Geisel, o regime continuava prendendo, torturando e matando. Mortes como a do jornalista Vladimir Herzog tornavam-se símbolo de comoção e resistência nacional.

Os salários reduziam e a inflação e o desemprego aumentavam. A situação trouxe o movimento operário e sindical de volta ao centro da política brasileira. Na virada para a década de 1980, as greves do ABC Paulista pararam o país. A sociedade civil avançava em suas reivindicações por democracia. Entre 1983 e 1984, durante o governo de João Figueiredo, milhões de pessoas saíram às ruas de diversas cidades empenhadas na campanha das Diretas-Já.

Foi por meio de um processo longo e tortuoso, cheio de conflitos e tensões entre o regime e a sociedade civil – e também entre alas do próprio Exército – que, em 1985, o Brasil enfim obteve sua redemocratização. São as nuances desse processo, do período de maior brutalidade à redemocratização, que abordaremos neste módulo.



Fotografia de Alfredo Rizzutti tirada em passeata pelas Diretas-Já, em abril de 1984. Os manifestantes seguram um cartaz com a frase “Amanhã vai ser outro dia!”, extraída da icônica canção “Apesar de você” (1970), de Chico Buarque de Hollanda, um dos símbolos da resistência civil à ditadura militar.

GOVERNO EMÍLIO GARRASTAZU MÉDICI (1969-1974)

De todos os governos militares, o do presidente Médici foi o mais autoritário e repressor. Apesar do extraordinário crescimento econômico, que se convencionou chamar de “milagre brasileiro”, a sociedade civil viveu, durante anos, submetida a terror psicológico, prisões arbitrárias, grampeamentos telefônicos, tortura e meios desumanos para obter confissões.

A censura implacável impedia que a imprensa em geral noticiasse os fatos, salvo aqueles permitidos oficialmente. A censura também era rigorosa com a literatura, o cinema, o teatro, *shows* e novelas.

Médici, que, em seu discurso de posse, prometera restaurar a democracia, aprofundava a ditadura. Quanto às reformas sociais, ele lançou o programa de construção da Rodovia Transamazônica com o objetivo de povoar a floresta. Sua postura repressora já se evidenciara quando fora chefe do Serviço Nacional de Inteligência e defendeu o AI-5 como necessário para “deter o mal” e a “contrarrevolução”.



BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA, GOVERNO FEDERAL

General Emílio Garrastazu Médici, que presidiu o Brasil durante os chamados “anos de chumbo”, período mais violento e repressivo da ditadura militar.

A oposição foi literalmente calada. Ironicamente, dizia-se, na época, que o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) era o partido do “sim”, e a Arena o partido do “sim, senhor”. Ao lado da oposição legal suportada, outros grupos mais radicais foram jogados na clandestinidade e perseguidos por órgãos especiais de repressão, como o Destacamento de Operações Internas e Comando Operacional de Defesa Interna (DOI-Codi).

As esquerdas, divididas em mais de duas dezenas de grupos, muitos dos quais optaram pela luta armada, recrudesceram sua ação contra o regime militar, principalmente a partir de 1969. Ficaram famosos a Aliança Libertadora Nacional (ALN), a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e o Movimento Revolucionário de 8 de Outubro (MR-8).

As guerrilhas urbanas de esquerda praticavam assaltos a bancos, ataques a quartéis e sequestros de diplomatas estrangeiros.

Entre 1969 e 1970, quatro grandes sequestros aconteceram: o do embaixador estadunidense Charles Burke Elbrick, trocado por quinze prisioneiros; o do cônsul-geral

japonês em São Paulo, Nobuo Okushi, trocado por cinco prisioneiros; o do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, solto em troca de setenta prisioneiros; e o do embaixador alemão-ocidental Ehrenfried von Holleben, trocado por quarenta prisioneiros. Entre 1972 e 1975, ocorreu também uma guerrilha rural na região do Araguaia, em uma área localizada entre os estados do Pará, Maranhão e Tocantins. Esse movimento, organizado e liderado por integrantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), uma ala dissidente do Partido Comunista Brasileiro (PCB), pretendia angariar o apoio da população daquela região para iniciar um amplo movimento camponês contra o governo militar. Em 1975, o Exército brasileiro dissipou a chamada Guerrilha do Araguaia. Seus integrantes foram mortos, presos ou exilados.

A imprensa foi proibida de divulgar notícias sobre as ações armadas, os órgãos de segurança passaram a prender e torturar os suspeitos de ligação com as guerrilhas e agentes foram infiltrados nas organizações de esquerda.

Depois da morte de Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira, da ALN; e Carlos Lamarca, da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), a guerrilha de esquerda entrou em declínio e deixou de ser uma ameaça ao regime militar, mas os aparelhos repressivos não foram desmontados.



COLEÇÃO PARTICULAR

Capa da revista *Veja* exibindo Carlos Marighella, líder guerrilheiro da Aliança Libertadora Nacional (ALN) como “procurado”.

Além disso, o regime procurou atuar em nível ideológico, promovendo grande propaganda de exaltação patriótica, com *slogans* ufanistas como “Brasil: ame-o ou deixe-o” e “Ninguém segura este país”. A vitória da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo no

México, as discussões acerca do “mar de duzentas milhas” e músicas como “Pra frente, Brasil” mascaravam a violência do regime e angariavam a simpatia popular para o governo Médici. O crescimento econômico, mesmo com os índices inflacionários manipulados pelo ministro Delfim Neto, permitia ao governo obter apoio de vários setores da sociedade, notadamente das classes médias, que, na época, auferiam um aumento de renda e de consumo, em contraposição a um forte arrocho salarial imposto aos trabalhadores.

Artistas como Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil foram duramente perseguidos e, como vários outros, tiveram de deixar o Brasil, exilando-se em outros países. Enquanto artistas de esquerda escreviam músicas e peças de teatro para criticar a ditadura, o governo cooptou artistas para exaltar o Brasil.

A teoria de grande potência veiculada pelo governo militar apresentava dois grandes problemas: o analfabetismo e a mortalidade infantil. Para combater esses dois pontos vulneráveis, o governo Médici foi buscar os remédios receitados pelo governo anterior, do general Costa e Silva: o Mobral, o Plano Nacional de Saúde e o Projeto Rondon. Entretanto, estes não surtiram os efeitos desejados. O Mobral alfabetizou pouco e, quando o fez, fez mal; o Plano Nacional de Saúde ficou no papel; e o Projeto Rondon, em pouco tempo, passou a atrair cada vez menos universitários.

Tal qual esses projetos de impacto que fracassaram, o próprio governo Médici, em seu final, já fazia vislumbrar uma crise econômica que atingiria setores importantes da economia e da sociedade brasileiras, como as classes médias, que passaram a ter seu consumo e renda diminuídos. Os efeitos da crise do petróleo, desencadeada a partir de 1973, também começaram a ecoar por aqui. Dessa forma, o apoio ao regime militar passou a diminuir, obrigando o governo a alterar sua postura autoritária para um processo lento e gradual de abertura política.

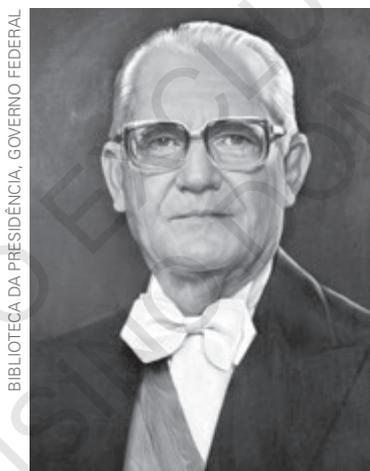


Pelé, o grande destaque na Copa do Mundo de 1970, no México, da qual o Brasil saiu vitorioso. O governo militar aproveitou-se do sucesso da Seleção Brasileira para se promover.

GOVERNO ERNESTO GEISEL (1974-1979)

Em 15 de março de 1974, o país assistiu pela TV à pompa com a qual foi realizada a posse de Ernesto Geisel à presidência. Foram gastos quase 2 milhões de dólares em solenidades e comemorações. Compararam 89 delegações estrangeiras, destacando-se a presença dos presidentes do Chile (general Augusto Pinochet), do Uruguai (Juan María Bordaberry), da Bolívia (general Hugo Banzer) e, ainda, de Pat Nixon, esposa do presidente dos Estados Unidos.

Geisel pronunciou um discurso breve, com apenas onze parágrafos e nenhuma referência concreta aos objetivos de seu governo. De personalidade marcante, austero e avesso à propaganda, Geisel e seu grupo consideravam que a falta de liberdade era extremamente perigosa, comprometia a popularidade do regime militar e podia resultar em uma explosão social.



BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA, GOVERNO FEDERAL

O general Ernesto Geisel foi o penúltimo presidente militar do Brasil. Em seu governo, foi lançado o Programa Nacional do Álcool (Pró-Álcool), visando à substituição dos combustíveis veiculares derivados de petróleo por álcool. Financiado pelo governo, o projeto apresentava-se como uma possível alternativa à crise do petróleo de 1973.

A crise econômica e a aceleração inflacionária iniciadas em 1974 provocaram a primeira grande derrota eleitoral da Arena naquele ano. O MDB quase duplicou o número de deputados na Câmara, triplicou o número de senadores e passou a assumir seu verdadeiro papel de oposição. A sociedade civil manifestava nas urnas o repúdio ao regime militar. Era preciso criar mecanismos políticos que evitassem maiores desgastes ao governo e garantissem a continuação dos militares no poder. Foi com esse propósito que Geisel iniciou a abertura política, que resultou, mais tarde, em um processo de redemocratização, embora não fosse essa a intenção da maioria dos militares.

A abertura política de Geisel foi uma transição para a democracia e, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência do regime militar. Esse processo, sob a ótica dos militares, sempre esteve ameaçado pelos radicais de esquerda e, por isso, sua caminhada em direção à democracia foi lenta e gradual, marcada por períodos de fluxo e refluxo, isto é, avanços e recuos.

Coube ao presidente Geisel e a seu grupo de moderados convencer os militares da Linha Dura da necessidade da distensão, de diminuir seu poder de ação, de obter o apoio majoritário da oficialidade e de controlar os

torturadores e os órgãos de repressão. Mas o projeto de Geisel era muito limitado, principalmente pelas concessões que teve de fazer à Linha Dura, retrocedendo em vários momentos. A repressão continuou prendendo, torturando e confinando vários opositores do regime com base na Lei de Segurança Nacional ou no AI-5.

Um exemplo disso foi a intensificação da chamada Operação Condor, uma espécie de tratado secreto entre os governos militares de Brasil, Chile, Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia, por meio da qual trocavam informações sobre possíveis opositores e efetuavam prisões, torturas e deportações dos acusados. Muitos desses acusados foram mortos nessa operação.

A sociedade civil, no entanto, mobilizava-se cada vez mais, fazendo avançar a luta pela democracia. A Igreja, a Ordem dos Advogados do Brasil (AOB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), junto ao MDB, uniram-se em protesto contra as torturas e as arbitrariedades policiais.

Em outubro de 1975, a morte do jornalista Vladimir Herzog, em São Paulo, sob tortura, deu início a pressões que fizeram o regime recuar. Em janeiro de 1976, a morte do operário Manuel Fiel Filho, decorrente das torturas que sofreu quando submetido a interrogatório no DOI-Codi, em São Paulo, levou Geisel a demitir o comandante do segundo Exército, o general Ednardo D'Ávila Mello. Começava o desmantelamento dos órgãos repressores.



O jornalista Vladimir Herzog foi morto sob tortura nos porões do DOI-Codi, em outubro de 1975. Os militares argumentaram que ele teria se suicidado e forjaram uma cena de suicídio por enforcamento. O caso gerou ampla repercussão. Foi realizada uma missa ecumênica (Herzog era judeu) que reuniu cerca de 8 mil pessoas na Catedral da Sé, em São Paulo, e tornou-se um símbolo da oposição à ditadura. Na fotografia, vemos a Praça da Sé durante a missa, tomada por pessoas que foram se manifestar contra o regime e o assassinato de Herzog. A família do jornalista tentou diversas vezes justiça e reparação pelo ocorrido e apenas em 2013 obteve um novo atestado de óbito no qual a morte constava como decorrente de agressões e maus-tratos. Recentemente, em julho de 2018, a Corte Interamericana de Direitos Humanos condenou o Estado brasileiro pelo homicídio de Herzog.

Mas tudo isso tinha um preço. Para evitar novas vitórias eleitorais do MDB, eram necessários novos mecanismos que manipulassem a “vontade” das urnas. Assim, em 1976 o governo criou a Lei Falcão, que limitava a propaganda eleitoral no rádio e na televisão. Em 1977, foi a vez do Pacote de Abril, que, entre outras medidas, fechou o Congresso Nacional. Com isso,

buscava-se garantir a vitória da Arena nas eleições de 1978, com a nomeação de um terço dos senadores pelo governo (os chamados senadores biônicos) e a manutenção do critério de indicação dos governadores estaduais pelo presidente da república.

A sucessão de Geisel foi tumultuada. Os militares Linha Dura articulavam a candidatura do ministro do Exército, o general Sílvio Frota, enquanto Geisel já havia escolhido o general João Batista Figueiredo, então chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI). A reação dos frotistas à candidatura de Figueiredo levou Geisel a demitir Frota, demonstrando mais uma vez seu poder pessoal.

O MDB lançou o general Euler Bentes Monteiro como forma de protesto e denúncia contra o processo de eleições indiretas. Assim como já havia feito quando da eleição de Geisel, o deputado federal pelo MDB, Ulysses Guimarães, lançou-se, também em sinal de protesto, naquilo que ele mesmo denominou “anti-candidatura”.

Contudo, Figueiredo e seu vice, o civil Aureliano Chaves, foram eleitos pelo Colégio Eleitoral, formado pelo Congresso e por representantes das Assembleias estaduais.

Nas eleições parlamentares de novembro, apesar de o MDB ter conseguido a maioria dos votos, a Arena continuou sendo o partido majoritário no Congresso, graças às manobras do Pacote de Abril e aos senadores biônicos. A população usava novamente o voto como instrumento para manifestar insatisfação com o regime militar, exigindo o retorno da democracia ao país. Ficava claro que a redemocratização seria uma conquista da sociedade civil, e não uma simples concessão do regime.

Em 31 de dezembro de 1978, Geisel extinguiu o AI-5. A abertura política avançava sob pressão da sociedade civil, mas a redemocratização ainda passaria por caminhos tortuosos.

GOVERNO JOÃO FIGUEIREDO (1979-1985)

João Figueiredo tomou posse na presidência da república em março de 1979. Era grande a esperança de que se completasse a abertura democrática iniciada por Geisel.

A situação econômica sacrificava terrivelmente a classe trabalhadora, provocando várias greves, com destaque para as do ABC Paulista, onde 160 mil metalúrgicos, liderados por Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula, com o apoio da Igreja e de outros setores importantes da sociedade civil, paralisaram o trabalho.

As greves do ABC, consideradas ilegais, eram um desafio frontal ao novo presidente. O governo reagiu intervindo nos sindicatos e ordenando a prisão dos principais dirigentes dos trabalhadores. Apesar da violência oficial, a greve prosseguiu até fins de abril, com o apoio de importantes personalidades e entidades que forneciam comida e dinheiro para os trabalhadores resistirem.

A continuidade do movimento forçou as negociações, que resultaram vitoriosas para os metalúrgicos,

inclusive com o retorno de Lula e de outros dirigentes sindicais que haviam sido expurgados.

Em 1979, mais de quatrocentas greves de professores, empregados da construção civil, motoristas de ônibus, portuários, bancários, garis, funcionários públicos, entre outras categorias, marcaram o nascimento do novo sindicalismo, com projeção de lideranças e métodos novos na luta dos trabalhadores.



O líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva discursa para uma multidão de metalúrgicos em greve, em São Bernardo do Campo, na Região Metropolitana de São Paulo, em março de 1979.

Nesse contexto de verdadeira ascensão das massas na luta pela redemocratização, o presidente João Figueiredo tomou a decisão de decretar a anistia geral aos condenados por crimes políticos depois da grande mobilização da sociedade civil pela anistia ampla, geral e irrestrita. Mas a lei do governo anistiou também os acusados de prática de tortura. A anistia restabelecia os direitos políticos dos exilados, permitindo sua reintegração normal à vida política. Retornaram, depois de vários anos de exílio, Leonel Brizola, Miguel Arraes e Luís Carlos Prestes, entre outros.

Ainda em 1979, Figueiredo decretou uma reforma partidária, extinguiu a Arena e o MDB e criou condições para a volta do pluripartidarismo. A manobra do governo era dividir a oposição e evitar que esta chegasse forte ao poder pela via eleitoral.

Os apoiadores do regime, membros da Arena, reagruparam-se no Partido Democrático Social (PDS). A maior parte do MDB formou o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), mas a ala mais conservadora, sob a liderança de Tancredo Neves e Magalhães Pinto, formou o Partido Popular (PP). Enquanto o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) ressurgiu, sob a liderança de Ivete Vargas, outros partidos foram fundados: o Partido Democrático Trabalhista (PDT), sob a liderança de Leonel Brizola, e o Partido dos Trabalhadores (PT), formado principalmente por alguns intelectuais e autoridades do novo sindicalismo e da Igreja, liderados por Luiz Inácio Lula da Silva.

Em 1980, João Figueiredo decretou o restabelecimento das eleições diretas para governador de estado,

mas manteve a Lei Falcão e aprovou uma lei eleitoral que proibia as coligações partidárias a fim de dificultar o fortalecimento da oposição. Por isso, o PP uniu-se novamente ao PMDB, tendo em vista as manobras do governo para ganhar as eleições.



João Figueiredo, o último general a governar o Brasil durante a ditadura militar.

Os militares reacionários e a extrema-direita reagiram com violência diante dos avanços da redemocratização. Deflagraram o terrorismo urbano com vários atentados a bancas de jornais e a entidades de defesa dos direitos humanos. O sequestro e espancamento do jurista Dalmo de Abreu Dallari, em São Paulo, e um atentado à bomba na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, que resultou na morte de uma pessoa e em sérios ferimentos em outras seis, são alguns exemplos da reação.

Mas, na noite de 30 de abril de 1981, ocorreu o mais grave atentado à bomba da extrema-direita. Durante um *show* comemorativo do 1º de Maio no Centro de Convenções do Riocentro, no Rio de Janeiro, uma bomba explodiu no carro em que se encontravam um capitão e um sargento do Exército. A explosão matou o sargento e feriu gravemente o capitão. O Exército, por meio de comunicados, negou qualquer participação no caso.

No entanto, as evidências eram muito fortes e mostravam o jogo da extrema-direita, que articulava-se com setores militares. O general Golbery do Couto e Silva, principal articulador da abertura e chefe do Gabinete Civil da Presidência, manobrou para que o inquérito sobre o Riocentro caminhasse por vias legais. Não conseguiu seu intento e, desgastado, demitiu-se em agosto.

Apesar dos perigos que a redemocratização corria, os militares pró-abertura garantiram sua continuidade e a oposição democrática ganhou força para denunciar o terrorismo e formar uma frente de luta contra ele. A Linha Dura recuava cada vez mais e as eleições de 1982 novamente deram uma nítida vitória à oposição. Era a resposta da sociedade aos alçozes da democracia.

A profunda recessão econômica, apesar das promessas do ministro Delfim Neto e de seu III Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), produzia efeitos drásticos para aqueles que pretendiam o continuísmo militar. Em 1983, teve início uma campanha, articulada pelos partidos de oposição e entidades da sociedade civil, que contestava frontalmente a legitimidade das eleições indiretas: era a campanha das Diretas-Já.

Em março daquele ano, um deputado de Mato Grosso, Dante de Oliveira, do PMDB, apresentou ao Congresso uma emenda constitucional que restabelecia as eleições diretas para presidente e vice em 1984. Enquanto essa emenda tramitava no Congresso, a campanha das Diretas-Já ganhava as ruas com comícios que chegaram a ter mais de 1 milhão de pessoas, como no Vale do Anhangabaú e na Praça da Sé, em São Paulo; e na Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. A sociedade empolgava-se e entusiasticamente aplaudia e participava da campanha. Mas a emenda não conseguiu alcançar os dois terços dos votos necessários para sua aprovação e foi rejeitada por uma diferença de 22 votos.

Apesar da derrota da Emenda Dante de Oliveira, o regime militar estava com os dias contados. Na con-

venção do PDS para escolher o candidato do partido à presidência da república, o coronel Mário Andreazza, candidato do governo, foi derrotado por Paulo Maluf. O PMDB, por sua vez, apresentava a candidatura de Tancredo Neves após incorporação do PP e formava, com o Partido da Frente Liberal (PFL), dissidência do PDS liderada por Aureliano Chaves, Marco Maciel e José Sarney, a chamada Aliança Democrática. O candidato a vice na chapa de Tancredo foi José Sarney, ex-udenista, ex-presidente do PDS e um dos articuladores da derrota da Emenda Dante de Oliveira.

Em 15 de janeiro de 1985, o Colégio Eleitoral elegeu Tancredo Neves e José Sarney para presidente e vice. Naquele momento, fazia-se a transição, sem grandes traumas, do poder militar para o poder civil.



MATUITI MAYEZO/FOLHAPRESS

Campanha Diretas-Já: todas as lideranças políticas de oposição ao regime militar uniram-se nos comícios pelas eleições diretas. Na foto, o último e maior comício da campanha, que levou cerca de 1,5 milhão de pessoas ao Vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo, em 16 de abril de 1984.

ROTEIRO DE AULA

DITADURA MILITAR

Governo Emílio Garrastazu Médici (1969-1974)

"Anos de chumbo": auge da tortura e repressão.

Milagre econômico: "Crescer o bolo para depois dividir"

Propaganda ufanista: Copa do Mundo de 1970; "Brasil, ame-o ou deixe-o"; "Ninguém segura este país"

Obras faraônicas: Transamazônica (nunca concluída),

Itaipu e Ponte Rio-Niterói.

Resistência: luta armada; Guerrilha do Araguaia; grupos guerrilheiros nas cidades (ALN, VPR, VAR-Palmares, MR-8); sequestros de embaixadores.

Governo Ernesto Geisel (1974-1979)

Sem plano de governo claro. Tentativa de implantação de uma política externa independente. Condecoração de Che Guevara. Renúncia após sete meses de governo.

Governo João Figueiredo (1979-1985)

Resistência: greves do ABC Paulista.

Lei da Anistia (1979): anistia os agentes da repressão e os presos políticos e exilados.

Volta do pluripartidarismo (1980).

Tentativa de reação de setores do Exército: atentado no Riocentro (1981).

Diretas-Já (1983-1984): projeto derrotado; chapa civil com Tancredo Neves e José Sarney é eleita pelo Colégio Eleitoral em janeiro de 1985.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unesp-SP

“Em meados da década de 1970, as condições externas que haviam sustentado o sucesso econômico do regime militar sofreram alterações profundas.”

Tania Regina de Luca. *Indústria e trabalho na história do Brasil*, 2001.

As condições externas que embasaram o sucesso econômico do regime militar e as alterações que sofreram em meados da década de 1970 podem ser exemplificadas, respectivamente:

- a) pelos investimentos oriundos dos países do Leste Europeu e pelo aumento gradual dos preços em dólar das mercadorias importadas.
- b) pela ampla disponibilidade de capitais para empréstimos a juros baixos e pelo aumento súbito do custo de importação do petróleo.**
- c) pelos esforços norte-americanos de ampliar sua intervenção econômica na América Latina e pela redução acelerada da dívida externa brasileira.
- d) pela ampliação da capacidade industrial dos demais países latino-americanos e pelo crescimento das taxas internacionais de juros.
- e) pela exportação de tecnologia brasileira de informática e pela recessão econômica enfrentada pelas principais potências do Ocidente.

O sucesso econômico do regime militar deveu-se sobretudo aos empréstimos do capital estrangeiro. A situação reverteu-se em meados da década de 1970 em virtude do contexto global da crise do petróleo iniciada a partir de 1973.

2. Unicamp-SP

“O tropicalismo buscava revolucionar a linguagem e o comportamento na vida cotidiana, incorporando-se simultaneamente à sociedade de massa e aos mecanismos do mercado de produção cultural. Criticava ao mesmo tempo a ditadura e uma estética de esquerda acusada de menosprezar a forma artística. Articulava aspectos modernos e arcaicos, buscava retomar criticamente a tradição brasileira e absorver influências estrangeiras de modo ‘antropofágico’.”

Marcelo Ridenti. “Cultura”, em Daniel Aarão Reis (Org.). *Modernização, ditadura e democracia*: 1964-2010. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. p. 256.

O tropicalismo, no contexto cultural brasileiro dos anos 1960 e 1970:

- a) foi influenciado pelo Manifesto Antropofágico e propunha digerir aspectos da cultura mundial – como a guitarra elétrica e a televisão – para difundir o ideal de uma sociedade alinhada com os interesses da modernização econômica da ditadura.
- b) era um movimento que criticava a ditadura, associada à Jovem Guarda, e a esquerda, identificada com a Bossa Nova, propondo uma leitura imparcial para a cultura, como se observa na música popular e na dramaturgia do Teatro Oficina.
- c) criticava o Cinema Novo e a glamorização da “estética da fome”, preferindo abrir-se para os movimentos internacionais, como fizeram o modernismo em relação ao futurismo e a vanguarda do grupo do Teatro Opinião.
- d) usava referências eruditas e populares, incorporava aspectos da música pop mesclada a aspectos regionais e expressava críticas à ditadura e ao patrulhamento praticado por alguns fãs das canções de protesto.**

Conforme expresso no texto, o tropicalismo mesclava aspectos modernos (a música pop, os meios de comunicação de massa) e arcaicos (as características regionais do Brasil) e, ao mesmo tempo, era crítico à ditadura militar e ao patrulhamento ideológico de uma esquerda avessa à revolução estética.

3. UFU-MG

“Maio de 1978 tem suas raízes no cotidiano operário, tecido especialmente nos primeiros anos da década. Finda a euforia do ‘milagre’, o afloramento da crise econômica atingia ainda mais diretamente a classe trabalhadora, que pautava a sua atuação nos marcos da resistência contra o binômio arrocho-arbítrio, superexploração-autocracia, que, entrelaçados intimamente, impunham ao proletariado uma dura realidade”.

ANTUNES, Ricardo. *A rebeldia do trabalho* (confronto operário no ABC Paulista: as greves de 1978/80). São Paulo: Ensaio; Campinas: Ed. da Unicamp, 1988. p. 13.

No final da década de 1970, o Brasil assistiu a um grande movimento grevista que foi importante ao provocar mudanças estruturais na política nacional. Aponte a principal motivação para as greves das diferentes categorias daquele momento:

- a) A oposição ao cenário conhecido como “milagre econômico”, situação macroestrutural do período.
- b) A demanda por condições mais dignas de trabalho e o desejo pela estatização das fábricas automotivas.
- c) A recessão econômica que ceifou postos de empregos e reforçou o poder do governo autocrático.
- d) A luta por recomposição salarial e pelo retorno do Estado democrático de direito.**

De acordo com o texto, a resistência dos trabalhadores no fim da década de 1970 posicionava-se contra o arrocho salarial e o autoritarismo do governo. Assim, é correto o que se afirma na alternativa D: as greves operárias realizadas naquele momento lutavam por recomposição salarial e pela restituição da democracia.

4. Fuvest-SP

“Paralelamente à abertura da Transamazônica processava-se o trabalho da colonização, realizado pelo Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). As pequenas agrovilas se sucedem de vinte em vinte quilômetros à margem da estrada, e nos cem hectares que cada colono recebeu são plantados milho, feijão e arroz. Já no próximo mês começará a plantação de cana-de-açúcar, cujas primeiras mudas, vindas dos canaviais de Sertãozinho, em São Paulo, acabaram de ser distribuídas. Jovens agrônomos, recém-saídos da universidade, orientam os colonos... No meio da selva começam a surgir as agrovilas. Vindos de diferentes regiões do país, os colonos povoam as margens da Transamazônica e espalham pelo chão virgem o verde disciplinado das culturas pioneiras. Os pastos da região são excelentes.”

Revista Manchete, 15 de abril de 1972.

Segundo o texto, é correto afirmar que a Transamazônica, cuja construção se iniciou no regime militar (1964-1985), representou, inclusive:

- a) um projeto para eliminar o controle nacional e estatal dos recursos naturais da Amazônia, facilitando o avanço de interesses britânicos na região.
- b) um esforço de ampliar as áreas de ocupação na Amazônia e de construir a ideia de que se vivia um período de avanço, integração e crescimento nacional.**
- c) uma superação das dificuldades de comunicação e deslocamento entre o sul e o norte do país, facilitando a migração e permitindo plena integração entre os oceanos Atlântico e Pacífico.

- d) uma tentativa de reaquecer a economia da borracha, com a criação de rotas de escoamento rápido da produção em direção aos portos do sudeste.
- e) um projeto de utilização dessa estrada para delimitar as fronteiras entre os estados da região.

O texto comenta e exalta a criação de agrovilas no interior da região Amazônica, tida como virgem e despovoada. Para ocupar essas terras, colonos de todas as regiões do país dirigiram-se à Amazônia, em consonância com o projeto de integração nacional do regime militar. A empreitada foi apresentada como progresso e reflexo do desenvolvimento técnico-científico nacional, uma vez que desenvolveria economicamente a região por meio de culturas agrícolas supervisionadas por agrônomos com formação universitária.

5. PUC-PR – De acordo com Boris Fausto (1999, p. 484) e sobre o período da ditadura militar no Brasil, “O governo Médici não se limitou à repressão. Distinguiu claramente entre um setor significativo, mas minoritário na sociedade, adversário do regime, e a massa da população que vivia um dia a dia de alguma esperança nesses anos de prosperidade econômica. A repressão acabou com o primeiro setor, enquanto a propaganda encarregou-se de, pelo menos, neutralizar o segundo. Para alcançar este último objetivo, o governo contou com o grande avanço das telecomunicações no país, após 1964”. Sobre esse avanço e sobre o governo Médici, marque a alternativa correta:

- a) No governo Médici foi criada a Assessoria Especial de Relações Públicas (Aerp); na época, o Brasil conheceu expressões como “Ninguém segura este país” e a marchinha “Pra frente Brasil”.
- b) No governo Médici – ocorrido de 1968 a 1976 –, o Brasil passou pelo chamado milagre econômico, que combinou um extraordinário crescimento econômico com taxas bastante altas de inflação.
- c) Houve maior facilidade de crédito e, em 1970, a porcentagem de residências urbanas que possuía televisão chegava a 40%. Ainda neste período e com o apoio do governo, a Rede Globo sofreu uma grande expansão, tornou-se uma rede nacional e, também, porta-voz do governo militar.
- d) Sobre a propaganda no governo Médici, podemos afirmar que o fato de o Brasil ter perdido a Copa do Mundo de 1970 para a Itália, no México, forçou a Assessoria Especial de Relações Públicas (Aerp) a investir mais pesadamente nas mensagens ideológicas pró-governo.

- e) O governo de Emílio Garrastazu Médici ocorreu após o governo do presidente militar Castelo Branco e ambos eram considerados governos moderados.

No texto, o autor afirma que, durante o governo Médici, a maior parte da população brasileira era otimista em relação à prosperidade econômica do país. Segundo o autor, o regime militar mantinha a população “neutralizada” por meio da propaganda oficial, a qual beneficiou-se com a expansão da televisão. Conforme apresentado na alternativa C, naquele período houve um aumento no consumo da população brasileira, processo no qual a TV ocupou um lugar central. Foi nesse período que surgiu a Rede Globo, graças a uma concessão pública do governo, por meio da qual ela tornou-se porta-voz da propaganda oficial.

6. Enem

C3-H15

“É para abrir mesmo e quem quiser que eu não abra eu prendo e arrebento.”

Frase pronunciada pelo presidente João Baptista Figueiredo. Apud: RIBEIRO, D. *Aos trancos e barrancos e o Brasil deu no que deu*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

A frase do último presidente do regime militar indicava a ambiguidade da transição política no país. Neste contexto, houve resistências internas ao processo de distensão planejado pela alta cúpula militar, que se manifestaram com:

- a) as campanhas no rádio, TV e jornais em favor da Lei de Anistia.
- b) as posições de prefeitos e governadores em apoio à instalação de eleições diretas.
- c) as articulações no Congresso pela convocação de uma nova Assembleia Nacional Constituinte.
- d) os atos criminosos, como a explosão de bombas, de militares inconformados com o fim da ditadura.
- e) as articulações dos parlamentares do PDS, PMDB e PT em prol da candidatura de Tancredo Neves à presidência.

Um exemplo de ato criminoso organizado por militares insatisfeitos com a abertura em curso durante o governo João Figueiredo, abordado neste módulo, foi o atentado do Riocentro, no qual membros do Exército explodiram bombas durante um *show*. Queriam, com isso, culpar as organizações clandestinas de esquerda (já inexistentes à época), a fim de defender a perpetuação de um regime ditatorial que caçasse a subversão.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. PUC-RJ – A cidade do Rio de Janeiro foi palco de vários eventos importantes que se relacionam diretamente com o processo de desenvolvimento da luta contra as ações da ditadura entre 1964 e 1985. Apenas uma das alternativas abaixo reúne dois desses eventos de modo correto. Assinale-a:

- a) A Passeata dos Cem Mil, que reuniu amplos setores da sociedade brasileira, entre os quais intelectuais e artistas, e o Comício das Diretas-Já, na Avenida Presidente Vargas, que mobilizou o país para pressionar o Congresso a votar a favor da Emenda Dante de Oliveira.
- b) A Passeata dos Cinquenta Mil, que foi organizada pelo movimento estudantil após a morte do estudante Edson Luís no Restaurante do Calabouço, e a Marcha com a Família com Deus pela Liberdade.
- c) O movimento dos estudantes cariocas durante o período do Ato Institucional nº 5, conhecido como “guer-

rilha urbana”, e o movimento dos caras-pintadas, que lutou pelo *impeachment* do presidente Collor.

- d) O movimento conhecido como tropicalismo, que através dos festivais de música mobilizava a sociedade carioca em torno dos valores de liberdade, e a Coluna Prestes, que mobilizou os setores militares pela queda do presidente Costa e Silva.
- e) A mobilização dos setores populares do Rio de Janeiro, através dos Centros de Cultura Popular da União Nacional de Estudantes, e a Rebelião dos Marinheiros, que reuniu os setores subalternos da Marinha.

8. Fuvest-SP

“Não nos esqueçamos de que este é um tempo de abertura. Vivemos sob o signo da anistia que é esquecimento, ou devia ser. Tempo que pede contenção e paciência.

Sofremos todo ímpeto agressivo. Adoçemos os gestos. O tempo é de perdão. [...] Esqueçamos tudo isto, mas cuidado! Não nos esqueçamos de enfrentar, agora, a tarefa em que fracassamos ontem e que deu lugar a tudo isto. Não nos esqueçamos de organizar a defesa das instituições democráticas contra novos golpistas militares e civis para que em tempo algum do futuro ninguém tenha outra vez de enfrentar e sofrer, e depois esquecer os conspiradores, os torturadores, os censores e todos os culpados e coniventes que beberam nosso sangue e pedem nosso esquecimento.”

Darcy Ribeiro. Réquiem. *Ensaio insólitos*. Porto Alegre: L&PM, 1979.

O texto remete à anistia e à reflexão sobre os impasses da abertura política no Brasil, no período final do regime militar, implantado com o golpe de 1964. Com base nessas referências, escolha a alternativa correta:

- a) A presença de censores na redação dos jornais somente foi extinta em 1988, quando promulgada a nova Constituição.
- b) O projeto de lei pela anistia ampla, geral e irrestrita foi uma proposta defendida pelos militares como forma de apaziguar os atos de exceção.
- c) Durante a transição democrática, foram conquistados o bipartidarismo, as eleições livres e gerais e a convocação da Assembleia Constituinte.
- d) A Lei de Anistia aprovada pelo Congresso beneficiou presos políticos e exilados, e também agentes da repressão.
- e) O esquecimento e o perdão mencionados integram a pauta da Teologia da Libertação, uma importante diretriz da Igreja Católica.

9. PUC-RJ

“Eu devia estar contente

Porque eu tenho um emprego

Sou um dito cidadão respeitável

E ganho quatro mil cruzeiros por mês

Eu devia agradecer ao Senhor

Por ter tido sucesso na vida como artista

Eu devia estar feliz

Porque consegui comprar um Corcel 73

Eu devia estar alegre e satisfeito

Por morar em Ipanema

Depois de ter passado fome por dois anos

Aqui na Cidade Maravilhosa [...]”

Ouro de Tolo. Raul Seixas.

Essa canção do ano de 1973 dialoga com aspectos associados ao crescimento da economia brasileira durante o período da ditadura militar, o chamado milagre econômico. Assinale a alternativa incorreta:

- a) A canção satiriza a promoção da mencionada política econômica e, inclusive, cita uma característica do período, que foi o acréscimo na geração de postos de trabalho.
- b) A canção se refere indiretamente à intensificação do fenômeno da urbanização e da migração interna – quadro relacionado com a explosão das megalópoles na ditadura militar –, por meio da citação da experiência do narrador no meio urbano.
- c) A canção parodia os efeitos do desenvolvimento econômico ao citar a realização dos sonhos de consumo

da classe média, como ter um carro do ano (Corcel 73) e morar em Ipanema.

- d) A canção sugere a discordância do narrador em relação ao clima de euforia decorrente do surto econômico, pelo tempo verbal empregado no começo de cada estrofe e também pela lembrança de que ele passou fome na cidade grande.
- e) A canção enfatiza a eficácia da ditadura militar na área do planejamento da economia, ressaltando a promoção do desenvolvimento nacional e as possibilidades de elevação do nível de vida da população em um novo cenário.

10. Uece-CE – Analise os itens a seguir, considerando as características do período brasileiro de exceção política iniciado em 1964:

- I. Práticas políticas repressivas.
- II. Reações dos movimentos de esquerda.
- III. Crises econômicas.
- IV. Massiva propaganda política do governo.
- V. Eleições diretas para os cargos eletivos.

Pode-se afirmar corretamente que correspondem às características do período brasileiro de exceção política iniciado em 1964 somente os itens:

- a) I, II e V.
- b) I, III, IV e V.
- c) II, III, IV e V.
- d) I, II, III e IV.

11. Uerj-RJ

“A vontade de mudar o nome do antigo Colégio Estadual Presidente Emílio Garrastazu Médici, em Salvador, não aconteceu por conta da efeméride dos 50 anos do golpe militar. Segundo a diretora Aldair Almeida Dantas, essa era uma insatisfação antiga da comunidade. ‘A novidade foi a convergência de intenções e a coincidência com esse período de resgate histórico’, disse a diretora do, agora, Colégio Estadual do Stiep Carlos Marighella. Um colegiado escolar, formado pelos funcionários, professores, pais de alunos e pela comunidade, entendeu que o lançamento de muitos candidatos ao novo nome criaria confusão. Por isso surgiu a ideia de encontrar apenas dois que fossem baianos e representassem o combate ao regime militar. Os nomes do guerrilheiro Carlos Marighella e do geógrafo Milton Santos foram os escolhidos. ‘Ambos são da Bahia. Cada um tentou lutar contra a imposição do regime’, analisa Aldair.”

<educacao.uol.com.br>, 15/4/2014. (Adaptado)

A escolha de nomes de logradouros e de edificações pode representar uma homenagem em determinada época, assim como a mudança desses nomes pode indicar transformações históricas, simbolizando novas demandas da sociedade. A situação apresentada na reportagem exemplifica, para a sociedade brasileira atual, um contexto político associado:

- a) à crítica da opinião pública às heranças autoritárias.
- b) à revalorização da memória dos governos ditatoriais.
- c) ao reforço da gestão democrática de empresas estatais.
- d) à renovação de critérios de escolha de heróis nacionais.

12. Unesp-SP (adaptado)

Em 1979, João Figueiredo assumiu a presidência da república. Podemos dizer que seu governo foi marcado:

- pelos estilos de vida de um homem formado em quartéis militares e habituado à formalidade das cerimônias oficiais.
- pela oscilação, característica de seu governo, entre a defesa de posições ideológicas de direita e de esquerda.
- pela decisão de renunciar ao cargo, em meio ao conflito entre distintos setores das forças armadas.
- pelas denúncias de risco de golpe de esquerda, que atravessavam o país após o fim do regime militar.
- pelas dificuldades da abertura política, cuja forma e ritmo provocavam tensões e divergências entre civis e militares.

13. PUC-RJ – Após dez anos do golpe de 1964, no Brasil, o regime militar iniciou um processo de distensão política. Este período de “abertura política” durou até 1985, quando o país voltou a ter um presidente civil. Sobre este período (1974-1985), é incorreto afirmar:

- que o governo Geisel (1974-1979) buscou manter altos índices de crescimento econômico através de investimentos estatais.
- que, durante o governo Figueiredo (1979-1985), foi concedida anistia política, permitindo a volta ao país de exilados que atuaram na reformulação partidária.
- que, ao longo do período, surgiram vários movimentos sociais reivindicatórios, vinculados aos operários, estudantes, trabalhadores rurais e classes médias urbanas.
- que alguns setores militares atuaram para desacreditar o projeto de distensão política; uma de suas principais expressões foi o atentado do Riocentro, em 1981.
- que, a despeito do projeto de liberalização política, este período representou o auge da repressão e da violação dos direitos humanos, sendo denominado de “anos de chumbo”.

14. IFBA-BA (adaptado)

Recentemente, um debate sobre a possibilidade de revisão da Lei de Anistia (1979) e da criação de uma comissão para investigar os crimes praticados durante a ditadura militar (1964-1985) ganhou destaque no Brasil. Com isso, temas como tortura, violação dos direitos humanos e censura voltaram à baila e acenderam antigas rivalidades, demonstrando que a memória sobre o período ainda está muito viva. Sobre o período em questão, é correto afirmar que:

- por conta da censura e da ampla aceitação do regime ocasionada pelo milagre, a morte do jornalista Vladimir Herzog passou despercebida, só ganhando questionamentos após o reaquecimento dos debates ocasionado pela criação da Comissão da Verdade.
- os compositores Gilberto Gil e Caetano Veloso, por conta de suas composições, foram obrigados a se exilar em Londres e só retornaram ao país quando concordaram em compor canções que louvassem os feitos dos militares.
- a Lei de Anistia agradou de imediato os militantes de esquerda que foram perseguidos pela ditadura, uma vez que além de lhes garantir de volta os seus

direitos políticos, propunha a prisão dos militares que atuaram nos órgãos de repressão, investigação e tortura.

- a campanha das Diretas-Já foi a maior manifestação de massas ocorrida na ditadura, o que, juntamente com o desgaste natural do regime militar, garantiu que o povo fosse às urnas e elegeesse Tancredo Neves para a presidência do país.
- o milagre econômico brasileiro e o tricampeonato mundial de futebol (1970) serviram para que os militares reforçassem a ideia de que a ditadura havia colocado o Brasil nos eixos e de que os opositores do regime eram os verdadeiros inimigos da nação.

15. PUC-RS – A célebre proposição de Antônio Delfim Neto, “fazer o **bolo** crescer para depois **dividi-lo**”, representa parte do ideário de desenvolvimento econômico vigente no Brasil após o golpe de 1964. Considerando aquele contexto histórico, pode-se substituir as expressões grifadas na frase citada, sem perda de sentido, respectivamente, por _____ e _____.

- Produto Interno Bruto – distribuir renda.
- Imposto sobre Produto Industrial – realizar reforma agrária.
- Banco Central – congelar o salário mínimo.
- Imposto sobre Circulação de Mercadorias – revogar a legislação social.
- Fundo de Garantia por Tempo de Serviço – criar sistema público de previdência.

16. UFRJ-RJ

“Geisel – [...] O Brasil hoje em dia é considerado um oásis [...].

Coutinho – [...] Ah, o negócio melhorou muito. Agora, melhorou, aqui entre nós, foi quando nós começamos a matar. Começamos a matar.

Geisel – Porque antigamente você prendia o sujeito e o sujeito ia lá para fora. [...] Ó Coutinho, esse troço de matar é uma barbaridade, mas eu acho que tem que ser.”

GASPARI, Élio. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 324.

O diálogo acima, ocorrido no dia 16 de fevereiro de 1974 entre os generais Ernesto Geisel e Dale Coutinho, se deu um mês antes da posse do primeiro como presidente da república e do segundo como ministro do Exército.

- Cite uma medida do governo Geisel (1974-1979) que o aproximava das aspirações de parte da sociedade brasileira pela volta ao regime democrático.

A visibilidade dos esportes, especialmente do futebol, nos meios de comunicação de massa, tornou-os uma questão de Estado para os governos militares no Brasil, que buscavam, assim:

- a) legitimar o Estado autoritário por meio de vitórias esportivas nacionais.
- b) mostrar que os governantes estavam entre seus primeiros praticantes.
- c) controlar o uso de garotos-propaganda pelas agências de publicidade.
- d) valorizar os atletas, integrando-os como funcionários ao aparelho de Estado.
- e) incentivar a expansão da propaganda e do consumo de artigos esportivos.

20. Enem

C3-H15

“Diante dessas inconsistências e de outras que ainda preocupam a opinião pública, nós, jornalistas, estamos enca-

minhando este documento ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo para que o entregue à Justiça; e da Justiça esperamos a realização de novas diligências capazes de levar à completa elucidação desses fatos e de outros que porventura vierem a ser levantados.”

Em nome da verdade. In: *O Estado de São Paulo*, 3 fev. 1976.

Apud: FILHO, I. A. *Brasil, 500 anos em documentos*.

Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

A morte do jornalista Vladimir Herzog, ocorrida durante o regime militar, em 1975, levou a medidas como o abaixo-assinado feito por profissionais da imprensa de São Paulo. A análise dessa medida tomada indica a:

- a) certeza do cumprimento das leis.
- b) superação do governo de exceção.
- c) violência dos terroristas de esquerda.
- d) punição dos torturadores da polícia.
- e) expectativa da investigação dos culpados.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

NOVA REPÚBLICA

28

MAIS UMA REFUNDAÇÃO

Ao conseguir a independência de Portugal, o Brasil foi fundado como nação. Quando a abolição da escravidão terminou de deteriorar uma monarquia já desgastada e foi proclamada a república, uma nova Constituição foi escrita e o país, refundado. Logo as oligarquias cafeeiras tomaram conta do poder e, em 1930, Getúlio Vargas estabeleceu o país em outros moldes – especialmente no período do Estado Novo. Ditador que era, é deposto e, pouco tempo depois, a mesma pressão que levou Vargas ao suicídio, ameaçou Juscelino Kubitschek, desestabilizou Jânio Quadros e pressionou João Goulart levou a um golpe militar.

Em 1988, o Brasil foi refundado mais uma vez. Veremos agora como chegamos a esse momento e o que aconteceu depois disso.



LULA MARQUES/FOLHAPRESS

Ulisses Guimarães, uma das grandes lideranças da redemocratização e da elaboração de uma nova Constituição, mostra do alto do Plenário aquela que ficou conhecida como Constituição Cidadã. Uma grande conquista para um país que acabara de sair de uma ditadura.

GOVERNO JOSÉ SARNEY (1985-1990)

Em março de 1985, às vésperas de sua posse na presidência da república, Tancredo Neves foi internado no Hospital de Base de Brasília, acometido por sérios problemas de saúde que o levaram à morte em 21 de abril daquele ano. José Sarney, que construíra sua carreira política entre a União Democrática Nacional (UDN), a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o Partido Democrático Social (PDS), apoiara o governo militar e tornara-se um dissidente de “última hora” do PDS por não concordar com a candidatura de Paulo Maluf. Sarney assumiu a presidência da república em um momento de esperança, apesar das grandes dúvidas. Estaria ele de fato capacitado para concluir o processo de redemocratização, cuja liderança a nação confiara a Tancredo Neves?

Havia, porém, um forte consenso de que o regime democrático seria o ideal para o atendimento das aspirações sociais. De certa forma, isso impulsionou o governo Sarney, formado por dissidentes do PMDB e do PDS, a enviar ao Congresso diversos projetos de lei instituindo medidas democratizantes, destacando-se:

- fim do Colégio Eleitoral e restabelecimento das eleições diretas para presidente e vice-presidente da república;

- Mais uma refundação
- Governo José Sarney (1985-1990)
- Governo Fernando Collor de Mello (1990-1992)
- Governo Itamar Franco (1992-1995)
- Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002)
- Governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010)
- Governo Dilma Rousseff (2011-2016)
- Governo Michel Temer (2016-2018)

HABILIDADES

- Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.
- Analisar o papel da justiça como instituição na organização das sociedades.
- Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

- retorno das eleições para prefeitos das capitais, das cidades consideradas de segurança nacional e das estâncias hidrominerais;
- reconhecimento da liberdade e da autonomia dos sindicatos;
- direito de voto aos analfabetos;
- ampla liberdade de organização de novos partidos, inclusive dos que viviam na clandestinidade, como o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB).

O acesso de todos os partidos a quaisquer meios de comunicação também ficou garantido. A legalização dos partidos de esquerda alterou o panorama político-eleitoral, reduzindo, de certa forma, a influência de muitos políticos conservadores. Com o fim da Lei Falcão, as campanhas eleitorais ganharam uma nova dimensão por meio do horário eleitoral gratuito, o que possibilitou acirrados debates que, muitas vezes, eram caracterizados pela agressão pessoal e pela falta de respeito aos ouvintes e telespectadores. Voltávamos à democracia, mas por algum tempo ainda persistiu o que se chamou de “entulho autoritário”, ou seja, algumas leis remanescentes do regime militar, como a Lei de Segurança Nacional, a Lei de Imprensa e a prerrogativa do presidente para baixar decretos-leis.



José Sarney, ao centro, no dia de sua posse como presidente da república, fato que ocorreu por ocasião da morte de Tancredo Neves, antes mesmo de assumir.

Os últimos anos do regime militar deixaram como herança um razoável superávit na balança comercial. Em 1985, ele atingiu cerca de 12 bilhões de dólares. A má desvalorização da moeda em 1983 e os baixos salários permitiam a redução do preço dos produtos brasileiros no mercado internacional, o que facilitou o aumento das exportações.

Mas, junto ao superávit, ficaram também uma imensa dívida interna e externa, o aumento do déficit público e uma inflação incontrolável. A aceleração inflacionária anulava a perspectiva de estabilização da economia e levava muitos empresários a não investir no setor produtivo da economia, preferindo aplicações a curto prazo.

Em decorrência disso, aconteceu a supervalorização do mercado financeiro em prejuízo do setor produtivo,

pois o capital privado procurava garantir o fluxo da renda real. As constantes remarcações de preços também foram outro mecanismo utilizado pelos empresários para garantir a rentabilidade.

Buscando um tratamento de choque para o processo inflacionário, Sarney e seu ministro da Fazenda, Dilson Funaro, decretaram, em fevereiro de 1986, o Plano Cruzado. Controle de preços e salários e desindexação da economia foram os dois princípios básicos desse programa de estabilização econômica. A correção monetária foi extinta e foram congeladas as Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORTN). A intervenção do governo na economia contribuiu diretamente para a recomposição da renda e a elevação das taxas de reinvestimento nos setores produtivos pelo empresariado.

A euforia do consumo gerou sérios problemas: a oferta não dava conta da demanda. Os empresários escondiam os produtos ou maquiavam-nos e até diminuía-lhes a qualidade. A cobrança de ágio tornou-se usual. Ao final de oito meses, sem mecanismos eficazes de controle por parte do governo, o Plano Cruzado fracassou. A economia voltou a ser indexada e a inflação ganhou nova força de aceleração.

Um novo plano econômico de combate à crise e de controle inflacionário, o Plano Bresser, também fracassou, e a popularidade de Sarney despencou. O preço político veio logo: desastre eleitoral para o governo nas eleições municipais de 1988, com a vitória de candidatos do PT e do PDT nas grandes cidades e em algumas capitais importantes.

Em janeiro de 1989, um novo plano econômico: o Plano Verão, do ministro Mailson da Nóbrega, que era quase uma reedição do Plano Cruzado. Foi criada outra moeda (o cruzado novo), promoveu-se uma nova desindexação da economia, a elevação dos juros bancários e a recomposição salarial pela média do salário real dos últimos doze meses. Na prática, o Plano Verão fracassou e nada de concreto resultou dele. O déficit público aumentou e a inflação atingiu a taxa diária de mais de 2% em fevereiro de 1990, mês que antecedeu a posse de Fernando Collor de Mello na presidência.

A Constituição de 1988

A aprovação da Constituição de 1988 pela Assembleia Nacional Constituinte gerou grande expectativa em toda a nação. A demora na elaboração dessa nova Carta, a maneira conservadora como os constituintes resolviam questões de vital importância para a sociedade e os conflitos ideológicos entre eles provocaram muito desencanto e descrédito quanto à real afirmação do regime democrático no país.

A sociedade organizada esteve presente nos debates por meio de entidades e grupos diversos que buscavam influenciar as decisões dos constituintes. No entanto, surgiu também o “centrão”, reunindo parlamentares de direita e de centro-direita, com a finalidade de impedir que as propostas progressistas fossem transformadas em lei. De qualquer forma, a Constituição promulgada

em 3 de outubro de 1988 trouxe significativos avanços sociais e políticos para a nação. Ela aprofundou a democracia, garantiu direitos mais amplos aos trabalhadores rurais e urbanos, consolidou os direitos dos cidadãos e deu sustentação jurídica ao Estado de direito. Por outro lado, exagerou no detalhismo, por exemplo, ao definir a taxa de juros a ser praticada no país, quando, na verdade, os juros correspondem às expectativas do mercado ou de certo momento na economia. Apresentou contradições, como a ampliação das conquistas sociais dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, retirou do governo federal os meios para satisfazê-las.

Entre as inovações que constam na Constituição, destacam-se:

- fim dos decretos-leis, muito comuns durante o regime militar;
- ampliação dos direitos dos indígenas em relação à terra que ocupam;
- desapropriação de terras que não cumprem função social mediante prévia indenização;
- direito de voto a partir dos 16 anos;
- garantia do direito de voto ao analfabeto;
- consideração do crime de racismo como inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, na forma da lei;
- ampla liberdade e autonomia sindical, bem como direito de greve, exceto para os setores considerados essenciais;
- férias remuneradas acrescidas de um terço do salário;
- extensão dos direitos dos trabalhadores urbanos aos trabalhadores rurais e aos domésticos;
- redução da jornada semanal de trabalho para 44 horas e pagamento de 50% a mais do valor da hora normal para a hora extra.

Eleições presidenciais de 1989

Todos os candidatos, indistintamente, atacaram a política econômica do governo Sarney, a corrupção e a imoralidade administrativa, na tentativa de ganhar a simpatia popular. A campanha ficou polarizada em torno de alguns nomes: Paulo Maluf (PDS), Mário Covas (PSDB), Leonel Brizola (PDT), Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Ulisses Guimarães (PMDB) e do até então desconhecido Fernando Collor de Mello (PRN), de família oligárquica alagoana, ex-prefeito “biônico” de Maceió e ex-governador de Alagoas pelo PDS.

Sustentado por um partido inexpressivo, o Partido de Reconstrução Nacional, Collor utilizou a mídia eletrônica para construir uma imagem favorável junto à opinião pública. Nesse verdadeiro *show* de *marketing* político, ele teve várias emissoras de rádio e televisão como aliadas e soube vender a imagem de caçador de marajás e defensor dos “descamisados”.

Em pouco tempo, Collor transformou-se no símbolo do “novo” contra o “velho”, refletindo o cansaço e o descrédito da população em relação às práticas políticas vigentes.

A campanha eleitoral transcorreu em clima de liberdade e, em alguns momentos, alcançou elevada tensão. Os debates transmitidos pelo rádio e pela televisão chamavam a atenção de toda a opinião pública. Os comícios mobilizavam milhares de cidadãos em todo o país. A recusa da Justiça Eleitoral em registrar a candidatura de Sílvio Santos, lançada quinze dias antes das eleições pelo Partido Municipalista Brasileiro (PMN) mostrou que a decisão dos eleitores era realmente séria para o país. O resultado do primeiro turno mostrou Collor com 25,11% dos votos; Lula com 14,16%; Brizola com 13,60%; e Mário Covas com 9,49%.



Fotografia de um dos debates entre Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva na eleição presidencial de 1989.

Assim, Collor e Lula deveriam disputar o segundo turno das eleições em 17 de dezembro. Um era representante das oligarquias, e o outro, dos operários. Ambos apresentaram-se como defensores comprometidos com as massas populares. Venceu Collor, com margem pequena de votos: 53% contra 47% de Lula. O vencedor sustentava que o eleitorado, em sua expressiva maioria, optara pelo seu programa neoliberal e daria fim à velha política. A direita, embalada no ocaso do mundo socialista, comemorou a vitória de Collor e prometeu realizar um governo nunca antes sonhado.

GOVERNO FERNANDO COLLOR DE MELLO (1990-1992)

Já acostumada com os pacotes econômicos da era Sarney, a população não reagiu contra o pacote econômico da ministra Zélia Cardoso de Mello, um dia após a posse do presidente Fernando Collor de Mello, a não ser contra as decisões que quebravam frontalmente as promessas feitas por ele na campanha eleitoral de não mexer na poupança popular. O Plano Brasil Novo, como ficou conhecido, tinha como elementos fundamentais:

- reforma monetária com a volta do cruzeiro;
- bloqueio rigoroso dos ativos financeiros das pessoas físicas e das empresas;
- enxugamento da máquina administrativa com a extinção de várias empresas estatais e diversos órgãos administrativos;
- abertura às importações com o objetivo de aumentar a base tributária;

- congelamento parcial e controlado dos preços;
- prefixação de vários rendimentos, inclusive dos salários.

O aspecto mais criticado do Plano Collor foi, sem dúvida, o confisco da poupança; mas conseguiu reduzir consideravelmente a taxa inflacionária, o que provocou uma expectativa positiva de vários setores para a possibilidade de solução de um problema antigo e de consequências dramáticas para a sociedade.

Mas, dois anos após a posse, a inflação já era de 21% ao mês. O Plano Brasil Novo fracassara e Collor teve de reestruturar seus planos. Foi destituída a equipe da ministra Zélia Cardoso de Mello e Marcílio Marques Moreira tornou-se o segundo ministro da Fazenda da era Collor.



Capa do jornal *O Globo* após o governo Collor congelar o dinheiro dos correntistas do país.

O ministro Marcílio Marques Moreira esforçou-se ao máximo para recuperar a credibilidade do país perante os organismos financeiros internacionais e, para isso, retomou negociações e acordos com o FMI e bancos privados. Enquanto o crescimento econômico não acontecia, o trabalhador brasileiro vivia o impasse entre salários baixos e inflação alta. A inflação só era controlada em torno dos 25%, com o arrocho salarial. O consumidor não comprava, o comércio não vendia e a indústria não se livrava dos estoques. Assim, a recessão aprofundava-se cada vez mais.

A imagem de Collor encontrava-se desgastada. Não era somente a crise econômica que prejudicava o governo. O país havia se transformado em um campo aberto para epidemias de dengue, malária, lepra e, principalmente, cólera, fruto das condições precárias de saúde e saneamento, agravadas pela deterioração das condições sociais.

Os numerosos escândalos de corrupção envolvendo ministros de Estado, licitações fraudulentas, desvio de verbas, tráfico de influências, superfaturamento nas compras e contratos sem licitações caracterizaram o governo Collor. A partir de maio de 1992, o país viveria um dos momentos mais trágicos e, ao mesmo tempo, mais cívicos de sua história. A revista *Veja*, naquele mês, trazia uma entrevista com Pedro Collor, irmão do presidente, denunciando um vasto esquema de corrupção liderado pelo empresário alagoano Paulo César Farias, o PC Farias, tesoureiro da campanha eleitoral de Collor.

Segundo Pedro Collor, PC Farias traficava influências, nomeava altos funcionários do Estado e arrecadava milhões de dólares fraudando o fisco e chantageando empresas. Na entrevista, o irmão do presidente deixava transparecer que PC Farias mantinha estreitas ligações com o Planalto e Fernando Collor de Mello usava-o como instrumento para a realização de negócios escusos, corrupção e assalto ao dinheiro público. Ficou rapidamente comprovada a veracidade das denúncias contra PC Farias e suas estreitas ligações com o presidente. A credibilidade de Collor caía vertiginosamente e ele não conseguia convencer a nação de sua inocência em relação à corrupção.

A sociedade civil mobilizou-se mais uma vez e, a partir de agosto, centenas de passeatas e atos públicos em todo o país, organizados principalmente por estudantes, exigiam o *impeachment* do presidente. A democracia mostrava-se forte e o povo na rua sustentava a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI).

Sem uma base parlamentar forte, Collor assistiu ao desfecho da CPI: em setembro de 1992, por 441 votos a favor, 38 contra, 1 abstenção e 23 ausências, a Câmara dos Deputados autorizou a abertura do processo de *impeachment* do presidente, uma decisão inédita em toda a história da América Latina. O Senado deu andamento e finalizou o processo. Imediatamente foi empossado, como presidente em exercício, o vice-presidente Itamar Franco.

No fim de dezembro de 1992, Collor renunciou, mas, mesmo assim, foi julgado e condenado pelo Senado, tendo seus direitos políticos cassados por oito anos. Com a renúncia e o *impeachment* de Collor, Itamar Franco assumiu definitivamente a presidência em 29 de dezembro de 1992 para concluir o mandato.

GOVERNO ITAMAR FRANCO (1992-1995)

Itamar Franco tinha diante de si um quadro social desanimador: inflação, planos econômicos frustrados e população decepcionada e assustada com a expansão da miséria e da recessão. A situação começa a mudar com a indicação de Fernando Henrique Cardoso, ministro das Relações Exteriores, para comandar o Ministério da Fazenda – foi o quarto ministro dessa pasta em menos de um ano. Em julho de 1994, FHC efetivou o projeto de Itamar de substituir o cruzeiro por um novo padrão monetário, o Plano Real. Ao contrário dos planos anteriores, o Plano Real foi completo e bem estruturado, precedido de etapas preparatórias que deram a possibilidade de acomodação do mercado e reequilíbrio das contas do governo. As principais medidas foram:

- redução das propriedades do Estado;
- equilíbrio fiscal (harmonia entre receitas e despesas);
- abertura da economia;
- câmbio artificialmente valorizado (em relação ao dólar) nos primeiros momentos do plano;
- aumento da taxa de juros e do depósito obrigatório dos bancos com o objetivo de reduzir qualquer

possibilidade de inflação, uma vez que diminuiria a quantidade de dinheiro e crédito em circulação.

Intuindo o sucesso do plano, que baixou a inflação para 6% em julho, continuando a cair nos meses seguintes, o PSDB, partido que Fernando Henrique Cardoso havia ajudado a fundar, lançou-o como candidato às eleições de 1994. Em seguida, Rubens Ricupero e Ciro Gomes ainda seriam ministros da Fazenda e ajudariam a consolidar o real. No fim daquele ano, a inflação chegaria próxima de 0%.

GOVERNO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO (1995-2002)

Aliando-se ao Partido da Frente Liberal (PFL), a candidatura de FHC foi impulsionada pelo Plano Real, que continuava dando certo. Conforme Lincoln de Abreu Penna, o PFL foi o parceiro que atendia às necessidades eleitorais para esse fim. Era um partido de grande penetração nos lugares mais remotos e influente na Região Nordeste do país. Com essa estratégia eleitoral, foi possível juntar forças distintas, porém afins, com o propósito de evitar a ascensão de governos sem compromissos com as medidas de austeridade que o país reclamava, de acordo com os mesmos aliados. Com esse intuito e apesar da discrepância política em algumas regiões, a aliança da social-democracia com os liberais ganhou consistência e força eleitoral suficiente para o sucesso dessa estratégia.

O resultado consagrador das urnas (54,2%), dando a vitória em primeiro turno ao candidato apoiado pelo governo, provocou uma sensível desarticulação nas esquerdas, aturidas pelo resultado até certo ponto surpreendente e pelo destino de duas lideranças nacionais representativas dessa corrente política e ideológica: Lula e Leonel Brizola, pela segunda vez derrotados eleitoralmente.

Sustentado pelo Plano Real, o governo FHC continuou baixando a inflação, que manteve-se à taxa de 5% ou 6% ao ano. Entretanto, o plano teve efeitos preocupantes, como a inadimplência e o desemprego. Uma soma de fatores provocou essa situação: juros altos, estoques, concorrência com os produtos importados, expansão tecnológica e cheques pré-datados.

Em razão dessa situação, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, anunciou que o governo pretendia dar continuidade às mudanças estruturais da economia. Para tanto, eram medidas fundamentais modernizar e aumentar a eficiência na gestão dos setores públicos, iniciar a reforma da Previdência, reduzir o chamado “custo Brasil” e diminuir o custo do capital, da contratação de mão de obra e da tributação sobre a atividade produtiva e sobre os custos portuários e de infraestrutura.

Por fim, havia a necessidade de desregulamentar e desburocratizar várias áreas. Muitas dessas reformas, porém, não foram feitas, principalmente em razão dos entraves surgidos, pois estavam em jogo vários interesses e, por isso, o Congresso Nacional era bastante pressionado. O processo de privatização, iniciado ainda no governo Collor, ganhou intensidade

em 1997, quando 33% das ações da Companhia Vale do Rio Doce foram vendidas. Ao mesmo tempo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) acirrava ainda mais sua atuação em ocupações de terras devolutas e latifúndios improdutivos, tentando agilizar a reforma agrária.



Fernando Henrique Cardoso em encontro com o então presidente norte-americano Bill Clinton.

No mesmo ano, após uma articulação até hoje pouco esclarecida, foi aprovada a emenda à Constituição que permitia a reeleição do presidente. Entretanto, os partidos aliados a FHC queriam que a medida também beneficiasse todos os cargos executivos – estaduais e municipais – e dos governantes em exercício. A reeleição visava, entre outros aspectos, a manutenção do Plano Real e do fluxo de investimentos internacionais. Após inúmeras negociações e suspeitas de compra de votos, o Congresso Nacional aprovou a emenda constitucional que garantia a reeleição a todos os cargos executivos.

Dessa forma, mesmo com um quadro social conturbado, mas tendo ainda o real como suporte político, o presidente FHC lançou-se à reeleição e saiu vitorioso, ainda no primeiro turno. Um problema sério que abalou o segundo mandato de FHC decorreu da especulação intensa, feita principalmente por agentes internacionais. O Banco Central foi obrigado a intervir no mercado, colocando dólares à venda para manter a cotação em um patamar aceitável em relação ao real.

No segundo mandato, o presidente teve mais dificuldade de governar em virtude da reorganização dos partidos de oposição. No Congresso Nacional, o Partido dos Trabalhadores liderava a oposição e articulava os movimentos sociais e sindicais, formando uma ampla frente parlamentar. O MST continuou a pressionar o governo, invadindo propriedades agrárias e ocupando sedes de órgãos governamentais. Em muitas ocasiões, as invasões desencadearam conflitos armados no campo. As centrais sindicais, também influenciadas pelo PT, promoveram diversas marchas e manifestações em defesa de reajustes e aumentos salariais. Ao se aproximarem as eleições que apontariam o sucessor de Fernando Henrique Cardoso, o governo apoiou a candidatura do ministro da Saúde, José Serra, do PSDB, em aliança com o PMDB e, mais uma vez, Lula tentava ser presidente do Brasil.

GOVERNO LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA (2003-2010)

O metalúrgico e líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, ao tomar posse da presidência da república, em 1º de janeiro de 2003, criou uma intensa expectativa. Lula deu início a seu governo lançando o Programa Fome Zero, cujo objetivo consistia em combater a subnutrição, que afetava milhões de brasileiros. Manteve a política econômica de seu antecessor, FHC, ao honrar os compromissos e acordos internacionais, manter a estabilidade da moeda e combater a inflação.



MARCELLO CASAL JR./AGBR

Fernando Henrique Cardoso passa a faixa presidencial a Luiz Inácio Lula da Silva.

Essa postura tranquilizou – e agradou – os setores financeiros e o Fundo Monetário Internacional (FMI). As várias denúncias de corrupção que envolveram ilustres figuras do governo e da Câmara dos Deputados, muitas das quais componentes da base aliada do governo, não foram suficientes para minar o prestígio do presidente, que foi reeleito para o mandato de 2007-2010. Durante esses oito anos de governo, ele consolidou-se como a maior liderança política do país e, ao mesmo tempo, a mais controversa.



RICARDO STUCKERT/AGBR

Fotografia de Luiz Inácio Lula da Silva discursando na ONU. Em seu governo, com a ajuda do ministro das Relações Exteriores Celso Amorim, o Brasil expandiu suas relações internacionais e passou a ter maior relevância no cenário internacional. O país opôs-se aos Estados Unidos, algo inédito até então, na questão da Guerra do Iraque e da Área de Livre-Comércio das Américas (Alca), que favoreceria os norte-americanos e constituiu o que hoje se chama BRICs (reunião de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), aproximou-se de países árabes e africanos e liderou o início do acordo para que o Irã não desenvolvesse armas nucleares.

Em seu governo, houve a continuidade de esquemas consolidados na política brasileira desde a ditadura e sofisticados ao longo do período democrático. Por exemplo: o caixa 2 de campanha, quando empresas

fazem doações não declaradas a um candidato; o chamado mensalão, que utilizava dinheiro ilegal para fazer pagamentos a parlamentares; e desvios de verba em Furnas e na Petrobrás.

Fato é que, em seu governo, o Ministério Público ganhou independência para investigar, a Polícia Federal recebeu mais investimentos, foi criada a Controladoria Geral da União e o Portal da Transparência e foram tomadas várias medidas contra a corrupção. Lula e Dilma, no entanto, ficaram em evidência quando os escândalos de corrupção começaram a aparecer.

Apesar disso, a popularidade de Lula justifica-se pelo que conseguiu entregar. O Programa Fome Zero, lançado no início do primeiro mandato, foi substituído pelo Bolsa Família. Hoje, esse programa já causa menos discussão, uma vez que está mais do que comprovada sua eficácia e importância, mas durante muito tempo ele foi visto com muito preconceito pelos setores mais conservadores da sociedade. A distribuição de renda, os poços artesianos cavados no Nordeste, a transposição do Rio São Francisco e o crescimento econômico com grande geração de empregos ajudaram o Brasil a sair do Mapa da Fome da Organização Mundial da Saúde e cerca de 30 milhões de brasileiros saíram da miséria.

Além de comida e renda, essas pessoas que viviam em condições miseráveis receberam energia com o Programa Luz para Todos e muitos puderam comprar suas primeiras casas (com o Minha Casa Minha Vida), seus primeiros carros ou motos (com a redução do Imposto sobre Produtos Industrializados) e chegar à universidade (com o ProUni, o Fies e o Sisu).

Por trás disso tudo, havia o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), um conjunto de medidas e ações voltadas à economia que objetivavam acelerar o crescimento do país e fez altos investimentos em estradas, pontes, saneamento, habitação, transporte e energia. Esse programa foi a grande bandeira que ajudou a eleger sua sucessora, Dilma Rousseff.

GOVERNO DILMA ROUSSEFF (2011-2016)

Em 2010, foi eleita uma mulher para assumir o cargo de presidente da república. Dilma Rousseff, candidata pelo PT, partido do então presidente da república, venceu o segundo turno das eleições presidenciais. Sua administração foi marcada pela intervenção presidencial contra a corrupção, que refletiu na demissão de uma série de ministros, bem como no julgamento do “mensalão”.



AGÊNCIA BRASÍL/ALAMY STOCK PHOTO

Dilma Rousseff discursa para grupo de apoiadores enquanto corria o processo do *impeachment*, em 2016.

Economicamente, seu governo enfrentou uma crise internacional que resultou na alta do dólar e em um leve crescimento da inflação. Em sua gestão, foram feitas algumas concessões de aeroportos e estradas para a administração privada.

Em 2013, o mês de junho foi marcado pela presença dos cidadãos nas ruas em uma série de passeatas que reivindicaram melhorias nos serviços básicos de atendimento ao povo, como transporte público (que deu início aos atos), saúde e educação. Após esses protestos, pessoas de classe média alta que não tinham o hábito, há muito tempo, de fazer política nas ruas redescobriram essa prática e começaram a tomar as pautas daqueles que já estavam mobilizados há muito mais tempo.

Em 2014, após uma disputa presidencial acirrada, Dilma Rousseff foi reeleita para mais um mandato de quatro anos. Isso despertou ainda mais os ânimos anti-petistas e o discurso genérico anti-corrupção. Aécio Neves, derrotado, não reconheceu o resultado das eleições e foi dado início a um processo de emparelhamento e isolamento da presidente Dilma.

O desempenho de seu governo já não ajudava e a oposição conseguiu forçar nomeações e medidas econômicas diferentes daquelas que Dilma havia prometido em campanha. Isso minou ainda mais o apoio popular a ela e sua aprovação só diminuía. Enquanto isso acontecia, a classe média e alta que voltou às ruas em 2013 começou a engrossar manifestações contra Dilma, justificando seu anti-petismo com uma suposta luta contra a corrupção.

Mesmo com Dilma resistindo em tomar atitudes para impedir a Lava-Jato, investigação que estremeceu a elite política brasileira e que, por meio de delações premiadas, expôs um sistema que existia há quase quarenta anos, era acusada por parte da população de ser parte dos esquemas de corrupção.

A ala efetivamente corrompida da política, liderada pelo vice-presidente, Michel Temer, e por seus aliados – como Romero Jucá, Gedel Vieira Lima, Edison Lobão, entre outros – começou um esforço para “estancar a sangria” em um “grande acordo nacional”.



O Congresso, sob a mira da operação Lava-Jato, comemora o resultado da votação do *impeachment* de Dilma Rousseff.

O que justificou o *impeachment* de Dilma Rousseff foram as chamadas pedaladas fiscais. Trata-se da utilização de recursos da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil para pagar benefícios do Bolsa Família e do Crédito Rural, no fim do ano fiscal do governo, e devolver o dinheiro no início do ano seguinte. É uma manobra contábil recomendada pelos técnicos do governo e já feita por vários presidentes, como Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso, Lula e Dilma. No ano seguinte à deposição de Dilma, o próprio Michel Temer, que assumiu o cargo, realizou esse procedimento.

Por não haver, então, um crime de responsabilidade que configuraria um caso de *impeachment*, Dilma Rousseff foi tirada do cargo mas não perdeu os direitos políticos. Inclusive, candidatou-se a senadora por Minas Gerais nas eleições de 2018.

GOVERNO MICHEL TEMER (2016-2018)

Em seu governo, Michel Temer precisou se defender de acusações de corrupção e de recebimento de propina para favorecer empresas no Decreto dos Portos. Chegou a haver um momento delicado, no qual sua renúncia foi cogitada, quando o empresário e corruptor Joesley Batista (da JBS) o gravou concordando com um esquema para comprar o silêncio de Eduardo Cunha, ex-deputado federal do mesmo partido de Temer que então estava preso.

Não renunciando, Temer esforçou-se para aprovar uma série de medidas impopulares, sem ao menos discuti-las de forma aberta e democrática com a sociedade. Impôs, sob aplausos de alguns e vaias de outros, a reforma trabalhista e a reforma do Ensino Médio, cortou benefícios sociais, desfez ministérios e chegou perto de aprovar a reforma da Previdência.



A política brasileira volta a suas origens: Michel Temer discursa cercado por homens presentes na política já de longa data. O fisiologismo político e os esforços para barrar investigações passam a ser a regra, enquanto uma agenda bastante impopular é votada no Congresso sem debates e sem participação da população, como as reformas trabalhista, da Previdência e do Ensino Médio e o congelamento de gastos por vinte anos.

Nesse clima de afronte à democracia imposto por Michel Temer, o país entrou em ano eleitoral. Logo nos primeiros meses do ano, o juiz da Lava-Jato, Sérgio Moro, conseguiu chegar ao objetivo que tinha desde o início: prender o ex-presidente Lula. Apesar de não ter

podido se defender até a última instância e em virtude de o processo ser baseado em um “conjunto indiciário”, ou seja, em uma coleção de indícios, não em alguma prova, Lula teve de entregar-se à Polícia Federal para ser levado a uma cela em Curitiba.

Mas, como grande estrategista político e líder das massas, ele o fez à sua maneira. Em São Bernardo do

Campo, em São Paulo, discursou para uma multidão de pessoas. Independentemente de posições políticas, de uma forma ou de outra todos reconhecem que Lula é a maior figura política brasileira desde a redemocratização. Gostando ou não de seu governo, acreditando ou não que ele comandava esquemas de corrupção, ele de fato tem uma habilidade política rara.



FRANCISCO PRONER

Muitos consideram que a prisão de Lula foi uma forma de se fazer justiça e mostrar que não há mais impunidade, pois até um ex-presidente pode ser preso. De qualquer forma, sua prisão mostrou o quanto ele ainda terá muita influência na política brasileira, mesmo sem um cargo político.

Mesmo preso, Lula aparecia em todas as pesquisas eleitorais como o líder na intenção de votos, e em alguns cenários poderia ganhar no primeiro turno. O candidato petista foi Fernando Haddad, um rosto jovem e novo para um partido desgastado por escândalos de corrupção e pelo desempenho econômico insatisfatório de Dilma Rousseff. Os principais candidatos foram Ciro Gomes, um dos ministros do Plano Real e ministro de Lula em seu primeiro mandato; Marina Silva, ex-ministra de Lula e líder de um

partido recém-fundado, a Rede; Geraldo Alckmin, ex-governador de São Paulo e presidente do PSDB desde que Aécio Neves foi envolvido em escândalos de corrupção; e Jair Bolsonaro, que foi deputado federal pelo Rio de Janeiro por 27 anos, envolvido em casos de corrupção e mau uso do dinheiro público, além de um escândalo de caixa 2 para comprar notícias falsas (as *fake news*) durante a campanha eleitoral, mas que, a despeito de tudo, venceu as eleições.

ROTEIRO DE AULA

NOVA REPÚBLICA

Governo José Sarney (1985-1990)

Assume a presidência após a morte de Tancredo Neves. Restabelecimento das eleições presidenciais diretas. Promulgação de uma nova Constituição. Implantação de quatro planos econômicos, todos sem sucesso.

Governo Fernando Collor de Mello (1990-1992)

Crise econômica. Denúncias de corrupção levam ao processo de *impeachment*.

Governo Itamar Franco (1992-1995)

Implantação do Plano Real. Estabilização da economia.

Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002)

Abertura da economia ao capital estrangeiro. Privatização de empresas estatais.

Governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010)

Ex-metalúrgico e ex-sindicalista. Adoção de uma política econômica conservadora e manutenção dos acordos com o FMI.

Ênfase em programas sociais, aumento do salário mínimo e distribuição de renda.

Governo Dilma Rousseff (2011-2016)

Primeira mulher eleita para a presidência do Brasil. Manutenção e expansão das políticas econômicas e sociais adotadas pelo governo Lula.

Governo Michel Temer (2016-2018)

Medidas neoliberais. Reformas sem discussão com a sociedade. Escândalos de corrupção: decreto dos portos, caso JBS.

Eleições 2018

Prisão de Lula, líder nas pesquisas. Haddad x Jair Bolsonaro. Notícias falsas.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Uepa-PA – Leia o texto para responder à questão:

“Um amigo neoliberal [...] confiou-me que o problema crítico no Brasil durante a presidência de Sarney não era uma taxa de inflação demasiado alta – como a maioria dos funcionários do Banco Mundial tolamente acreditava –, mas uma taxa de inflação demasiado baixa. ‘Esperemos que os diques se rompam’, ele disse, ‘precisamos de uma hiperinflação aqui, para condicionar o povo a aceitar a medicina deflacionária drástica que falta neste país.’”

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILL, Pablo (Org.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 11.

A política deflacionária, mencionada pelo historiador Perry Anderson, foi adotada nos mandatos do presidente Fernando Henrique Cardoso, com a implantação do Plano Real. São resultados desta política econômica:

- a) confisco generalizado da poupança no país e importação em larga escala de manufaturados.
- b) aumento dos gastos com a Previdência Social e com as políticas de proteção ao desemprego.
- c) estatização em massa de empresas privadas e aumento dos gastos com as empresas públicas.
- d) aumento da taxa de juros, corte de gastos com políticas sociais e ampliação da taxa de desemprego.
- e) controle da taxa de câmbio e congelamento dos preços de bens de consumo.

As medidas que permitiram o sucesso do Plano Real foram, entre outras, o aumento da taxa de juros e o equilíbrio entre receitas e despesas, além do aumento do depósito obrigatório dos bancos. Com isso, de fato a inflação foi vencida, portanto chamamos essas medidas de “deflacionárias”. Como efeitos negativos, os investimentos sociais precisaram ser cortados e, por conta da limitação da circulação de dinheiro, menos empregos foram criados.

2. Udesc-SC – Em 1985 ocorreu a transição do governo militar para o civil com a eleição indireta de Tancredo Neves para o cargo de presidente do Brasil. Durante a chamada Nova República, é correto afirmar que:

- a) foi promulgada uma nova Constituição em 1988, conhecida como “cidadã”.
- b) Tancredo Neves criou o Plano Cruzado quando foi implantado o tabelamento de preços.
- c) Fernando Collor de Mello se destacou como ministro do Trabalho no governo de José Sarney, o que lhe forneceu subsídio político para se eleger presidente em 1989.
- d) com a morte de Tancredo Neves, houve prolongamento do governo militar de João Baptista Figueiredo, até que o vice, Antônio Carlos Magalhães, assumisse a presidência em 1986.
- e) José Sarney conseguiu controlar a inflação e, com isto, acabou a desigualdade social no Brasil.

Como vimos, sob a liderança de Ulisses Guimarães, o Congresso promulgou em 1988 uma Constituição que vencia todos os desmandos da ditadura que a precedeu, a chamada Constituição Cidadã.

3. Fatec-SP – No governo do presidente Itamar Franco (em junho de 1994) foi lançado, pelo seu ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, o plano econômico conhecido como Plano Real. Esse plano que equiparou a moeda brasileira ao dólar:

- a) reduziu a taxa de juros e anunciou a contenção do déficit público com uma política de demissões dos funcionários públicos que possuíam altos salários.
- b) elevou as taxas de juros e anunciou a redução do déficit público, devido aos empréstimos do FMI, combinado com a contratação de centenas de novos fiscais para impedir a importação de produtos supérfluos no mercado brasileiro.
- c) diminuiu as taxas de juros, proporcionando ao pequeno e médio empresário brasileiro a possibilidade de competir com os produtos trazidos pelas empresas multinacionais.
- d) elevou a taxa de juros e anunciou a redução do déficit público, devido à privatização das empresas estatais.
- e) diminuiu as taxas de juros, facilitou o crédito para as micro e médias empresas, diminuiu os impostos sobre a produção de bens nacionais, para incentivar o aumento da produção, e controlou o déficit público com uma agressiva política de nacionalizações de empresas estrangeiras.

Vemos nesta questão mais uma vez o tema do Plano Real e das medidas que o tornaram possível. Nesse caso, o equilíbrio das contas do Estado e o aumento da taxa de juros como medidas para conter a inflação.

4. Unesp-SP

“No presidencialismo, a instabilidade da coalizão pode atingir diretamente a presidência. É menor o grau de liberdade de recomposição de forças, através da reforma do gabinete, sem que se ameacem as bases de sustentação da coalizão governante. No Congresso, a polarização tende a transformar ‘coalisões secundárias’ e facções partidárias em ‘coalisões de veto’, elevando perigosamente a probabilidade de paralisia decisória e consequente ruptura da ordem política.”

Sérgio Henrique H. de Abranches. *Presidencialismo de coalizão: o dilema institucional brasileiro*. 1988.

Os impasses do chamado “presidencialismo de coalizão” podem ser identificados em pelo menos dois momentos da história brasileira:

- a) nas sucessivas constituintes realizadas entre 1934 e 1946 e na instabilidade política da chamada Primeira República.
- b) nas dificuldades políticas enfrentadas no período de 1946 a 1964 e nas crises governamentais da chamada Nova República.
- c) na reforma partidária do final do regime militar e na pulverização dos votos populares nas eleições presidenciais de 1989 e 1998.
- d) na crise final do Segundo Império e no fechamento político provocado pela implantação do Estado Novo de Getúlio Vargas.
- e) nas críticas à política dos governadores implementada por Campos Sales e no golpe militar que encerrou o governo de João Goulart.

O presidencialismo de coalizão foi um conceito inventado por FHC para descrever a construção de uma maioria no Congresso, à revelia de eventuais discordâncias entre presidente e congressistas. Significa que o presidente deve se aliar a corruptos, fisiologistas e chantagistas, ainda que isso seja ruim, para que consiga maioria de votos e aprove as medidas que julga necessárias.

5. Enem

C5-H22

Movimento dos caras-pintadas



EDER CHIODETTO/FOLHAPRESS

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 17 abr. 2010. (Adaptado)

O movimento representado na imagem, do início dos anos de 1990, arrebatou milhares de jovens no Brasil. Nesse contexto, a juventude, movida por um forte sentimento cívico:

- aliou-se aos partidos de oposição e organizou a campanha Diretas-Já.
- manifestou-se contra a corrupção e pressionou pela aprovação da Lei da Ficha Limpa.
- engajou-se nos protestos-relâmpago e utilizou a internet para agendar suas manifestações.
- espelhou-se no movimento estudantil de 1968 e protagonizou ações revolucionárias armadas.
- tornou-se porta-voz da sociedade e influenciou no processo de *impeachment* do então presidente Collor.

Os caras-pintadas foram às ruas após as denúncias contra Collor, um presidente que estava envolvido em esquemas graves de corrupção e ficou deslegitimado em todas as esferas da sociedade, até entre aqueles que o elegeram.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.

6. **Udesc-SC** – Sobre o ordenamento político e social do Brasil a partir de 1994, à época da implantação do Plano Real e da moeda vigente no país, é correto afirmar:

- O real continua apresentando forte instabilidade e há receio de explosão da inflação, efeito tipicamente provocado por uma economia fragilizada.
- A inflação foi eliminada da vida econômica da nação, mas o preço foi alto, pois cresceu a repressão à liberdade de expressão, e a democracia ainda não se efetivou.
- Em pouco menos de vinte anos o país tem seguido a passos firmes em direção à consolidação da democracia e estabilidade econômica, embora existam ainda nossos problemas estruturais, como uma inadequada justiça social e a corrupção.
- Os governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, de formas diferentes, não conseguiram ampliar a importância e visibilidade do Brasil internacionalmente.
- Como parte do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China) é fortalecida pela projeção internacional, o Brasil finalmente conseguiu assento no Conselho Permanente de Segurança na ONU (Organização das Nações Unidas).

O Brasil venceu a ditadura, elaborou uma nova Constituição, consolidou as instituições, venceu a hiperinflação e as graves crises econômicas da década de 1980 com o Plano Real e começou um processo de distribuição de renda com Luiz Inácio Lula da Silva. Porém, ainda há muito a ser feito, apesar dos avanços. E, por incrível que pareça, ainda é necessário resistir a setores que buscam retrocessos econômicos e políticos, como a volta da ditadura.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. **PUC-RS** – A década de 1980 assistiu a um processo de retomada da democracia política no Brasil, que culminaria com a eleição do primeiro presidente civil, em 1985, e a promulgação de uma nova Constituição, em 1988. Sobre esse processo, é correto afirmar:

- A reabertura política iniciou no governo Geisel, que extinguiu os Atos Institucionais, embora tenha promovido algumas restrições à liberdade política com a Lei Falcão e o Pacote de Abril.
- O primeiro presidente eleito de forma direta foi Tancredo Neves, que não pôde assumir a presidência da república porque faleceu antes da posse, deixando o posto para seu vice, José Sarney.
- O processo representou uma ruptura com a ditadura militar, pois, além de reestabelecer a democracia, promoveu a ascensão à presidência da república de forças políticas contrárias ao regime militar.
- Uma das medidas mais importantes adotadas pela Constituição de 1988 foi o multipartidarismo, acabando com o bipartidarismo que vigorou durante

toda a ditadura militar, a partir do Ato Institucional número II.

- O processo teve como momento importante a campanha Diretas-Já, iniciada com a proposta de emenda constitucional do deputado Dante de Oliveira (PMDB), que instituiu as eleições diretas para a presidência da república, em 1984.

8. **UFRGS-RS (adaptado)**

Leia as afirmações a seguir sobre a administração FHC:

- A administração FHC tem privilegiado a abertura e a desnacionalização da economia do país, a privatização do setor público e uma política de compressão dos salários do funcionalismo público federal.
- O governo FHC nega ser um governo de perfil neoliberal e justifica a política de desmantelamento do setor estatal com o discurso da necessidade de modernizar a economia brasileira como condição para inserir-se competitivamente no processo de globalização.

III. O sucesso do Plano Real e o processo de privatização da economia provocaram sensíveis melhorias sociais junto às massas dos excluídos do campo, esvaziando quase por completo a luta política dos movimentos sociais organizados no meio rural.

Quais estão corretas?

- a) I, II, III e IV.
- b) I e III.
- c) II, III e V.
- d) III e IV.
- e) I.

9. **FGV-SP** – Leia atentamente as seguintes afirmações sobre as eleições presidenciais brasileiras ocorridas após 1988:

- I. As eleições de 1989 foram marcadas por uma acirrada polarização ideológica, sobretudo no segundo turno, disputado por Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva.
- II. As eleições de 1994 ocorreram sob o impacto do sucesso do Plano Cruzado, que permitiu a eleição, em primeiro turno, do candidato do PMDB José Sarney.
- III. Nas eleições de 1998, as principais forças oposicionistas articularam-se em torno da chapa Lula e Brizola, mas foram derrotadas, ainda no primeiro turno, por Fernando Henrique Cardoso.
- IV. Nas eleições de 2002, todas as forças oposicionistas de esquerda participaram da coligação que elegeu Luiz Inácio Lula da Silva no primeiro turno, contra a candidatura do tucano José Serra.
- V. Nas eleições de 2006, PT, PMDB e PSDB firmaram uma vitoriosa coligação, que permitiu a reeleição de Lula e a articulação da mais ampla maioria parlamentar da história política do Brasil.

Está correto apenas o que se afirma em:

- a) I, II, III e IV.
- b) I e III.
- c) II, III e V.
- d) III e IV.
- e) I.

10. **Urca-CE** – Leia as afirmações abaixo, referidas ao governo de Luiz Inácio Lula da Silva (períodos: 2003-2007 e 2007-2010), e a seguir assinale a alternativa que contempla as afirmativas verdadeiras:

- I. Começou seu primeiro mandato com um duro ajuste fiscal e com a reforma da Previdência. Ganhou a confiança dos mercados através da manutenção da política financeira do governo de Fernando Henrique.
- II. Promoveu, com sucesso, a expansão do mercado interno e conquistou novos mercados para os produtos brasileiros em países em desenvolvimento.
- III. Assegurou a estabilidade da moeda (o real) e possibilitou um acelerado crescimento do crédito, tanto para as empresas quanto para pessoas físicas, o que, aliado à valorização do salário mínimo (70% de majoração em termos reais), possibilitou o aumento do poder de compra dos brasileiros, causando uma grande expansão da indústria de bens de consumo duráveis (móveis, eletrodomésticos, automóveis).
- IV. Implementou importantes políticas de distribuição de renda e de combate à fome e à miséria, sem entretanto entrar em rota de colisão com o empresário. Os níveis de emprego tiveram importante crescimento, inclusive de emprego formal.

Assinale:

- a) Se todas as afirmativas são verdadeiras.
- b) Se todas as afirmativas são falsas.
- c) Se apenas as afirmativas I e III são verdadeiras.
- d) Se apenas a afirmativa IV é verdadeira.
- e) Se apenas a afirmativa II é verdadeira.

11. **UEG-GO** – A ideia da continuidade representa uma chave para a compreensão das mudanças na sociedade brasileira, apesar dos sucessivos discursos de ruptura. Mudança e conservação parecem constituir duas faces de uma mesma moeda. Nessa direção, identifique dois elementos (político e econômico) de continuidade que marcaram o Brasil contemporâneo nos governos de Fernando Collor, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva.

12. **IFGO-GO** – Observe as imagens:

Imagem I



Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/petrobras50anos/imagens/20031002-mat3.jpg>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

Imagem II



Disponível em: <<http://www.tribuneiros.com/wp-content/uploads/2009/05/lula-petrobras.jpg>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

A primeira imagem foi produzida em 1952, no momento em que Getúlio Vargas foi até Mataripe (BA) visitar reservas de petróleo, antes da criação da Petrobras (1953). Já a segunda foi realizada durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, em uma de suas muitas visitas à Petrobras. Ao observar as duas imagens, fica evidente a semelhança entre ambas: os dois presidentes referenciam o petróleo nacional a partir do mesmo gesto de apresentação de suas mãos embebedas no popularmente chamado "ouro negro". Esse gesto não deixa dúvida quanto aos propósitos dos governos de Vargas e de Lula em fazer do petróleo um instrumento de política econômica. Isoladas, essas imagens possuem significação apenas dentro de suas correspondentes conjunturas político-econômicas.

Apresentadas conjuntamente, elas adquirem um sentido histórico. Pensando nisso, observe as imagens e assinale a alternativa que melhor expresse a prática política comum dos governos de Vargas e de Lula quando o assunto é Petrobras:

- A defesa neoliberal que se evidencia na proposta de privatização do sistema de exploração do petróleo.
- A proposição de uma política econômica liberal que recusa qualquer ação intervencionista do Estado nos assuntos relacionados ao campo energético.
- A oposição às campanhas organizadas em torno da defesa do lema “O petróleo é nosso!”
- O caráter autoritário e centralizador do governo, evidenciado na política de fortalecimento do Poder Executivo e no impedimento à entrada de capital estrangeiro no Brasil.
- O apelo nacionalista que se revela na intervenção política do Estado nos assuntos associados ao campo energético.

13. UFF-RJ

“Miséria é imoral. Pobreza é imoral. Talvez seja o maior crime moral que uma sociedade possa cometer.”

Betinho.

O Bolsa Família é um programa de transferência de renda, cujo objetivo é auxiliar famílias em situação de pobreza. Sobre esse projeto, pode-se afirmar:

- que houve uma redução de quinze pontos percentuais no número de pobres da população rural brasileira, entre 2003 e 2008, como indicam dados das Nações Unidas.
- que é considerado, por muitos, o mais importante projeto de transferência de renda do mundo, criado pela primeira vez por Getúlio Vargas, tido até hoje como o “pai dos pobres”.
- que o sucesso do programa pode ser verificado pela diminuição do êxodo rural da população pobre brasileira.
- que foi um dos programas responsáveis pela concentração da população miserável no campo, segundo os dados da Fundação Getúlio Vargas.
- que desestimula a agricultura familiar, já que os contemplados não são constrangidos a trabalhar, em razão do auxílio dado pelo governo.

14. Sistema Dom Bosco

Brasil: crescimento do PIB e inflação em 12 meses (em %)

Ano	PIB	Inflação
2011	2,7	6,5
2012	1,0	5,8
2013	2,5	5,9
2014	0,7	6,3

Celso Ming. PIB miserável, 29 ago. 2014. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

Lendo os dados desse período, é correto afirmar que:

- a inflação se manteve estável.
- o crescimento se manteve estável.
- o crescimento foi alto e a inflação, baixa.
- a inflação foi baixa, mas o crescimento também.
- a inflação foi alta e o crescimento, baixo.

15. Uncisal-AL – Desde a década de 80 do século passado, os movimentos sociais brasileiros vêm apresentando significativas alterações quanto aos objetivos pretendidos. Refletindo mudanças mundiais, nossos movimentos sociais passaram gradativamente a apresentar um caráter mais identitário.

Nesse contexto, os movimentos feminista e homossexual se aproximam e lutam pela:

- manutenção das relações de gênero que, dentro do ideário dos dois movimentos, atendem aos seus interesses e realizam seus objetivos, ampliando a participação política e a inclusão social.
- garantia formal dos seus direitos, fato que modificaria substancialmente a situação tanto de homossexuais como de mulheres, tirando-os da marginalidade social.
- naturalização da dominação simbólica, porém invertendo a lógica que alicerça as relações de gênero e o polo dominador.
- adoção de ações educativas que busquem ressaltar a existência de tais movimentos, cuja implantação seria o suficiente para atingir os objetivos almejados.
- implantação de direitos que assegurem e reconheçam sua existência, possibilitando uma inclusão social plena, quebrando os estereótipos e a dominação simbólica construída a partir dos interesses masculinos.

16. PUC-RS

Coluna A

- José Sarney.
- Fernando Collor de Mello.
- Fernando Henrique Cardoso.
- Luiz Inácio “Lula” da Silva.

Coluna B

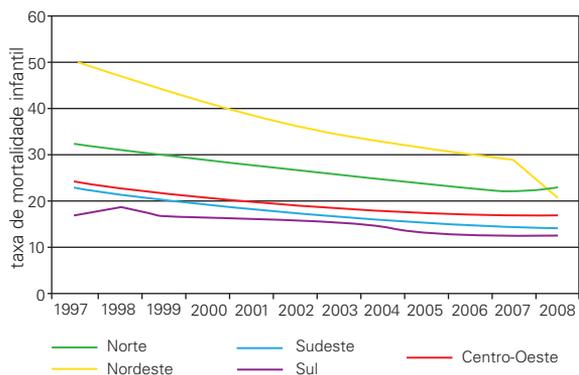
- Seu mandato foi marcado pela busca da estabilidade monetária, pelo controle da emissão de moedas e pelo baixo crescimento industrial, devido aos efeitos negativos sobre a indústria, decorrentes da abertura da economia brasileira ao mercado internacional.
- Sua presidência foi marcada pela estabilidade monetária, pelo crescimento da economia, impulsionado pela exportação de *commodities* e pelo incremento do consumo interno, através de políticas de ampliação de renda e crédito e de redistribuição de renda.
- Seu governo enfrentou uma forte inflação através de planos econômicos como o Plano Cruzado, o Plano Cruzado II e o Plano Verão, que acabaram fracassando e gerando grande impopularidade ao presidente no fim de seu mandato.
- Em seu mandato, procurou combater a inflação através do confisco da poupança, tentou modernizar a economia brasileira, iniciando a sua abertura para o mercado internacional, e enfrentou grande instabilidade política, perdendo o apoio do Congresso.
- Tentou marcar o seu governo pelo *slogan* “Tudo Pelo Social”, promovendo a criação da “farmácia básica” e do seguro-desemprego, a extensão dos benefícios da Previdência ao trabalhador rural e a aplicação do Programa do Leite.

A numeração correta, de cima para baixo, é:

- 1 – 2 – 3 – 4 – 3.
- 2 – 3 – 4 – 1 – 2.
- 3 – 1 – 4 – 2 – 4.
- 3 – 4 – 1 – 2 – 1.
- 3 – 4 – 2 – 1 – 4.

17. Unesp-SP – Sobre a evolução da mortalidade infantil no Brasil e suas possíveis causas, é correto afirmar que, no período analisado:

Evolução da mortalidade infantil no Brasil, 1997-2008



<http://atlascolar.ibge.gov.br>. (Adaptado)

- o Nordeste apresentou a maior redução no período, devido à melhoria no acesso da população aos serviços de saúde pública e de saneamento básico.
- o Centro-Oeste conservou seus índices durante o período, devido à estagnação na oferta de serviços de saúde pública e à manutenção da renda da população.
- o Norte, contrariando a tendência do gráfico, encerrou 2008 com o pior índice de todo o período, devido à precariedade de serviços de saúde pública e de saneamento básico.
- o Sudeste conservou o menor índice devido à ampliação dos serviços de saúde pública e à melhora nos níveis de renda da população.
- o Sul apresentou piora em seu índice devido à ausência de serviços de saúde pública e de infraestruturas de saneamento básico satisfatórios.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C2-H10



Disponível em: <www.rededemocratica.org.br>. Acesso em: 28 set. 2012.

Na imagem, encontram-se referências a um momento de intensa agitação estudantil no país. Tal mobilização se explica pela:

- divulgação de denúncias de corrupção envolvendo o presidente da república.
- criminalização dos movimentos sociais realizada pelo governo federal.
- adoção do arrocho salarial implementada pelo Ministério da Fazenda.
- compra de apoio político promovida pelo Poder Executivo.
- violência da repressão estatal atribuída às forças armadas.

19. Enem

C3-H12

“Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.”

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 27 abr. 2017.

A persistência das reivindicações relativas à aplicação desse preceito normativo tem em vista a vinculação histórica fundamental entre:

- etnia e miscigenação racial.
- sociedade e igualdade jurídica.
- espaço e sobrevivência cultural.
- progresso e educação ambiental.
- bem-estar e modernização econômica.

20. Enem

C3-H13

“Batizado por Tancredo Neves de ‘Nova República’, o período que marca o reencontro do Brasil com os governos civis e a democracia ainda não completou seu quinto ano e já viveu dias de grande comoção. Começou com a tragédia de Tancredo, seguiu pela euforia do Plano Cruzado, conheceu as depressões da inflação e das ameaças da hiperinflação e desembocou na movimentação que antecede as primeiras eleições diretas para presidente em 29 anos.”

O álbum dos presidentes: a história vista pelo JB. *Jornal do Brasil*, 15 nov. 1989.

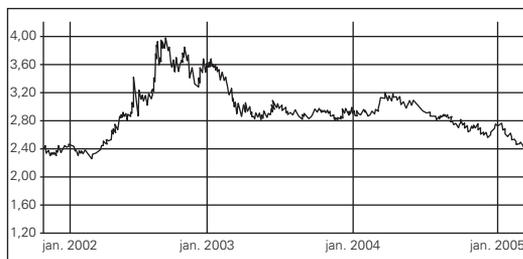
O período descrito apresenta continuidades e rupturas em relação à conjuntura histórica anterior. Uma dessas continuidades consistiu na:

- representação do legislativo com a fórmula do bipartidarismo.
- detenção de lideranças populares por crimes de subversão.
- presença de políticos com trajetórias no regime autoritário.
- prorrogação das restrições advindas dos atos institucionais.
- estabilidade da economia com o congelamento anual de preços.

EXERCÍCIOS INTERDISCIPLINARES

21. Enem

No gráfico abaixo, mostra-se como variou o valor do dólar, em relação ao real, entre o final de 2001 e o início de 2005. Por exemplo, em janeiro de 2002, um dólar valia cerca de R\$ 2,40.



Fonte: Banco Central do Brasil.

Durante esse período, a época em que o real esteve mais desvalorizado em relação ao dólar foi no:

- a) final de 2001.
- b) final de 2002.
- c) início de 2003.
- d) final de 2004.
- e) início de 2005.

22. Enem

“A bomba
reduz neutros e neutrinos,
e abana-se com o leque da reação em cadeia”

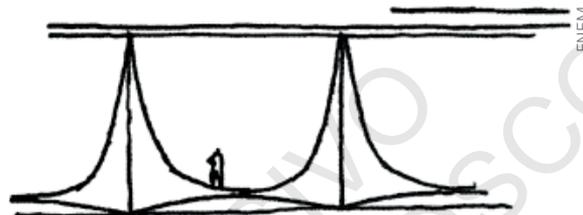
ANDRADE, C. D. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1973. (Fragmento)

Nesse fragmento de poema, o autor refere-se à bomba atômica de urânio. Essa reação é dita “em cadeia” porque na:

- a) fissão do ^{235}U ocorre liberação de grande quantidade de calor, que dá continuidade à reação.
- b) fissão de ^{235}U ocorre liberação de energia, que vai desintegrando o isótopo ^{238}U , enriquecendo-o em mais ^{235}U .
- c) fissão do ^{235}U ocorre uma liberação de nêutrons, que bombardearão outros núcleos.

- d) fusão do ^{235}U com ^{238}U ocorre formação de neutrino, que bombardeará outros núcleos radioativos.
- e) fusão do ^{235}U com ^{238}U ocorre formação de outros elementos radioativos mais pesados, que desencadeiam novos processos de fusão.

23. Enem



IMODESTO

“As colunas do Alvorada podiam ser mais fáceis de construir, sem aquelas curvas. Mas foram elas que o mundo inteiro copiou.”

Utilizadas desde a Antiguidade, as colunas, elementos verticais de sustentação, foram sofrendo modificações e incorporando novos materiais com ampliação de possibilidades. Ainda que as clássicas colunas gregas sejam retomadas, notáveis inovações são percebidas, por exemplo, nas obras de Oscar Niemeyer, arquiteto brasileiro nascido no Rio de Janeiro em 1907. No desenho de Niemeyer, das colunas do Palácio da Alvorada, observa-se:

- a) a presença de um capitel muito simples, reforçando a sustentação.
- b) o traçado simples de amplas linhas curvas opostas, resultando em formas marcantes.
- c) a disposição simétrica das curvas, conferindo saliência e distorção à base.
- d) a oposição de curvas em concreto, configurando certo peso e rebuscamento.
- e) o excesso de linhas curvas, levando a um exagero na ornamentação.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

HISTÓRIA 1

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



APRESENTAÇÃO

HISTÓRIA

O material que você tem em mãos foi concebido e atualizado para se ajustar tanto às novas demandas do ensino de História como da avaliação feita pelas bancas dos diversos vestibulares e, especialmente, do Enem. O ensino também tem história e, entre diversas mudanças, a informação não é mais o foco da educação, mas sim a compreensão e a produção de conhecimento. Sabemos que, além do conteúdo, dos roteiros de aula, da enorme coletânea de questões dos principais vestibulares do país e do Enem, totalmente atualizadas, e das respostas comentadas, os alunos terão também o seu apoio.

Como professor, é importante que você tenha clareza dessas novas abordagens da educação e da avaliação dos estudantes. São jovens que têm qualquer informação ao seu dispor, bastando para isso acessar a internet e serem superestimulados por vídeos, fotos e jogos complexos e cheios de ação. Com base nesse contexto, é comum que se sintam entediados, que não encontrem sentido no contato com informações que podem acessar de forma instantânea e que percam o interesse nas explicações que oferecemos. Esse é o nosso desafio. O tempo todo devemos lançar o foco nos processos que orientam os fatos e, sempre que possível, trazer a história para o tempo presente, mostrando aos estudantes as conexões entre o que encontram nas aulas de História e o que acontece em suas próprias vidas.

É indispensável que os estudantes reconheçam que a "informação" é um "conjunto de dados" organizado, estruturado, com alguma análise. "D. João era um rei português" e "D. Pedro I era seu filho" são dois dados, mas "D. João veio ao Brasil em 1808 e D. Pedro I declarou a independência em 1822" é uma informação. É importante ajudá-los a reconhecer que "conhecimento", por sua vez, é saber que quando D. João chega ao Brasil em 1808, um processo de independência que havia começado com as insurreições do final do século XVIII (como a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana) se intensifica, já que o Brasil deixa de ser colônia e passa a ser Reino Unido a Portugal. Então, em 1822, quando essa situação ambígua se encontrava insustentável, uma conciliação entre colonos e colonizadores levou o Brasil a se tornar independente, mas sob o reinado de um filho do rei português.

Esse é o conhecimento que os exames vestibulares e, especialmente, o Enem, esperam dos alunos atualmente. Os dados e as informações são fornecidos clara e abertamente. Algo que era a resposta de uma pergunta hoje está no enunciado. Os estudantes devem ser capazes de dominar linguagens e códigos, construir argumentações, elaborar respostas aos diversos questionamentos, relacionar distintas áreas do conhecimento. Devem também relacionar passado e presente, propor ideias para o futuro, identificar, reconhecer e relacionar processos históricos, antigos ou atuais.

Justamente por isso este material traz também indicações de leitura, de vídeos, filmes, documentários e atividades que podem ser propostas à turma, tanto em sala de aula como em visitas guiadas, presenciais ou à distância, a instituições que são espaços de memória. O que queremos é prepará-los não apenas para os vestibulares, mas para que sejam produtores de conhecimento. Se conseguirmos isso, os exames de admissão nas universidades serão o que devem ser: o início de uma longa jornada em busca do conhecimento. Para isso, devemos explorar aspectos como:

- Desenvolvimento de competências ligadas à leitura, análise, contextualização e interpretação de fontes e testemunhos passados e presentes, considerando diferentes contextos e linguagens na sua produção. Selecionamos para este material questões que trabalham com charges, cenas de filmes, poemas, romances, notícias veiculadas na mídia, canções, artigos científicos, entre outras fontes.
- O desenvolvimento de habilidades por meio da leitura e interpretação de imagens, como obras de arte, fotografias, ilustrações do período em estudo ou posteriores a ele. Muitos casos remetem a produções posteriores, dada a impossibilidade de usar imagens de época, normalmente por inexistirem. Nesses casos, recomendamos ressaltar a diferença cronológica entre o fato e a ilustração, explorando a visão da época sobre o fato histórico passado. É importante ressaltar que a produção de imagens é, também, uma produção de discursos. Para citar um exemplo: o quadro de Pedro Américo *Independência ou morte* foi feito bem depois do 7 de setembro de 1822, e está carregado de discursos de exaltação, além de ter sido inspirado no quadro *Napoleão III na Batalha de Solferino*, pintura de Meissonier. Todas essas análises devem permear esse tipo de estudo.
- A história como algo feito "de baixo para cima". Devemos mostrar aos alunos como, no passado, o estudo de História já foi uma grande coletânea de governantes e generais, com pitadas de homens ricos e poderosos. A abordagem completa, bem informada, atual e consolidada é aquela que mostra como os movimentos sociais, as lutas populares, as insurreições

e rebeliões, os protestos e as greves protagonizaram, ao longo da História, enfrentamentos e conciliações com os detentores do poder econômico e político. São os escravizados os protagonistas da história da abolição da escravidão, além da princesa Isabel. A história do voto feminino deve ter como protagonista as sufragistas, não apenas os legisladores ou mesmo o governante. A história da redemocratização deve estar centrada naqueles que lutaram contra a ditadura, não nos generais que conduziram a transição.

A elaboração deste material pauta-se na correção de conceitos e de informações básicas, evitando o anacronismo, o voluntarismo e o nominalismo. Regula-se ainda pela coerência e adequação metodológicas; pelos preceitos éticos, furtando-se aos preconceitos e vinculações ideológicas que possam comprometer a objetividade da ciência histórica.

Previstas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica referentes ao Ensino Médio, as competências e habilidades são desenvolvidas conforme os conteúdos programáticos de cada etapa. Nesse sentido, a concepção do material prioriza, em relação aos processos históricos: a leitura e a interpretação de fontes documentais de natureza diversa, em diferentes linguagens; o estabelecimento de relações que envolvem continuidades e permanências, rupturas e transformações; a investigação e a compreensão para reconhecer o papel do indivíduo na construção deles.

Esperamos, com esse material, ajudá-lo no desafio de oferecer aos estudantes os inúmeros caminhos para compreender as relações com o passado, fomentando neles, frente aos acontecimentos históricos, o posicionamento crítico e a contextualização sociocultural.

CONTEÚDO

HISTÓRIA 1

Volume	Módulo	Conteúdo
4	45	Segunda Guerra Mundial
	46	Perseguição, intolerância e extermínio na Segunda Guerra Mundial
	47	Guerra Fria
	48	Guerra Fria: propaganda, armas e espaço
	49	Revoluções socialistas: Ásia
	50	Revolução Mexicana
	51	Revolução Cubana
	52	Descolonização da Índia
	53	Descolonização da África
	54	Régimes militares: América do Sul
	55	Oriente Médio no século XX
56	Oriente Médio no século XXI	

HISTÓRIA 2

Volume	Módulo	Conteúdo
4	23	Era Vargas: Estado Novo (1937-1945)
	24	Era Vargas: retorno democrático (1951-1954)
	25	República populista
	26	Golpe de 1964
	27	Ditadura militar
	28	Nova República

45 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, estudamos o desenvolvimento da Segunda Guerra Mundial, desde os antecedentes da guerra até sua finalização com o ataque dos Estados Unidos ao Japão, em agosto de 1945. Abordamos as alianças firmadas entre os países desde antes da guerra, como o Pacto de Não Agressão entre Alemanha e União Soviética, e posteriormente as ofensivas em conjunto dos Aliados para vencer a guerra. Destacamos também a importância da entrada da União Soviética na guerra, bem como a disputa entre Japão e Estados Unidos no conflito.

Para ir além

Pode-se desenvolver uma atividade com os alunos por meio da exibição de dois filmes: *A conquista da honra* (EUA, 2006. Direção de Clint Eastwood) e *Cartas de Iwo Jima* (EUA, 2006. Direção de Clint Eastwood). Os dois filmes retratam as relações de poder e disputa entre Estados Unidos e Japão durante a Segunda Guerra Mundial e pode-se relacioná-los com a matéria estudada no capítulo e problematizar aspectos da guerra, como violência, trauma e heroísmo.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- GILBERT, M. *A Segunda Guerra Mundial: os 2174 dias que mudaram o mundo*. São Paulo: Casa da Palavra, 2014.
- HOBSBAWM, E. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SHIRER, W. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. 2 v.

Exercícios Propostos

7. A

As informações contidas nas proposições I, III e IV estão corretas. O ataque ao Japão com as bombas atômicas foi realizado já no final da guerra, em outubro de 1945. O Brasil nunca lutou formalmente a favor do Eixo, embora haja uma discussão sobre aproximações de cunho fascista do governo ditatorial de Getúlio Vargas. O Brasil declarou guerra à Alemanha em 1942.

8. E

A gripe espanhola foi uma pandemia do vírus *influenza* que acometeu muitas partes do mundo em 1918, portanto, em momento anterior à Segunda Guerra Mundial.

9. A

O antissemitismo era uma das características do nazismo. Hitler perseguiu judeus, assim como

outras minorias, promovendo o genocídio de 6 milhões de semitas. O extermínio sistemático de judeus durante a Segunda Guerra Mundial ficou conhecido como holocausto e foi um crime contra a humanidade.

10. E

Após a invasão da França pelos nazistas, parte do território tornou-se um governo considerado colaboracionista, ou seja, havia autoridades francesas, mas que fizeram acordos com o governo alemão. Essa parte do território francês foi chamada de “governo de Vichy” e não participou da resistência francesa contra o nazismo.

11. D

O Pacto de Não Agressão foi estratégico, embora os dois países em questão não fossem aliados ideológicos. Por meio desse tratado, as potências Alemanha e União Soviética se comprometeram a não atacar uma à outra e a se manter neutras se uma delas fosse atacada por uma terceira potência. Também ficou combinado uma divisão da Polônia e da Finlândia, além da não intervenção dos alemães nos conflitos soviéticos na região dos Bálcãs.

12. C

A alternativa está incorreta porque o acordo não foi mantido até o fim da guerra, sendo encerrado com o ataque alemão em 1941.

13. D

As alternativas II, III e V apresentam informações corretas sobre o contexto. A alternativa I está incorreta porque não há relação, nesse período, com a Primeira Revolução Industrial, embora os Estados Unidos tenham saído fortalecidos.

14. E

O Pacto de Não Agressão foi assinado e cumprido em 1939 mesmo com a invasão à Polônia. O pacto será quebrado em 1941, com a invasão alemã à União Soviética. A Guerra Civil Espanhola ocorreu entre 1936 e 1939, não havendo quebras diplomáticas. A Alemanha se retira da Liga das Nações, não é expulsa. A alternativa IV está incorreta porque houve medidas para a reconstrução financeira e econômica dos países, especialmente voltadas para o continente europeu. A política de apaziguamento não foi adotada pela Inglaterra e pela URSS, e sim pela Inglaterra e pela França, permitindo indiretamente o avanço de tropas alemãs no Leste Europeu como forma de combater o socialismo soviético.

15. A

O que mais destaca-se desse processo é o sentimento de humilhação e o caos social, político e econômico em que se encontravam a Alemanha e a Itália. Após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha foi obrigada a aceitar o Tratado de Versalhes, que punia com cobranças de indenizações e proibição de manter um exército nacional, entre outras medidas. Isso, somado à Crise de 1929, deu espaço para grupos difundirem ideias fascistas, a exemplo da consolidação do nazismo. Esse cenário viabilizou o início da Segunda Guerra Mundial.

16. D

Alemanha, Itália e Japão formaram o Eixo.

17. E

O ataque do Japão à base de Pearl Harbor foi decisivo para a entrada dos Estados Unidos na guerra. A invasão alemã à URSS quebrou o Pacto de Não Agressão assinado em 1939, criando uma aliança entre Inglaterra, França e União Soviética. O Brasil declarou guerra ao Eixo em 1942 e enviou tropas em 1944.

Estudo para o Enem**18. C**

Em Nuremberg foram julgados apenas indivíduos do alto escalão nazista e, conforme o texto de Pierre Broué, os tribunais populares não passaram por reformas, mantendo os antigos magistrados em seus cargos, dificultando a punição dos oficiais locais envolvidos nos crimes de guerra.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar o papel da justiça como instituição na organização das sociedades.

19. A

No contexto da Segunda Guerra Mundial, Estados Unidos e Japão estavam em confronto por alianças divergentes. O Japão pretendeu estabelecer uma zona de influência e poder no continente asiático e em vários momentos invadiu e conquistou territórios, a exemplo da Manchúria. Podemos diferenciar essa prática da Doutrina Monroe, pois esta, com o lema "A América para os americanos", defendia a não interferência bélica e expansionista a outros territórios e, da mesma forma, afirmava que a América não poderia mais ser colônia de países. Mesmo com a Doutrina Monroe, os Estados Unidos tiveram papel ativo na América Latina, por exemplo, com a política do Big Stick, que atuava como influência nas políticas dos países para benefício próprio.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

20. A

Observando o mapa, trata-se da ofensiva final dos países aliados na guerra em direção à Alemanha. Nota-se a saída de tropas da região da Normandia, que já tinha recebido tropas, no evento conhecido como Dia D.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

46 PERSEGUIÇÃO, INTOLERÂNCIA E EXTERMÍNIO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, tratamos de um assunto muito sensível da história mundial, que foi a perseguição a judeus e grupos minoritários durante o regime nazista na Alemanha. Buscamos traçar as ideias eugênicas de Adolf Hitler e como ele as adotou como forma de elaborar um inimigo em comum para os alemães. Analisamos também em que consistiram a política da “solução final” e os campos de concentração e extermínio, que foram as bases do holocausto. Após a guerra, ainda que alguns judeus tivessem retornado aos países antes nazistas, muitos se mantiveram nos países nos quais se refugiaram, e muitos outros seguiram para o Estado de Israel, criado logo após a Segunda Guerra Mundial em território palestino.

Para ir além

Pode-se desenvolver uma atividade com os alunos com base na leitura da história em quadrinhos *Maus*, de Art Spiegelman, e trabalhar temas como memória e trauma. É possível analisar aspectos dos campos de concentração abordados no capítulo e, ainda, transpor essa discussão para o presente, tematizando a intolerância e o preconceito em nossa sociedade.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- GILBERT, M. *A Segunda Guerra Mundial: os 2 174 dias que mudaram o mundo*. São Paulo: Casa da Palavra, 2014.
- HOBBSAWM, E. *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LEVY, P. *É isto um homem?* São Paulo: Rocco, 2001.
- SHIRER, W. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. 2 v.
- SPIEGELMAN, A. *Maus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Exercícios Propostos

7. B

Como parte da ideologia nazista, a superioridade ariana e a pureza racial foram aspectos que se desejou mostrar na Olimpíada de 1936, como forma de propagar uma imagem positiva da Alemanha.

8. E

Todas as alternativas apresentam informações corretas sobre as Leis de Nuremberg, de 1935.

9. C

Adorno aborda os problemas de se enquadrar as pessoas em coletividades nas quais ocorre a perda da reflexão e da autodeterminação. Para

isso, cita o caso do nazismo e alude à questão da colaboração da população alemã na época. Com o nazismo, desenvolveu-se a ideia de pureza de raça e o extermínio de populações consideradas inferiores, especialmente sob a figura do judeu.

10. B

Todas as alternativas apresentam informações corretas sobre o período.

11. C

A alternativa está incorreta porque esses planos não aproximaram Estados Unidos e União Soviética. Ao contrário, foram estabelecidos como forma de garantir a hegemonia norte-americana no mundo.

12. C

A alternativas II, III e IV estão corretas. A alternativa I está incorreta porque expressões ideológicas seculares não foram substituídas por formulações ideológicas democráticas e humanistas. A alternativa IV está incorreta porque não é a diversidade que dificulta o diálogo, mas outras questões, como poder, interesses e intolerância.

13. A

Os escritos de Hitler ressaltam o desejo de uma Alemanha expansionista e a ideia da eugenia, ou seja, de pureza racial. Assim, as pessoas de raça ariana (alemã) deveriam ficar no país, enquanto outros grupos deveriam ser expulsos ou eliminados. Com isso, tem-se o desenvolvimento dos campos de extermínio e a perseguição aos judeus.

14. C

A segunda proposição está incorreta porque o Brasil não apoiou os países do Eixo, ao contrário, declarou guerra contra a Alemanha em 1942.

15. a) Em várias partes da Europa nazista, os judeus eram obrigados a usar a estrela de Davi (símbolo do povo judeu), que identificava sua origem étnica e sujeitava-os às medidas discriminatórias determinadas pelas autoridades.

b) O Gueto de Varsóvia reunia a comunidade judaica da capital polonesa e outras regiões próximas. O gueto viveu um superpovoamento nesse período, com alguma autonomia e policiamento próprio. Os abastecimentos vinham de fora, mas, com a política restritiva nazista, começaram a diminuir. Por causa do programa de extermínio dos judeus, o Gueto de Varsóvia começou a ter parte de seus habitantes levados aos campos de extermínio.

16. a) Existência da desigualdade racial e da superioridade da raça ariana.

b) Para os nazistas, o povo alemão necessitava ampliar seu território para alcançar pleno desenvolvimento (“espaço vital”), devendo dominar os territórios do leste habitados por eslavos (considerados “raça inferior”), pretexto para a ocupação alemã dos Sudetos (Tchecoslováquia), em 1938, e para a invasão da Polônia, no episódio do Corredor Polonês. Adolf Hitler, desde o início de sua vida política, utilizou-se de teorias elaboradas por pensadores alemães do século XIX para montar sua ideologia da supremacia ariana. Um exemplo nesse sentido é Friedrich Ratzel, o fundador do determinismo geográfico, que estabeleceu a relação entre o espaço geográfico e os seres humanos como fator determinante para o desenvolvimento de um povo, dando origem à teoria nazista do “espaço vital”, que seria não só o território dominado por um Estado, mas também dotado de características étnicas e sociais de um povo, a ser defendido com todo o fervor para alcançar a supremacia.

17. E

O diário da Anne Frank, sobrevivente do holocausto da Segunda Guerra Mundial, é um importante registro de memórias e acontecimentos durante o período e, portanto, um documento histórico que permite compreender as dinâmicas da Alemanha durante a guerra.

Estudo para o Enem

18. D

O nazismo e a política de extermínio tiveram relação direta com a nova Declaração dos Direitos Humanos, proclamada em 1948, no pós-guerra. Foi um ato simbólico e prático para repactuar o exercício da cidadania e respeito de todos os po-

vos, após anos de catástrofe com a guerra e com o genocídio da população judaica.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar o papel da justiça como instituição na organização das sociedades.

19. C

As alternativas III e IV estão corretas. A alternativa I está incorreta, pois embora muitos russos tivessem sido presos pelos nazistas, estes eram prisioneiros de guerra, ou seja, não foram segregados por motivação racial. A alternativa II está incorreta, pois a base da política eugenista estava para além da aparência física, focando principalmente na questão da ascendência dos indivíduos.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

20. B

O relato de Primo Levi fala sobre os campos de concentração instalados pelo governo nazista como parte da “solução final”.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

47 GUERRA FRIA

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, estudamos a formação de uma nova ordem mundial após a Segunda Guerra Mundial, a chamada Guerra Fria. Foram abordados aspectos da cultura dos Estados Unidos no pós-guerra, o *american way of life*. Analisamos a formação da polarização entre Estados Unidos e União Soviética e os acordos e planos de cada país para garantir a hegemonia e as alianças de países do globo. Assim, visualizou-se tanto a relação com países europeus como a relação da Guerra Fria com os países de Terceiro Mundo. Destacou-se ainda a divisão da Alemanha, em especial a capital Berlim, e depois, já em 1989, a queda do muro.

Para ir além

Pode-se desenvolver uma atividade com os alunos por meio da exibição do documentário *O Muro de Berlim*, produzido pelo History Channel Brasil, e relacioná-lo com aspectos da Guerra Fria. Disponível em:

<www.youtube.com/watch?v=QQ5ct7d5Gi8>.

Acesso em: nov. 2018.

Comente com os alunos que o documentário apresenta documentos e filmagens históricas e permite refletir como os pesquisadores produzem história.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- GADDIS, J. L. *A história da Guerra Fria*. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.
- JUDT, T. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. São Paulo: Objetiva, 2008.
- ORWELL, G. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Exercícios Propostos

7. D

O autor questiona a hegemonia estadunidense no século XXI apontando as dificuldades para impor sua supremacia, seja no plano político-militar, com problemas no Oriente Médio, seja no plano econômico, com o crescimento da economia asiática, ou ainda no combate ao terrorismo.

8. C

O Muro de Berlim foi um símbolo da Guerra Fria, a separação que impunha à Alemanha era uma representação em menor escala do que se podia observar no mundo, uma separação entre o capitalismo estadunidense e o socialismo soviético.

9. C

A abertura necessária para buscar a recomposição na economia soviética levou seu governo a

adotar medidas liberalizantes, e isso resultou no caminho para o fim da Guerra Fria.

10. Entre 1947 e 1990, ocorreu a Guerra Fria. O conflito foi caracterizado pelo enfrentamento ideológico entre Estados Unidos, líder do bloco capitalista, e União Soviética, líder do bloco socialista. As duas potências disputavam a hegemonia mundial numa guerra ideológica que dividia o mundo em zonas de influência. Enquanto os Estados Unidos possuíam aliados na Europa Ocidental e forte influência sobre a América Latina, a União Soviética dominava a Europa Oriental, com aliados na Ásia e na África.

11. C

A canção trata da divisão ocorrida no mundo durante a Guerra Fria, separando o mundo entre capitalistas e socialistas.

12. E

Todas as afirmações estão corretas, Gorbachev adotou medidas liberalizantes na União Soviética, entre elas a *perestroika* e a *glasnost*. Essas medidas levaram ao menor controle do Estado na economia e a mais liberdade políticas e direitos individuais. Graças a essas medidas, muitos países que antes compunham o território soviético passaram a se tornar independentes.

13. C

O Plano Marshall tinha o objetivo de reerguer os países europeus, evitando que a crise os levasse a revoltas socialistas internas, dado que esses países estavam mais próximos fisicamente da União Soviética que dos Estados Unidos. O auxílio aos países europeus levaria a um contato econômico entre os países capitalistas e ao afastamento dos soviéticos.

14. C

A *perestroika*, que buscou uma menor intervenção do Estado na economia, falhou, entre outros motivos, pela insatisfação popular que causou.

15. D

A relação que se estabelece está entre a expectativa das teorias elaboradas contra a desigualdade gerada pelo capitalismo, dos trabalhadores do século XIX, e a experiência real que ocorreu na União Soviética, que deixou de existir na década de 1990.

16. E

A queda do Muro de Berlim representou o fim da Guerra Fria com a decaída do regime socialista na

URSS. O socialismo e suas ideias viam-se, nesse período, enfraquecidos.

17. C

A Otan foi criada em 1949, exatamente um momento em que especialistas consideram o início da Guerra Fria. Ela foi uma aliança militar entre países ocidentais em que seus participantes defenderiam os demais em caso de invasão de países de fora do acordo.

Estudo para o Enem

18. B

De acordo com o mapa, a divisão entre a Europa e a Ásia estaria relacionada ao limite natural dos Montes Urais, uma cordilheira situada na Rússia.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Interpretar diferentes representações gráficas e cartográficas dos espaços geográficos.

19. D

George Orwell direcionava a crítica de seu livro aos regimes totalitários, de absoluto controle de

aspectos políticos, econômicos, sociais, privados e particulares dos cidadãos de determinado país.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

20. B

As afirmativas referem-se a estratégias de cada país para difundir ou manter seus ideais ao redor do mundo. A afirmativa I alude à estratégia estadunidense de auxiliar os países europeus arrasados pela Segunda Guerra Mundial para que se recompusessem e se mantivessem afastados de ideais revolucionários socialistas. A afirmativa II está ligada ao Pacto de Varsóvia, soviético, estabelecido com os países socialistas do Leste Europeu.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO

48 GUERRA FRIA: PROPAGANDA, ARMAS E ESPAÇO

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, foram abordados aspectos da Guerra Fria, focalizando nas potências que disputaram o poder na época: Estados Unidos e União Soviética. Destacou-se o papel da retórica ideológica como forma de legitimar seus sistemas de governo, representados pelo capitalismo e socialismo, respectivamente. O discurso ideológico manifestou-se nas propagandas políticas, de exaltação de seu país e de crítica ao outro, como no discurso anticomunista estadunidense. Também foram abordados aspectos da cultura, como filmes, histórias em quadrinhos e música que se desenvolveram no contexto desse mundo polarizado. Por último, estudamos as corridas armamentista e espacial, analisando o avanço da ciência nesse período.

Para ir além

Pode-se desenvolver uma atividade com os alunos por meio da exibição do filme *Estrelas além do tempo* (EUA, 2016. Direção de Theodore Melfi). O filme trata de três mulheres afrodescendentes que trabalharam na Nasa em diferentes setores durante a Guerra Fria. É possível propor a elaboração de uma resenha, apresentando os aspectos do filme que se relacionam com o conteúdo trabalhado no módulo, especialmente no que diz respeito à corrida espacial e ao medo do comunismo. Outros aspectos do filme podem ser utilizados em debates como temas transversais, como a luta pela igualdade de direitos das mulheres e dos afrodescendentes, já que nessa época os Estados Unidos viviam a segregação racial.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- GADDIS, J. L. *A história da Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- JUDT, T. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. São Paulo: Objetiva, 2008.
- ORWELL, G. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Exercícios Propostos

7. C

Este período ficou conhecido como Guerra Fria e consistiu na oposição sem conflito direto entre as potências Estados Unidos e União Soviética, que representavam, respectivamente, o capitalismo e o socialismo.

8. C

A Crise dos Mísseis em Cuba foi um dos acontecimentos da Guerra Fria que quase levou ao estopim de uma guerra entre os Estados Unidos e a União Soviética, porém, após negociações, a base militar da URSS em Cuba foi retirada, assim

como uma das bases dos Estados Unidos foi retirada do Leste Europeu.

9. B

Os fatos mais destacados da Guerra Fria se evidenciam com a construção do Muro de Berlim, que dividiu a Alemanha e simbolizou a divisão ideológica do mundo, e a chegada do homem à Lua por parte dos Estados Unidos, demonstrando a vitória destes na corrida espacial.

10. A

A disputa ideológica da Guerra Fria levou a uma guerra civil no Vietnã. Os opositores do governo do Vietnã do Sul, capitalista, formaram uma resistência armada, cujos membros foram denominados vietcongues.

11. A

A divisão ocorrida na Europa, que separou a União Soviética e os demais países socialistas a ela aliados, foi denominada Cortina de Ferro pelo político britânico Winston Churchill.

12. A

A Guerra Fria consistiu em um conflito indireto entre os Estados Unidos (capitalista) e a União Soviética (socialista). Os países da América Latina ficaram alinhados majoritariamente com os Estados Unidos e sob seu controle. O Brasil nunca chegou a estar sob a influência da União Soviética.

13. D

Durante o governo Ronald Reagan, destaca-se o aumento da rivalidade ideológica com a União Soviética e o socialismo e a interferência dos Estados Unidos em economias estrangeiras.

14. B

A bandeira estadunidense fincada em solo lunar representou a vitória dos Estados Unidos na corrida espacial. O contexto do período era de Guerra Fria, em que as duas potências mundiais da época, Estados Unidos e União Soviética, separavam o mundo em duas ideologias: capitalismo e socialismo.

15. D

Ao contrário do que sugere a questão, a corrida espacial foi consequência da Guerra Fria, em que Estados Unidos e União Soviética disputavam sua hegemonia perante o mundo.

16. A

A indústria do cinema foi uma das formas de difusão de medos próprios do período de Guerra

Fria, como o temor ao comunismo, criando personagens maquiavélicos, cenários de apocalipse e de guerras nucleares.

17. A

Gorbachev instituiu os programas *glasnost* e *perestroika*, dando maior liberdade política e econômica para o país, buscando atravessar um período de crise. As medidas não foram suficientes e a União Soviética deixou formalmente de existir em 1991, causando consequências em todo o bloco socialista. Os momentos finais da URSS foram não só de abertura mas também de aproximações com o bloco capitalista e mesmo com os Estados Unidos.

Estudo para o Enem

18. E

A Guerra Fria foi o período em que as duas grandes potências vitoriosas da Segunda Guerra Mundial, a URSS e os Estados Unidos, se confrontaram em diversas áreas, mas sem que houvesse um conflito direto.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

19. C

Gorbachev instituiu a *glasnost*, que visava liberar manifestações políticas sem que houvesse censura, e a *perestroika*, um plano econômico que buscava liberar a economia soviética, diminuindo o controle do Estado.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Identificar o papel dos meios de comunicação na construção da vida social.

20. B

A imagem apresenta os dois líderes sentados frente a frente em uma queda de braço, com suas bombas abaixo do adversário, ameaçando explodí-las. Ela representa o período da Guerra Fria, em que a URSS tentava armar Cuba, e os Estados Unidos, pela proximidade com a ilha, buscavam impedir a movimentação.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.

MATERIAL DE USO EDUCACIONAL
SISTEMA DE ENSINO

49 REVOLUÇÕES SOCIALISTAS: ÁSIA

Comentários sobre o módulo

Faça um aprofundamento dos impactos da Guerra Fria fora do espaço europeu. É possível ver as zonas de influência ideológica nos conflitos que ocorreram no Leste Asiático após a Segunda Guerra Mundial. Retome algumas questões relativas ao movimento neocolonialista de fins do século XIX e início do XX. Dessa forma, os alunos podem reconhecer o início dos conflitos na região.

Para ir além

Como atividade complementar, pode-se exibir o filme *Platoon* (EUA, 1985. Direção de Oliver Stone), que narra a entrada de um jovem soldado norte-americano na Guerra do Vietnã, bem como o clássico *Apocalypse Now* (EUA, 1979. Direção de Francis Copolla).

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- POMAR, W. *A Revolução Chinesa*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004.

Exercícios Propostos

7. A

A questão, para ser respondida, precisa de um aspecto político, o que não aparece nas alternativas erradas e, além disso, não cabe falar em atrair capitais e empresas estrangeiras.

8. D

Estudantes e intelectuais revoltaram-se porque a China estava realizando uma abertura econômica sem que isso trouxesse uma abertura política.

9. E

A justificativa estadunidense para a entrada na guerra contra o Vietnã foi o combate ao comunismo, em um contexto de divisão bipolar do mundo entre Estados Unidos (capitalista) e URSS (socialista).

10. C

Mao Tsé-tung fez alterações no marxismo clássico, por exemplo, ao apoiar a ação revolucionária principalmente nos camponeses e não na classe operária.

11. A

Os membros do Partido Comunista fugiram para o interior do país para buscar apoio dos camponeses e, com isso, reunir forças para enfrentar as tropas do Kuomintang, que ainda estava no poder e perseguia Mao Tsé-tung e seus companheiros.

12. C

Após a retomada do comando do Partido Comunista Chinês por Mao Tsé-tung e o início da chamada Revolução Cultural, Deng Xiaoping, que foi seu sucessor, realizou uma abertura econômica no país, construindo um capitalismo de Estado. Hoje, a China é uma das principais potências econômicas do planeta.

13. A

A revolução liderada por Mao Tsé-tung e seus companheiros do Partido Comunista executou rivais políticos e críticos que eram contra o regime.

14. D

A primeira afirmativa está errada porque não houve motivações religiosas nem na Guerra do Iraque nem na Guerra do Vietnã. A quarta, porque os vietcongs da Frente de Libertação Nacional lutavam junto ao Vietnã do Norte, enquanto os Estados Unidos lutavam junto ao Vietnã do Sul. A quinta afirmativa está errada porque a embaixada norte-americana em Saigon foi capturada pelos adversários dos Estados Unidos, que se retiraram da guerra como derrotados.

15. C

De fato, os vietcongs não tinham estrutura nem apoio externo, apesar do alinhamento político com a URSS.

16. B

Se, por um lado, o extermínio de opositores abriu caminho para uma dominação política, o assassinato de grandes intelectuais, professores e cientistas diminuiu os recursos humanos necessários para um grande avanço tecnológico e econômico.

17. B

Apesar de ter sido adversário na Segunda Guerra Mundial, dado o panorama político na Ásia do pós-guerra, o Japão passou a ser um importante aliado dos Estados Unidos.

Estudo para o Enem

18. C

Sob a liderança de Mao Tsé-tung, foi fundado o Partido Comunista Chinês, que, após conseguir o apoio dos camponeses, executou a chamada Revolução Cultural. Os opositores foram mortos, desde políticos até cientistas e intelectuais, e um regime comunista, com partido único e controle total do Estado sobre a economia foi instaurado. A imagem mostra como a Revolução queria ser vista,

como uma defensora do povo chinês e apoiada por ele, enquanto escondia suas atrocidades.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

19. D

Com as tensões da Guerra Fria e sua larga exposição na mídia, a disputa tornou-se uma questão de honra, por isso se estendeu durante tanto tempo. Mesmo com a utilização de toneladas de explosivos e armas cruéis como o napalm, os Estados Unidos saíram derrotados.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

20. B

Após a Segunda Guerra Mundial, a Coreia foi dividida em duas: Coreia do Sul e Coreia do Norte. Antes do término da guerra, o paralelo 38 norte

estava definido como limite de atuação militar das duas potências, com o objetivo de acelerar a rendição japonesa nas duas frentes. Em 25 de julho de 1950, motivados pela vitória comunista da Revolução Chinesa, os norte-coreanos, com o apoio da URSS, em busca da unificação territorial, invadiram a Coreia do Sul, conseguindo sua capitulação. Os Estados Unidos, por meio da ONU, intervieram em favor da Coreia do Sul. Representando o bloco socialista, China e URSS intervieram em favor da Coreia do Norte. A guerra foi encerrada, na prática, em 1953, mas as Coreias continuaram divididas. Atualmente, a Coreia do Norte está em processo de abertura (não econômica, ainda, mas política), após algumas rusgas com os Estados Unidos e uma forte pressão de sua maior aliada comercial e política, a China. Com isso, os líderes das duas Coreias se aproximaram e tiraram essa foto simbólica apertando as mãos na fronteira, área desmilitarizada desde o armistício.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO

50 REVOLUÇÃO MEXICANA

Comentários sobre o módulo

O estudo da Revolução Mexicana permite entender como uma revolta derrotada pode ter consequências práticas e fazer parte da cultura de um país. O zapatismo ainda é algo vivo no México, as figuras de Emiliano Zapata e Pancho Villa são famosas dentro e fora do país e, como efeito prático, a reforma agrária foi incorporada à Constituição de 1917.

Para ir além

Indicamos a leitura da obra *México insurgente*, de John Reed, editora Boitempo. Na obra, o jornalista norte-americano apresenta uma série de depoimentos sobre a Revolução Mexicana.

Exercícios Propostos

7. A

Emiliano Zapata foi o líder da revolução que partiu do sul do país em 1910. O movimento zapatista atual é característico do sul do México e traz ao debate a questão indígena.

8. E

Esta é uma questão mais básica e facilitada pelo fato de estar em um módulo sobre Revolução Mexicana. É importante, porém, para notar como muitas vezes um conhecimento básico do processo histórico já garante uma resposta correta. Bastaria vincular o nome de Emiliano Zapata e Pancho Villa à Revolução Mexicana.

9. D

Outra questão que cobra apenas o básico da Revolução Mexicana: uma revolução camponesa (e indígena) e que lutava por reforma agrária.

10. B

Ainda que não se conheça o caso argentino, a única alternativa que explica corretamente o caso mexicano, conhecido neste módulo, é a B. Não cabe falar em oligarquias dissidentes, bolchevismo ou mesmo em comunismo.

11. B

Não cabe falar, no caso dessa revolução, em influência positivista, modernização capitalista ou em comunistas mexicanos.

12. D

Os camponeses pobres e indígenas tiveram suas terras – que já não eram muito grandes – tomadas pelos grandes latifundiários e, ao defender a reforma agrária, a Revolução Mexicana buscava também resgatar essas terras e melhorar as condições de vida dessas pessoas.

13. C

Como vimos, a Revolução Mexicana saiu derrotada, porém manteve-se viva na arte muralista e no movimento zapatista.

14. A

A afirmativa II está errada porque fala em fim dos latifúndios, o que não aconteceu. A IV está errada porque não houve apoio dos Estados Unidos e o governo de Francisco Madero durou apenas dois anos.

15. B

Como em outras questões mais básicas, basta relacionar a liderança de Emiliano Zapata à Revolução Mexicana.

16. a) A imagem retrata a Revolução Mexicana, que teve a liderança de Emiliano Zapata e Pancho Villa e o apoio massivo de camponeses e indígenas, que lutavam por reforma agrária.

b) As categorias sociais que tiveram atuação no movimento e estão representadas na pintura são os camponeses e indígenas, os setores médios urbanos e parte do operariado.

17. a) Emiliano Zapata liderava os camponeses ao sul e, Pancho Villa, ao norte.

b) A Revolução Mexicana propunha a reforma agrária, entregando terras dos latifundiários aos camponeses, a criação de um banco para dar créditos à agricultura e o confisco de bens dos que se opusessem às reformas do Plano de Ayalla.

Estudo para o Enem

18. C

Não cabe relacionar a religiosidade católica à valorização de aspectos indígenas, nem falar em pouca ênfase em conflitos sociais (pelo contrário), crítica à dominação dos Estados Unidos (pelo menos não nessa obra) e em defesa da elite.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Identificar as manifestações ou representações da diversidade do patrimônio cultural e artístico em diferentes sociedades.

19. A

Porfirio Díaz foi combatido pela Revolução Mexicana, não um de seus principais líderes.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.

20.A

Analisando essa fonte primária – a Constituição

mexicana de 1917 –, vemos que é uma resposta legal às reivindicações de distribuição de terras.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

51 REVOLUÇÃO CUBANA

Comentários sobre o módulo

Explore as semelhanças entre os processos políticos que se instauraram em diferentes países da América Latina e enfatize a importância da Revolução Cubana no cenário da Guerra Fria. Converse com os alunos sobre os problemas e avanços trazidos pela revolução: por um lado, o analfabetismo foi zerado, não há pessoas sem teto e a saúde é referência no mundo todo; por outro, também graças aos embargos dos Estados Unidos, a ilha vive na pobreza e não participou da maior parte dos avanços do século XX, além de realizar uma forte perseguição política a opositores.

Para ir além

Uma possibilidade de atividade complementar é a exibição do documentário *Sob a névoa da guerra* (EUA, 2003. Direção de Errol Morris), baseado em depoimentos de Robert McNamara (secretário de Defesa de Kennedy) e Lyndon Johnson. O ponto alto é a descrição da Crise dos Mísseis.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- AYERBE, L. F. *A Revolução Cubana*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2004.

Exercícios Propostos

7. B

A Revolução Cubana foi derrotada na primeira sublevação dos revoltosos, mas rendeu o simbólico e histórico discurso “A história me absolverá” de Fidel Castro.

8. C

Esta também é uma informação importante para entender a questão cubana. Diferentemente de Salvador Allende, no Chile, em Cuba não havia possibilidade de uma oposição política legal e democrática, uma vez que o poder estava nas mãos de um ditador – Fulgêncio Batista. Portanto, a luta armada com a técnica de guerrilha era a única opção.

9. E

Para responder adequadamente à questão, os alunos devem reconhecer que o texto citado refere-se à invasão da Baía dos Porcos, em 1961, particularmente no trecho “Kennedy ameaça novamente invadir Cuba”. O episódio conhecido como Crise dos Mísseis, em 1962, colocou Cuba na iminência de uma nova invasão.

10. D

A Revolução Cubana e o subsequente alinhamento com a URSS foram uma enorme derrota para

os Estados Unidos. Não houve alinhamento, inicialmente, com a URSS. Isso só aconteceu depois que a revolução já havia sido vitoriosa e consolidada. Como vimos, o alinhamento foi posterior, portanto não cabe falar que a Revolução Cubana foi o resultado de uma influência do Partido Comunista Chinês. Por outro lado, de fato as medidas citadas na alternativa correta foram tomadas pelo governo revolucionário, alinhadas à filosofia do socialismo soviético.

11. A primeira afirmativa está correta e descreve a tensa e histórica Crise dos Mísseis. A segunda afirmativa também está correta e ressalta que, geralmente, se esquece do primeiro levante, de 1953, que saiu derrotado. A revolução vitoriosa, em 1959, já contou com a presença de Che Guevara. A terceira afirmativa está incorreta, pois a Guerra Fria é um momento histórico que começa logo após a Segunda Guerra Mundial, muitos anos antes da Crise dos Mísseis, que foi seu momento mais tenso.

12. C

A Revolução Cubana de 1959 foi nacionalista e, inicialmente, pretendia destituir Fulgêncio Batista do poder. Depois, com o acirramento das relações com os Estados Unidos, Cuba aproximou-se da URSS na Assembleia das Nações Unidas de 1960. Dois anos depois, deu uma guinada e alinou-se ao bloco soviético. Nesse momento, as relações entre Cuba e Estados Unidos foram rompidas.

13. A

A questão parece fugir ao conteúdo diretamente relacionado aos fatos históricos de 1959 e suas consequências. Mas, ao fim e ao cabo, pergunta o que aconteceu durante essas décadas entre o rompimento e a reaproximação. É correto dizer, como está apontado, que os ataques dos Estados Unidos a Cuba foram econômicos e financeiros.

14. A

A questão trata da relação entre URSS e seus satélites do bloco soviético, mais especificamente Cuba. Assim como os Estados Unidos faziam no bloco capitalista (com empréstimos, juros baixos, longo tempo de carência, investimentos diretos, etc.), a URSS investia nos países que faziam parte de seu bloco. Sendo Cuba uma pequena ilha, de economia pouco diversificada e poucas opções em decorrência dos embargos dos Estados Unidos, sem o dinheiro da URSS o país foi condenado a uma gravíssima crise.

15. C

Questão para que se veja formas alternativas com as quais as bancas cobram essa questão. Aqui, se mistura o chamado caudilhismo com os regimes comunistas. Sabendo que o Brasil de JK, a atual Argentina de Macri, e o Estado Novo de Vargas não eram comunistas, resolve-se a questão.

16. C

Questão que trata dos meios práticos pelos quais Cuba se aproximou da URSS, algo que não aconteceu automaticamente após a revolução, e muito menos antes disso. Às vésperas da assembleia, como vimos em um dos textos citados neste capítulo, Estados Unidos e Cuba começaram a ter os primeiros incidentes diplomáticos. Durante essa assembleia, Fidel se aproximou de lideranças de movimentos sociais que movimentaram os Estados Unidos da década de 1960 e, também, do governo soviético.

17. A invasão da Baía dos Porcos (Cuba) foi uma operação militar organizada pelo serviço secreto norte-americano (CIA), em abril de 1961. Armandando refugiados cubanos, o governo de John F. Kennedy tentou derrubar o governo de Fidel Castro, que rapidamente se identificava com os países socialistas e com os movimentos de libertação nacional na África e na América Latina. Mais uma vez, a justificativa apresentada pelos Estados Unidos para a ação foi a de deter o avanço do socialismo.

Estudo para o Enem**18. C**

Como vimos, Nikita Khrushchev instalou mísseis em Cuba, uma vez que os Estados Unidos já tinham mísseis instalados na Turquia, e isso causou um momento de bastante tensão, que quase levou a uma guerra entre as duas potências nucleares.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Interpretar diferentes representações gráficas e cartográficas dos espaços geográficos.

19. E

Dado o texto que foi apresentado, não cabe falar em embargos comerciais, em derrubada de um regime soviético em Cuba, em fim da hegemonia norte-americana ou mesmo em um ciclo de revoluções. Trata-se da Crise dos Mísseis, um dos momentos mais tensos da Guerra Fria.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

20. C

As considerações de Leonardo Padura sobre a sociedade cubana indicam que, na década de 1960 e no momento atual, as diferenças entre as condições de vida são contextualizadas, respectivamente, pela bipolaridade entre Estados Unidos e URSS, no passado, e pela multipolaridade do mundo na época de Barack Obama, que foi o primeiro presidente estadunidense a visitar Cuba em noventa anos.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Reconhecer a dinâmica da organização dos movimentos sociais e a importância da participação da coletividade na transformação da realidade histórico-geográfica.

52 DESCOLONIZAÇÃO DA ÍNDIA

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, estudamos o primeiro grande movimento de descolonização e, também, um dos mais importantes. Lembre aos alunos que a Índia e outros países em seu entorno foram o principal destino dos colonizadores desde as Grandes Navegações, pois os produtos encontrados ali eram de elevado valor e justificaram o investimento em naus, caravelas e recursos humanos para enfrentar essas longas viagens. No neocolonialismo, pela importância econômica e pelo número de habitantes, que constituía um grande mercado consumidor, a Índia era a mais importante entre as colônias inglesas. Isso torna ainda mais incrível a independência por meios pacíficos, como foi conquistada com a liderança de Gandhi.

Para ir além

Recomendamos a exibição do filme *Gandhi* (Inglaterra/Índia, 1982. Direção de Richard Attenborough). Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- CANEDO, L. B. *A descolonização da África e da Ásia*. São Paulo: Atual, 1994.

Exercícios Propostos

7. Errado. Houve outros casos de descolonização pacífica, especialmente entre as colônias britânicas.
8. Entre os princípios adotados pela Conferência de Bandung em sua declaração final, podem ser mencionados o não alinhamento com as então superpotências (Estados Unidos e União Soviética), tendo começado ali o conceito de terceiro mundo, e o respeito à soberania e à integridade territorial de todas as nações. É possível citar ainda a igualdade racial e a solução pacífica de conflitos.
9. A Índia conquistou a independência em 1947, sob a liderança de Mahatma Gandhi. Por conta de diferenças religiosas, foi dividida em União Indiana (hinduísta), Paquistão (islâmico) e Ceilão (budista). Apesar de enormes desigualdades sociais, a Índia cresceu como potência nas últimas décadas e tem papel importante nas relações internacionais.
10. D
Questão mais básica que cobra apenas o eixo central deste conteúdo: a desobediência civil pacífica.
11. D
Todas as afirmativas estão corretas e podem ser utilizadas como um bom resumo para este tema.

12. C

Gandhi, como pacifista, não pregava guerrilhas ou queima de plantações. Como vimos, defendia a manifestação pacífica, como a desobediência civil.

13. B

Como vimos neste módulo, a luta era nacionalista e foi comandada pela maioria hindu, com a liderança de Gandhi, por meio da resistência pacífica.

14. B

Mais uma questão que cobra dos alunos o conhecimento das táticas pacíficas das lideranças indianas. O ponto que resolve a questão é “resistência agressiva”.

15. C

Cobrança comum a todas as bancas, bastaria saber que o nacionalismo indiano também incluía o aspecto econômico e propunha, por exemplo, não consumir produtos ingleses.

16. C

Bastaria, nesta questão, relacionar a desobediência civil à desobediência às leis e ao não pagamento de impostos.

17. E

Mais uma questão sobre a Conferência de Bandung. A alternativa correta resume bem o que foi essa conferência, listando seus principais pontos.

Estudo para o Enem

18. D

Na charge, vemos que Gandhi está preso e, do lado de fora, há milhares de outros Gandhis. Daí a resposta ser a impossibilidade de deter o movimento. Não bastaria prender o líder, pois a mobilização já era muito maior que ele próprio.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.

19. C

A imagem é anterior ao processo gradual de independência. Ela ilustra a incapacidade do imperialismo britânico em lidar com as diferenças

internas de suas colônias, respondendo com imposições aos conflitos indianos, o que não contribuía para solucioná-los.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

20.E

A alternativa correta cita o que foi explicado no início do módulo: a proposta de uma bipolaridade

norte-sul (imperialistas *versus* colonizados) e um não alinhamento com a bipolaridade leste-oeste (URSS *versus* EUA). Nesse sentido, foi fundada a ideia, hoje ultrapassada, de Terceiro Mundo – sendo que o Primeiro Mundo eram os países capitalistas e, o Segundo Mundo, os comunistas/socialistas.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

53 DESCOLONIZAÇÃO DA ÁFRICA

Comentários sobre o módulo

Auxilie os alunos a compreender as relações entre presente e passado. Resgate o conteúdo sobre imperialismo e neocolonialismo. Comente as questões dos exames vestibulares, que comumente pedem a análise da situação atual dos países africanos considerando os processos de independência. Dessa forma, sugerimos a realização de um trabalho sobre suas questões econômicas e sociais, especialmente porque a forma da colonização na África e também de sua descolonização são importantes para entender a situação desses países nos dias de hoje: desintegração, governos autoritários, miséria econômica (especialmente na África Subsaariana) e guerras civis.

Para ir além

Para compreender o processo de independência africana e os atos de guerra que o envolvem, sugerimos a exibição do filme *A Batalha de Argel* (Itália/Argélia: 1965. Direção de Gillo Pontecorvo), que trata da guerra civil na Argélia. Sobre o *apartheid*, indicamos o filme *Invictus* (EUA: 2009. Direção de Clint Eastwood).

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- CANEDO, L. B. *A descolonização da África e da Ásia*. São Paulo: Atual, 1994.
- KI-ZERBO, J. *História da África negra*. Mira-Sintra: Europa-América, 1999. 2 v.
- SECCO, L. F. *A Revolução dos Cravos e a crise do império colonial português*. São Paulo: Alameda, 2004.
- SILVA, A. D. *Independência da Guiné-Bissau e descolonização portuguesa*. Porto: Afrontamento, 1997.

Exercícios Propostos

7. B

Essa foi uma estratégia adotada por algumas potências: por um lado, perdiam poder colonial, algo que ficava cada vez mais ultrapassado e, por outro, criavam barreiras à expansão do comunismo soviético.

8. B

Como visto no módulo anterior, uma das inspirações da Conferência de Bandung foi a Carta das Nações Unidas. A autodeterminação dos povos foi uma ideia presente na fundação da ONU e deu sustentação para a defesa daqueles que buscavam independência.

9. D

Como vimos em outra atividade deste módulo, a ideia de Estado nacional é uma herança colonial,

que não tem relação com a história dos países africanos.

10. E

Outra questão que trabalha o mesmo tema: como a divisão da África segundo interesses exclusivamente europeus e a herança da ideia de Estado nacional deixaram como legado longas guerras civis e instabilidade, que dificultaram a reconstrução e a criação de formas de associação no continente.

11. A

Em 1991, o líder sul-africano Nelson Mandela e o primeiro-ministro Frederik de Klerk firmaram um acordo que punha fim ao regime de *apartheid* na África do Sul. Na sequência, ocorreram outros fatos significativos para o país, como a eleição de Mandela para a presidência da república (1994) e a formação de uma seleção sul-africana multirracial de *rugby* (1995). Essa seleção tinha uma forte importância simbólica, pois tentava derrubar a separação interna do país.

12. D

As consequências negativas da colonização na África são os temas mais cobrados pelas bancas. Esta é mais uma questão que trata sobre isso: a descolonização não foi completa, pois ficou um legado entre as recém-formadas nações africanas, o que levou a conflitos entre diferentes etnias, nacionalidades e tribos.

13. C

Em oposição às divisões e conflitos entre etnias, tribos e nacionalidades africanas diferentes, foi proposta uma ideia pacifista de pan-africanismo. Na mesma época, também foram propostos o pan-arabismo e o pan-eslavismo.

14. A

A colonização da Argélia pela França, até pela proximidade geográfica, não se deu apenas política e economicamente, mas também demograficamente. Muitos franceses mudaram-se para a Argélia e ali viveram e constituíram família, e muitos filhos de franceses ali nasceram. Isso criou um grupo de pessoas ligadas ao país norte-africano, mas culturalmente vinculadas à França, o que dificultou o processo de descolonização.

15. D

É correto falar em elites africanas, especialmente nos países onde há ditaduras. O capital externo, da forma como é empregado, não leva ao

desenvolvimento. Não há mais domínio de tipo colonial, apesar dos legados da colonização, e há de fato uma tendência autoritária em diversas ex-colônias.

16. E

Não há relação da China com esse momento histórico, apesar de, atualmente, haver um avanço chinês sobre o continente africano.

17. E

O salazarismo agarrou-se às possessões coloniais e tentou consolidar a ideia de uma grande nação portuguesa multicultural e ultramarina. Porém, apesar da enorme resistência e intransigência, saiu derrotado após 1974.

Estudo para o Enem

18. D

Esta é uma imagem típica do *apartheid*, de constrangimento e ameaça a afrodescendentes, limitando seu direito de ir e vir por meio da utilização de policiamento ostensivo.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

19. E

A primeira afirmativa está errada porque sugere a existência de apenas uma grande potência capitalista na época de descolonização. No entanto, o correto seria falar em potências coloniais europeias, no plural, e no período do neocolonialismo ou imperialismo.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

20. A

Nesta questão, é necessário analisar a tabela para chegar à alternativa correta. De fato, a África Subsaariana é um dos lugares com mais miséria no mundo atual, seguida de perto pelo sul da Ásia.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Analisar a ação dos Estados nacionais no que se refere à dinâmica dos fluxos populacionais e no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DEBOSCO

54 REGIMES MILITARES: AMÉRICA DO SUL

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, estudamos alguns dos regimes ditatoriais implantados em países da América do Sul. Um ponto interessante a ser levantado é o quanto a origem dessas ditaduras apresenta elementos em comum: desestabilização política, populismo e socialismo, reação paranoica contra supostos avanços comunistas e apoio dos Estados Unidos por meio da CIA à chamada Operação Condor.

Os resultados, como veremos mais a fundo, foram diferentes. Especialmente no Chile e na Argentina, os ditadores foram julgados e condenados. Alguns, como o ex-ditador argentino Jorge Rafael Videla, morreram na cadeia. No Brasil, isso não aconteceu. A transição foi conciliadora.

Para ir além

Recomenda-se a exibição dos filmes *Made in Argentina* (Argentina: 1987. Direção de Juan Jose Jusid), *Verdades verdadeiras: a vida de Estela* (Argentina/Espanha/Venezuela: 2011. Direção de Nicolás Gil Lavedra), *Desaparecido* (EUA: 1982. Direção de Costa-Gravas), *Machuca* (França/Reino Unido/Espanha/Chile: 2004. Direção de Andrés Wood) e *Condor* (Brasil: 2007. Direção de Roberto Mader).

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- RZNIK, L. *Democracia e segurança nacional: a política política do pós-guerra*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Exercícios Propostos

7. B
Perón, como Vargas no Brasil, favoreceu a indústria nacional, especialmente os trabalhadores, mas também a burguesia industrial.
8. B
Ainda com a mesma temática da questão anterior, Perón é mostrado aqui como “pai dos pobres”.
9. D
A única alternativa que não apresenta uma das justificativas que sustentaram os golpes militares nas Américas é essa, por colocar as forças armadas como instrumento do poder civil. Apesar de haver ligações entre setores da sociedade civil e os militares, estes não eram um mero instrumento nesse contexto.
10. B
O caso Pinochet é interessante por se tratar de uma ditadura militar que, economicamente, era

neoliberal e tinha Milton Friedman entre seus assessores econômicos.

11. C
O item I está errado porque não havia clima favorável à redemocratização. O II, porque não havia coordenação de partidos favoráveis às ditaduras.
12. Soma: 24 (08 + 16).
A afirmativa 1 está errada porque esse golpe militar aconteceu no Chile, onde Allende governava. A 2, por um motivo parecido, pois fala em governo peruano. A 4, porque o peronismo é um fenômeno argentino. E a 32, porque fala em um suposto apoio dos Estados Unidos a um governo radical socialista.
13. D
A alternativa correta resume o espírito dessa época de Guerra Fria, de paranoia política e de medidas repressivas contra governos democráticos, como o de Salvador Allende.
14. D
Uruguai e Paraguai também tiveram ditaduras. O Peru teve o período Fujimori nos anos 1990. As imagens e legendas referem-se às ditaduras no Chile e na Argentina na década de 1970.
15. A
A Operação Condor envolveu países da América do Sul em alinhamento com a CIA norte-americana. A Bolívia não foi um desses países, portanto a resposta é a alternativa A.
16. C
A afirmativa I está incorreta porque a redemocratização não aconteceu da mesma forma em todos os países. A V porque, diferentemente do Brasil, o Chile – bem como a Argentina – julgou e puniu aqueles que comandaram a ditadura militar.
17. A
O fato descrito na alternativa A ocorreu ao longo da década de 1990, sendo concluído apenas no fim dessa década.

Estudo para o Enem

18. E
A subordinação do Poder Judiciário, até para conquistar suposta legitimidade, é uma das primeiras atitudes de todas as ditaduras. O caso chileno não foge à regra.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar o papel da justiça como instituição na organização das sociedades.

19. B

A interferência dos Estados Unidos na política dos países latino-americanos e a afronta à soberania que isso representa foi uma regra ao longo da segunda metade do século XX. Honduras, Nicarágua e Argentina são três exemplos que ficam claros com o depoimento analisado.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

20. C

Não havia o objetivo de estabelecer uma ordem democrática e popular, domínio de guerrilheiros, alinhamento com a URSS ou mesmo uma frente parlamentar, e sim a extinção dos partidos e movimentos sociais, intervenção nos sindicatos e suspensão da democracia eleitoral.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

55 ORIENTE MÉDIO NO SÉCULO XX

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, foram abordados aspectos históricos que formaram o Oriente Médio e tratou-se de questões relativas a conflitos marcantes da região, disputas internas e a influência de outros países na economia e política local. Entre os pontos ressaltados está a chamada questão palestina, que opõe a população palestina e outros países do Oriente Médio ao Estado de Israel e a ruptura que significou sua criação, abordando disputas e tentativas de conciliação. Discutiu-se a importância da descoberta e da exploração de petróleo na região, que levou a mais influência de países estrangeiros na política e na economia local, além de revoluções e guerras resultantes desse contexto.

Para ir além

Como atividade complementar, pode-se desenvolver um trabalho com os alunos por meio da exibição do filme de animação *Valsa com Bashir* (Israel/França/Alemanha/EUA/Finlândia/Suíça/Bélgica/Austrália: 2008. Direção de Ari Folman). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=5BHmANfNUYQ>. Acesso em: 2 dez. 2018. O filme trata de um veterano de guerra israelense que tenta se lembrar de sua atuação na guerra no massacre de Sabra e Chatila, um massacre no Líbano nos campos de refugiados palestinos. É possível fazer uma pesquisa sobre a guerra civil no Líbano a fim de compreender a relação do conflito com a questão palestina e fazer uma discussão com a turma acerca de temas como memória, trauma e violência.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- COGGIOLA, O. *A Revolução Iraniana*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2008. (Coleção Revoluções do Século 20).
- PAPPE, I. *A limpeza étnica da Palestina*. São Paulo: Sunderman, 2016.
- SAID, E. *A questão palestina*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.
- SAND, S. *A Invenção da Terra de Israel: da Terra Santa à Terra Pátria*. São Paulo: Benvirá, 2014.

Exercícios Propostos

7. B

As alternativas II, III e IV estão corretas: as fronteiras na guerra de 1967 foram alargadas; desde a criação do Estado de Israel, muitos palestinos tornaram-se refugiados; a crise do petróleo em 1973 teve relação direta com o apoio de países a Israel. As alternativas I e V estão incorretas, já que a ONU teve participação na criação do Estado de Israel e, em contexto de Guerra Fria, Estados

Unidos e União Soviética disputaram a região do Oriente Médio.

8. C

A primeira crise do petróleo ocorreu em 1973 e teve relação direta com o conflito árabe-israelense, já que países como os Estados Unidos apoiaram Israel; a segunda foi em 1979, mesmo ano em que ocorreu a Revolução Iraniana; e a terceira se deu em 1991, em direta relação com a Guerra do Golfo, quando o Iraque invadiu o Kuwait.

9. C

As afirmativas II e IV estão corretas: o plano de partilha da ONU não foi aceito pelos árabes em 1947, e em 1987 houve uma série de movimentações nos territórios palestinos que ficaram conhecidas como Intifada. As afirmativas I e III estão incorretas porque não há relação direta do plano de partilha com o Império Russo e o Iraque não foi ocupado durante a Guerra dos Seis Dias.

10. A

A Grã-Bretanha tinha o controle da Palestina com o Mandato Britânico, mas declarou um apoio à criação de um Estado judaico no documento conhecido como Declaração de Balfour, ainda em 1917.

11. C

Desde fins do século XIX, já se observava uma migração judaica para o território palestino, o que foi agravado com a perseguição aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. O plano de partilha de 1947 foi uma iniciativa da ONU como uma forma de lidar com as populações palestinas, que já estavam no território, e a judaica, que gradativamente aumentou seu contingente populacional.

12. A

O plano de partilha da ONU foi proposto em 1947 sem consulta à comunidade árabe palestina. Esse plano não foi aceito pelos países árabes e, com a declaração de independência de Israel em 1948, o mundo contemporâneo enfrenta a questão palestina, com cenário de guerra, violência e ocupação.

13. B

Após um ano da proposta de Partilha da ONU, é declarada a criação do Estado de Israel. A partir desse momento já identifica-se a expansão dos territórios israelenses sobre territórios palestinos. O terceiro conflito árabe-israelense, ou a Guerra dos Seis Dias, em 1967, leva esse nome pela rápida vitória das tropas israelenses.

14. A

Neste episódio, o país que fez a oposição foi o Iraque.

15. A

A Declaração Balfour, redigida em 1917, é um documento importante para compreender a relação da Grã-Bretanha com a região, que na época tinha o controle da Palestina, com o Mandato Britânico, mas declarou apoio à criação de um Estado judaico.

16. A

Uma das medidas depois da Revolução Iraniana foi a nacionalização dos recursos naturais, como o petróleo, gerando uma transformação das alianças políticas e econômicas.

17. A

A ordem correta é V, IV, I, II, III, que liga corretamente o evento/organização a um aspecto do Oriente Médio.

Estudo para o Enem

18. D

O choque do petróleo ocorreu em 1973 pelos países da Opep em função do apoio dos Estados Unidos ao Estado de Israel na Guerra de Yom Kippur. Importante fonte de energia, o aumento do valor do petróleo teve impactos significativos em todo o mundo, incluindo o Brasil, que sofreu impactos econômicos e sociais.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.

19. D

Na Cisjordânia, encontra-se a Autoridade Nacional da Palestina, já na Faixa de Gaza o grupo que lidera movimentações é o Hamas. Jerusalém permanece território internacional, portanto não pertencente ao Estado de Israel, apesar de haver pressões para a mudança de capital do país. Israel não devolveu as Colinas de Golã à Síria, apesar de acordos. A última alternativa é correta, a Faixa de Gaza não possui assentamentos israelenses, mas a Cisjordânia é continuamente diminuída com novos assentamentos.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

20. B

Durante a Guerra dos Seis Dias, Israel tomou parte do território de outros países, como a Península do Sinai, o Egito e as Colinas de Golã, na Síria, além dos territórios palestinos.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Interpretar diferentes representações gráficas e cartográficas dos espaços geográficos.

MATERIAL DE ENSINO
SISTEMA DE ENSINO

56 ORIENTE MÉDIO NO SÉCULO XXI

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, foram abordados aspectos que formam a região do Oriente Médio na contemporaneidade. Em diálogo com o módulo anterior, aborda-se a questão palestina na virada do século XX para o século XXI com a Primeira e a Segunda Intifada, que foram movimentações populares contra a ocupação israelense. Também tratou-se da relação entre Estados Unidos e Oriente Médio, especialmente no que diz respeito aos conflitos e guerras, demarcados, no território norte-americano, com o ataque às torres gêmeas, em 2001, e a consequente invasão do Iraque, dois anos depois. Mais recentemente, o mundo presenciou uma série de levantes em diversos países do chamado mundo árabe, que ficou conhecido como Primavera Árabe. Foram abordadas as principais movimentações de países como Tunísia, Líbia e Egito.

Para ir além

Pode-se desenvolver uma atividade com os alunos com base no tema “crise dos refugiados”, um tema contemporâneo que atinge especialmente a população síria, mas também outras do Oriente Médio e da África. Uma sugestão é realizar uma análise do artigo “A crise humanitária dos refugiados: muito além da Síria”, disponível em <www.politize.com.br/crise-dos-refugiados/> e fazer um debate com a turma para problematizar a ação de países no Oriente Médio e as consequências para a população. Além disso, pode-se levantar questionamentos quanto a imigração/refúgio e xenofobia, tendo em vista os cenários europeus e estadunidense e comparar com outros momentos históricos, como a Segunda Guerra Mundial.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- COCKBURN, P. *A origem do Estado Islâmico: o fracasso da “guerra ao terror” e a ascensão jihadista*. São Paulo: Autonomia Literária, 2015.
- MONTENEGRO, C. *Sobre jasmims, bombas e farras*. São Paulo: Record, 2014.
- PAPPE, I. *A limpeza étnica da Palestina*. São Paulo: Sunderman, 2016.
- SAID, E. *A questão palestina*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012.
- SOARES, J. V. S. A guerra civil na Síria: atores, interesses e desdobramentos. Observatório de Conflitos Internacionais. *Série Conflitos Internacionais*, v. 5, n. 1, fev. 2018. Disponível em: <<http://bit.ly/conflitosinternacionais>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

Exercícios Propostos

7. E

A ação do tunisiano fez parte dos protestos conhecidos como Primavera Árabe, que representavam a insatisfação da juventude em relação às restrições de liberdade em países do Oriente Médio e da África.

8. B

Os conflitos atualmente estão centrados nas disputas dos países do Oriente Médio com o Estado de Israel e sua criação, influenciada por países estrangeiros, transformando a relação de forças na região.

9. E

As noções elencadas podem ser compreendidas enquanto categorias de civilizações. Ainda que o islamismo seja uma religião, ao tratar de pensamento ocidental e da cultura indiana remete-se a civilizações distintas, não necessariamente limitadas a uma nação, etnia ou religião.

10. E

A política internacional brasileira de apoio à causa palestina deve-se à questão do petróleo e à dependência dos países da importação do produto dos países árabes.

11. D

Ainda que tenham ocorrido avanços tecnológicos desde a Guerra Fria, não se pode afirmar que houve uma diminuição expressiva de vítimas e custos militares. Os Estados Unidos gastaram e ainda gastam muito dinheiro e vidas de soldados nos conflitos do Oriente Médio.

12. C

O ataque terrorista ao World Trade Center, cuja autoria é reivindicada pela Al-Qaeda, seria considerado uma retaliação de grupos fundamentalistas à intervenção dos Estados Unidos nos conflitos do Oriente Médio.

13. E

Os países que formam o “eixo do mal”, de acordo com a Doutrina Bush, seriam a Coreia do Norte, o Irã e o Iraque.

14. C

A questão do petróleo é latente na região, principalmente com relação a países de fora que disputam áreas de produção. Na Primeira Guerra Mundial, o petróleo já era motivo de tensão entre forças alemãs e inglesas no Oriente Médio.

15. A

A Primavera Árabe consistiu em movimentações e protestos políticos ocorridos no Oriente Médio e no norte do continente africano.

16. C

A violência está colocada na região desde a imposição da criação do Estado de Israel. A paz entre os países está distante de ocorrer, uma vez que as negociações não progridem, com as negativas de Israel e sua política militarizada com relação aos seus vizinhos.

17. C

Reconhece-se que os grupos religiosos no Líbano, em seus distintos posicionamentos sobre o islamismo, são focos de radicalização das tensões sociais. A Guerra de Suez demarcou um conflito entre Israel e Egito acerca da nacionalização do Canal de Suez. Em 1947, um ano antes da criação formal do Estado de Israel, a ONU aprovou a partilha da região, não aceita pelos países árabes do período.

Estudo para o Enem

18. E

A internet foi uma ferramenta essencial para a comunicação entre grupos de jovens árabes para as movimentações da Primavera Árabe, servindo para mobilizar e difundir ideias.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

19. D

O Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) realiza sua luta para a criação de um Estado dos curdos.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

20. D

O gesto do *site* Google é simbólico e representa muito para o discurso prático. A mudança de tratamento de "território palestino" para "Palestina" significa um reconhecimento da autoridade jurídica da região.

Competência: Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social.

Habilidade: Identificar registros sobre o papel das técnicas e tecnologias na organização do trabalho e/ou da vida social.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS



MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

23 ERA VARGAS: ESTADO NOVO (1937-1945)

Comentários sobre o módulo

Enfatizamos o processo histórico que conduziu Vargas ao poder, cuidando para não mistificar sua personalidade como Pai dos Pobres. Ele era membro das elites brasileiras, porém não das elites oligárquicas que até então detinham o poder no Brasil. Os avanços trabalhistas, em muitos momentos, constituíram-se uma forma de neutralizar os movimentos sociais, principalmente os de caráter socialista que difundiam-se entre intelectuais, militares e trabalhadores.

Ao mesmo tempo, seu governo aproximou-se da nova elite brasileira e da burguesia industrial, de quem recebia apoio político. Ao manipular as camadas trabalhadoras, dava início ao populismo no Brasil. Dessa forma, é importante, durante a apresentação do conteúdo deste módulo e do próximo, evitar o discurso ufanista, saudosista ou de culto à personalidade que ainda persiste na sociedade brasileira.

Para ir além

É interessante comparar três Constituições brasileiras (1824, 1891 e 1934) a fim de demonstrar avanços apresentados por elas à vida nacional. Indicamos também uma exibição de trechos e uma conversa sobre a minissérie *Heróis* (Brasil: 2011. Direção de Guto Aeraphe). São cinco capítulos sobre a Força Expedicionária Brasileira em sua missão em Montese, na Segunda Guerra Mundial. A participação brasileira na guerra é pouco visitada pela literatura e pela dramaturgia, de forma que a exibição dessa minissérie poderá ser algo novo para os alunos e permitir a análise desse momento importante para o país no que se refere às suas relações diplomáticas, bem como ao Exército nacional.

Sugerimos também a leitura da obra *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*, de Boris Fausto (São Paulo: Companhia das Letras, 2006). No livro, o autor discute o perfil de Vargas analisando suas diversas facetas e faz uma importante avaliação do legado da chamada Era Vargas.

Exercícios Propostos

7. C

A primeira afirmativa está errada porque não havia pleno apoio das oligarquias estaduais nem o exemplo do stalinismo soviético. A quarta, porque não houve esfriamento das relações com os Estados Unidos, pelo contrário.

8. C

A respeito da atuação da ditadura varguista para se manter no poder sem grandes contestações e para criar uma boa imagem do governo ditatorial, a alternativa correta serve bem como resumo, pois traz os principais elementos desse processo.

9. A

A resposta fica mais fácil por estar neste módulo, que fala justamente do Estado Novo de Vargas. Porém, é interessante observar como as bancas podem trazer outros conteúdos, neste caso, a obra de Maquiavel, para relacioná-los a períodos da história brasileira.

10. E

Getúlio Vargas era um grande especialista em fazer seu projeto político ser identificado como uma demanda popular e em fazer demandas populares históricas parecerem presentes dele à população.

11. C

Com esse projeto, o governo Vargas pretendia ocupar de fato o território brasileiro, uma questão crucial em tempos de guerra. Além disso, pretendia utilizar essas pessoas para explorar recursos naturais estratégicos. O maior exemplo é a borracha, largamente utilizada na guerra e, naquela época, ainda produzida com a seiva da seringueira.

12. C

Essas duas ações, uma prática e outra simbólica, demonstram o início do período ditatorial e centralizador da Era Vargas.

13. C

Pela data, seria possível que os alunos acertassem a resposta mesmo havendo mais de uma alternativa relacionada à Era Vargas. O Estado Novo durou de 1937 a 1945.

14. B

Mesmo com uma grande campanha por democratização durante a ditadura Vargas, havia o movimento queremista, que desejava votar em Getúlio Vargas para que ele comandasse o país como presidente eleito.

15. D

Vargas, desde 1930, rompeu com o poder oligárquico. Esse embate político manteve-se ao longo de toda a Era Vargas e, durante o Estado Novo, teve seu momento mais crítico, uma vez que Vargas acumulou poderes, acabou com os partidos e as eleições e passou a propagandear um nacionalismo centralizador.

16. A

Como vimos em outra questão neste módulo, o fato de o Brasil ter enviado soldados para lutar

contra o fascismo na Europa e não ser ele próprio uma democracia foi uma contradição explorada pela oposição a Vargas.

17. Certo.

Dois exemplos importantes do que se fala nessa afirmativa é a CLT, de 1943, e o empréstimo dos Estados Unidos para a fundação da Companhia Siderúrgica Nacional.

Estudo para o Enem

18. C

A regulamentação dos direitos trabalhistas, resultado de lutas da classe operária desde o período oligárquico, foi anunciada pelo governo como um presente de Vargas. E, apesar de garantir direitos, colocava os sindicatos sob o comando do governo.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.

19. A

A propaganda estatal é uma marca das ditaduras. No caso de Vargas, foi fundamental para conquistar o apoio da população e consolidar sua ideia de uma nova identidade brasileira.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Identificar o papel dos meios de comunicação na construção da vida social.

20. A

É importante conhecer a Frente Negra Brasileira, maior movimento negro de sua época. Pelo que está exposto no artigo da FNB apresentado, é possível vincular o movimento, mesmo sem conhecê-lo, à luta por direitos para a população afrodescendente.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Reconhecer a dinâmica da organização dos movimentos sociais e a importância da participação da coletividade na transformação da realidade histórico-geográfica.

24 ERA VARGAS: RETORNO DEMOCRÁTICO (1951-1954)

Comentários sobre o módulo

É importante destacar o peso político de Getúlio Vargas, mesmo após sua deposição, a qual foi seguida pela eleição de um candidato apoiado por ele, seu retorno como presidente eleito e, depois de um período de graves pressões e uma pesada campanha de desconstrução de seu apoio popular, um ato político final com seu suicídio.

Além disso, o presidente eleito após esse fato foi Juscelino Kubitschek, um de seus herdeiros políticos. Depois dele, com a renúncia de Jânio Quadros, outro de seus herdeiros foi João Goulart. Mesmo após vinte anos de ditadura militar, ainda haveria na política brasileira políticos lançados por Getúlio ou aprendizes dele, como Tancredo Neves e Leonel Brizola.

Para ir além

Recomendamos a leitura, na íntegra, da carta-testamento de Getúlio Vargas. Sugerimos, ainda, a leitura do romance *Agosto* (Rubem Fonseca, 1990). A obra é uma narrativa policial de uma série de crimes que culminaram no suicídio de Getúlio Vargas.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- JORGE, F. *Getúlio Vargas e seu tempo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1994.
- LEVINE, R. M. *Pai dos pobres? O Brasil e a Era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Exercícios Propostos

7. B
O que está descrito nesta questão é a famosa campanha “O petróleo é nosso”.
8. D
Mais um caso em que a banca cobra, a respeito do período democrático de Vargas, o conhecimento do caso Petrobras. Isso pode acontecer, principalmente, porque até hoje ela está entre as maiores empresas do país e sua privatização (que já aconteceu parcialmente) está sempre em discussão.
9. A
Esta questão trabalha com o mesmo tema, mas sob uma perspectiva de política internacional. De fato, até hoje, a defesa da nacionalização do petróleo – em qualquer país, e também no Brasil – é um ponto de discórdia com a política dos Estados Unidos.
10. C
É importante conhecer este documento histórico pelo que ele representa, pela mensagem que pas-

sa e pelas informações que fornece para que esse tipo de questão se torne fácil. Bastaria reconhecer a carta-testamento de Vargas para acertá-la.

11. E
Todas as afirmativas estão corretas e podem servir como um bom resumo da situação política do período.
12. B
Esse tipo de embate político, quase dogmático, está vivo até os dias de hoje. Quando o assunto é privatização, especialmente da Petrobras, há sempre dois grupos principais: os que defendem a urgência de sua privatização e os que defendem sua total nacionalização.
13. C
O movimento golpista da direita conservadora, aliado a uma grande parcela dos militares, vinha de longa data. Derrubou Vargas em 1945, mas não tomou o poder. Ele volta pela via democrática, e então novamente sofre com a pressão desses setores. Seu suicídio causa tamanha comoção nacional que o golpe é adiado. Importante também para isso foi o “golpe preventivo” do general Lott, que garantiu a estabilidade democrática e o respeito à Constituição.
14. C
A política econômica de Dutra consistiu na abertura do mercado brasileiro à entrada de mercadorias importadas, tentando superar o nacionalismo econômico de Vargas.
15. A
O Partido Comunista Brasileiro foi posto na legalidade, mas os conservadores pressionaram pela exclusão do partido no jogo político brasileiro em decorrência do alinhamento com os Estados Unidos e do contexto de Guerra Fria.
16. A
O apoio popular de Getúlio, construído graças às leis trabalhistas e à propaganda do Estado Novo, era muito forte e, desde sua deposição, em 1945, já havia um movimento que queria elegê-lo presidente.
17. D
Como vimos neste módulo, a grande bandeira do governo Dutra foi o Plano Salte: saúde, alimentação, transporte e energia.

Estudo para o Enem

18. A

Com seu suicídio, além de sair da vida para entrar na história, Vargas tomou de volta o apoio popular que vinha sendo minado por seus opositores. Com a manifestação popular imensa que se seguiu à sua morte, o projeto dos conservadores foi atrasado.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.

19. B

Se o rádio e os jornais, durante o Estado Novo, foram transformados em veículos de propaganda estatal, quando Vargas chega ao poder democraticamente nos anos 1950 a televisão passa a ser um grande meio de difusão de informações e ideias. Foi um veículo que deu amplitude a toda e qualquer informação.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Identificar o papel dos meios de comunicação na construção da vida social.

20. D

Vargas, mesmo deposto, conseguiu eleger Dutra, seu ex-ministro e candidato apoiado por ele nas eleições. Ainda que Dutra não tenha continuado o projeto varguista, mas sim o desconstruído, foi um representante de Vargas que liderou a construção de uma nova Constituição.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Reconhecer a dinâmica da organização dos movimentos sociais e a importância da participação da coletividade na transformação da realidade histórico-geográfica.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO

25 REPÚBLICA POPULISTA

Comentários sobre o módulo

O conteúdo abordado neste módulo é bastante denso. Destaque as políticas econômicas e sociais vigentes em cada governo, bem como a reação popular e da oposição. As disputas e controvérsias políticas explícitas nesse período delinearão o cenário que culminou na ditadura militar. Nesse período, no entanto, as mudanças e os avanços na economia e na industrialização foram significativos. Oriente os alunos a compreender esses avanços, as mudanças e as diferentes políticas. Trabalhe o conteúdo na perspectiva da história geral, para que as influências externas sejam compreendidas como essenciais na organização política do período.

Para ir além

Relacione a perspectiva desenvolvimentista do período com as medidas tomadas por Getúlio Vargas em seu primeiro governo. Comente o nacionalismo, a manutenção das conquistas trabalhistas e a manipulação das massas populares pelos presidentes do período. O governo JK é lembrado pelo grande desenvolvimento e incentivo ao progresso econômico por meio da industrialização. Ao assumir sua candidatura, Juscelino Kubitschek comprometeu-se a trazer o desenvolvimento de forma absoluta para o Brasil, realizando cinquenta anos de progresso em apenas cinco de governo, o famoso “50 anos em 5”. Essa política desenvolvimentista só foi possível em virtude de duas realizações de Vargas: a criação da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, no Rio de Janeiro, em 1946; e da Petrobras, em 1953. A célebre frase de JK está registrada em um monumento na Praça dos Três Poderes, em Brasília.

Exercícios Propostos

7. A

A Companhia Vale do Rio Doce foi fundada em 1942 e a CLT foi promulgada em 1943, portanto ambos os fatos são anteriores.

8. B

Houve uma experiência parlamentarista para tentar controlar o governo João Goulart, visto como um esquerdista e, por alguns, como um comunista. Em plebiscito, a população decidiu retornar ao presidencialismo. Após a redemocratização, no início da década de 1990, houve outro plebiscito, previsto pela Constituição de 1988, e mais uma vez a população optou pelo presidencialismo.

9. B

Questão mais técnica, ligada à economia. Ajuda a pensar nas medidas que JK e Vargas tomaram quando estavam no poder e permite relacioná-los

a cada uma dessas características. Como a questão fala em capital estrangeiro, trata-se de JK.

10. C

Como vimos no módulo anterior, o Plano Salte é da gestão de Dutra entre 1945 e 1950. As demais alternativas dizem respeito ao período estudado no módulo e estão todas corretas.

11. B

A tentativa de levante dos comunistas, como apresentado na questão, faz referência ao Plano Cohen, utilizado por Vargas como justificativa para a instauração do Estado Novo no fim da década de 1930.

12. E

Após mais de uma década sob o comando de Vargas e três Constituições, o país elegeu três presidentes de forma consecutiva e com uma democracia bem mais madura e inclusiva que a da Primeira República. Essa experiência durou pouco, porque logo ocorreria o golpe de 1964, mas a experiência democrática gerava muito otimismo na época.

13. B

Juscelino Kubitschek teve um governo problemático. Deu início a um relacionamento duvidoso com as empreiteiras, algo que passou por toda a ditadura e chegou aos dias de hoje. Porém, o crescimento econômico de seu governo, feito sob um regime democrático, é lembrado de forma positiva por personagens políticas de esquerda e de direita.

14. B

A alternativa correta é um bom resumo do que foi o governo JK: metas (50 anos em 5), industrialização, nacional-desenvolvimentismo e capital estrangeiro.

15. D

A construção de Brasília foi (e ainda é) um grande símbolo da gestão de JK. Resumia todos os seus planos de metas e sua ideia de economia, além de ter sido feita por grandes nomes da arquitetura modernista, o que passava uma mensagem de atualização, modernidade, juventude, renovação e uma nova ideia de futuro.

16. B

Esta questão expõe os limites de uma democracia em construção e que não teve oportunidade de amadurecer por conta do golpe de 1964.

17. D

O discurso do combate à corrupção, costumeiramente feito de forma eleitoreira e hipócrita, é uma bandeira antiga. Derrubou Getúlio em 1945, pretendeu derrubá-lo na década de 1950, quando ele se suicidou, passou por todo o governo JK e chegou à década de 1960. O “mar de lama” também é uma expressão que frequentemente ressurge nos discursos políticos brasileiros. Como vimos no módulo, Jânio Quadros foi eleito ao abraçar essa causa genérica e vazia.

Estudo para o Enem

18. A

Não cabe, como vimos neste módulo, falar em arquitetura sacra, pois trata-se de um projeto modernista. Outras alternativas estão corretas em relação ao contexto, mas não dentro do que pediu a questão. Houve um plano de interiorização da capital e o governo de JK era de fato nacional-desenvolvimentista, mas não foi por isso que Brasília tornou-se patrimônio da humanidade.

Competência: Compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos.

Habilidade: Identificar em fontes diversas o processo de ocupação dos meios físicos e as relações da vida humana com a paisagem.

19. E

Esta questão demonstra que, nas décadas de 1950 e 1960, havia no Brasil correntes de pensamento político que emulavam o contexto internacional de Guerra Fria: alguns adotando estritamente um modelo liberal de livre-mercado, mesmo que de forma acrítica, sem adaptá-lo ao caso brasileiro; e outros, um modelo estritamente soviético de limitação da propriedade privada, também de forma acrítica, sem pensar nas consequências disso no caso brasileiro. Esse

embate continua nos dias atuais, ainda que essa defesa mais extremada de uma ou outra visão tenha ficado relegada aos partidos menores, uma vez que os maiores partidos têm uma abordagem mais de centro.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.

20. E

Esta questão evidencia a fragilidade de nossa democracia republicana. Primeiro, uma República da Espada, após a Proclamação da República. Depois, um período de democracia, porém muito limitada, em que poucos votavam e as oligarquias cafeeiras tomavam conta do país. Vargas comandou o país de forma centralizadora e autoritária durante quinze anos, sendo oito deles como ditador. Após a redemocratização, chegamos a esse período que antecede outra ditadura, desta vez comandada pelos militares: suicídio de Vargas, contestação de JK, renúncia de Jânio Quadros e deposição de João Goulart. Após a redemocratização, Tancredo Neves morreu antes de assumir, Fernando Collor de Mello sofreu um *impeachment* e, após apenas duas presidências com dois mandatos completos (Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva), Dilma Rousseff também sofreu um *impeachment* em seu segundo mandato.

Competência: Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade.

Habilidade: Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedades.

26 GOLPE DE 1964

Comentários sobre o módulo

O conteúdo abordado neste módulo está bastante presente na memória social do Brasil contemporâneo, sendo até hoje alvo de polêmicas e disputas por narrativas. É importante abordá-lo de maneira objetiva, evitando certos revisionismos atualmente difundidos e que buscam relativizar o caráter autoritário da ditadura militar. Deve-se ter em mente que a crítica ao regime militar parte de premissas éticas relacionadas à democracia e aos direitos humanos, independentemente de uma posição ideológica de direita ou de esquerda.

Recentemente, muitos vestibulares trabalham com a ideia de golpe civil-militar, enfatizando que setores da sociedade civil participaram ativamente da deposição de João Goulart e apoiaram a ditadura que se seguiu. Dessa maneira, essa noção deve ser debatida em sala de aula, discutindo-se as múltiplas nuances políticas e sociais do período.

Para ir além

Nos vestibulares, os conteúdos de história cultural do período da ditadura militar brasileira são bastante cobrados. Dessa forma, pode-se abordar os movimentos artísticos surgidos na década de 1960 e que fizeram oposição ao regime militar, como o Teatro de Arena, o Cinema Novo, a MPB, o Tropicalismo, o Teatro Oficina, o Cinema Marginal e o neoconcretismo nas artes plásticas. Canções de artistas como Chico Buarque, Geraldo Vandré, Caetano Veloso e Gilberto Gil são importantes documentos sobre o período. Muitos desses artistas, inclusive, foram perseguidos pela ditadura e tiveram de se exilar do país.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- CODATO, A. O golpe de 64 e o regime de 68. *História, questões e debates*. Curitiba, Ed. da UFPR, n. 40, p. 11-36, 2004.
- GASPARI, E. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- MARTINS FILHO, J. M. *O golpe de 64 e a ditadura militar: novas perspectivas*. São Paulo: Ed. da Ufscar, 2006.
- NAPOLITANO, M. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- REIS FILHO, D. A. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- RIDENTI, M. *O fantasma da revolução brasileira*. 2. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2010.
- SOARES, G. *A democracia interrompida*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

Exercícios Propostos

7. B

As quatro imagens representam protestos que engajaram parcelas da população (geralmente estudantes, trabalhadores e movimentos sociais) contra seus governos em diferentes países entre 1967 e 1968. Nos Estados Unidos, protestava-se contra a política militarista do país no Vietnã; na França, trabalhadores e estudantes uniam-se para reivindicar direitos sociais; no Brasil, a oposição era ao regime ditatorial no poder desde 1964 e à violência policial que intensificava-se; no México, contra medidas autoritárias do presidente Díaz Ordaz.

8. D

A afirmativa IV é falsa, pois é incorreto afirmar que durante a ditadura militar no Brasil não houve corrupção. E, embora o PIB tenha aumentado, o regime não melhorou a distribuição de renda no país.

9. D

Nos trechos da canção, há referências aos meios de comunicação de massa (“cantar na televisão”), a cardinales (em alusão à atriz italiana Cláudia Cardinale) e a Brigitte Bardot (atriz francesa). As tensões políticas na América Latina são evocadas por meio da alusão às guerrilhas, fenômeno característico do continente naquele momento.

10. C

A afirmativa I é falsa, pois no período entre 1964 e 1978, compreendido pela ditadura militar, não houve respeito aos direitos e à cidadania dos brasileiros. Pelo contrário, foi um período desprovido de democracia, não havendo eleições diretas para presidentes, e caracterizado por um forte aparelho de repressão social e cultural por parte do Estado.

11. A

No excerto, a autora afirma que o golpe de 1964 não foi apenas militar, mas também civil, uma vez que contou com o apoio de diversos setores da sociedade civil, os quais também legitimaram o golpe durante a ditadura e mesmo seu encerramento, o que justifica a alternativa A.

12. A

Ao longo de 21 anos (1964-1985), o Brasil teve apenas presidentes militares, que não foram eleitos democraticamente pela população, mas pela própria junta militar no poder.

13. A

Os versos evidenciam as condições precárias de vida da população trabalhadora. Ironicamente, di-

rigem-se a uma autoridade e agradecem (“Deus lhe pague”) por todos os infortúnios providenciados. Fica clara a existência de um poder autoritário e inquestionável no país, em uma alusão à ditadura militar no poder naquele momento.

14. C

A Lei de Segurança Nacional foi instituída em 1969, após a promulgação do AI-5 (em dezembro de 1968), e serviu para o endurecimento do aparato repressivo já instaurado com o golpe de 1964. Conforme o trecho transcrito, a lei assumia a existência de inimigos internos, subversivos e revolucionários no Brasil, os quais deveriam ser combatidos. Nesse combate, a ditadura intensificou sua estratégia de prisões daqueles que julgasse subversivos.

15. D

A capa da revista *Veja* trata do XXX congresso da UNE, de outubro de 1968, que resultou na prisão de cerca de mil estudantes. O congresso, bem como outros acontecimentos daquele ano, entre eles a Passeata dos Cem Mil de junho, representou a intensificação da mobilização social contra o regime no poder desde 1964. Buscando aumentar a repressão a esses movimentos, a ditadura implementou o AI-5 em 13 de dezembro.

16. A

Os cartazes têm o intuito explícito de fazer propaganda ao regime militar implementado em 1964. Em ambos, fica evidente o tom nacionalista e ufanista, em virtude da utilização das cores verde e amarelo (primeiro cartaz) e da imagem da bandeira nacional (segundo cartaz). Anuncia-se ainda que, após o golpe de 1964, o Brasil tornou-se o “país do futuro”, que “ninguém mais segura”.

17. a) Houve, na música popular, o movimento da Tropicalia (de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Maria Bethânia, entre outros), e, no teatro, o Teatro Oficina, de José Celso Martinez Corrêa. Ambos, além de criticarem a ditadura militar, atacavam a moral conservadora da sociedade brasileira, defendendo a rebeldia e a transformação nos costumes. Também foram movimentos que demonstraram preocupação em entender criticamente o Brasil por meio de uma estética de vanguarda, formas artísticas inovadoras que apropriavam-se de informações estrangeiras para discutir questões propriamente nacionais. Os alunos podem citar outros movimentos artísticos do período, como o Teatro de Arena, a MPB engajada (Geraldo Vandré, Chico Buarque, Elis Regina, entre outros) e o neoconcretismo nas artes plásticas.

b) Para o regime militar, esses artistas eram considerados subversivos e imorais. Por isso, foram muitas vezes perseguidos. Suas obras eram objeto de atenção especial pela censura. Mui-

tos artistas, como o próprio Glauber Rocha e os músicos tropicalistas Caetano Veloso e Gilberto Gil, chegaram a se exilar devido à perseguição intensificada após o AI-5 de 1968.

Estudo para o Enem

18. D

A matéria do *Correio da Manhã* critica a extinção dos partidos políticos atuantes no Brasil por meio do Ato Institucional nº 2, de outubro de 1965. A partir daquele momento, o país limitou-se a um sistema bipartidário, dividido entre a Arena e o MDB, criados naquele mesmo ano.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fatos de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.

19. E

No trecho citado, fica claro que a Igreja era anticomunista e, por isso, acreditava que o desenvolvimento capitalista, melhorando as condições materiais da população, impediria a expansão da ideologia comunista.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

20. C

Na charge, ironiza-se o fato de que as redes de televisão noticiavam muitos casos de repressão policial à população em países estrangeiros, mas nunca dentro do próprio Brasil, criando uma falsa ideia de que o país vivia em normalidade democrática e livre de situações de violência e repressão. Nesse sentido, os programas televisivos contribuíam para a imagem positiva que a ditadura militar queria criar sobre si mesma e transmitir para a população.

Competência: Compreender os elementos culturais que constituem as identidades.

Habilidade: Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.

27 DITADURA MILITAR

Comentários sobre o módulo

Este módulo segue uma lógica semelhante ao anterior, no entanto, abordando um conteúdo mais amplo, pois condensa quinze anos de regime militar, e o governo de três presidentes (Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Figueiredo). É importante enfatizar que a maneira como se deu o processo de redemocratização na primeira metade da década de 1980 exerceu grande influência nos desdobramentos posteriores da Nova República.

Para ir além

Há uma série de *sites* nos quais pode-se ter acesso a fotos e fontes da época e que podem ser sugeridos aos alunos como fonte de estudo. Por exemplo:

<<http://memoriasdaditadura.org.br>>

<<http://memorialdademocracia.com.br>>

<www.torturanuncamais-rj.org.br>

<<http://memoriacinebr.com.br>>

Acessos em: 27 dez. 2018.

Diversos filmes sobre o período podem ser sugeridos aos alunos:

- *O que é isso, companheiro?* (Bruno Barreto, 1997).
- *Zuzu Angel* (Sérgio Rezende, 2006).
- *O ano em que meus pais saíram de férias* (Cao Hamburger, 2006).
- *Batismo de sangue* (Helvécio Ratton, 2007).
- *Cidadão Boilensen* (Chaim Litewski, 2009).
- *Marighella* (Isa Grispum Ferraz, 2012).

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- CODATO, A. Uma história política da transição brasileira: da ditadura militar à democracia. *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, n. 25, p. 83-106, 2005.
- FICO, C. *Os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- GASPARI, E. *A ditadura acabada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- _____. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- NAPOLITANO, M. *Cultura e poder no Brasil republicano*. Curitiba: Juruá, 2002.
- NOVAIS, F.; MELLO, J. M. C. de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 560-658. v. 4.
- REIS FILHO, D. A. *A revolução faltou ao encontro*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SECCO, L. Formação (1978-1983). In: *A história do PT*. Cotia: Ateliê, 2011.
- TELES, J. Os familiares de mortos e desaparecidos e a luta por verdade e justiça no Brasil. In: TELES, E.; SAFATLE, V. (Org.). *O que resta da ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 253-298.

Exercícios Propostos

7. A

Apenas a alternativa A faz referência a eventos ocorridos durante a ditadura militar, de 1975 a 1985. Nas demais alternativas, são mencionados eventos ocorridos em outros períodos da história do Brasil, em outras cidades do país, ou, ainda, informações incorretas e imprecisas.

8. D

A Lei de Anistia de 1979 anistiou tanto os presos políticos e exilados como os agentes da repressão. No texto, Darcy Ribeiro, autor de esquerda e crítico ao regime, defende que os crimes da ditadura sejam esquecidos e perdoados, mas alerta para que a transição democrática seja feita de forma a impedir que, no futuro, uma situação ditatorial se repita.

9. E

A alternativa E é incorreta, pois a canção não considera a ditadura militar eficaz no planejamento econômico. Pelo contrário, conforme expresso corretamente nas demais alternativas, satiriza o chamado milagre econômico e ironiza os discursos do regime, baseados na geração de empregos e no aumento das taxas de consumo.

10. D

A única afirmativa que não corresponde à ditadura militar brasileira é a V, pois não houve eleições diretas para cargos eletivos no período.

11. A

Na notícia citada, uma escola da Bahia alterou seu nome de “Emílio Médici” para “Carlos Marighella”.

Ou seja, substituiu o nome de um ditador para o de um guerrilheiro que lutou contra a ditadura militar. Nesse sentido, a escola atuou em consonância com um movimento contemporâneo que busca revalorizar a crítica ao regime militar e se desfazer das heranças autoritárias do período.

12. E

João Figueiredo assumiu a presidência encarregado de concluir a abertura democrática iniciada por seu antecessor Ernesto Geisel. No entanto, a abertura ainda era incerta, objeto de disputas e tensões, e o processo foi demorado, concluindo-se apenas seis anos depois, em 1985. Por isso, na charge, Figueiredo não sabe se deve vestir trajes militares ou civis, o que se deve ao estatuto incerto do regime no poder no Brasil naquele momento.

13. E

A alternativa E é incorreta, pois os chamados “anos de chumbo” não corresponderam ao governo Geisel, e sim ao governo Médici (1969-1974).

14. E

O milagre econômico e a vitória na Copa do Mundo de 1970, ambos eventos datados do governo Médici, foram amplamente empregados como propaganda oficial pelo regime militar. Dessa forma, o regime pôde manter a maior parte da população a seu favor, enquanto a parcela minoritária de opositores era duramente reprimida.

15. A

Com sua célebre frase, Delfim Neto, o ministro responsável pelo dito milagre econômico, explicitava que a intenção do regime naquele momento era apenas desenvolver a economia e o PIB do Brasil. Somente em um segundo momento haveria a “divisão do bolo”, ou seja, a distribuição da renda gerada entre as diversas camadas da população. Este segundo momento jamais chegou, e o milagre econômico brasileiro, apesar de ter feito a economia nacional crescer, agravou a desigualdade social do país.

16. a) Foi Geisel quem, no fim de 1978, suspendeu o AI-5. Pode-se citar também a demissão do general Sílvio Frota, naquele mesmo ano, o que representou um momento de confronto entre Geisel e a Linha Dura do Exército, intransigente quanto à abertura.

b) A despeito da promessa de abertura do regime, no governo Geisel foram mantidas as práticas repressivas de prisões, torturas e assassinatos. Foi em seu governo que morreram, sob tortura, o jornalista Vladimir Herzog (1975) e o operário Manuel Fiel Filho (1976). Geisel também criou, em 1976, a Lei Falcão,

que limitava a propaganda eleitoral no rádio e na TV e, em 1977, promulgou os Pacotes de Abril, que o permitiram fechar o Congresso. Foi também em seu governo que houve intensificação da Operação Condor, que unia as demais ditaduras da América do Sul (Argentina, Uruguai, Chile, Paraguai e Bolívia) em um acordo internacional que visava investigar e perseguir opositores políticos.

17. a) As greves de metalúrgicos do ABC Paulista de 1979 representaram o nascimento de um novo movimento operário e sindical, que alterava o sindicalismo conforme praticado durante a ditadura militar, com os sindicatos submetidos ao Estado. Os movimentos grevistas lutaram contra a política econômica de arrocho salarial empreendida pelo regime em decorrência da crise econômica de meados dos anos 1970 e criticaram o caráter autoritário do regime, somando-se aos esforços de outros movimentos da sociedade civil em nome da redemocratização. As greves do ABC fizeram reemergir no cenário brasileiro a classe trabalhadora como importante agente político. Foi também nesse momento que despontou a figura de Luís Inácio Lula da Silva, que encabeçaria o Partido dos Trabalhadores (PT), criado em 1980, e seria uma figura central em todas as eleições da República Nova instaurada em 1985, chegando à presidência em 2002, em um acontecimento histórico, afinal, foi a primeira vez que o Brasil teve um presidente vindo da classe trabalhadora.

b) Podem ser citados: a suspensão do AI-5 por Geisel, em 1978; a Lei de Anistia, de 1979; o fim do bipartidarismo e a criação de novos partidos políticos como PT e PSDB em 1980, ambos levados a cabo pelo governo Figueiredo.

Estudo para o Enem

18. B

Segundo o texto, os movimentos sociais contribuíram para a redemocratização do país, não só naquilo que dizia respeito aos partidos políticos e às disputas eleitorais, mas atuando como verdadeiros intermediários entre a população e o Estado na luta por direitos.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

19. A

De acordo com o texto, a vitória da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1970 foi empregada

pelo governo Médici como um veículo de propaganda a fim de legitimar o regime no poder. A vitória esportiva foi utilizada como emblema de um país que prosperava e progredia.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Identificar registros de práticas de grupos sociais no tempo e no espaço.

20. E

No documento transcrito, os jornalistas reivindicam que a Justiça investigue a morte de Vladimir

Herzog (e outras que pudessem vir a ser descobertas), na expectativa de que o ocorrido pudesse ser devidamente explicado. A opinião pública da época não aceitou a versão dos militares, que afirmavam tratar-se de um caso de suicídio e, por isso, solicitava que a situação fosse investigada e os culpados devidamente punidos.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da História.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

28 NOVA REPÚBLICA

Comentários sobre o módulo

O trabalho com a história recente é sempre desafiador, pois prescinde do distanciamento tão caro à análise histórica. No entanto, esses conteúdos têm a seu favor a possibilidade de serem trabalhados resgatando a memória histórica dos alunos e de suas famílias e possuem uma grande variedade de fontes disponíveis para desenvolver a prática de análise dos alunos. Se possível, providencie mais fontes (jornais, revistas e músicas) e estimule o uso da história oral.

Destaque a diferença entre o *impeachment* de Fernando Collor de Mello e o de Dilma Rousseff. O primeiro cometeu crime de responsabilidade e não tinha mais o apoio na sociedade; a segunda não cometeu crime de responsabilidade e ainda tinha o apoio popular, apesar de reduzido pelo contexto. Outro ponto importante é relacionar o modo como ocorreu a redemocratização e sua fragilidade, com a ascensão de figuras autoritárias e violentas nas eleições que se seguiram à instabilidade causada pelo *impeachment* de 2016.

Ressalte a importância do debate e da participação democrática. Uma boa estratégia didática é comparar, por exemplo, os governos FHC e Lula – nos quais, com qualidades e defeitos, a democracia foi respeitada e, portanto, diversas conquistas foram alcançadas – com o governo Temer, impopular e impositivo.

Para ir além

Recomenda-se a leitura de trechos da Constituição Federal de 1988, porque ela faz parte do recorte deste módulo e, também, porque ela marcou a atuação política dos últimos anos. Analise com os alunos os pontos da Constituição que falam sobre a participação de militares na política, crime de responsabilidade como base de um *impeachment*, a emenda que proibiu o sequestro da poupança como realizado por Collor e o artigo 5º, no qual se lê que todos são iguais perante a lei, sem qualquer distinção, e que garante o direito à vida e à liberdade.

Sugerimos também a leitura e discussão de tópicos de:

- MENDONÇA, D. *Tancredo Neves: da distensão à Nova República*. Florianópolis: Edunisc, 2004.
- NOVAES, A. (Org.). *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SOARES, S. A. *Controles e autonomia: as forças armadas e o sistema político brasileiro (1974-1999)*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2006.

Sobre o processo que resultou no *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, promova debates com os alunos com base nos documentários a seguir:

- *O processo* (Maria Ramos, 2018).

- *Tchau, querida* (Vinícius Segalla e Gustavo Aranda, 2019).

Exercícios Propostos**7. D**

Devemos buscar nas respostas alguma referência à própria Constituição, como pede o enunciado. Além disso, as informações sobre o governo Geisel estão incorretas: Tancredo foi eleito de forma indireta (pelo Congresso), a Constituição foi promulgada com o término da ditadura militar e o movimento das Diretas-Já tem relação com a eleição, não com a Constituição.

8. C

A terceira afirmativa está errada porque o Plano Real não melhorou, pelo menos não como foi dito, a vida dos excluídos no campo e não esvaizou a luta de movimentos sociais do meio rural.

9. B

A segunda afirmativa está errada porque não foi o Plano Cruzado, e sim o Plano Real, que influenciou essas eleições. A quarta, porque Lula não foi eleito no primeiro turno. A quinta, porque PSDB e PT não foram aliados, e sim adversários.

10. A

Todas as afirmativas são verdadeiras e servem como um bom resumo a respeito da era Lula.

- 11.** Como elementos (políticos e econômicos) de continuidade que marcaram o Brasil contemporâneo nos governos de Fernando Collor, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva podem ser citadas as medidas econômicas voltadas ao mercado e o chamado governo de coalizão.

12. E

Como vimos no módulo que tratou do governo democrático de Getúlio Vargas, e como é visto aqui a respeito do governo Lula, a produção energética é encarada como interesse estratégico para o país (no caso de Lula, houve também as hidrelétricas) e, portanto, seu controle deve ser nacional e estatal.

13. A

O Programa Bolsa Família foi o carro-chefe de um processo (que também contou com o Luz Para Todos, Minha Casa Minha Vida e programas de inclusão na educação superior) que reduziu a miséria e a pobreza no Brasil.

14. E

Esta questão expõe os problemas econômicos da gestão de Dilma Rousseff que colaboraram para minar sua popularidade, inclusive entre aqueles que a elegeram: inflação alta e crescimento baixo.

15. E

Esta questão extrapola os conteúdos deste módulo; no entanto, é um tema bastante atual, pois pode ser relacionado às mobilizações políticas do período estudado. Especialmente nas eleições de 2018, questões como o machismo, a homofobia e o racismo voltaram à tona, uma vez que o candidato líder nas pesquisas (nos cenários sem o ex-presidente Lula) é publicamente contrário e agressivo em relação a essas minorias.

16. D

A resposta desta questão pode ser usada pelos alunos como um resumo dos primeiros governos desde a redemocratização, destacando-se as medidas malsucedidas para combater a inflação no governo José Sarney, o *boom* das *commodities* do governo Lula, as medidas polêmicas e o *impeachment* de Fernando Collor de Mello e a consolidação do real no governo FHC.

17. A

Esta questão mostra um dos grandes feitos da era Lula e ajuda a mostrar como o apoio a ele e ao PT na Região Nordeste se justifica. Houve uma enorme redução da mortalidade infantil, que é um sintoma positivo resultado de diversas outras medidas benéficas, como o saneamento básico, a segurança hídrica, o aumento dos investimentos na região e os programas de distribuição de renda.

Estudo para o Enem

18. A

Fernando Collor de Mello tinha, comprovadamente, envolvimento em casos de corrupção e, além disso, com o sequestro das poupanças, perdeu apoio mesmo entre sua base eleitoral. Dessa forma, houve uma mobilização generalizada na sociedade, sem que qualquer setor o defendesse.

Competência: Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder.

Habilidade: Reconhecer a dinâmica da organização dos movimentos sociais e a importância da participação da coletividade na transformação da realidade histórico-geográfica.

19. C

A demarcação de terras indígenas é um tema polêmico, que se choca com os interesses da bancada

ruralista. Por um lado, há a defesa das comunidades tradicionais e de seu direito sobre a terra e, por outro, os ruralistas têm força, uma vez que as exportações de produtos agropecuários garantem um equilíbrio um pouco melhor na balança comercial brasileira (a relação entre o que se exporta e o que se importa). Ainda que sejam o elo mais fraco, os indígenas ainda contam com uma importante parcela da sociedade defendendo seus interesses legítimos.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar o papel da justiça como instituição na organização das sociedades.

20. C

Há, no período da Nova República, diversos políticos que saíram da base de apoio da ditadura militar. Isso porque, diferentemente da Argentina e do Chile (para citar apenas dois exemplos), o Brasil não julgou e puniu aqueles que se envolveram com a repressão do regime militar. Paulo Maluf e, atualmente, Jair Bolsonaro, são representantes dessa linha autoritária remanescente da ditadura militar.

Competência: Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais.

Habilidade: Analisar a atuação dos movimentos sociais que contribuíram para mudanças ou rupturas em processos de disputa pelo poder.

Exercícios Interdisciplinares

21. B

Questão que envolve História e Economia. Basta analisar o gráfico para verificar que o ponto mais alto da curva, ou seja, em que mais reais eram necessários para comprar um dólar, foi no fim de 2002, último ano da gestão FHC.

22. C

Questão que envolve Física e História. Ao término da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos demonstraram força ao atacar o Japão com duas bombas nucleares. Durante toda a Guerra Fria, especialmente, mas também atualmente, a bomba atômica serve para demonstrar força no cenário internacional. Não por acaso, as potências nucleares têm voz e força em organismos como a ONU. Na reação de fissão nuclear, a divisão de um núcleo a partir de um nêutron produz novos

elementos e novos nêutrons de forma acelerada, e esses nêutrons bombardeiam outros núcleos próximos disparando uma reação em cadeia poderosíssima. Por meio do enriquecimento de urânio, pode-se aumentar a quantidade de ^{235}U (instável) com relação à quantidade de ^{238}U (mais estável). O urânio utilizado para gerar energia tem menos de 20% de ^{235}U . Para bombas atômicas, deve passar de 80% de ^{235}U .

23. B

Questão que envolve História e Arte. A simplicidade estética do traço de Oscar Niemeyer expressa a inovação da arquitetura moderna. Ele dizia que, em suas obras, utiliza as curvas do corpo feminino como referência e inspiração. As formas resultantes disso são marcantes, muito características e podem ser reconhecidas em seus principais prédios, especialmente os de Brasília.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



Pearson

PRÉ-VESTIBULAR
EXTENSIVO

4

